The Chronicles of Anna Monroe

MASTER MIND

An Anna Monroe and Never Far crossover.

BEST SELLING AUTHOR ALASKA ANGELINI
WRITING AS

A. A. Dark

SINOPSE

MasterMind é um livro independente, mas é sugerido que você leia Mad Girl (The Chronicles of Anna Monroe #1) se você deseja se conectar mais com os personagens.

Ser uma vítima era algo que Anna Monroe conhecia muito bem. Quando três meninas desaparecem, ela é puxada de volta para as memórias assombradas de seu passado. Não apenas como prisioneira de um serial killer... mas como uma assassina, ela mesma. Ela sabe que tem que fazer tudo ao seu alcance para recuperá-los. O que Anna não se prepara é o namorado obsessivo da última vítima.

Boston Marks não vai parar por nada sua busca por Lucy. Com as meninas aparecendo mortas, ele não tem muito tempo. Anna é a chave para desvendar esse mistério, mas suas habilidades especiais serão suficientes para enganar um assassino? Ou o emparelhamento é exatamente o que ele quer?

Anna e Boston acham que têm tudo planejado. Mal sabem eles, nada é o que parece. Cada pista que eles descobrem, eu coloquei estrategicamente. Cada suspeita que eles recebem, eu já calculei. Eles acham que têm uma chance contra mim. Eles estão errados. Não sou apenas o messias dos assassinatos. Eu sou o cérebro por trás de todos eles.

COMPLETAMENTE DARK

AVISOS: Esta história é categorizada como ESQUECIDA na escala COMPLETAMENTE DARK. É o MAIS DARK dos DARKS.
Prossiga com cuidado.



STAFF

Disponibilização: Flor de Lótus.

Tradução: Flor.

Revisão inicial: Donatella.

Revisão final: Madame Walker.

Conferência: Stra Callahan.

Formatação: Azalea Bufonni.

Master Mind

As Crônicas de Anna Monroe #2

A.A. Dark

Prólogo

Anna

Tudo o que aprendemos girava em torno do epítome de uma coisa para outra: bem e mal - noite e dia - vida e morte. Um elemento em quadratura com o outro ou em transição para o próximo.

Sempre trocando.

Sempre em movimento.

Carma?

Destino?

A origem pouco importava para mim. Se eu aprendi alguma coisa ao longo dos meus anos, foi que, embora este ciclo acontecesse, nem todos foram abençoados o suficiente para permanecer no lado bom do espectro. Merda ruim aconteceu. Merda horrivelmente ruim. E aqueles como eu, embora tentássemos nos agarrar à luz, as trevas nos encontraram como vítimas ou culpados. Era algo de que não podíamos escapar. *Nós sofremos, nos afogamos, infligimos... um raio de luz, uma respiração ofegante... repita.*

Crescer como filha da assassina de Madison Ridge deveria ter me preparado para isso. Minha mãe com certeza tentou antes de sua captura e morte, mas não da maneira que a maioria poderia entender. Talvez ela sempre soubesse o que eu tinha dentro de mim. Afinal, fomos feitos do mesmo tecido. Mesmo crescendo com pais adotivos excessivamente religiosos não poderia me salvar do inferno que eu estava fadada a suportar. O Deus em que coloquei toda a minha fé me deu as costas e fui atraído para o reino escuro como breu - para as garras de um assassino em série. Um que gosta deste círculo, cruzei na minha juventude. Ele me estuprou, me bateu, me torturou. Como resultado, perdi meu filho ainda não nascido. Ele tirou tudo de mim nos meses em que fui detida contra a minha vontade. Detetive Braden Casey, minha luz, aquela que eu pensei que estaria esperando, me traiu também.

Trevas.

Eu prosperei em meu estado de recém-condenada. Aqueles que me conheciam viram apenas uma vítima em recuperação - uma mulher durona que lutou contra a loucura e se levantou para voltar ao seu novo emprego em uma das principais estações de televisão de Rockford; uma cristã que fingiu manter sua fé, embora ela secretamente amaldiçoasse o Deus a quem fingia se render. Eles viram o que eu os deixei ver, *mas não me viram.*

Meu nome é Anna Monroe e sou uma assassina em série. Eu matei mais pessoas do que a maioria. Mais do que minha famosa mãe. Mais do que *Ninguém*,

o homem que me sequestrou. Eu sou o que os pesadelos são feitos. Mas estou apenas começando. Onde as mulheres costumavam governar minhas fantasias psicóticas, descobri que ansiava por um novo caminho - uma nova espécie de vítima. O verdadeiro eu... ela não é mais exigente. Só há um requisito para chamar minha atenção e mudar de repórter para ceifador: *amor*.

Eles dizem que queremos o que não podemos ter. Talvez eles estejam certos. Talvez o detetive Casey e eu nunca tenhamos o nosso feliz para sempre que nós dois sonhamos um com o outro. Talvez eu não consiga encontrar consolo levando justiça às famílias que sofreram a dor que sofri. Mas nunca vou parar. Vou trabalhar para desvendar os mistérios de nossa cidade, investigando crimes e farei o que fui programada para fazer - matarei aqueles que sinto que merecem.

Capítulo 1

M

Sorri. Eles falaram muito sobre o estado de espírito de uma pessoa. Eles o informaram se aquela pessoa estava feliz ou triste. Eles deram uma ideia se o indivíduo estava despreocupado no momento. Na maioria das vezes, era fácil decifrar se eram genuínos ou falsos. O tique da bochecha de alguém, o estreitamento dos olhos - havia tantos fatores para reconhecimento. Mas em meus anos de estudo das pessoas ao meu redor, passei a ver que muitos elencos eram falsas representações de uma vida insatisfatória.

Apesar disso, eu gostava de sorrisos. A emoção simbolizava algo que nunca senti. Desde que eu conseguia me lembrar, sorrisos me fascinavam tanto quanto o medo. Afinal, eles eram opostos, refletindo um ao outro no pior ou no melhor cenário. Há muito tempo, eu havia aprendido a parecer genuíno quando sorria. Afastei meus lábios para mostrar alegria. Eu ri quando aqueles ao meu redor acharam as coisas engraçadas. Mas o que era alegria? Qual foi a sensação que tomou conta de si mesmo e os fez gargalhar ou exibir prazer pelo que estavam experimentando? Eu não sabia. A única gratificação que recebi recentemente foi com meu trabalho. Não era um campo que normalmente causava felicidade a uma pessoa. Mas quando ninguém estava olhando, quando eu estava sozinho, revivendo as histórias horríveis que me contaram, um sorriso apareceu.

—Muito rápido! Boston!

O grito agudo foi seguido pelo som mais doce que eu ouvi em anos. O tom era suave. Cativante até, apesar do tom de ansiedade na voz da jovem loira. Seu nome era Lucy Adams. Aos dezenove anos, ela era uma estudante universitária com o sonho de ser enfermeira. Eu a conheço há quase um ano, mas já á conhecia muito mais tempo do que isso. E tudo graças a ele - Boston Marks.

—Eu não quero cair. Desacelere!

Suas pernas engancharam mais apertadas em torno do homem de cabelos escuros, seus pés cavando nas laterais de suas costas enquanto ele corria em direção a sua cabana com ela em seus ombros. Embora ele segurasse suas mãos, ela saltou de forma desigual.

Mais risadas. Ambos, entrelaçando-se como os amantes apaixonados que eram.

Com uma inclinação da parte superior do corpo e uma torção, Lucy pousou em segurança em seus braços. O beijo deles foi imediato. Dedos empurraram o cabelo de Boston, e ela puxou, aumentando o calor entre eles. Por um momento,

algo se mexeu dentro de mim. Calor. Um lampejo rápido de desejo misturado com raiva. Ora, eu não pensaria nisso. Ainda não. Essas emoções... esse jogo que eu ansiava, era um que eu já conhecia bem. Um que ensinei.

—Cair? Baby, você sabe melhor do que isso. Eu nunca deixaria nada acontecer com você.

Outro sorriso. Mais risadinhas. Mas não durou. Seus lábios se apertaram nos dela, e ele já os estava varrendo de volta para o caminho. Dizer que Boston estava apaixonado por Lucy era um eufemismo. Ele mais do que a amava; ele estava obcecado. Ele tinha estado desde que tinha quase onze anos, e ela tinha cinco. Sem que ela soubesse, ele fez uma vasectomia e até matou sua mãe e seu irmão para tê-la apenas para ele. Claro, não foi sem orientação ou preparação.

Eu andei em um ritmo lento, esperando que eles passassem pela porta dos fundos. Eu demorei, finalmente me posicionando ao lado de sua janela. Gemidos e arrastos rapidamente seguiram os rangidos que vieram da cama enquanto eles subiam. Do meu ponto de vista, o perfil de Boston mostrou seus braços grandes e torso grosso. Os músculos flexionaram enquanto ele se mantinha sobre seu corpo nu. Lucy estava puxando a corda de seus calções de banho como se mal pudesse esperar para tê-lo de volta dentro dela.

—Nós vamos nos atrasar se não nos apressarmos. Você sabe que esta é a terceira vez hoje.

Boston beliscou seu lábio, varrendo a língua de volta em sua boca antes de responder.

—Faremos nosso voo. Além disso, você trabalhou ontem. Estou recuperando o tempo perdido. Você disse a eles que não voltaria?

Lucy virou a cabeça, bloqueando o beijo de Boston.

—Sim, e não gostei. Boston, realmente precisamos conversar. Estaremos em Chicago apenas no fim de semana. Eu não poderia simplesmente ter mais algumas semanas e trabalhado meio período?

—Já conversamos sobre isso.

Seu tom suavizou, atraindo-a para voltar para ele. Eu conhecia essa tática e ele a dominava.

—Estou com saudades de você. Com as aulas recomeçando em breve, nunca nos veremos. Você gasta quase todo o seu tempo livre como garçonete. Eu não gosto disso já disse que dinheiro não é problema. Você não tem que trabalhar.

—Mas eu gosto.

—Mais do que você gosta de estar comigo?

Franzindo os lábios, o silêncio de Lucy o fez suspirar.

—Vamos ver como vai ser a escola. Você tem muitas aulas. Isso vai exigir muito estudo. Depois de entrar em uma rotina, talvez você possa começar a

procurar outro emprego. Vamos nos certificar de que a escola não seja muito primeiro.

Um sorriso - *um lindo sorriso* - apareceu, e ela enlaçou o pescoço dele.

—Você está sempre cuidando de mim. Às vezes, esqueço que você está sempre certo.

—Isso é porque eu te amo e quero o que é melhor para você.

—O quanto você me ama?

Uma risada sacudiu seu peito. A mão dele foi entre eles, e um pequeno gemido encheu o ar quando as pernas dela se abriram e ela se arqueou com o toque dele.

—Mais do que você jamais será capaz de entender. Mais do que posso colocar em palavras. Não há nada que eu não faria por você.

—Mostre-me.

Boston agarrou seus pulsos com a mão livre, segurando-os com força acima de sua cabeça enquanto mergulhava em seu pescoço. Mais profundamente, seu braço se moveu entre eles. O movimento de empurrar a fez gritar quando ele começou a balançar o corpo com o ritmo. Os seios de Lucy balançaram, e não demorou muito para Boston fazer a transição de suas mãos debaixo de sua bunda enquanto ele descia.

—Eu disse isso. Sua vez.

Uma forte inspiração veio de Lucy quando Boston sacudiu a língua sobre seu mamilo. Apenas a visão me fez tentar acompanhar o que eles devem ter sentido. Meu pau endureceu, mas foi uma reflexão tardia enquanto eu estudava cada expressão e som.

—Eu te amo.

—Você tem certeza? - Seu tom se aprofundou, e um gemido ofegante a deixou enquanto ele chupava a dura protuberância em sua boca.

—Sempre.

Os ombros de Lucy puxaram para trás em seu controle. Ele estava se movendo mais para baixo, pairando a cabeça sobre o estômago dela e deslizando ainda mais enquanto a observava. "*Ringing*" fez todos nós olharmos para a mesa de cabeceira. Saí de vista, encostado na cabana enquanto Boston rosnava.

—Merda. Eu tenho que atender isso.

Um rangido soou, e Lucy estava sentada enquanto eu espiava.

—Quem é esse?

Ele pegou o telefone, hesitando em atender enquanto arrumava seus calções de banho.

—Acho que é o hotel. Só um minuto.

A porta traseira de vidro se abriu com sua pressão. Cautelosamente, avancei ao longo da lateral enquanto ele se dirigia para as dunas de areia que os separavam do oceano.

—Este é o Boston Marks. Sim. - Uma pausa. —O que você quer dizer com misturou as suítes? Inaceitável. Eu preciso daquelas que reservei. Tenho grandes planos para este fim de semana e preciso do melhor. - Outra pausa. —Sim. Eu não me importo com o que você tem que fazer, conserte. Estaremos lá esta noite. Espero que a suíte esteja pronta.

Boston desligou o telefone, xingando baixinho. "*Sorria*". Sim, eu estava sorrindo. Deixe-o se preocupar com seus grandes planos. Eu já sabia o que eles envolviam. Mal sabia ele, eles nunca aconteceriam.

Ele voltou para dentro e eu fui em direção à praia. Quando cheguei longe o suficiente, peguei meu telefone. Bill atendeu no segundo toque. Ele e sua esposa eram clientes e amigos íntimos, e ele me devia por um recente encobrimento e álibi que eu havia fornecido.

—Dr. Patron, que gentileza sua ligar. Está tudo bem?

Acolhi as famílias que cuidam dos filhos. Os grupos de crianças em idade universitária deitados ao sol, trabalhando em seus bronzeados. Nenhum deles tinha uma preocupação no mundo. Eles não sabiam quem estava tão perto.

—Tudo é bom. Indo exatamente como eu esperava. Na verdade, eu liguei porque queria lembrá-lo da ligação de amanhã.

—Você sabe que pode contar comigo.

—Eu sei. O tempo é a chave para este. Eu só queria ter certeza de que você estava pronto.

—Mais que preparado. Eu recebo detalhes?

—E estragar a diversão? Você sabe melhor que isso.

—Você não pode me culpar por perguntar.

Minha risada falsa saiu naturalmente. —Eu tenho um favor a pedir enquanto falamos sobre diversão.

—Realmente? O que nós podemos fazer para ajudar?

Meus lábios se contraíram de um lado. —Recebi uma chamada inesperada de outro cliente na área. Tenho meu apartamento na cidade, mas espero diminuir o tempo de deslocamento. A casa da fazenda está ocupada?

Bill fez uma pausa, e eu sabia que ele estava tentando conectar meu termo divertido com sua casa de horrores. —Não no momento. Eu disse a Linda que tínhamos que fazer uma pausa até que tudo isso acabasse. Se você precisar da casa da fazenda, é toda sua.

—Isso seria bom. Eu não deveria estar lá mais de uma semana, mas vou mantê-lo informado.

—Sem pressa. Não tenha pressa. Vou deixar a garagem aberta e a chave na geladeira para que você possa entrar.

—Perfeito.

Desliguei, batendo o número do meu cliente. Quando ele não respondeu, eu o encarei de aborrecimento. Um bom minuto se passou antes que o toque cortasse o ar.

—Dr. Patrono.

—Daniel. Como tá indo? Bem, eu presumo.

Gritos ecoaram, e um rosnado seguido de um pop sólido no alto-falante. Súplicas e soluços abafados de medo enquanto uma mulher choramingava através de suas palavras.

—Melhor do que bem. Não posso falar agora.

—Isso não vai demorar muito. Eu voo amanhã. Você ainda está preparado para se encontrar, correto?

Hesitação. —Sim. Sim, - ele saiu correndo. —Oito e meia da manhã.

—Está certo. Café Blue Iris, não muito longe dos jardins. Estará seguro. Já verifiquei a localização.

—Os jardins ... eu sei de que lugar você está falando. É isso?

Com o volume crescente ao fundo, controlei minha necessidade de fazer perguntas. Eu tinha coisas maiores em que me concentrar.

—Não. Para fazer isso sem incidentes, quero que você ouça. Estacione um quarteirão abaixo. Tem uma floricultura. *Bonnie*'s. Você vai andar pelo quarteirão e chegar ao lado da frente. Estarei sentado no canto mais distante. A partir daí, darei a você a lista de locais de despejo seguros. Às nove, você tem que sair de lá.

—Por que, se for seguro?

Mesmo distraído, ele era mais esperto do que eu gostava. —O proprietário só grava em horários de alto tráfego. A câmera volta a funcionar dez minutos depois das nove.

—Entendo.

—Daniel, se eu não estiver lá às nove, preciso que você saia, rapidamente, e nos encontraremos em outra hora.

—Por que você não faria isso?

—Há tempestades durante a noite. Isso pode causar atrasos.

—Oh. OK. Às nove. Entendi.

—*Socorro! Pl—!*

Crack!

—Eu tenho que ir. É isso? - A irritação de Daniel crescia a cada segundo.

—*Por enquanto.*

Desliguei, enfiando o telefone no bolso. Minha caminhada até o resort de praia em que eu estava hospedado não demorou muito. Não que isso importasse. Minha atenção estava em meus planos. Se tudo corresse como esperado, Daniel seria pego na área em fita, e eu ... eu estaria livre e limpo porque eles nunca o veriam chegando ou saindo em seu veículo. Apenas ele saindo do café, no local perfeito - de frente para os jardins.

Sentei-me na varanda do meu quinto andar até a atividade cessar lá embaixo. Às vezes, recebia ligações de pessoas conectadas a mim. Outras vezes, eu os ignorei completamente. Prioridades. Eu tinha isso na bolsa. Boston era outra história. Tempo e responsabilidade eram coisas que ele nunca administrava bem. Mesmo sendo inteligente como ele era, sua obsessão - Lucy - frequentemente o mantinha distraído. Segundo minha fonte, pegar o voo deles não foi diferente. Observei o tempo, deixando as horas passarem. O tempo se esticou. Duas horas de sono vieram.

Café.

Um chuveiro.

Um voo de olhos vermelhos.

Chicago.

Em seguida, uma pequena viagem até a cidade vizinha de Rockford. Não demorou muito para me instalar na casa da fazenda e chegar ao meu destino. A cidade despertando zumbia ao meu redor, e eu ignorei o fato de que Daniel estava esperando. Em vez disso, me concentrei em todos ao meu redor. Os pedestres lotaram os cruzamentos mais abaixo. Eu os observei passar, sentindo ... nada. Percebi sua preocupação. Sua ignorância. Todos estavam tão ocupados que não olhavam para nada além do que estava diante deles. Mesmo assim, duvidei que suas mentes aceleradas processassem o que estavam vendo. A maioria segurava o telefone no ouvido. Outros, zumbis olhando para os dispositivos.

Oito e quarenta e cinco da manhã.

Eu puxei do meio-fio, incapaz de parar a fantasia de acelerar para que eu pudesse atropelá-los com meu carro. Como eles reagiriam? Quantas expressões diferentes eles e os espectadores teriam? Alguém ao menos me veria chegando? Não. Não até que fosse tarde demais. A essa altura, suas entranhas seriam pulverizadas pela calçada, misturadas com pedaços de plástico estilhaçados. Membros quebrados os impediriam de ir longe. Eu poderia simplesmente reverter e acertá-los novamente.

Minha boca se apertou com meus pensamentos. Eu nunca seria tão desleixado, mas a ideia era atraente. Não que isso fizesse diferença. As pessoas ainda estariam coladas à sua tecnologia. Eles ainda continuariam, eventualmente, deixando as notícias desaparecerem em suas programações diárias. O que eu

queria era invocar o medo. Se não for por mim, então meus clientes. Uma coisa era matar. Outra bem diferente é fazer isso com estilo e deixar um impacto duradouro que as pessoas jamais esquecerão.

Dirigindo alguns quarteirões, afastei a carnificina para me concentrar no meu plano. Minha janela estava se aproximando rapidamente. A programação de Boston tinha sido fácil de lembrar enquanto ele anunciava seus planos com alegria. Ele era um tolo apaixonado - um ainda maior por se sentir confiante o suficiente para confiar nos assassinos de quem ele se gabava de forma tão acolhedora em nosso pequeno círculo de confissão. Ele sempre foi do tipo que se gabava, mas desta vez, ele o fez na frente das pessoas erradas. Talvez essa tenha sido uma lição além de minhas próprias necessidades egoístas.

Puxando o carro para frente, andei mais três milhas antes de desacelerar no grande sinal. Um vestido azul bebê na altura do tornozelo ondulou com o vento e o cabelo loiro cobriu o rosto de Lucy enquanto ela tentava empurrá-lo para trás. Eles estavam surpreendentemente certos no horário, e ela estava rindo enquanto Boston a levava para a grande abertura para os jardins. Eu olhei entre ele e o café mais adiante na estrada. Toda a área era uma armadilha para turistas. Mais arriscado do que eu normalmente gostava, mas perfeito com a falta de câmeras de trânsito.

Movendo-me, estacionei o mais perto que pude da parte de trás. Arbustos grandes delimitavam a área e pude ver através dos espaços entre os galhos quando saí. Minha mão empurrou meu paletó e coloquei meu chapéu de feltro, caminhando em direção à entrada. Uma grande estátua estava no centro, e os vendedores alinhados na calçada. Examinando o espaço, fui em frente quando o azul bebê mais uma vez chamou minha atenção. Eles estavam conversando enquanto ele apontava para uma fileira de rosas vermelhas e brancas. Aproximei-me o suficiente para ouvir, mantendo-me de costas para eles, fingindo ver as sebes perfeitamente cuidadas.

—De todos estes, esses são os seus favoritos? - Mais alto, Boston riu. —Você me impressiona. Você realmente faz. Achei que você teria escolhido algo diferente. E aqui eu pensei que conhecia você.

—Você não pode saber tudo, - ela brincou.

—Você tem certeza disso?

Mais risadas me fizeram olhar por cima do ombro. Boston se inclinou para frente, agarrando o colar em volta do pescoço e levando-a para mais perto dele. Ele mordeu o lábio inferior antes de beijá-la. Foi breve, mas a paixão era óbvia. Lucy corou, e suas vozes ficaram mais suaves enquanto eles se afastavam. Eu mantive minha visão na parede verde enquanto olhava meu

relógio. Pé a pé, fui descendo. Minutos se passaram e, como um relógio, uma voz falou pelo interfone, ecoando pelo terreno.

—*Boston Marks, por favor, relate ao Centro de Serviço Voluntário. Boston Marks, por favor, reporte-se ao Centro de Serviço Voluntário.*

—Que diabos?

A confusão mascarou seu tom quando ele esticou o pescoço. Fiquei olhando por cima do ombro, percebendo que ele estava olhando para a entrada. Foi Lucy quem apontou para o prédio branco no final dos jardins.

—Você deixou cair sua carteira ou algo assim?

—Não. Está bem aqui.

Sua sobrancelha se franziu enquanto ela encolheu os ombros. —Vá ver o que eles querem.

—E deixar você? De jeito nenhum.

—Boston, sério, eu vou ficar bem, — ela riu.

—Não... vamos ver juntos.

Como eu esperava, ele agarrou a mão de Lucy, mantendo-a perto enquanto seguiam na direção geral. Pouco antes de se aproximarem, suas mãos se desconectaram e ele se moveu ao redor de um homem para chegar até a mulher que segurava um telefone na altura do ombro.

Eu exalei, canalizando confiança, enquanto me movia para longe para ficar fora de vista. O menor pico de algo próximo à adrenalina bateu enquanto eu tirava o pano do zíper em meu bolso. Boston olhou para Lucy com o telefone em seu ouvido, mas voltou sua atenção para a mulher mais velha. Sua cabeça balançou enquanto ele falava, e eu me movi, colocando meu braço em volta do ombro de Lucy como se fôssemos amigos, amantes ...*próximos*. A surpresa fez sua cabeça girar em minha direção. O choque começou a se transformar em um sorriso quando puxei seu rosto em direção ao meu peito e cobri seu nariz e boca com o tecido saturado. A resistência empurrou descontroladamente contra meu braço em meio ao seu pânico, mas os efeitos foram imediatos. Suas pernas se dobraram e o peso se acomodou em mim com seu balanço.

Boston ainda falava ao telefone e com sua raiva crescendo através de seus gestos com as mãos, eu não esperei. Peguei Lucy em meus braços e nos empurrei através da grande cerca viva que cercava os jardins. As multidões estavam aumentando ao longo das calçadas. Eu deixei cair suas pernas, segurando-a perto enquanto a carregava em um ritmo rápido. Embora atordoada, ela ainda estava consciente. Ela tropeçou, resmungando em seu estado fortemente drogado. Em segundos, eu a tinha no meu carro e estávamos indo embora.

—D... Dr...

O reconhecimento de Lucy me fez olhar. Estendi a mão e coloquei um cobertor verde escuro sobre seu colo. O boné e os copos foram os próximos. Eu até coloquei seu cabelo atrás dos ombros. As janelas podiam estar escuras, mas ainda não tínhamos saído da clareira. E eu não estava me arriscando enquanto abaixava nossas viseiras para cobrir mais de nossos rostos.

—Eu acredito que temos algumas regras para repassar. Não é mais o doutor, pequena Lucy. Tenho medo pelo papel que estou assumindo com você, é o *Mestre*. E veremos o que exatamente isso significará muito em breve.

Capítulo 2

Detetive Casey

—Calma, senhor. Uma palavra por vez.

A raiva brilhou no rosto do jovem enquanto suas pálpebras se estreitaram para mim. Houve pânico, mas algo mais que me fez olhar para ele um pouco mais de perto. Os olhos castanhos estavam ligeiramente selvagens e espasmódicos. Ele tinha um nariz fino e lábios carnudos. Mas nada era mais distinguível do que a grande cicatriz que ia do lado da testa até a linha do cabelo. Tinha uns bons quinze centímetros de comprimento e ele tinha outro, este mais fino, na bochecha.

—Você é a terceira pessoa para quem eu tenho que explicar isso. Perdoe-me se calma é a última coisa que sou. Minha namorada ... - ele engoliu em seco, piscando com força e passando os dedos pelo cabelo escuro. —Lucy Adams, minha namorada, foi levada. Alguém sordidamente a levou, e *você* precisa estar lá fora procurando por ela.

—Como você sabe que ela simplesmente não foi embora? Talvez ela se cansou e voltou para onde vocês estão hospedados. Ou talvez ela tenha decidido dar uma olhada em uma das lojas.

Um rosnado.

—Lucy não faria isso. Você não a conhece. Me escute. Alguém sordidamente a levou. Recebi uma chamada pelo interfone. Eu fui para o posto de voluntários e ela estava lá. - Ele apontou a alguns metros de distância. —Eu disse alô, a voz no telefone disse alô. Eu continuei repetindo. Olá? Olá? A estática começou a se instalar, mas eu ainda podia ouvir alguém. Um homem. A próxima coisa que eu soube foi que me virei para olhar para trás e ela tinha sumido. Isso foi há quase duas horas. *Dois*. Ela não teria simplesmente partido. E ninguém sabia que estávamos aqui. Você entende o que estou dizendo? Alguém me chamou, mas não somos daqui. Chegamos da Flórida há menos de vinte e quatro horas. Não somos locais.

Eu mudei, olhando para ele com desconfiança. —Alguém sabia. Eles pediram por você. Tem certeza de que ela não queria terminar e pediu a um amigo para ligar como uma distração para que ela pudesse sair sem um confronto?

—*Lucy me ama*. Ela nunca faria algo assim. Se ela não quisesse ficar comigo, ela teria me contado na minha cara. Ela não teria vindo nesta viagem. Alguém. Tem. Ocupado. Lucy. Você me entende? *Alguém a levou.*

Discutir era inútil. Eu já sabia que ele estava certo, mas não tinha certeza do que exatamente pensar do cara parado diante de mim.

—A idade dela?

O homem suspirou impaciente. —Dezenove.

—Nome completo?

—Jesus, vocês oficias não se comunicam uns com os outros? Isso está perdendo nosso tempo. Você precisa estar procurando por ela.

A raiva estava aumentando, mas eu esperava por isso. Ele estava genuinamente com medo, ou *parecia* estar.

—Tudo bem -, disse ele, deixando escapar outro som agravado. —Lucy Elaine Adams.

—Seu nome?

—Boston Marks. Sem nome do meio.

Anotei as informações, olhando para meu parceiro, Diego, que estava falando com dois policiais. Um movimento rápido fez minha mão parar. Minha mandíbula apertou enquanto meu corpo inteiro enrijecia.

—Filho da puta. Diego!

Mesmo que eu tenha tentado avisá-lo, os olhos castanhos claros de Anna estavam duros e fixos direto em mim. Minha pulsação disparou como sempre acontecia quando a via, e não pude negar o desejo que surgiu. Ela não se parecia com a mesma Anna que eu quase pedi em casamento. Sua forma era diferente: mais esguia, menos curvilínea. Até seu rosto estava mais magro, definindo suas maçãs do rosto salientes e lábios em forma de arco.

Ela morava na academia ou nas aulas de Krav Maga. E se ela não estava lá, ela estava no caminho de corrida que ia ao longo do rio. Eu sabia, porque estava sempre assistindo. Sempre certificando-me de que ela estava segura. Se era o detetive em mim, ou o amante de coração partido que havia acreditado por meses que a mulher que amava estava morta, eu não tinha certeza. Talvez ambos.

—Esta é uma cena de crime, Anna. Você não pode estar aqui.

Minhas palavras saíram aos tropeções, mas ela não me deu atenção ao se virar para Boston Marks.

—Olá. Meu nome é Anna Monroe. Eu ouvi que sua namorada sumiu?

—*Anna.*

Ainda assim, ela não olhou para mim.

—Sim. Alguém a levou. Ela estava lá um minuto, eu me virei e ela se foi.

—Ela é jovem? Por volta dos dezoito?

—Sim, - Boston respirou fundo. —Ela acabou de fazer dezenove anos não há muito tempo.

—Olhos verdes?

—Deus, sim. Isso é ruim? Ela também tem cabelos loiros. Isso importa?

Seu olhar cortou para mim. *Olhos verdes. Cabelo loiro.* Tão perto da descrição de Anna. Também era perto das mulheres que *Ninguém, The Rock River Killer*, costumava tomar. Mas ele estava morto. Eu tinha visto Anna rasgar seu coração em pedaços com as próprias mãos. Além disso, Lucy faria a primeira loira ser levada. As duas outras garotas desaparecidas tinham cabelos mais escuros, e nem tínhamos certeza se seus casos estavam relacionados.

—Eu realmente não posso dizer sobre a coloração do cabelo, - Anna disse suavemente, puxando um cartão e entregando-o. —Meu número está atrás. O que posso fazer é tentar ajudá-lo. Eu sinto muito. Não peguei seu nome.

—Boston Marks. Fale-me sobre Lucy. Por que a idade e a cor dos olhos dela são um problema?

—Não é, - eu rebati. —E você pode jogar esse maldito cartão fora. Ela é uma repórter de notícias. Anna?

Eu agarrei seu antebraço, mal conseguindo travar antes que ela girasse, torcendo o meu nas minhas costas. Tão rápido quanto aconteceu, ela o deixou ir. Oficiais correram para frente, mas eu estremeci, levantando minha outra mão para acalmá-los enquanto sacudia o membro que corria de dor.

—Não me toque. Não é assim, Braden. Eu sinto muito. Eu ... não queria te machucar.

—*Maldição, Anna.*

Eu joguei um olhar para Boston, levantando meu braço novamente enquanto fazia uma careta. Ela aliviou a palma da mão para agarrar meu bíceps enquanto me deixou conduzi-la em direção à entrada dos jardins.

—Esta é a segunda vez que você invade uma das cenas de meu crime nas últimas três semanas. Você vai me forçar a prendê-la?

Houve hesitação quando ela me deu uma olhada rápida.

—Não. É só que ... por acaso eu estava na área e ouvi pessoas conversando. Achei que ainda não era uma cena de crime real, então resolvi entrar e ver se algo coincidia com as outras garotas.

—Você vê a aplicação da lei parada fazendo seu trabalho? É *uma cena*, e sei que você entrou. Agora, fique fora disso. Você é uma repórter. Eu sou um detetive. Temos trabalhos a fazer. Não quebre as regras, ou você vai forçar minha mão.

—Você acredita que ela foi sequestrada.

Não foi uma pergunta. Eu diminuí a velocidade, franzindo a testa enquanto meu coração suavizava ainda mais com o tom que eu estava levando com ela. —Um dos primeiros policiais a chegar ao local encontrou o que parecia ser um lenço. Ele sentiu o cheiro e imediatamente ficou desorientado. Não era

clorofórmio, é algo diferente. Ele está no hospital agora. Estamos tentando manter isso em segredo, no entanto. Isso significa que você tem que ir.

Os olhos castanhos se arregalaram e sua cabeça girou para olhar para trás em direção ao Sr. Marks.

—Alguma chance de você me contar mais?

—Você sabe melhor que isso.

—Eu acho que não. - Os dedos flexionaram contra mim quando sua voz caiu. —Esta será a terceira menina. Ela se encaixa na faixa etária e na cor dos olhos.

Minha cabeça balançou. —Esses casos podem não ter nenhuma relação. As meninas podem ser fugitivas, pelo que sabemos.

—Mas não este. Braden, alguém está lá fora e eles podem estar levando garotas. Se é a mesma pessoa ou não, é irrelevante. Não existem corpos. Nenhuma garota aparecendo. Eles se foram e, se foram levados pela mesma pessoa, ainda há uma chance de que estejam vivos.

Suas palavras continham mais do que uma declaração motivacional. Eles mantiveram nosso passado. Eles guardaram arrependimento. Dor. Agonia. Uma dor esmagadora por eu não ter sido capaz de encontrar ou salvar Anna da tortura que ela suportou. Minha garganta apertou, e a vontade de abraçá-la quase me fez agir. Se eu soubesse que ela não iria me atacar pelo gesto, eu poderia ter tentado. Mas Anna não queria nada comigo - ou com ninguém.

Eu dei ao policial que estava gravando a entrada um olhar firme enquanto nos fazia parar. —Estamos fazendo tudo o que podemos. Por enquanto, você precisa recuar e aguardar nossa declaração. Não me faça me arrepender de ser aberto com você. Eu não deveria, mas estou confiando em você. E eu quero que você comece a confiar em mim. - Fiz uma pausa, incapaz de ignorar a maneira como meu coração doía. —Estou com saudades, A Rúnsearc.

Ela deu um passo para trás no meu antigo apelido carinhoso, colocando distância entre nós. Nada a deixou, mas eu não esperava uma resposta. Suas paredes estavam caindo. Era evidente na maneira como ela não me olhava nos olhos. Mas o que eu esperava? Passaram-se apenas meses desde que ela saiu do hospital psiquiátrico que intencionalmente manteve-se escondida lá dentro. Ela não estava pronta. Eu não tinha certeza se nenhum de nós dois estava. Ainda havia segredos de seu passado que eu estava desvendando. Segredos que eu tinha certeza que já conhecia. Eu não tinha *a* confissão de *ninguém* para agradecer por isso. Ele disse que Anna matou uma garota. Um amante dela que ela assassinou em uma fúria de ciúme. O detetive em mim precisava ter as respostas, mas o homem que a amava quase não se importou. Não é como se eu não tivesse meus próprios segredos.

—Apresse-se e pegue isso, - eu repreendi para o oficial. —Ninguém passa.

Olhando para trás, para Anna, ela já havia partido. Fui em direção ao meu parceiro, que agora estava falando com o Sr. Marks. O cara continuou se mexendo e se mexendo. Seus olhos captavam tudo, mas continham uma emoção com a qual eu estava muito familiarizada: *um medo opressor*. Deveríamos suspeitar do outro significativo, mas meu instinto estava começando a me dizer que ele não estava envolvido.

—Deus, não há nada que possamos fazer? Eu não *aguento* isso. Porra. Eu preciso... Lucy. Eu preciso ... - Ele girou em um círculo, examinando a área.

—Calma, Sr. Marks. Pode parecer que não estamos fazendo nada, mas prometo que já estamos trabalhando para tentar localizar Lucy Adams. Eu quero que você pense sobre mim. De volta à quando vocês dois estavam se aproximando dos jardins, alguém ou alguma coisa se destacou para você?

—Essa é a fita da cena do crime. - Seus dedos pousaram na palma da mão repetidamente. —Você acredita em mim. Você sabe que *alguém a* levou. Eles têm, não é? Foi alguém. Não ela fugindo.

—Sim. Pelo que descobrimos, acreditamos que sim. Agora, pense em mim, Boston. Isso é crucial. Pense em sua manhã. De volta à quando vocês dois estavam subindo. Alguém ou alguma coisa se destacou?

Lágrimas nublaram seus olhos e sua expressão se entristeceu. As pálpebras de Boston baixaram e ele respirou fundo, finalmente balançando a cabeça e olhando para mim.

—Eu estava focado em Lucy. Estávamos conversando sobre como sempre nos atrasamos. Ela sabia que eu queria estar aqui antes das nove, para que pudéssemos aproveitar o nosso tempo olhando para os jardins. Eu ... nós ficamos ... na cama por mais tempo esta manhã do que deveríamos. Depois viemos de Chicago de carro para comer na estrada. Ela estava me provocando, dizendo que nunca chegaríamos a lugar nenhum a tempo. - Ele respirou estremecendo. —Estávamos aqui nos jardins cerca de cinco a dez minutos antes de meu nome ser chamado.

Eu balancei a cabeça, rabiscando as informações no meu bloco de notas.

—Que tal uma vez que você estava dentro dos jardins. Qualquer coisa então?

—Passamos por alguns casais. Um tinha um filho barulhento. Ele estava chorando na entrada. Porra, por que não prestei mais atenção? Eu normalmente faço, mas ... Ele hesitantemente enfiou a mão no bolso, puxando uma caixa preta e agarrando-a.

—Eu ia surpreendê-la esta noite durante o jantar. Eu não estava focado. Continuei pensando em como iria propor. E ela estava tão feliz por estar de férias. Ela nunca veio a Chicago ou Rockford. Tudo parecia perfeito. Ela foi tudo que eu vi. *Tudo que eu sempre vejo.*

Lancei um olhar para Diego antes de fazer mais anotações.

—Há alguém que possa querer machucar Lucy?

—O que? De jeito nenhum. Todo mundo a adora.

—E quanto às finanças dela? Ela vem de uma família rica? Ela deve dinheiro a alguém?

A boca de Boston se abriu. —Não. Nada como isso. Mas eu ... minha família. Temos muito dinheiro. Você acha que alguém a pegou como resgate?

—Não sabemos nada ainda. Estamos cobrindo todas as bases.

—Eu tenho que ligar para minha mãe. Porra ... eu juro. Isso não está acontecendo.

Ele já estava pegando seu telefone. Minha cabeça gesticulou para Diego e ele se aproximou.

—Algo mais?

Diego olhou para os policiais que estavam perto da cerca.

—Uma testemunha disse que viu um casal passando por aqueles arbustos ali. Ele não deu uma boa olhada no homem. Ele estava usando um chapéu e luvas. Mas eles disseram que a mulher era uma loira com um vestido azul claro. Ele a carregava nos braços, como uma criança. A cabeça dela estava em seu pescoço, quase como se ela estivesse dormindo. É o que diz a testemunha. Não tenho certeza quanto disso é verdade, ou se é mesmo. Nenhuma pegada que possamos ver. Sem evidências. Nada, exceto o lenço que o oficial cruzou. Ele poderia ter deixado cair por acidente.

Meus olhos foram para onde Boston estava andando. —Ou ele pode ser responsável pelas outras duas garotas, e está ficando mais corajoso. Talvez não tenha sido um acidente. Talvez seja uma mensagem de que ele não tem medo de nós.

Capítulo 3

Anna

Três meninas. Dois dezoito, um dezenove. Dois cabelos escuros e olhos verdes. Uma loira e olhos verdes. Todos os três em torno de um metro e meio. Todos retirados da mesma área.

Andei na frente do meu quadro no cortiço barato, olhando para as fotos que eu roubei de suas páginas de mídia social. Melanie tinha cabelos escuros e ondulados que iam até o meio das costas e sardas espalhadas pelo rosto e nariz. A garota estava do lado pálido, onde Paula tinha um tom de pele mais escuro e um corte curto de duende. Ela era exótica, com olhos verdes amendoados. Lucy, por outro lado, tinha o cabelo mais claro e a pele ligeiramente bronzeada. Ela era linda, com camadas loiras que chegavam a alguns centímetros de seus ombros. Todas as três garotas não tinham semelhanças, exceto sua constituição, idade e cor dos olhos. Não fazia sentido.

—Tem que haver algo mais. *Falar*. Onde você está?

Eu ia e voltava examinando o mapa que havia pregado abaixo de seus rostos bonitos. As faixas vermelhas marcavam os locais do desaparecimento. Eles estavam tão próximos, eles estavam praticamente se tocando. A área do jardim para onde Lucy foi levada ficava fora do centro da cidade, não muito longe de um bairro residencial. Foi onde Melanie foi vista pela última vez, a um quarteirão de sua casa. Paula havia sido levada para perto, deixando uma sorveteria a apenas três quarteirões dos jardins.

—Algo tem que combinar. Algo ... conectando vocês três.

O toque me fez gemer e me dirigir ao balcão para pegar meu telefone. *Flórida.* Meus lábios se separaram de surpresa, quase não acreditando no que estava vendo. Eu só conhecia uma pessoa da Flórida e eu tinha dado a ele meu cartão hoje cedo.

—Olá?

—E-é Anna Monroe?

—Isso é Boston Marks?

Hesitação. —Sim. Lamento ligar para você tão tarde, mas não sabia com quem mais falar. Eu não posso estar aqui. Eu não posso estar nesta sala. Este não é o lugar onde Lucy sabe que estou ficando. Minha mente continua me dizendo que ela vai voltar para o hotel em Chicago. Tenho vontade de ir embora, mas não posso ficar tão longe dos jardins. Eu não posso, porra. Espero que ela simplesmente bata na porta e diga que está perdida. Um pequeno gemido, mas ela não vai porque não sabe que vou ficar a um quarteirão de onde ela foi levada. E

ela foi levada, assim como eu temia. Eles dizem que têm evidências. Isso... *Jesus*. Você queria me ajudar. Você suspeitou de algo. *Você sabe de alguma coisa*. Por favor.

Meus dedos pressionaram contra minha boca. Para o meu trabalho como repórter, isso era ouro. Para o monstro interno, era mais.

—Você precisa se acalmar. Tudo vai ficar bem. Onde você está ficando? Posso ir aí?

—Sinceramente? Você viria? Eu sei que é tarde. Eu só...por favor. Eu não estou bem.

—Eu entendo, - eu disse cautelosamente. —Faça-me um favor. Deixe-me me vestir e me envie uma mensagem de texto com sua localização. Eu não moro longe. Dê-me dez minutos ou mais.

—Obrigado, Anna. Você não sabe o quanto isso significa para mim. Te vejo em breve.

A linha se desconectou e meus olhos encontraram o caminho de volta para a garota loira no meu tabuleiro - *para Lucy*. Na foto, ela exibia um grande sorriso. Ela parecia feliz, se não um pouco tímida ou envergonhada com a câmera nela. Ela estava bem agora? Ela já estava morta? Ou os horrores estavam apenas começando?

Os flashes do meu passado vieram à tona em uma onda de carmesim e desejos. O sangue. A tortura que sofri e fui forçada a cometer.

Eu levantei minha mão, vendo meu dedo anelar que faltava. *Ninguém*, o nome que meu sequestrador usava, queria enviar uma mensagem a Braden. E ele tinha, dando-lhe o dedo que simbolizava um lugar em nossas vidas que estávamos tão perto de chegar: o *casamento*. Isso acabou agora. Ele teve sucesso em nos separar. Ou talvez eu tenha feito isso empurrando Braden para longe.

Meus outros dedos se curvaram e me virei, calçando meus tênis de corrida. Eu estava vestida com roupas de ginástica. Onde eu deveria estar relaxando após as horas de musculação e corrida, eu estava pronta para ir novamente. Eu me encontrei tão envolvida com as perguntas constantemente atormentando minha mente que não conseguia ficar parada. Nos recessos mais profundos dentro de mim, eu sabia que aquelas meninas estavam passando por um inferno. Agora mesmo. Cada segundo de cada dia ele as tinha.

Imagens vívidas tentaram irromper - eu, grávida e amarrada à cama. Sendo espancada e estuprada. Meu bebê se mexeu dentro de mim enquanto eu orava por um milagre que nunca aconteceu.

Esse tom profundo começou a soar em minhas memórias, e eu rapidamente balancei minha cabeça com força, pegando minhas chaves assim que meu telefone alertou para uma mensagem. Eu não conseguia pensar naquela

hora. Nunca mais. Eu tinha muito em que me concentrar. As meninas precisavam de mim. E Davis Knight. Eu não tinha me esquecido *do* "quase" meio-irmão de N*inguém*. Ele sabia que aquele assassino me tinha, e ainda assim, ele ajudou a manter isso em segredo. A hora de Davis estava chegando. Quando isso acontecesse, ele seria o único orando. Eu não.

Peguei minha bolsa, abrindo o zíper da parte superior para olhar para a arma dentro. Quando fechei a porta da frente, fui para o meu carro. Mesmo estando escuro, meus olhos examinaram cada sombra que a luz da rua não tocou. Minha mão ficou na alça inferior da bolsa, esperando, sempre pronta.

A vizinhança ficou em silêncio por ser um pouco depois das dez. Eu me vi virando para o final da estrada onde ficavam os apartamentos de Braden. Ele estava em casa? Trabalhando? Não importa. Vê-lo, ouvi-lo me chamar de amada e confessar que sentia minha falta intensificou a dor.

Abrindo a porta do carro, entrei e liguei o carro. A raiva persistiu, me dando lampejos de vermelho. Batom vermelho, vestido vermelho. As manchas escuras de sangue cobrindo meu corpo enquanto eu me banhava no sangue de minhas vítimas. A porta que *ninguém* abriu ao me fazer matar aquelas meninas não queria fechar. E talvez eu não quisesse. Eu estava desesperada para encontrar a pessoa responsável por essa nova série de desaparecimentos. Minha correção estava chamando. E a resposta pode estar com o namorado da vítima mais recente, Boston Marks.

Pegando o endereço no meu telefone, comecei a dar ré na minha garagem. Raios de luz cresceram mais adiante na estrada, e eu parei, esperando o carro passar. Por um momento, pensei que talvez fosse Braden, mas estava errada... e desapontada.

A dor permaneceu no meu peito enquanto eu fazia a curta viagem em direção à área do jardim. Boston estava hospedado em um dos melhores hotéis que Rockford tinha a oferecer. Dadas as fotos em sua página de mídia social, não fiquei surpresa. A casa de praia, a casa elaborada de seus pais, os carros ... Eu sabia que ele tinha dinheiro. Isso me levou a pesquisar mais profundamente. Seu pai, Gilbert Marks, tinha negócios em todo o Nordeste e no exterior. Foi surpreendente, mas nada que eu pudesse usar. As outras duas meninas não vinham de famílias ricas.

O telefone tocando.

Anel.

Estacionei, pegando minha bolsa e telefone quando saí do carro.

Braden.

Meus pés quase tropeçaram. A maneira como meu coração inchou, eu não tinha certeza se era uma coisa boa ou ruim.

—Meio tarde para uma ligação.

—Obviamente não. Você não está em casa.

Um sorriso veio quando eu bati na chave para trancar meu carro.

—Você está me perseguindo, detetive? Você sabe que existem leis contra isso.

—Eu estava indo para casa e seu carro não está lá. - Uma pausa. —Anna... você está bem, certo?

As portas principais corrediças do hotel se abriram e eu me dirigi aos elevadores. O saguão estava vazio, exceto por um funcionário da recepção e um senhor mais velho de terno. Eu me juntei a ele, esperando na frente do elevador.

—Estou bem. E se você? Você não parece bem. Se você quer que eu seja honesta, eu diria que há uma leve ansiedade em seu tom.

—Tem sido um longo dia. Prestes a demorar mais, a menos que você me diga onde está.

Ding.

Juntei-me ao homem, batendo no número sete.

—Não há necessidade de me rastrear. Estou perfeitamente segura. Você pode dormir profundamente.

—Sim. Certo. Onde você está, Anna?

Mordi o interior das minhas bochechas quando uma mentira veio. —Estou visitando um amigo da igreja.

—Às dez da noite?

—Você acha que todos os cristãos dormem quando o sol se põe? Estou ofendida.

O homem de terno olhou por cima, mas eu me virei, sem me importar com o que ele pensava.

—Você nunca foi uma boa mentirosa. Não para mim. - Um suspiro surgiu no telefone e o som de seu motor acelerou. —Se você está em um elevador, o que nós dois sabemos que você está, você está em um hotel. Existem apenas alguns. Você vai me dizer ou vamos continuar jogando este jogo?

—Nenhum jogo. Não estamos mais juntos. Vá para casa, Braden.

Desliguei assim que as portas se abriram para o andar de Boston. Quatro portas abaixo, a porta se abriu antes que eu pudesse dar dois passos.

—Anna. Graças a Deus. Por favor entre.

A energia emitida de Boston me fez pensar se tomei a decisão errada. Meus pés não se moviam enquanto eu investigava os olhos castanhos. Eles estavam selvagens, esquadrinhando atrás de mim enquanto ele procurava no corredor vazio. Um por um, ele olhou para cada porta, quase parecendo esperar que

alguém as abrisse. A escuridão em mim cintilou protetoramente. Eu me forcei para frente, tentando me acalmar enquanto ele nos fechava dentro da sala.

—Eu realmente sinto muito por ligar tão tarde. É só que ... minha mãe conseguirá entrar no avião pela manhã e não consigo falar com meu médico. Eu não tinha mais ninguém.

—Não tem problema. Eu quero que Lucy seja encontrada também. Farei tudo o que puder para ajudar.

Duas camas surgiram quando entrei mais no quarto. Havia uma mesa, uma escrivaninha e uma grande cadeira ocupando o lado direito. Ele acenou com a cabeça e gesticulou para o sofá ao lado de uma janela do comprimento da parede. Sentei-me, colocando minha bolsa no meu colo.

—Venho destruindo meu cérebro tentando lembrar os menores detalhes. Nada. Nada se destacou. Ninguém chamou minha atenção ou pareceu suspeitar. A única coisa que não consigo superar é o telefonema. É a única coisa que não estava certo.

—Telefonema?

Boston fez uma pausa.

—Eu não acho que devo contar a ninguém essas coisas. Não me lembro se disseram que eu podia ou não. Tudo é um borrão. Eu não consigo pensar. De qualquer forma, se isso ajudar Lucy a ser encontrada, não me importo. O telefonema - disse ele, andando de um lado para o outro -, estávamos lá há apenas alguns minutos quando fui chamado pelo interfone. Lucy foi comigo. Atendi o telefonema e disse olá. Eles repetiram minha saudação - olá. Acho que foi depois da terceira vez que disse isso que me virei para ver como Lucy estava. Ela ainda estava lá, esperando por mim. Eles disseram olá novamente, mas começou a ficar estático. Eu estava tentando descobrir quem era e comecei a ficar com raiva. Juro, não me afastei dela um ou dois minutos antes de olhar para trás e ela desaparecer. Desapareceu.

Tudo que pude fazer foi acenar com a cabeça quando meu cérebro começou a imaginar a cena.

—Ninguém sabia que estaríamos lá naquele exato momento, Anna. Ninguém. Chegamos da Flórida nem um dia antes. Eu não entendo.

—Alguém sabia, - eu suspirei. —Talvez você nem os conheça, mas eles te conhecem. Talvez de um cartão de banco, ou ... - Eu parei, apertando os olhos em meus pensamentos.

—Não o usamos em Rockford. Quando o fizemos, foi para o café da manhã antes de deixarmos Chicago. Você acha que alguém poderia ter nos seguido desde a cidade?

—Possivelmente. Eu não sei. O que acho que precisamos fazer é acessar todos os lugares em que você usou seu cartão desde o momento em que saiu do avião. Talvez as locações desencadeiem algo: uma pessoa que se destacou e talvez você não tenha prestado muita atenção na hora. Temos que começar de algum lugar, e isso lhe dará algo para fazer para tirar as coisas mais pesadas de sua mente.

—Essa é uma boa ideia. - Boston estendeu a mão, pegando um laptop da mesa, mas eu só vi uma coisa. Meu coração bateu forte contra meu peito e me levantei antes que pudesse me conter.

—O que é isso?

Boston olhou de volta para a mesa, lágrimas nublando seus olhos.

—Eu deveria propor esta noite. Eu tinha um jantar elaborado marcado para as sete. Estou planejando há meses. Inferno, talvez até mais do que isso. Conheço Lucy desde que éramos crianças.

O laptop foi colocado na cadeira quando ele pegou o anel, trazendo-o. O grande diamante teve meus lábios abertos. Era quase impossível para mim encontrar seus olhos.

—Sinto muito. Eu realmente estou. Espero que a encontremos logo e vocês dois possam deixar isso para trás para sempre. Eu ... Minha boca se fechou com força enquanto sua cabeça se inclinava. Ele pegou minha mão esquerda, e meus dedos imediatamente pousaram em minha palma.

—Anna? Por favor.

A doença me inundou. Lentamente, endireitei meus dedos, deixando-o levantar minha mão mais alto enquanto minha coluna se endireitava. Pelo que pareceu uma eternidade, ele olhou para meu rosto estoico, sem falar, sem desviar o olhar.

—Eu me lembro de algo. *Uma memória.* - Ele afastou sua mão da minha.

—Uma memória?

—Eu tive amnésia. - disse ele, apontando para a cicatriz ao longo da cabeça. —Achei que tinha recuperado a maior parte do meu passado, mas acabei de me lembrar de algo. *Você.* Você estava no noticiário. Você ... Anna Monroe, - ele repetiu. —É logo ali. Deus, o que foi?

Cruzei meus braços sobre o meu peito, um movimento subconsciente para me proteger. Compartilhar meu passado não foi fácil, mas não adiantava esconder a verdade. Se eu não contasse a ele, ele eventualmente descobriria por conta própria. —O Assassino do Rio Rock. Eu fui sua última vítima. *Por último* -, enfatizei. —Ele voltou depois que eu me livrei dele uma vez. Eu o matei, mas não importava. O dano que ele causou não compensou. Ele pegou meu dedo, meu filho não nascido e minha vida.

Os olhos de Boston ergueram-se para os meus. Algo cintilou em seu rosto, mas foi tão rápido que não pude ler a emoção.

—Sim. Eu me lembro agora.

—Você sabia que meu dedo estava faltando quando tocou no assunto. Como você sabia disso? Não acho que eles compartilharam essa informação nas notícias.

—Eu não sei. Eu costumava fazer filmes. Filmes de terror. Eu sei quase tudo que existe sobre seriais killers ... esse tipo de coisa, - ele se apressou.

Eu me mexi desconfortavelmente, sentando no sofá. —Vamos voltar para Lucy.

Houve hesitação enquanto ele me estudava, mas ele devolveu o anel e se sentou, levantando o laptop. Olhares roubados me cortaram, e eu sabia que nossa conversa não havia acabado.

—Há algo familiar sobre você. Não das notícias. É a sua aparência. O formato do seu rosto. Eu percebi na primeira vez que te vi, mas não consigo identificá-lo.

—Não tente. Confie em mim. É melhor você deixar isso pra lá.

Mais silêncio. Reinava enquanto ele clicava nas páginas da tela.

—Eu sinto muito pelo que aconteceu com você. Você parece uma boa pessoa.

—Eu tento ser.

—Havia uma razão para o significado do dedo?

—Boston, eu realmente não quero falar sobre isso. Estou tentando te ajudar.

—E eu te agradeço por isso. Mas você tem alguém para ajudá-lo?

Foi a minha vez de ficar quieta. Eu olhei para baixo, deixando a pergunta penetrar. Minha boca estava se abrindo antes que eu pudesse me conter. Havia algo sobre esse estranho que me deixou mais confortável do que deveria, o que não fazia absolutamente nenhum sentido. Eu podia sentir algo diferente sobre ele. Diferente do homem que abriu a porta de seu quarto de hotel pela primeira vez. Eu simplesmente não conseguia identificar.

—O detetive trabalhando em seu caso, detetive Casey. Braden e eu estávamos juntos. *Ninguém*, o homem que me levou, sabia disso. Ele enviou meu dedo anelar como um presente para o homem com quem eu deveria me casar. Junto com um vídeo meu torturado e inconsciente. Ele disse a Braden que eu estava morta e, por um tempo, todos acreditaram nele.

—Jesus. E era o filho do detetive que você estava carregando?

—Sim.

A mandíbula de Boston flexionou repetidamente. —Eu sinto muito. Eu sou. Estou feliz que você o matou.

—Eu também. Receio que Braden não estava tão entusiasmado.

—O que você quer dizer?

Limpei as mechas de cabelo do rosto, avaliando minha resposta. Ele queria saber a verdade, independentemente da mentira que vem.

—Ele é um homem da lei.

—Mas foi legítima defesa, não foi?

—Sim. Você não quer saber os detalhes, no entanto. Confie em mim.

TOC Toc.

Nós dois viramos para a porta e eu sorri. —Falando do diabo. Se você não se importar, eu pego isso.

Eu estava de pé antes que Boston pudesse responder. No momento em que abri a porta, uma das sobrancelhas de Braden se ergueu. Não era curioso, mas mais carregado de raiva ou ciúme.

—Bem, o que você sabe? Primeiro hotel que verifico e estou certo. *Anna Monroe no caso.* - Ele passou por ali. —O que você estava pensando ao vir aqui?

—Você não deveria estar dormindo?

—Não deveria?

—Eu não estou cansada.

—*Isso.* - Ele balançou a cabeça, olhando através da sala, apenas para voltar para mim. —Eu disse que isso é uma investigação. Você não pode estar aqui. *Não com ele.* —Eu liguei para ela. - Boston colocou o laptop de lado e ficou em pé. —Eu a quero aqui. Ela está me ajudando.

—Está te ajudando. Ela é uma repórter de notícias.

—Boston precisa da minha ajuda e eu vou ficar. Nada que descobrirmos será tornado público. Isso fica entre mim e ele. Você tem minha palavra.

Os lábios de Braden se separaram em descrença. —O que exatamente você acha que pode fazer ou descobrir que eu não posso? *Eu sou o detetive.*

Antes que qualquer um de nós pudesse responder, os olhos de Braden se concentraram no computador. Ele avançou, abaixando-se para olhar a tela.

—O que é isso?

—Anna pensou que quem quer que tenha ligado para me distrair poderia ter descoberto meu nome no cartão do banco. Ela esperava que, se olhássemos onde eu estive desde que Lucy e eu chegamos, isso pudesse disparar algo suspeito.

Os olhos de Braden cortaram para mim. —Isso está certo?

—Vale a pena arriscar. Nada mal, hein?

—Não. Não é ruim. Mas você está sozinho em um quarto de hotel com um homem que acabou de perder a namorada.

Sua raiva aumentou com a suspeita enquanto ele olhava entre nós dois. Algo mais veio ... uma breve pausa de clareza quando o aperto em suas

feições começou a se transformar em dor. —Você não poderia vir para mim? Você não poderia pedir para trabalhar nisso comigo?

—Braden...

A raiva voltou quando ele revirou os olhos. —Claro que você não poderia. Não é como se eu pudesse fazer algo para ajudá-lo de qualquer maneira. Esqueça isso, disse ele, apontando para o computador, bom trabalho. Predador contra predador. Acho que as mentes criminosas pensam da mesma forma.

Capítulo 4

M

Caning. Enquanto a maioria pensava nisso puramente como uma forma de punição por jogo sexual, poucos entendiam a tortura significativa que o ato poderia realmente trazer. Desde o material até o tamanho, cada fração da diferença trazia uma capacidade de golpe diversa, induzindo dores variáveis para o indivíduo. Bambu, rattan, alumínio. As hastes tinham comprimentos e diâmetros diferentes, realçando exatamente o tipo de dor que você estava procurando infligir. Até mesmo as alças poderiam entrar em jogo quando alguém decidisse usá-las.

Eu tendia a gostar de usar a largura menor. A picada foi intensa e deu mais uma mordida. Com a haste de fibra de vidro, foi fácil romper a pele sem aplicar muita força. Lucy estava aprendendo rápido demais o que deveria ou não fazer.

Uma corda amarrou seus pulsos e pés. Ambos os conjuntos de membros estavam espalhados, presos de lado sobre uma cadeira de salão vitoriana antiga. O tecido vermelho brilhante se destacou contra sua pele, realçando os hematomas escuros e manchas de sangue em sua bunda nua. Duas vezes, ela derrubou a maldita coisa, caindo para trás com ela.

Sorriso. Sim. Eu posso ter tido um enquanto a observava tentar se libertar, mas apenas por um momento. Eu rapidamente a endireitei, fazendo-a gritar com a bengala ainda mais do que nas vezes anteriores.

—Seus olhos estão rolando sob essas suas pálpebras inchadas. Você está ficando cansada, pequenina?

—Eu ... eu quero ... voltar ... para B-Boston.

Os soluços eram profundos. O tipo que rasgava por dentro para revelar o quão emocionalmente traumatizada uma pessoa estava. Lucy estava muito angustiada. Ela estava em choque, e não apenas terrivelmente confusa, mas em choque físico. Suas pupilas quase cobriam o verde de seus olhos, e sua respiração estava mais rápida do que eu pensei que seria depois de horas de tortura leve.

—Mas, querida, você não o merece. Por dentro, você deve saber que ele é melhor do que você. Além disso, ele não está muito bem da cabeça ultimamente. Vou consertar isso.

Gritos quebrados a deixaram enquanto ela tentava se levantar. —*Você não está* certo da cabeça. Eu quero ir para casa. EU-

A haste de fibra de vidro dividiu o ar, e o impacto na parte mais baixa de sua bunda fez seu corpo inteiro estremecer. Mais pele rachada na parte interna

da coxa, e sangue gotejou da ferida agora aberta. Segundos se passaram antes que Lucy pudesse recuperar o fôlego.

—*Ahhh! Ahhh!*

Mais soluços. Mais gritos. A parte superior de seu corpo se debateu e ela respirou fundo, ficando em silêncio durante os curtos suspiros seguintes. Em segundos, seu corpo ficou mole e o cabelo loiro balançou. *Lindo.* Até mesmo gracioso. Meus dedos se fecharam em torno do colar de coração pendurado entre as mechas, e eu quebrei a corrente, enfiando-a no bolso quando as vibrações encontraram as pontas dos meus dedos. Eles estavam saindo há algum tempo. Uma mistura entre Boston e Daniel.

Peguei as mensagens, vendo que era a última.

Daniel: Um está morto. Eu não estava pronto!

Onde você está?

Eu tenho ligado. Você não apareceu.

Eu não estava pronto para matá-la, mas não conseguia parar.

Achei que você fosse meu médico. Por que você não está respondendo?

O sorriso malicioso que veio acompanhou meus dedos enquanto eu respondia.

Eu: Peço desculpas. Problemas com outro cliente.

Daniel: Mas você deveria estar me ajudando. Estou tão brava. Não sei nem por que estou falando com você. Eu cuidei disso.

Eu: Você foi cuidadoso?

Daniel: Você acha que eu quero ser pego? Sempre sou cuidadoso.

Eu: Então falo com você em breve.

Eu não me importava se parecia insensível ou pouco profissional. E eu faria para Daniel. Isso não importava mais. Eu verifiquei meu relógio, olhando entre ele e Lucy.

Um minuto.

Cinco.

Treze.

Um suspiro.

Um gemido.

Consciência.

—Bem vindo de volta. Como eu estava dizendo ... Boston, ele não é como todo mundo. Considere o quão possessivo ele é sobre você. Como ele não pode ter você fora de sua vista. Você realmente achou que era porque ele te amava? Certamente, você não pode acreditar que ele voluntariamente amou um lixo como você.

Com a fungada dela, eu parei. Esperei por uma explosão para poder puni-la, mas ela ficou quieta.

—A posse é a raiz da insegurança. Mas ele não está inseguro por motivos que pode ajudar. A emoção vem do amor obsessivo. Eu não uso a palavra obsessão levianamente, mas infelizmente, ele foi, de fato, diagnosticado clinicamente.

—Durante anos, lutei se era transtorno obsessivo-compulsivo. Ao envolver outra pessoa, na maioria das vezes, a obsessão entra em jogo quando o paciente precisa resolver uma questão ou situação. Eles podem nem saber a parte que os leva a se comportar da maneira que se comportam. Nunca recebi isso de Boston. Claro, havia coisas que poderiam ter contribuído para esse diagnóstico, mas o que o moveu foi mais do que isso. Então, questionei se ele sofria de erotomania. Eu nem sei por que pensei nisso. Boston não estava delirando. Ele sabia a diferença entre o que era e o que poderia ser. Então, continuei testando e continuamos nossas sessões ao longo dos anos. O amor obsessivo não é classificado no *DSM-5*, mas de fato existe. A maioria dos médicos diagnostica incorretamente porque se sente melhor escondendo a condição sob o distúrbio de apego ou distúrbio de personalidade limítrofe. Não sou idiota. Embora eu esperasse que pudesse de alguma forma fazer a transição das necessidades dele para se adequar melhor às minhas, infelizmente isso não aconteceu.

A cabeça de Lucy balançou e seu corpo estremeceu com uma nova rodada de gritos.

—Agora, a obsessão nem sempre é algum ruim. Existem diferentes graus de gravidade e até mesmo o mais forte pode ser controlado. Mas Boston é diferente. Ele não tem apenas o amor obsessivo com que se preocupar. *Não.* Ele é um prodígio. Inteligente. Mais inteligente do que qualquer um poderia imaginar. Eu deveria saber. Sou seu médico desde que ele tinha doze anos. Se ele estivesse apenas obcecado por você, acho que não estaríamos na situação que estamos agora, mas veja, não demorei muito para descobrir que havia mais em sua mente fascinante. Boston admitiu para mim desde o início que ele teve a necessidade de cortar seu irmão. Ele odiava Jeff. Ele o odiava tanto que eu temia não ser capaz de convencê-lo a esperar. Mas eu criei um plano. Um que ele quase não aceitou. Acho que ele não queria ser vigiado. Tudo bem. Eu o acompanhei pelos sequestros e me conformei com as histórias. Mesmo depois, no início, ajudei-o a limpar. Ele aprendeu rápido. Boston ... ele com certeza tinha talento e paixão por mutilar homens maus antes de sua amnésia.

—Oo quê?

A cabeça de Lucy se ergueu para revelar um rosto corado. Seus olhos mal podiam abrir e seus lábios tremeram quando ela olhou para mim.

—Você me ouviu. Qual é a sensação de saber que o homem a quem você tão livremente dá seu coração e corpo é responsável por matar pelo menos dezenove pessoas? Dois dos quais você conhece.

—Jeff. Você está mentindo. Ele não queria machucá-lo. Ele estava tentando ajudar. - Sua cabeça balançou em negação, mas eu já estava baixando a bengala novamente. Desta vez, na parte superior das coxas. O leve assobio da minha velocidade mal alcançou meus ouvidos antes que ela gritasse.

—Eu não minto. Eu nunca minto. Você me acusa de novo e eu removerei sua língua. De qualquer forma, tenho pouca utilidade para isso. Eu não preciso que você fale. Eu preciso que você escute. Para me obedecer. E é melhor você estar pronta para obedecer a cada exigência que eu fizer. Isso, - eu disse, apontando a bengala em direção a ela, - não é nada comparado ao que eu vou fazer com você se você apenas piscar seus lindos olhos na velocidade errada.

—P-Por que você está fazendo isso? Eu não entendo o que está acontecendo.

Meu dedo acariciou a fibra de vidro, manchada de sangue. Logo abaixo do cóccix, até as coxas, o dano foi significativo. Cada vergão continha hematomas quase pretos no ponto de impacto. Tons de vermelho irradiaram de lá. Em sete lugares ao longo das múltiplas cristas finas, sua pele estava lacerada. Nenhum muito profundo, exceto aquele na parte inferior. Mesmo vendo sua pele se abrir bastante, não senti nada ... nada além da raiva crescendo com sua pergunta. Eu deveria ter mantido satisfação ou prazer com a forma como meu plano funcionou, mas mesmo segurar o tesouro mais querido de Boston não me trouxe nenhum alívio.

—Você sabe para que servem as perguntas? - Apontei a ponta da bengala para o ferimento mais profundo, estendendo meu braço para circundar a abertura. Lucy estremeceu, chorando enquanto eu enfiava a ponta na fenda sangrando. —As perguntas colocam você em apuros. Perguntas, — eu disse, empurrando a fibra de vidro ainda mais, —levam a respostas que você não pode lidar. Eles machucam você. - A carne estourou e quebrou com a minha força. O sangue correu em um fluxo rápido, e girei minha mão, cavando mais fundo em sua carne.

—*Ahhh! P-por favor! Não!*

—Não? Não, o quê, pequena Lucy? Sem mais dor? Eu odeio quebrar isso com você, mas dor é vida. Dor é amor. Sem dor, como você saberia como é bom não sentir isso? - Tirei a bengala, fazendo uma linha vermelha em sua bunda e traçando suas dobras. Ela tentou se debater com o contato, mas não ia a lugar nenhum. Ela era tão suave. Tão perfeita. Eu podia ver porque Boston não se cansava de foder com ela. Ele estava fugindo dos hormônios e da falta de

juízo. Sua obsessão foi governada por seu pênis. Eu não poderia ter isso. Eu o criei. *Ele era meu*. E minha criação não iria se desperdiçar com uma boceta.

—Você era virgem quando se entregou a ele. Doeu da primeira vez?

Minha bengala se moveu para mais perto de sua entrada, avançando lentamente, sondando em estocadas vagarosas. Um grito agudo ecoou nas paredes da casa da fazenda. Onde estávamos localizados, ninguém jamais ouviria.

—Saia de perto de mim. Doente. Porra! *Porra!* O último foi alongado e estridente através de seus gritos contínuos. Seu corpo estava tremendo, enlouquecendo contra as cordas. O vermelho escorreu por seus pulsos e tornozelos enquanto eu estava lá e a deixei se cansar. Eu não estava com pressa e havia algo cativante no terror desesperado que ela demonstrava. Isso me manteve imóvel, me mantendo entretido.

—Socorro! Alguém, por favor! *Ahhh! Ahhh!* F-Foda-se. Vocês. Socorro! *Boston!*

O tempo passou e sua voz tornou-se rouca e quase inaudível. Seus membros foram os últimos a parar. Mesmo quando ela diminuiu a velocidade, eles ainda lutaram o bom combate. Ela ficaria sem vida, e então eles tentariam empurrar contra o caminho áspero.

Respirações profundas encheram a sala e eu me vi caminhando para agachar ao lado dela. Olhos verdes injetados de sangue piscaram lentamente enquanto ela tremia com os gritos silenciosos.

—Você desperdiça sua força. Ninguém pode te ouvir. Ninguém vai te encontrar. Você é o que eu faço de você, e pela explosão que você acabou de ter, você terá que sofrer. Diga-me, Boston reivindicou sua virgindade, mas ele tirou de todos os lugares?

A compreensão demorou um momento para amanhecer. Os olhos de Lucy se arregalaram e ela voltou à vida novamente, lutando em sua posição dobrada na cadeira.

—Você n-não vai se safar com isso. B-Boston virá atrás de mim. Ele vai encontrar você.

—E o que? O que ele fará? Me matar?

Eu ri, traçando meu polegar sobre seus lábios. Lucy balançou a cabeça para frente e para trás enquanto soltava um grito rouco.

Pegando seu cabelo, puxei seu rosto de volta para mim, cavando meus dedos em sua mandíbula com a outra mão. Eu não relaxei até que ela gritou através da dor intensa.

—Quando o sol nascer, você estará destruída em mais lugares do que apenas sua mente. Vou te foder além do reparo, e você ... você não vai ser nada além de uma concha que eu curvo à minha vontade. *Você é fraca.* Mesmo

enquanto você luta, nós dois sabemos que está chegando ao fim. Você não é nada. Lixo órfã. Perdida. Sozinha. Você foi condenada desde o nascimento e rejeitada por sua patética cidadezinha. Boston era a única coisa que a tornava especial, mas acho que ambos sabemos, sem ele, sua existência não vale nada.

Lucy ergueu a cabeça e cuspiu em meu rosto. O instinto fez minha mão subir, e não hesitei em bater com o punho em sua bochecha. O impacto fez sua cabeça bater e cair sem vida de volta para baixo. Meus dentes cerraram-se e me levantei, limpando a saliva do nariz e da bochecha.

Ela pode ter saído agora, mas eu tinha a maneira perfeita de acordá-la. Lucy iria sentir minha ira. Ela o usaria - corpo e mente.

Capítulo 5

Detetive Casey

—*Mentes Criminosas?*

Eu olhei entre Boston e Anna, torcendo minha boca no tom zangado de Anna. Ela estava brava, mas eu também. *Ela não deveria estar aqui.* Ela não deveria ter ficado sozinha com este homem. Quantas vezes no passado eu a procurei por algo ... qualquer coisa que significasse atenção? Quantas vezes ela me negou? Agora isso? Este ... *Boston* conseguiu todo o seu foco? Sabíamos que ele não sequestrou fisicamente a namorada, mas isso não significava que ele não tivesse algo a ver com o desaparecimento dela. Isso me consumiu. Tudo isso. Eu só queria que ela fosse minha. Eu queria que estivéssemos juntos novamente. *Eu a queria segura.* Por que ela não conseguia ver o quanto significava para mim? Por que ela não podia me dar cinco minutos de seu tempo para que pudéssemos conversar e resolver isso?

Com a pergunta, enfrentei o ciúme que não conseguia controlar. Eu encarei a verdade. Seus motivos para ficar sozinha em um quarto de hotel com um homem atraente eram claros. Os meus não. Eu estava fora de controle. Talvez eu sempre a preocupasse.

—Esqueça, eu suspirei.

—Anna, podemos conversar lá fora?

Ela deu dois passos antes de Boston estender a mão.

—Você vai voltar, certo? Anna?

Ela fez uma pausa, me olhando antes de olhar de volta para ele. —Sim. Eu disse que ajudaria, e tenho toda a intenção de ajudar.

O alívio inundou seu rosto e Anna continuou em direção à porta. No momento em que fechei atrás de mim, seu dedo cutucou meu peito.

—Predador contra predador? Você tem coragem. Não acredito que você diria algo assim. Especialmente na frente de um homem que teve sua namorada sequestrada no dia que ele planejava propor em casamento. Você sabe o quanto ele está apavorado de que algo ruim tenha acontecido com ela? Então fazer com que a única pessoa com quem ele está contando para obter ajuda soe como o bandido? "A cabeça dela balançou. — pode ser um novo ponto baixo para você.

Meu coração afundou, sabendo que ela estava certa. Saber que só pioraria as coisas se continuasse a perdê-la. —Peço desculpas. Eu não deveria ter chamado você assim. A verdade é que você não sabe nada sobre este homem. Quem disse que ele não tinha ninguém para levá-

la? Estamos *ainda* muito cedo na investigação para saber alguma coisa, com certeza.

—Isso pode ser verdade, mas Boston não teve sua namorada sequestrada. Sinto muito, Braden, simplesmente não sinto isso. E acho que você também não. Você o viu depois que aconteceu. Ele ficou arrasado. Inferno, além de devastado. Alguém por trás do desaparecimento de sua namorada não conseguia tirar essa profundidade de emoção. Além disso, mesmo se ele fizesse, por que ele me ligaria para obter ajuda?

Para mim, havia um milhão de razões para isso - Anna era linda. —Eu não sei. Não sou tão rápido em embarcar no trem inocente. Eu já vi atuar antes, e parte disso iria explodir sua mente. Até aprender mais sobre esse cara, gostaria muito que você ficasse longe. *Por favor*.

Sua cabeça balançou, fazendo com que mais mechas loiras escapassem do rabo de cavalo frouxo. —Eu não posso. Eu entendo que estou me colocando em risco, mas estou seguindo meu instinto, e meu instinto me diz que Boston é sincero. Vou ajudá-lo a encontrar Lucy e quem quer que seja o responsável.

—E depois?

Silêncio.

—O que você vai fazer se acontecer de descobrir alguma coisa?

Quando ela não respondeu, coloquei-me a centímetros de seu rosto.

—Anna, eu te fiz uma pergunta. Você vai me dizer se descobrir alguma coisa, não vai?

—Claro.

—Você tem certeza disso?

A emoção era inexistente, tornando difícil acreditar nela.

—Eu disse que faria. O que você acha que vou fazer? Entrar com minha arma em punho para salvar o dia? Não estou procurando ser uma heroína, Braden. Eu só quero que Lucy seja encontrada ... antes ... - Uma respiração irregular a deixou, e isso quebrou meu coração. —Eu sei que você viu as consequências dessas situações, mas você nunca passou por uma. Você não pode imaginar por que medo e horror ela deve estar passando agora. Quanto mais demorarmos para encontrá-la, pior será. Ele ficará confortável. Quando isso acontecer, não há como dizer o quão ruim ficará.

Minhas mãos levantaram, segurando seu rosto. A agonia apertou meu peito, e quase não pude acreditar que ela não se afastou quando minha testa pousou contra a dela.

—Eu sinto muito pelo que você passou. Eu juro que sinto muito. Há tantas coisas que eu gostaria de mudar nesses meses, mas não posso. Você passou pelo inferno. Eu também, achei que tivesse perdido você. No final, eu *queria* te

perder. Você tem ideia de como isso dói? O quanto me mata não estar com você? Maldição, Anna. -Minhas palmas esfregaram suas bochechas enquanto meus dedos se cravaram em seu cabelo. Nossos lábios estavam tão próximos. Muito perto. Eu não estava pensando, mas não conseguia parar. —Você costumava me amar. Ainda te amo. Eu sempre -

A pressão empurrou contra as dobras dos meus cotovelos e ela escorregou livre, lutando para trás.

—Não diga isso. Apenas ... não. Você deveria ir.

Minhas pálpebras se fecharam, apenas para abrir um momento depois. Essa dor no meu peito poderia ficar pior? Estava rasgando meu coração como se ainda houvesse dano que pudesse ser feito. E obviamente havia. Cada vez doía mais do que antes. Me quebrando. Me matando mais do que uma garrafa poderia.

Eu dei um passo para trás, afastando os por que. Eu a perderia completamente se não lhe desse espaço.

—Não fique muito tarde. Estarei esperando para ver se você chega em casa.

—Braden, você não precisa fazer isso.

—Está feito. Estarei esperando.

Eu me virei, indo em direção ao elevador. *Thump-thump. Thump-thump.* Cada passo aumentava a velocidade do meu pulso. O ciúme não queria que eu fosse embora. Quase senti que não poderia. Mas qual era a alternativa? Anna era teimosa demais para ir contra o que queria. E depois do que aconteceu com ela, eu entendi sua necessidade de resolver esse mistério, mesmo que eu não gostasse que ela ficasse com outro homem.

—Braden?

Meu dedo parou sobre o botão e me virei para ver Anna tirando algo de sua bolsa. Ela o devolveu a Boston, que estava na porta. Correndo em minha direção, eu mal conseguia respirar quando ela se aproximou. Mais rápido, meu coração disparou, até que eu estava puxando meus dedos para apertar ao meu lado. Quando ela se aproximou, seus olhos permaneceram em meu peito, recusando-se a encontrar meu olhar.

—Aqui. - Ela abriu a palma da mão para expor uma chave. —Não espere lá fora. Posso demorar um pouco.

O elevador se abriu e eu alcancei a porta, colocando minha mão para que não fechasse enquanto eu olhava para o que ela segurava. Era um símbolo para entrar em sua casa ... ou possivelmente em sua vida? Confuso, só consegui orar. Quando seus olhos finalmente se ergueram para encontrar os meus, houve uma faísca de algo. Não apenas luxúria. Eu vi isso enterrado dentro, mas os possíveis motivos eu não entendi muito bem. Isso me fez hesitar.

—Tentador, Anna.

—Você não quer?

—A chave? Ou você?

—Você não foi à igreja nas últimas semanas.

—Eu estive ocupado. Não mude de assunto. Você está tramando algo. Você não fez nada além de me afastar. O que aconteceu nessa sua mente no tempo que levei para ir embora?

Ela não respondeu imediatamente. Mudar de posição me disse que ela estava desconfortável, mas o desejo ainda estava profundo em seus olhos. Ele me chamou, dizendo que ela precisava de mim muito mais do que ela jamais admitiria. —É tão errado oferecer conforto além dos limites de seu carro? Nós fomos muito próximos uma vez. Se você vai esperar por mim, pode muito bem fazer isso lá dentro.

Novamente, meu olhar foi para a chave. A tentação era avassaladora, mas e se eu estivesse vendo apenas o que queria? E se eu não fosse? —Nós dois sabemos que você está procurando algo mais. Se não houvesse, você não ofereceria. - Eu olhei em seus olhos, silenciosamente implorando pela chance de mudar as coisas entre nós. —Você quer mais, Anna? Você precisa de mim? Tudo que você precisa fazer é me dizer. *Diga-me.*

Capítulo 6

Anna

Tudo que eu precisava fazer era dizer a ele? Dizer a Braden o quê? Como se ele fosse entender tudo o que eu estava passando. Como se *eu* tivesse. Eu não tinha ideia do que diabos estava fazendo. Minha mente disse uma coisa enquanto meu coração ansiava por outra. Por horas, deixei nossa conversa fora do elevador girar em minha mente. Eu ainda podia vê-lo parado ali, olhando para mim com aqueles olhos verdes profundos. Quando ele pegou a chave, eu rapidamente me virei e corri de volta para o quarto de Boston. Eu não conseguia nem enfrentar Braden. Ele estava lá dentro agora, esperando por mim? Ele decidiu apenas dormir em seu carro?

—Você pode ir se quiser. É muito tarde.

O olhar de Boston era tão largo quanto o meu. Eu bebia continuamente meu café na pequena cafeteira do quarto, longe de estar cansado. Minha mente estava correndo. Embora Braden atormentasse meus pensamentos, meu medo por Lucy me manteve enraizado

—Em breve. Primeiro, verifique aquele.

Apontei para a foto de Lucy e Boston em pé com a praia atrás deles. No ângulo da câmera, a pessoa parecia estar alguns metros mais alta.

—Oh, isso é por nossa casa. Esta foto foi tirada alguns dias depois de nos mudarmos. Vê como estamos felizes? Ela parece feliz? Deus, se você soubesse a merda que ela passou ... aquele sorriso significa tudo para mim. Tudo o que eu sempre quis foi fazê-la feliz - mais feliz do que qualquer pessoa no mundo. Sua voz ficou embargada e ele colocou seu pequeno copo de isopor na mesa antes de clicar para ampliar a imagem.

—O que Lucy passou?

Olhos castanhos dispararam para mim antes de voltarem a olhar para a foto.

—A mãe dela se matou. O irmão dela ... bem, eu o matei.

—*Você* o matou?

—Ele estava louco, - Boston suspirou. —Tipo, realmente louco. Depois que ele me acertou na cabeça com o machado, acho que a culpa o corroeu. Ele me matou naquele dia, mas os médicos me trouxeram de volta. Fiquei em coma por mais de dois meses. Acordei com amnésia. Quando acordei, a única pessoa de quem conseguia me lembrar era Lucy. *Eu a amei.* Eu sabia antes de ter forças para abrir os olhos. Ela é tudo que eu sempre quis. Bem, descobri que ela também me

amava. Mas, Jeff ... acho que ele não podia aceitar isso depois de tudo. Ele começou a contar histórias sobre como assassinamos uma garota e o corpo dela estava na minha cabana de caça. Ninguém acreditou nele. Para acalmá-lo durante um de seus episódios, ele convenceu Lucy a ir com ele para que pudesse mostrar sua prova.

O rosto de Boston endureceu. —Ele pirou quando descobriu que não havia nada ali. Nada que ele tivesse visto em sua mente. Como camas e móveis. Ele tentou me culpar por tirá-lo, mas eu estava em uma porra de coma. Não tenho certeza de como ele esperava que eu fizesse isso. De qualquer forma, Lucy ficou chateada e decidiu que não queria mais ouvi-lo. Quando ela tentou se distanciar, ele a atacou. O tempo passou e ele voltou. Foi quando eu entrei em ação. Fui atrás de Jeff para convencê-lo de que era hora de pedir ajuda. Os policiais já estavam procurando por ele, mas ele tentou me matar.

Boston apontou para a cicatriz em sua bochecha. —Me acertou bem no rosto com um galho do tamanho de um taco de beisebol. Quase me nocauteou, mas consegui agarrar uma pedra para afastá-lo. Acho que com toda a adrenalina, bati nele um pouco forte demais. Lucy ficou arrasada. Primeiro sua mãe, então semanas depois, Jeff. Eu sou tudo que ela tem. E então eu deixei isso acontecer? Ela não sofreu o suficiente?

Minha mão saiu, tocando seu ombro. —Isso não é culpa sua. Você não pode se culpar.

—Mas e se ela foi levada por minha causa? E se alguém quiser dinheiro, ou se eles ... e se for alguém do meu passado de que não me lembro? Ainda não recuperei todas as minhas memórias. *Foda-se*. Isso não parece real. - Ele se levantou da cadeira, respirando pesadamente enquanto mais uma vez começava a andar. Ele fazia muito isso. Como um animal espreitando por dentro de uma gaiola, pronto para se libertar. A expressão em seus olhos. Foi realmente amor ou muito amor? A emoção estava definitivamente lá, mas eu não temia isso, ou ele. Talvez porque eu realmente não temesse mais nada.

—Se isso tem a ver com o seu passado, vamos descobri-lo. Vamos começar com esta foto. Quem pegou? Eles parecem estar de pé muito alto.

Boston desacelerou. —Minha mãe. Ela estava nas dunas que alinham a praia.

—Ela estava sozinha?

Ele parou completamente, virando-se e estreitando os olhos para o computador. —Quando aquela foto foi tirada, sim. Meu pai, não o vejo com frequência. Ele trabalha muito.

—Não quero incomodar você, mas preciso pedir paz de espírito. Algum dos seus pais não gosta de Lucy? Ou talvez alguém próximo a você? Primos, amigos?

—Ah não. Todo mundo a ama. Minha mãe estava um pouco apreensiva com ela no início por causa de sua idade, mas com o tempo, eles ficaram próximos. Para conhecer Lucy ... *gostaria que você pudesse conhecê-la.* Você também a amaria. Ela é a pessoa mais incrível que já conheci. Ela é doce e gentil. Humilde. Deus, nem sei por onde começar. Não há o suficiente para definir quem ela é.

Sua mão se ergueu enquanto ele parecia se lembrar de algo.

—Veja a conversa que tivemos antes de entrarmos no avião. Lucy sabe que venho de dinheiro. Ela sempre é conhecida. Eu me ofereci para pagar seu diploma de enfermagem. Eu pago pelo chalé. Tento pagar por tudo, mas ela se recusa a não trabalhar. Ela fez empréstimos para a escola. Ela paga os serviços públicos. Isso a deixa quase nada quando tudo está dito e feito, mas ela não se importa. Esse é o tipo de pessoa que ela é. - Seu entusiasmo diminuiu. —Eu a fiz parar antes de virmos para cá. Eu não deveria ter feito ela parar de trabalhar como garçonete. Achei que ela precisava se concentrar na escola. Não é fácil para ela. Ela teve tantos problemas para conciliar aulas e trabalho no semestre passado que me matou vê-la cansada o tempo todo, mas eu a convenci de que desistir era o melhor. Eu continuo fazendo isso e negligencio a ideia de que ela é quem ela é.

Eu me levantei, incapaz de me impedir de sentir sua tristeza.

—Mas você vê agora. E quando a recuperarmos, ela florescerá com o seu novo apoio.

—Sim. Sim ela vai.

Embora ele tenha dito isso, eu não acho que ele concordou. Se eu conhecesse essa Boston e fosse muito bom em ler as pessoas, ele talvez nunca mais a perdesse de vista. Meus pensamentos voltaram para Braden. Ele estava esperando - esperando para ter certeza de que eu chegaria em casa.

—Eu devo ir. Está ficando tarde.

—Claro. Muito obrigado novamente por toda a ajuda. Você vai voltar?

Pânico. Seus olhos estavam recebendo aquela selvageria novamente.

—Sim. Vou passar por aí amanhã. Vou mandar uma mensagem antes de fazer. Eu sei que sua mãe estará aqui.

—Obrigado. Realmente. Obrigado.

Com o meu aceno de cabeça, peguei minha bolsa, indo para a porta. Boston estava bem no meu encalço, pegando seu cartão-chave.

—Se você não se importa, gostaria de levá-la até o carro. Eu não gosto deste lugar. Você se parece ... meio com Lucy. Não é seguro.

—Isso é muito legal da sua parte. Obrigada.

Dizer a ele que eu poderia cuidar de mim mesma era inútil. Em vez disso, fomos para o elevador, descendo até atravessarmos o estacionamento. Quando abri a porta, acenei para ele.

—Vejo você amanhã.

—Amanhã.

Ele repetiu a palavra, estrangulado, como se fosse difícil para ele me deixar sair. Isso me fez avaliar seu tom enquanto fazia a ré e me dirigia para a rodovia. Dizer que não vi sinais de que algo estava errado era mentira. Boston não era um namorado amoroso comum. Nenhum que eu tivesse conhecido. Mas ele a amava. *Muito*. E ele matou, mesmo que em legítima defesa. Não foi algo que me preocupou, mas também não foi algo que eu rejeitei. Tirar uma vida não era fácil para uma pessoa, mas ele matou o irmão de sua namorada.

Saí, descendo e virando na minha estrada. O carro de Braden não estava na frente da casa. Eu olhei para a porta da garagem, me perguntando se ele havia estacionado lá dentro. Pela minha vida, eu não podia vê-lo caindo em velhos hábitos. Não achei que ele fosse querer me empurrar tão rápido. Era tarde. Talvez ele tenha decidido ir para casa porque demorei muito. Eu não tinha certeza, mas não consegui evitar que minhas mãos tremessem quando entrei na garagem e estacionei. Garagem. Talvez ele tenha estacionado lá. Ele poderia estar dentro? Eu queria que ele estivesse? Muitas perguntas... muitas esperanças.

Abrindo a porta, peguei minha bolsa e me dirigi para a entrada. A maçaneta não se moveu na minha vez e eu soltei um suspiro profundo, puxando o tapete. A *chave*. Um suspiro foi imediato. Eu destranquei a fechadura, entrando e travando atrás de mim. Uma nota no balcão me fez andar com o pulso na garganta.

Anna,

Temos um corpo. Tranque suas portas e mantenha sua arma por perto. Não é bom.

—Braden

Capítulo 7

M

A mente era capaz de coisas incríveis. A maioria das pessoas não conseguiam entender, a menos que fosse colocada em uma situação que os empurrasse além de seus limites. Era um fato científico que, sob estresse extremo, as pessoas podiam desafiar as adversidades e fazer coisas bem inacreditáveis. Enquanto empurrava Lucy, fiquei curioso para ver exatamente o quão forte ela realmente era.

O sol nasceria em breve. O sono não existia. A dor a manteve consciente, mas ela estava por um fio. Cabelo loiro balançou enquanto sua cabeça balançava. Com ela agora contida nua do dossel de metal grosso, ela sabia que o pior ainda estava por vir. O medo e a estimulação eram as únicas coisas que permitiam seus momentos de alerta. Ela estava em puro modo de sobrevivência, como deveria estar.

Logo abaixo do pescoço, até a parte de trás dos joelhos, vergões se espalharam entre hematomas roxos escuros. Eles estavam repletos de numerosos cortes. Alguns se esticaram diretamente em sua pele. Outros estavam em um ângulo de quarenta e cinco graus de onde eu bloqueei minha punição no momento. Sua tez pálida havia desaparecido completamente. Peguei a toalha úmida, enxugando o sangue que continuava a pingar e escorrer das belas marcas.

—Pena que você não vai viver o suficiente para ver como isso vai deixar cicatrizes. O personagem que eles teriam dado à sua forma perfeita ficaria lindo em você.

—Boston ... vai ... v-go.

Um olho piscou após o outro. Ela estava lutando para ficar acordada.

—Ele não vai. A próxima vez que ele te ver, será quando ele identificar seu corpo no necrotério. Isso não é pessoal, Lucy. Bem ... talvez um pouco. Mas veja, você está arruinando um assassino perfeitamente trabalhado. Um que criei. Não posso permitir que isso continue. Claro, ele vai levar a sua morte muito a sério, mas imagine quanta raiva ele vai ter? Ele terá que matar novamente, e quando o fizer, a quem ele virá? *Eu.*

Sua cabeça balançou, mas seus olhos estavam fechando. Inclinei-me para a frente de onde estava sentado na parte inferior da cama. O colchão de plástico enrugou-se com o meu peso. Enquanto eu traçava a ponta do meu dedo sobre sua fenda, os olhos de Lucy se abriram. Ela tentou pressionar as pernas uma contra a outra, mas elas mal se moveram com a quão apertada era a correia na parte de trás de suas panturrilhas.

—N-Não.

—Ainda não aprendeu, pelo que vejo.

Meu dedo aliviou entre suas dobras, movendo-se para frente e para trás sobre a superfície lisa enquanto eu provocava seu clitóris com a ponta do meu dedo.

—Não há nada para aprender. Pare! Você me deixa *doente*!

Um grito explodiu com a última palavra quando eu deslizei para trás e empurrei meu dedo em seu canal com força brutal. Não foi a primeira vez que a violei durante a noite. Estava longe de ser o último.

—Você não me viu doente ainda, vadia. Antes que eu termine com você, você estará reavaliando sua definição.

Eu forcei outro dedo, apertando seu seio com tanta força que ela se jogou descontroladamente para tentar se libertar. As correntes grossas tilintaram juntas, mas isso só me fez cavar em sua carne. Os sons de toda a cena eram como música me chamando de casa - me chamando de volta a um passado que eu gostaria de viver para sempre. Houve momentos em que esses ruídos doces eram tão familiares quanto respirar. *Uma voz feminina. Correntes. Por favor. Gritos.*

Eu recolhi sua umidade, ficando de lado enquanto meu outro braço envolvia sua cintura. Com força, empurrei meu dedo indicador em sua bunda.

—Diga-me o quão terrível eu sou. *Diga-me.*

O músculo se rompeu quando forcei outro dedo em sua entrada traseira. O corpo de Lucy tentou se curvar para se afastar de mim, mas era impossível para ela mudar de posição. Gritos roucos foram abafados quando ela começou a tossir. O ataque violento fez com que ela engasgasse com meus movimentos lentos.

—Oh, Lucy

As vibrações zumbiam na mesa de cabeceira, me interrompendo. Eu os ignorei, empurrando um terceiro dedo.

—Você ouviu isso? Ele liga. *Novamente.* Nem preciso olhar para saber quem é. Quantas vezes você acha que é esta noite? Vinte? Trinta? Mais? Obsessão. Uma condição tão debilitante. Ele realmente não pode ajudar, mas estender a mão para alguém. Qualquer um, quando se trata de compulsão, ele tem de te encontrar. Eu me pergunto quanto tempo vai demorar para ele encontrar alguém de novo? Ele vai, você sabe. Com você morta, ele não será capaz de se ajudar. Mesmo que ele odeie cada segundo da caça, ele seguirá em frente. Mas não se preocupe, - eu disse, empurrando fundo, —Eu vou segurá-lo o melhor que puder. Vou fazer a transição de suas necessidades para cometer novos assassinatos. Como você gostaria disso?

—Você vai apodrecer no h-inferno! - Ela mal conseguia recuperar o fôlego quando comecei a praticamente socar meus dedos em sua bunda. Minhas ações não foram sobre o prazer dela. Eles eram sobre dor. Eu não queria que ela gostasse do que eu estava fazendo. Ela tinha que odiar tanto quanto eu. Mesmo que houvesse desejo por Lucy, a raiva assumiu o papel de destaque. Sempre acontecia quando eu chegava nesse ponto.

O zumbido parou, apenas para retornar.

Novamente.

E de novo.

A cada hora, minha necessidade aumentava. Eu queria saber como ele estava arrasado. Já tinha passado tempo suficiente para que eu não tivesse que temer que ele suspeitasse. Eu estava aqui para outro cliente de qualquer maneira. Ele acreditaria.

Meus dedos se retiraram e eu me levantei, indo para o banheiro adjacente. Tomei meu tempo, lavando minhas mãos enquanto olhava para meu reflexo. Por ter cinquenta e poucos anos, meu cabelo era branco há muito tempo. Era algo que eu havia tentado abordar há mais de uma década, quando comecei muito cedo, mas isso não importava mais. Havia um certo apelo sobre isso que cresceu em mim. Com meus braços grandes, peito largo e cintura fina, eu estava mais em forma do que a maioria das pessoas da minha idade. E tudo por um bom motivo.

Mais toques continuaram e Lucy gritou enquanto eles gritavam. Sequei minhas mãos, voltando para a mesa de cabeceira. Pegando o telefone, olhei para ela enquanto ela soluçava.

—Não fique muito confortável. Eu voltarei.

Saí da sala e fechei a barreira atrás de mim. Fiz meu caminho através da porta da frente, fechando-a quando os gritos voltaram. Isso me fez apertar minha mandíbula e me afastar de casa para o meu carro. No momento em que entrei, ele já estava ligando novamente. Respirei fundo e respondi em um tom grogue.

—Olá? Boston?

—Oh Deus. *Achei que nunca conseguiria falar com você.* - Onde você esteve? Por que você não respondeu? Liguei a noite toda!

—Desacelere. Tive uma reunião com um cliente. Eu me entreguei mais cedo. O que há de errado?

Um gemido profundo soou. Um de desgosto. De um tormento que nunca senti pessoalmente.

—É Lucy. Alguém a levou.

—Levou ela? Onde? De volta para Massachusetts?

—O que? Não. Levaram ela! Sequestraram ela! Eles estão fodendo-

—Calma. Você não tem que se apavorar como eu te ensinei. Se você quiser minha ajuda, preciso saber o que está acontecendo. Para isso, devo entender o que você está dizendo. Agora, diminua a velocidade e comece do início.

—Estávamos em Rockford. Eu a levei para os jardins.

—Rockford? Achei que você fosse levá-la para Chicago.

—Eu fiz. Quer dizer, nós estávamos lá, mas Rockford é onde Lucy disse que queria ir. Tinha os jardins de que ela gostava. E não era muito longe da cidade. Eu já não te disse isso?

Fiz uma pausa proposital. —Está certo. Boston, você disse a todos na reunião.

—Todo mundo ... eu fiz? ...Eu fiz. *Eu não estava pensando.*

—Você nunca faz. Eu digo a você o tempo todo para não mencionar Lucy nas reuniões. Não quero ser muito pessoal, mas você nunca ouve. Quando se trata dela, você não pensa. Agora, ancore-se para que possa se concentrar. - *Isso foi um choro?* —Você está chorando? - Eu mal pude esconder meu desgosto quando perguntei. —Quero dizer. Nunca vi você tão chateado. Não chore. Isso não vai ajudar. Você tem que limpar sua mente.

—Eu não estou chorando, *porra.* Estou tentando não arrombar e vasculhar todas as casas desta maldita cidade. Ou talvez eu devesse começar uma busca pelas pessoas naquela porra de sala estúpida em que você nos colocou para falar sobre nossos sentimentos. Um deles pode tê-la levado. Eles poderiam ter nos seguido. Eles-

O estresse em seu tom era o que eu já tinha ouvido antes. Isso me fez morder o lábio enquanto me concentrava no sorriso que se formava. —Boston. Ao controle. Ninguém da reunião a tem, isso eu posso garantir. Mas tome isso como uma lição. Você mantém o que ama em segredo e acima de tudo, sua boca fechada. Agora, *pense.* Pense nas vezes antes de você ter Lucy. Você se lembra de como eu te ensinei a manter sua raiva então?

—Amnésia, lembra? Porra, não consigo respirar. Eu continuo andando em círculos. Eu fico olhando para o meu telefone e não consigo dormir eu não consigo ficar parado. O calor dentro ... é tão ruim. Estou constantemente prestes a desencadear isso. Ou ficar doente. Sinto que, se não fizer algo, vou vomitar. Isso não está certo.

Meus olhos fecharam enquanto eu acessava sua condição.

—Você se lembra dos homens? Não diga nada. Apenas sim ou não.

—Sim. Mas ... *eu não posso fazer isso.* Agora não. Não enquanto estou sendo observado como um falcão. Além disso, há apenas uma pessoa em quem eu gostaria de colocar meus olhos, e essa pessoa levou Lucy. Vou encontrá-lo, Dr. Patron. Vou encontrá-lo e vou ...

—Não mais. Me escute e diga-me o que sabe sobre o sequestro. Tem certeza de que era isso?

—Você acha que estou inventando isso? Os policiais encontraram evidências de que ela foi levada. *Evidência.* Alguém entrou no jardim e a levou logo depois de me distrair. Porra ... *filho da puta.*

—Você diz que te distraiu. Quão? E quais evidências?

Uma exalação alta soou.

—Eles me chamaram pelo alto-falante. Disse que tinha um telefonema. Fui atender e foi uma besteira. Alguém repetindo a palavra olá. Estava cheio de estática. A próxima coisa que sei é que me viro e Lucy se foi. Tem certeza de que não é ninguém das reuniões? Nada mais faz sentido.

—Positivo. Eles são contabilizados. Você disse evidência.

—Eu não tenho certeza do que é. Eles não me disseram.

A chamada - Bill. Eu realmente precisava agradecê-lo por isso. —Tudo certo. Isso é sério. Eu sei que você está com medo por Lucy, mas tente manter a calma. Estou em Chicago. Posso tentar ajudá-lo.

Ele fez uma pausa. —Espera, você está em Chicago?

—Foi uma viagem inesperada. Meu cliente mora perto. Diga-me onde você está hospedado e eu irei ver você na primeira hora da manhã.

Uma respiração fechada. —Eu preciso de você agora. Você tem que vir para Rockford, onde estou. Se não o fizer, não sei o que vai acontecer não posso fazer isso mais um minuto. Eu não posso ficar sem ela.

—Se você quer minha ajuda, você tem que tentar dormir um pouco. Você não será útil para mim ou para Lucy se não puder funcionar. E eu preciso de você, Boston. Eu preciso de você afiado. Você sabe disso. *Pense*. Afaste a obsessão o melhor que puder e me escute. Você não pode mudar que ela foi levada. O que você pode fazer é dar o melhor de si para recuperá-la. Você me entende?

—Você nunca foi gentil.

Meu rosto estava em branco enquanto eu acalmava meu tom. —O revestimento de açúcar é tão útil quanto uma faca em um tiroteio. A bala atingirá antes da lâmina. Isso só o deixa morto. A pobre Lucy pode estar nessa luta agora. Você quer que ela tenha uma faca ou uma arma? Você pode ser essa arma, Boston.

Respirações profundas.

—Aqui vamos nós. Agora estou fazendo sentido. Durma, - eu continuei. —Eu preciso de você no seu melhor. Tenho que encerrar algumas coisas com meu cliente, mas assim que o fizer, irei embora. Vamos descobrir isso. Nós a traremos de volta.

—Vou mandar uma mensagem com o endereço. É melhor você estar aqui quando eu acordar.

A linha ficou muda e eu olhei para a porta da frente enquanto saía do carro. O mal em mim vibrou, crescendo enquanto eu voltava para a sala. A casa estava silenciosa. Quando abri a porta do quarto, Lucy estava mole, pendurada nas algemas. O cabelo loiro caía em cascata em direção à cama, enrolado em leves cachos de suor. Seu rosto estava escondido por causa de sua cabeça baixa, mas eu sabia pelos roncos leves, ela estava dormindo.

Ela não ficaria por muito tempo.

Caminhando até a mesa final, coloco meu celular no chão. A conexão silenciosa com o carvalho não fez nada para prepará-la enquanto eu empurrava meus dedos por seu cabelo e empurrava sua cabeça para trás. Um grito rouco explodiu de sua boca, apenas para ficar mais alto quando meu dedo indicador traçou sua entrada traseira. Idiotas selvagens começaram, mas ela não se mexeu.

—Você não estava dormindo, estava? Você não se importou que eu estava no telefone com Boston? Você não poderia durar apenas os minutos que levou para colocá-lo à vontade?

—Espero que ele saiba. Eu espero-

Eu empurrei sua bunda apertada, acendendo um grito. Um soluço não veio, me surpreendendo mais uma vez. Ela estava cheia de raiva, cravada de medo. Lucy era mais forte do que eu acreditava. Ela estava entorpecida e se acostumando com o meu abuso. Mas apenas porque o diploma foi mantido.

—Você disse que eu estava doente. Você está pronta para ver quanto?

—Você planeja me estuprar? Qual é a diferença entre seu pênis e o seu dedo?

A V- violação é a mesma.

Eu ri, estocando-a com outro dedo. As correntes tilintaram enquanto ela tremia. Lágrimas escorreram por seu rosto, mas o silêncio permaneceu. —Você está errada. Isso não é nada comparado ao dano que você vai sofrer do meu pênis. Quando meu ele rasgar sua bunda, você vai sangrar de mais maneiras do que pode imaginar. Não apenas fisicamente, - eu disse, puxando seu cabelo. —Eu vou rasgar essa sua inocência em pedaços. Vamos ver o quão semelhante você pensa que é então.

Eu me retirei, caminhando até a porta adjacente. Um guincho agudo encheu o quarto quando comecei a desenrolar um espelho do comprimento da cama king-size. Os olhos de Lucy se arregalaram e ela respirou fundo quando ficou cara a cara com seu reflexo.

—Você tem alguma ideia do que está acontecendo nessa sua mente frágil agora? Aposto que você não tem ideia. Deixe-me esclarecer você. Aqueles cortes

no seu rosto de onde eu bati em você ... doem mais agora, não é? Você pode sentir a extensão de seus ferimentos? Como sua bochecha é mais do que provavelmente esmagada com o impacto? A *dor está piorando*. Você está percebendo quantos problemas está realmente metida. E quanto às suas costas? Você não pode ver o que eu fiz, mas está começando a sentir cada camada de pele quebrada ... cada nervo danificado e agora entorpecido pelos golpes violentos. Os cortes são profundos, Lucy. Tão profundo que seu corpo está ficando fraco de pura agonia. Você está se perguntando como vai sobreviver ao que planejei para você a seguir.

Eu puxei meu cinto e deixei minha calça cair no chão. O medo de Boston por Lucy, o terror que ela segurava enquanto seus olhos ficavam grudados em seu rosto machucado ... Eu queria saber o que ela devia estar pensando e sentindo. As perguntas e luxúria colidiram dentro de mim, me endurecendo tanto que meu pênis doeu mais do que em anos.

Tirando meus sapatos, tirei minhas calças, deixando minha gravata e camisa seguirem. Lucy estava começando a se debater. Os soluços estavam vindo agora, quer ela quisesse ou não. Abri a gaveta e retirei um saco plástico e um preservativo. O impacto do fechamento da madeira fez sua cabeça virar para o lado.

—O que é isso? O que v....ocê está fazendo?

Minha canela afundou no colchão, e ela mudou sob meu peso enquanto eu subia e traçava a correia preta espessa que restringia suas pernas. De onde ela estava de joelhos, descansava apenas no topo de suas panturrilhas, segurando-a. A parte superior de seu corpo balançou para a frente nas algemas enquanto ela tentava se afastar de mim.

Abrindo o pacote, coloquei a camisinha, não dando tempo para ela decifrar meu próximo movimento. Avancei, deslizando a bolsa pela cabeça e apertando com força enquanto a puxava de volta contra o meu peito. Gritos abafados apertaram o plástico contra sua boca aberta. A luta foi muito real e muito revigorante quando eu deixei seus braços se debaterem com veemência.

—Olha, Lucy, - eu disse, balançando a cabeça e apertando meu aperto para enfatizar meu controle. —Você se vê morrendo? Você vê sua vida escapando a cada respiração que você *não consegue* respirar?

A sucção veio mais rápida - uma cadência de respirações sufocadas em pânico. Dentro e fora, a bolsa afundou em sua boca, apenas para ser soprada de volta aos lábios. Os olhos rolaram enquanto ela tentava resistir. E eu deixei, até ter certeza de que ela não podia esperar mais um segundo. Rapidamente, puxei a bolsa pela cabeça, deixando-a engolir em seco e tossir. Seu corpo ficou fraco e ela caiu para frente a menor quantidade possível.

—É isso aí. Agora procure suas emoções. Você sente esse alívio? Gratidão mesmo? Você é grata pelo oxigênio, mesmo que tenha sido eu quem permitiu você respirar, vê o que sua mente está fazendo? - Em seu olhar refletido de horror, minha cabeça balançou. —Talvez ainda não. Vamos tentar novamente e ver se você consegue.

—Não!

Eu a prendi na bolsa novamente antes que ela pudesse se preparar. Meus bíceps flexionaram e meus punhos cerraram ainda mais apertados em torno de sua garganta enquanto eu segurava sua forma agressiva contra mim. Ela estava lutando muito. Fazendo tudo o que podia para tentar quebrar meu aperto. O tempo passou enquanto eu olhava para nós no espelho.

Eu: musculoso, bronzeado, bonito ... sem expressão.

Lucy: olhos esbugalhados, boca aberta com o saco sugado, rosto vermelho escuro ... petrificado.

Éramos noite e dia. Assassino e vítima. Vida e morte.

Meu pênis se contraiu e puxei a bolsa, deixando-a raspar o ar para cada grama de oxigênio que seus pulmões podiam aguentar.

Sem palavras - sem aviso.

Enganchando meu braço em volta de sua cintura, agarrei meu pau e violei a entrada apertada de sua bunda. Eu não bati para frente. Eu não me enterrei em uma picada rápida e agonizante. Eu a fiz sentir cada centímetro enquanto mantive um ritmo constante de rasgar os músculos já rasgados.

O barulho das correntes encheu a sala quando ela soltou gritos roucos. Os sons apenas alimentaram o monstro dentro de mim. Meus olhos permaneceram no reflexo de seu rosto. Em cada micro expressão enquanto eu puxava sua bunda ainda mais para baixo com meu antebraço.

—Por favor! Deus por favor!

O vermelho havia muito passado de suas bochechas. Uma palidez estava assumindo enquanto ela tropeçava em suas palavras. O sangue drenou ainda mais de sua pele quando sua mente começou a se desligar do trauma.

—Você não vai desmaiar, - eu disse, me retirando, apenas para me aprofundar mais. —Você não vai desmaiar, porque se o fizer, a próxima coisa que vai foder sua bunda é a minha faca. Observe-nos no espelho, Lucy. Veja o que posso fazer por você. *Observe o que você acaba fazendo consigo mesmo.* Você disse que eu estava doente. Você foi tão corajosa. Mas a sua coragem está chegando ao fim, não é? Você já implora. Sua mente está traindo você, e você está quebrando sob meu poder.

—Pare. EU-

Lucy engasgou, e só então eu bati meu comprimento nela. O choque de dor fez seu corpo travar e enquanto seu cérebro se confundia com todos os diferentes sinais. Quando ela pareceu se ajustar ao meu pênis, abracei meus braços ao redor dela com força suficiente para atrapalhar seu processo de pensamento ainda mais.

—Lá vamos nós, - eu disse, começando a empurrar. —Você não vai desmaiar, não vai perder um único momento do que eu quero fazer você passar, vai aceitar cada polegada. - Meu nariz esfregou ao longo do lado de seu pescoço, e ela choramingou entre os gritos. A maciez me fez deslizar para dentro dela mais facilmente. *Sangue*. Havia muito.

Eu gemi, girando meus quadris e me perdendo com o que vi e senti. Eu tinha a Lucy de Boston. Ela estava aqui, e eu estava fodendo com o que ele passou toda a sua vida querendo – matando-a.

Meus músculos se contraíram com meus movimentos. Minha bunda apertou quando eu mergulhei, e apertei em torno dela com tanta força que ela estava começando a gritar novamente. Talvez eu estivesse quebrando suas costelas. Talvez seja exatamente o que eu queria fazer. Minha própria mente estava gritando por mais. *Mais.* Eu queria destruir tudo que o havia destruído. *Me destruiu.* Eu vivi meus pacientes. Morto por eles por persuasão.

Mais rápido, eu empurro, vendo-o. Nos vendo juntos. Estávamos conversando sobre sua última vítima na época. Os detalhes dos homens que ele massacrou vieram claramente. Eu observei suas expressões. Seu sorriso lindo e perfeito. Sua felicidade em liberar o que eu desejava viver.

—*Você deveria ter visto ele sem o lábio inferior, Dr. Patron. É onde ele bateu nela, -acrescentou Boston. —Seu lábio. Então, demorei a serrar o dele. O sangue em seus dentes expostos enquanto ele me implorava para poupar sua vida ... Eu nunca senti tanta paz. Foi quase lindo, se isso faz sentido.*

Um gemido retumbou em minha garganta. Isso fez sentido para mim. Eu vi isso. Não com Boston, mas de uma mulher que eu tinha tomado uma década antes. Não havia nada que eu não tivesse feito na forma de tortura ou desmembramento. As memórias se moldaram juntas, tornando-se uma, tornando-se algo tão grandioso que meu pau inchou. Eu me tornei Boston, e ele estava parado sobre o corpo nu da garota, como eu havia feito muito antes. Seu lábio balançou em meu dedo enquanto eu apertava a carne rechonchuda. Mas eu não era eu - era ele. Meu cérebro encharcou com a pressão que eu adicionei. Memorizei a textura exata e como ela recuou sob a compressão dos meus dedos.

—Porra. Porra. - Minha mão apertou o seio de Lucy e eu puxei para fora, acariciando a camisinha com sangue enquanto meu esperma enchia o látex ao

meu redor. Era o paraíso..., mas não o suficiente. Lucy não tinha muito tempo, nem eu, se quisesse que meu plano funcionasse. *Boston*. Ele era a chave para eu fugir com isso. E ele me ajudaria mesmo sem saber.

Capítulo 8

Detetive Casey

—Hematomas graves no rosto e pescoço. - Minha cabeça inclinada, vendo o corpo espancado da garota esparramado de lado. Suas pernas estavam abertas, uma levantada em direção ao peito. Eu me agachei, movendo o brilho da lanterna ao longo de suas costas. —Lacerações graves. Mais hematomas. Ela foi atingida por algo ... magro ... e muito. Alguns parecem velhos, outros novos.

Apertando os olhos, cheguei mais perto, trazendo a luz para seus quadris, e depois abaixei.

—Tudo o que ele usou para bater nela, ele fez todo o caminho até a parte de trás dos joelhos. Há danos consideráveis. — Minha cabeça balançou enquanto eu torcia meus lábios. —Vou tentar adivinhar as contusões, ela foi abusada sexualmente. Jesus.

Diego se agachou ao meu lado.

—Ela se encaixa na descrição de Melanie Ways. O cabelo longo, escuro e ondulado, cor da pele, sardas, constituição. Seus olhos estão faltando. Todas as três meninas tinham olhos verdes.

—Eu sabia que você pegaria isso também.

—Eu não quero dizer isso.

Eu levantei uma das minhas sobrancelhas. —Você nunca faz. Não vamos dizer isso em voz alta ainda. Talvez ela seja a única.

Diego levantou-se, gemendo enquanto esfregava a mão na cabeça calva. —Ignorar os fatos não vai nos ajudar, Casey. Nós dois sabemos no que estamos prestes a entrar. Três meninas. E a garota de Adams foi levada à força. Ela não é apenas uma fugitiva. A merda está prestes a atingir o ventilador. Eu posso sentir isso. Droga, estou ficando velho demais para essa merda.

—Do que você está falando? Você tem mais uns bons vinte anos disso pela frente. Ele riu sarcasticamente e eu me levantei, sentindo minha própria idade afundar. Diego era uns bons dez anos mais velho do que meus trinta e sete, mas depois do que eu passei, com certeza me sentia mais velha.

—Anna chegou cerca de cinco minutos atrás.

—Oh sim? - Olhei para o beco em direção à viatura e à fita da polícia. —Como você sabia disso? Você não seria capaz de vê-la daqui.

Diego fez um gesto com a cabeça para um grupo de oficiais que estava a poucos metros de distância. —Um deles me disse que está perguntando por você. Pensei em deixar você terminar antes de dizer qualquer coisa.

—Obrigado.

Eu saí, indo para o beco escuro. O sol nasceria em breve. Devia ser quase cinco horas agora. Quanto tempo eu a esperei voltar? Horas ... Ela acabara de sair do quarto de hotel de Boston Marks? O pensamento revirou meu estômago. Nunca fui bom em lidar com o ciúme. Embora eu soubesse que provavelmente nada tinha acontecido nada entre eles, não podia ignorar a possessividade ou o amor que ainda sentia por ela.

Uma pequena multidão de pessoas estava reunida quando fiz a curva. Apesar de todos eles, só vi uma pessoa. E foi imediato. O cabelo loiro estava preso para trás, e ela usava uma calça e uma blusa branca. A maquiagem natural definiu sua beleza. Não havia rabo de cavalo ou calças de corrida. Ela estava trabalhando, pura e simplesmente.

—Detetive.

Anna baixou o café de seus lábios, correndo em direção à calçada enquanto eu me aproximava do prédio. Um dos policiais a deixou passar ao meu aceno.

—Braden, - ela suspirou em um tom temeroso. —Diga que não é ela. Não é Lucy Adams, é?

Eu examinei a multidão antes de olhar para suas profundezas marrons. —Você sabe que eu não posso te dizer nada.

—Isto é para mim. Não a estação de notícias. *Por favor.*

Uma exalação profunda me deixou enquanto eu balancei minha cabeça. —Não é ela, mas pode ser em breve se não encontrarmos essa pessoa.

—Um serial killer então?

—Eu não disse isso. Você precisa de mais de um corpo para chamá-lo assim.

—Você sabe o que eu quero dizer. Braden, seja honesto comigo. Foi uma das outras meninas? Eles foram ... torturados? - Ela engoliu em seco, limpando a franja que escapava dos alfinetes. —Quão ruim foi?

—Ruim. Vamos deixar assim. Este não foi um ato de violência aleatório. Ele demorou.

—Deus. Boston. Ele já está tão chateado com isso. Depois que ele ouvir sobre essa garota, ele não vai aceitar isso bem. Temos que encontrar Lucy e a outra garota.

As sobrancelhas de Anna se arquearam com o meu silêncio, e eu não pude controlar a pontada de ciúme por seu nome. Ela facilitou o café extra para frente, momentaneamente me acalmando. Minha carranca se aprofundou quando eu peguei. Em vez disso, coloquei meu foco nela. Houve cuidado comigo. Estava na

expressão que ela manteve enquanto olhava para cima. Levei um momento para forçar as duas palavras que eu sabia que deveria estar dizendo.

—Obrigado.

—Não é necessário agradecer. Achei que você estava cansado e eu sei quantas vezes você acampa na frente da minha casa. Você precisa ter uma boa noite de sono.

—Não é tão fácil.

—Estou bem, Braden. Realmente eu posso cuidar de mim.

Isso era discutível, mas eu não queria discutir. Tomei um gole do café, mudando de assunto. —Estar lá, dentro da nossa casa, foi bom. Parece o mesmo. Você ainda tem nossas fotos. Achei que você poderia tê-los jogado fora.

O olhar de Anna caiu. —Eu pensei sobre isso. Eu simplesmente não consegui. Como está o Bullet?

Mais tristeza veio ao pensar no cachorrinho que compramos. Ele não era mais um cachorrinho. A mistura de Labrador tinha metade do tamanho dela agora.

—Ele é bom. Ele fica com meu vizinho Joe, quando trabalho ou sou chamado.

—Você sabe que poderia trazê-lo para mim. Ele é meu também.

—Anna.

—Sou perfeitamente capaz de cuidar do Bullet quando você não pode, sou melhor do que você pensa que sou e mais forte.

—Eu nunca duvidei da sua força. Nem uma vez.

—Então pare. - Sua voz ficou mais leve no final. —Você está se esgotando. Se você está determinado a cuidar de mim, faça isso do meu sofá. Pelo menos eu sei que você vai dormir. - Sua mão empurrou em seu bolso apenas para agarrar a minha enquanto segurava a chave entre nossas palmas. —Essas são as minhas condições se você pretende continuar assim e você deve saber, Boston fará um apelo por Lucy hoje. Achei que você deveria ouvir isso de mim primeiro, se ainda não ouviu do capitão. Boston perguntou se estava tudo bem na noite passada e eu disse a ele que sim. Ele quer fazer todo o possível para ajudar a encontrá-la, e não posso negar isso a ele.

Novamente, as palavras não viriam, nem os avisos. Tudo que eu pude fazer foi acenar.

—Detetive Casey.

Olhei para o policial a poucos metros de distância, depois me virei para Anna enquanto colocava a chave no bolso. —Eu tenho que ir. Seja cuidadosa. Oh ... e Bullet adoraria ver você. A porta à esquerda do meu apartamento e do meu vizinho Joe sabe quem você é, vou informá-lo para deixar Bullet ir com você sempre que você vier.

No meu passo para trás, a mão de Anna avançou para pousar no meu braço. —Eu sei como isso é difícil para você. É difícil para nós dois. Nosso passado ... - ela parou, seguindo uma rota diferente. Eu sabia a quão brava ela ficava ao falar sobre isso. —Podemos nunca mais estar juntos, mas isso não significa que não podemos ser amigos.

Outro passo para trás da minha parte. —Nunca fomos bons amigos, Anna. Não tínhamos autocontrole suficiente para isso. Eu não. *Eu não posso*. Eu quero ser mais do que amigos.

O zumbido de vozes da multidão crescente girou em minha cabeça, mas não ouvi nada. Nada além da minha própria voz ecoando no fundo da minha mente. *Por quê? Por quê?* Muitos por que. Por que você amaria alguém que não poderia ter? Por que meu coração não conseguia deixá-la ir? Ela queria que eu fizesse. Ela queria que terminássemos dessa forma, mesmo que fosse boa o suficiente para me oferecer seu sofá. Isso não era amor, no entanto. Não é o tipo que eu queria. Não o tipo que eu esperava que ela estivesse insinuando antes.

Diego deu um tapa contra um dos ombros do oficial quando ele passou, indo ao meu encontro quando entrei de volta no beco.

—Olhe para cima e me diga o que você vê.

Meus olhos se ergueram, examinando os topos dos edifícios. Eu estava prestes a não dizer nada, até que meu próximo passo me trouxe logo após uma saída de incêndio.

—Câmera.

—*Sim*. É para o apartamento do proprietário no andar de cima de sua loja. Supostamente, a casa dele foi arrombada duas vezes daquela janela há alguns meses. Ele colocou uma câmera para o caso. Ele está se vestindo agora.

—Excelente. Você acha que há uma chance de que estivesse gravando quando o corpo foi despejado?

Diego deu de ombros, perdendo um pouco do brilho. —Eu não sei. Foi há meses, e se tudo o que ele quisesse era assustar algum amador, a câmera poderia ter funcionado.

—Esse é o meu medo. Algo mais?

—Nenhuma testemunha até agora. Ninguém viu nada. Existem as câmeras de trânsito. Eles podem levar a algum lugar.

—Vamos torcer.

Eu tomei outro gole de café, continuando a observar os arredores por qualquer coisa que possamos ter perdido. Sem nota. Sem arma. Sem testemunhas. Apenas um corpo com uma declaração que compensava os três. *Seus olhos perdidos*. O que isso quer dizer ou significa? Talvez este não fosse um assassino em série. Talvez falasse que ela viu algo que não deveria. Talvez ela

tenha sido testemunha de um crime. Ou talvez fosse mais íntimo e ela estivesse de olho em alguém que não deveria. As possibilidades eram infinitas. Se eu soubesse de alguma coisa, sabia que chegaria ao fundo da questão.

****

—Espera espera. Volte.

Inclinei-me sobre o ombro de Diego, apontando para o homem de preto enquanto ele jogava o corpo da garota por cima do ombro. Ele estava vestindo calça preta, um moletom preto e uma máscara de esqui. A qualidade da câmera não era muito boa, mas não impediu a pequena partícula de luz refletida. Estávamos revisando a filmagem pelo que eu tinha certeza que eram horas. Até agora nada. Nada, mas isso.

—Ali, observe quando ele se vira. Algo caiu de seu moletom. Um colar ou algo assim.

O homem se virou e meu dedo apontou para a tela. —Congele e aumente o zoom.

—Já estou trabalhando.

Diego mexeu com o mouse, ampliando a imagem para centralizá-la no colar.

—O que é isso? - ele murmurou, se aproximando.

—Através? Uma letra? -Apertar os olhos não ajudou e nada, eu coloquei minha mão em meu quadril, balançando minha cabeça enquanto me endireitava. —Meu melhor palpite é uma cruz, mas não posso ter certeza é pequeno muito pequeno. Comece de novo, vamos assistir de novo.

Peguei meu telefone, batendo o número do outro detetive responsável pelo caso.

- Eu estava prestes a ligar para você, Casey. Vocês têm alguma coisa?

Minha cabeça balançou com a pergunta do detetive Wade, embora ele não pudesse me ver. —Talvez, mas eu não bancaria nada. Parece que ele está usando um colar. Uma cruz ou algum tipo de símbolo ou letra. Cai do moletom quando ele coloca a garota no chão. O que você tem?

—Estamos na loja do outro lado de onde você está no beco. Um caminhão, luz colorida. Isso para, e ele a tira da cama. As placas são cobertas. Nada de distinto nisso. O modelo é comum. Pode ser um veículo de trabalho, pode ser pessoal.

—Merda. - Meus lábios se apertaram quando Diego começou a reproduzir o vídeo. —Me ligue se você pegar mais alguma coisa. Estamos prestes a terminar e voltar para a delegacia.

—Parece bom. Está no papo. Vão para casa e durmam um pouco.

—Vai fazer.

Eu desliguei, apenas para bocejar. Era como se suas palavras tivessem meu corpo exausto pronto para desligar. Peguei o café, engolindo o resto do líquido frio.

—Nada mais. Vou fazer uma cópia e depois podemos analisar. Eu mal consigo me concentrar no que diabos estou vendo. Eu sabia que deveria ter dispensado a festa do DJ.

Uma risada me deixou antes que eu pudesse me conter. Diego me lançou um olhar furioso enquanto continuava pressionando os botões.

—Grande noite?

—Não, Casey.

—Achei que você aprendeu com o ano passado. Você ficou doente por três dias por causa do desafio da bebida. As festas do policial Reilly não são algo de que você comparece se planeja trabalhar na semana seguinte.

Um zumbido se seguiu, mas ele permaneceu em silêncio enquanto terminava. Quando ele se levantou e começamos a sair, seu tom caiu.

—Garotas bonitas. Eles valem a pena a ressaca.

Outra risada sacudiu meu peito. —Você nunca aprende.

—Não. Se elas são tão bonitas, eu nunca quero.

Uma voz familiar fez meus pés desacelerarem. Olhei por cima do ombro para a televisão. Nosso capitão estava se afastando quando seu lugar foi tomado no pódio.

Meu nome é Boston Marks. Esta é minha namorada, Lucy Adams. Ela foi levada ontem. Estou implorando a qualquer um que a tenha visto, por favor, contate as autoridades. Eu sou tudo que ela tem. E Lucy ... ela é tudo que tenho. Eu amo-a. Eu estou te implorando, por favor, se você sabe de alguma coisa, venha. Uma pausa. —*Lucy, baby, eu te amo. Eu vou te encontrar, eu prometo.*

A mandíbula de Boston refletiu repetidamente enquanto as lágrimas corriam pelo seu rosto. Segundos se passaram antes que ele respirasse fundo.

Se a pessoa que fez isso está assistindo, estou pedindo a você, por favor, deixe-a ir. Por favor. Lucy não merece isso. Ela é a mais gentil, mais doce ... Deixe-a ir ... agora ... ou então me ajude, você gostaria de ter feito.

—Filho da puta, - Diego suspirou. —*Há* um lado do amante que não vimos. Você viu isso, Casey? Mandou arrepios na minha espinha. Aquele olhar. Esses olhos ... eu não sei sobre aquele.

Anna estava repentinamente no quadro ao lado do palco. Meu estômago se revirou enquanto eu seguia Diego para fora. —Boston Marks não é o que precisamos nos preocupar, é este assassino. Pelo jeito que ele tinha, eu

provavelmente usava o mesmo quando Anna foi levada. Ele quer que a mulher que ama seja devolvida. Ele é um lutador, e foi isso que você viu.

—O que eu vi foi um homem ameaçando a vida de quem a levou.

—Ele é emocional. Eu era do mesmo jeito. Se não fosse você me acalmando, Deus sabe o que teria saído da minha boca.

—Você não é assim, no entanto. - Ele fez uma pausa enquanto descíamos as escadas e saíamos pela porta da frente. —Aquele ... Boston ... ele não é como você. Há algo dentro dele. Eu posso sentir isso. Eu senti isso desde o primeiro momento em que o vi. Eu não sei, Casey. É algo que não consigo identificar.

Capítulo 9

Anna

—Eu não deveria ter feito isso. Eu não consegui me conter. - Boston passou os dedos pelo cabelo enquanto caminhava ao meu lado. —Eu quero Lucy de volta, eu só a quero de volta, e se ele ... se ele a tocar. Se ele a machucar ...

Tentei afastar o que sabia da garota que encontraram esta manhã. Braden disse que era ruim. Para ele dizer isso, eu só poderia imaginar o pior os detalhes não foram divulgados, então não estava circulando na mídia ainda, mas eu sabia o que todo mundo logo saberia: havia um assassino lá fora, um dos quais os moradores de Rockford podem ter que se proteger - um ... eles podem ter bom motivo para temer.

—Me escute. Nós vamos encontrá-la agora que a foto de Lucy está circulando, as pessoas vão cuidar dela também.

—Eu tenho que ir o voo da minha mãe.

—Boston?

Nós dois olhamos para a voz profunda. Um homem mais velho com uma expressão preocupada se aproximou, envolvendo os braços em torno de Boston.

—Vim assim que pude, como você está?

—Nada bom, agora aliviado por você estar aqui. - Boston se afastou, levantando a mão em minha direção. —Este é o Dr. Patron um amigo da família, estava na área a trabalho. Dr. Patron, esta é Anna Monroe ela tem me ajudado a procurar Lucy.

O homem de cabelo branco apertou minha mão. Ele estava vestido com um terno caro e eu não pude deixar de notar como ele estava em forma. Seus ombros eram largos e seus bíceps pareciam quase grandes demais para as mangas em volta deles. Embora sua aparência fosse impressionante, algo perturbador me fez estudá-lo mais de perto. E eu não fui a única ele estava tentando me ler também.

—Estou tão feliz por Boston ter alguém aqui para ajudá-lo durante este período trágico - Ele fez uma pausa, suas pálpebras baixando ainda mais. —Sinto muito, você me parece muito familiar *Anna Monroe*, eu conheço esse nome.

—Você está na área com frequência? Talvez você tenha me visto no noticiário. Sou repórter.

Hesitação, e isso me fez prender a respiração.

—Estou apenas em Chicago, apenas todos os meses durante um fim de semana ou algo assim. Uma repórter? - Ele olhou para Boston, mas voltou para mim. —Não ... eu conheço você de ... - Seu olhar escaneou enquanto ele parecia pensar, parando na minha mão esquerda. Eu rapidamente retirei meus

dedos. —Notícia. Sim. Aposto que é isso. Eu sinto muito. Normalmente sou muito bom em reconhecer alguém, se já o vi antes.

—Está bem. Acontece. Você é médico?

Com a minha pergunta, ele sorriu. —Psiquiatra, atendo no meu consultório particular agora, mas trabalhei com o FBI por um tempo na minha juventude. Essa era outra vida.

—Oh. Uau! Tipo... perfil? Esse tipo de coisas?

—Você poderia dizer isso.

Eu olhei para Boston, sentindo uma faísca de esperança. —Isso é ótimo. Então você pode nos ajudar. Boston e eu estávamos conversando e descobrindo maneiras de ele se lembrar de algo que viu ou ter uma ideia se conhecer alguém que queira levar Lucy.

—Ela está certa. Anna teve ótimas ideias. - Boston parecia confuso enquanto olhava para o médico. —Eu não sabia que você trabalhava para o FBI.

—Como eu disse, foi há muito tempo.

—Mas você traçou um perfil para eles. Você poderia nos ajudar.

—Boston. - Dr. Patron se mexeu quando ele olhou para ele. —Eu pretendo ajudá-lo no que puder, mas talvez devêssemos conversar sobre isso mais tarde. *Em um ambiente mais privado.*

Imediatamente, seu olhar veio até mim. Ele não queria que eu fizesse parte disso. Eu podia ler sua inquietação como um livro, mas não gostei.

—Posso ser uma repórter, Dr. Patron, mas o que acontece entre mim e Boston permanece lá. Dei minha palavra de que o que descobrirmos não será compartilhado com meu empregador. Quero que Lucy seja encontrada tanto quanto qualquer pessoa.

—Hein, Monroe agradeço por querer ajudar Boston, mas acho que é melhor deixar isso para as autoridades cuidarem. Se você nos der licença, acredito que a mãe dele chegará em breve, e realmente deveríamos estar indo para o aeroporto.

A mão do Dr. Patron pousou nas costas de Boston, mas ele não se mexeu enquanto o médico tentava conduzi-lo para longe.

—Anna estava lá comigo, quando ninguém mais estava ela ficou comigo quase a noite toda. Suas ideias, seu insight, são vitais. Ela é esperta. Ela é ... - Ele segurou o olhar do médico, parando para olhar para mim enquanto parecia lutar contra algo. —Anna, posso contar a ele sua história? Ele tem que ver por que eu confio em você.

Meu desconforto aumentou com o aceno relutante.

—Você se lembra do assassino de Rock River?

O médico permaneceu impassível. —Estou muito familiarizado com o caso.

—Anna foi sua última vítima. Ela o matou depois de meses sendo torturada. Ela sabe o que é estar do outro lado. *Lado de Lucy*. Eu preciso dela comigo, Dr. Patron. *Eu preciso dela.*

Um olhar vazio foi lançado em minha direção. Estava ilegível. Completamente sem emoção. E isso desencadeou minha outra identidade - o assassino: Annalise. Minhas paredes dispararam e a defensiva fez com que a raiva borbulhasse através da confusão que esse médico provocou.

—Eu pensei que você era assim. O dedo. Trouxe tudo de volta. - Ele olhou para Boston. —Você confia nela. Mas ela disse quem mais ela é?

Meu coração bateu forte contra meu peito.

—O que você quer dizer? Anna?

Eu abri minha boca, mas nada saiu. Meu silêncio fez os próprios lábios do médico puxarem para trás. —Eu trabalhei no caso de sua mãe. Fui eu e um ex-colega que conduziu os agentes em sua direção. É por isso que Rodney Turner levou você, correto?

Boston olhou entre nós, confuso. —Eu não entendo.

—Você faria se tivesse toda a sua memória. Anna Monroe não é senão a filha da Assassina de Madison Ridge. Ela ajudou a mãe a matar inúmeras mulheres quando era criança. Uma dessas mulheres estava ligada a um homem que se autodenominava *Ninguém*. Anna, aqui ajudou a matar a mulher que deveria ser sua madrasta. Ele interpretou a perda como uma desculpa e a usou como motivação por quem ele realmente era. Ele não começou a cometer seus crimes por causa da dor real da perda. Eu duvidava que ele se importasse com a mulher, mas você não ouvirá nada disso nas notícias porque, mesmo agora o FBI não foi capaz de fazer essa conexão eu por outro lado, tenho como conectar. Apesar de tudo, Anna pode ter motivos próprios para ajudá-lo. Diga-me, Sra. Monroe, como estão os desejos? O que exatamente ninguém fez você fazer uma vez que você era dele? Ele teve outras vítimas enquanto você foi capturada. Você ajudou? Essas garotas se encaixam no seu perfil, não no dele. Você matou aquelas garotas que ele escolheu só para você?

Meus olhos se estreitaram pela raiva - pela leve pontada de culpa que minha mente me disse que eu deveria sentir. Acima de tudo, tudo que consegui foi a luxúria distorcida que não deveria ter sentido.

—Rebecca Ann Fowler, - Boston sussurrou. —Lembro-me dela. Deus, eu ... me lembro da história e as novidades. Isso é o que o detetive Casey quis dizer com mentes criminosas pensam da mesma forma, claro.

—Boston, eu posso explicar. A garota que eu costumava ser - a pessoa que *Ninguém* sequestrou -

—Ainda está lá, - disse Boston, me interrompendo. —Você é uma vítima e uma assassina. Eu vi, eu vi e não consegui identificar, mas sabia que podia confiar em você.

—Eu sinto muito? - Eu dei um passo para trás, olhando entre os dois homens. —Vocês dois estão errados. Eu não mato, eu não matei ... você me confundiu com algo que não sou.

—Oh, não estamos nem um pouco confusos, - disse Patron. Aproximando-se. —Eu sei coisas que a imprensa não sabe. Eu sei pelo estado dos corpos daquelas meninas que foi você que os mutilou. Também sei que você arrancou o coração daquele homem e o despedaçou quando ele tentou tomá-la pela segunda vez. Exatamente como você fez quando o FBI a pegou como uma menina. Você se comprometeu naquele hospital psiquiátrico para tentar escapar de quem você é. Mas nós dois sabemos a verdade, não é, Sra. Monroe?

Minha cabeça balançou e me virei para sair. Boston correu na minha frente antes que eu pudesse dar mais do que alguns passos. Cativação e algo totalmente desconhecido encheram seu rosto.

—Anna, por favor, eu preciso de você. *Lucy precisa de você*. Estou convencido de que se alguém pode encontrá-la, é você. Você conhece os dois lados. Você pensa das duas maneiras.

—Você ouviu este médico. Você tem alguma ideia de quem você estava antes? O que eu fiz? Você não tem medo?

Boston riu baixinho. —Nem um pouco. Você pode vir a ver que temos mais em comum do que você pensa.

—*Boston*.

Nós dois examinamos o aviso no tom do médico, mas Boston voltou para mim. —Quanto posso confiar em você, Anna? Você pode guardar segredos? Para o túmulo?

—*Boston, chega.*

Eu mergulhei em suas palavras - sua ameaça latente, ignorando o médico. Havia mais coisas acontecendo em Boston do que ele estava me dizendo. Mas quanto mais? Quem era esse homem, *realmente*?

—Para o túmulo, - eu disse, mantendo contato visual. —Eu disse a você desde o início que queria ajudar.

—E eu preciso disso. Tive medo de contar mais sobre mim por causa do que você pensaria, mas se vamos encontrar Lucy, não posso conter nada. Você vai ouvir coisas de que provavelmente não vai gostar. Você pode até me odiar quando souber a verdade, mas estou disposto a arriscar que isso signifique trazer Lucy para casa. Só espero que meus medos não sejam validados. Talvez você entenda. Talvez você seja a única que vai.

—Você está cometendo um erro, - disse o médico em um tom cortante.

—Não há erros se isso ajudar a encontrar Lucy.

Suspirei, não gostando de onde isso estava indo ... *não gostando do Dr. Patron.* —Você me pediu para ir com você. Devemos ir para o aeroporto? Nesse caso, tenho que avisar a redação que não poderei atender chamadas.

—Sim. Obrigado, Anna.

Eu balancei a cabeça, descartando como o médico estava quase andando na minha visão periférica. Os cabelos da minha nuca estavam arrepiados. Meu coração continuou pulando no ritmo. Talvez fosse sua atitude sabe-tudo, ou a maneira como ele se comportava como se soubesse cada segredo meu ... cada movimento meu antes de fazê-lo. Independentemente disso, eu estava aqui por Boston. Ele e Lucy precisavam de mim e eu precisava disso também.

—Se você me der licença, - eu disse, puxando meu telefone. —Isso não vai demorar muito.

Boston se virou, caminhando até o Dr. Patron enquanto a voz de Carley ecoava pela linha.

—Ótima peça antes, Anna. Acho que Davis está com ciúmes.

Meu lábio puxou para trás em desgosto com a menção de seu nome que ele fique com ciúmes, seria bom para ele ficar fora dos holofotes pelo menos uma vez. Além disso, ele não deveria estar planejando suas férias ou algo assim?

—Isso é exatamente o que o Sr. Rice disse a ele. Mais alguns dias e ele partirá para as Bermudas bastardo sortudo.

—De fato. - Eu fingi rir. —Bem, se você quiser, jogue minhas histórias no caminho dele. Tenho que tirar o resto do dia. Não estou me sentindo muito bem. Você pode avisar o Sr. Rice?

—Coisa certa. Sinta-se melhor logo.

—Vou tentar.

Eu abaixei o telefone, batendo o número de Braden enquanto olhava para Boston e o médico. Eles pareciam estar conversando e nenhum parecia muito feliz com isso.

—Anna.

Meu sorriso era genuíno. —Braden. Como você está?

—Cansado. Poderia ser melhor, na verdade estou voltando para casa para dormir algumas horas como você está?

Fiz uma pausa, afastando-me mais enquanto fingia agir com naturalidade. —Estou bem, eu acho. Estou aqui com Boston um médico apareceu, amigo da família dos pais de Boston, eu acho. Ele diz que é psiquiatra. Até disse que trabalhou para o FBI uma vez. Ele ... ele sabia coisas sobre mim, Braden. Ele

sabia sobre o caso da minha mãe. Sobre coisas daquele último dia com *Ninguém que* ele não deveria saber. Eu não gosto dele.

O silêncio me fez olhar de volta para os homens.

—Qual o nome dele?

O protecionismo na voz de Braden tinha uma calma reconfortante transparecendo. —Dr. Patron. Não estou dizendo que ele tem algo a ver com Lucy. Eu duvido muito. Eu só, eu não sei. Há um sentimento com ele que não consigo explicar.

—Tente não se preocupar muito. Quando eu voltar ao trabalho mais tarde, irei procurá-lo. Estou feliz que você me disse. Ele mencionou quando chegou?

Seu lado detetive estava começando a aparecer, e meus sentimentos por ele vieram à tona ainda mais. —Ainda não, mas posso descobrir. Estamos prestes a sair para pegar a mãe de Boston. Posso falar com ele então.

—Você vai com eles?

Foi a minha vez de ficar quieta. —Boston realmente me quer lá.

—É claro que ele quer, - ele mordeu fora, apenas para acalmar seu tom. —É um pouco estranho, eu diria, mas tanto faz. Se você encontrar alguma coisa, ou precisar de mim, ligue.

—Eu não vou. Você precisa dormir. Ligue-me quando estiver acordado. Tome cuidado, Braden.

Eu desliguei, deixando escapar um grande suspiro. Eu coloquei um sorriso falso no rosto e voltei para eles.

—Feito. Eles vão me cobrir pelo resto do dia.

—Excelente. Que tal a noite?

—A noite? - Eu repeti.

A sobrancelha do Dr. Patron franziu com a pergunta de Boston, mas ele gesticulou e começamos a andar. Boston não falou novamente até que ele e eu estávamos deslizando para o banco de trás do sedan de luxo.

—Estive pensando, Anna. Você conhece este lugar melhor do que ninguém. Você conhece os bairros e uma boa quantidade de moradores. Inferno, você cobre as notícias. Você tem contatos no departamento de polícia. Pensei que enquanto o Dr. Patron ocupasse minha mãe, poderíamos montar um mapa. Você pode me mostrar onde estão as áreas boas e as ruins. Você pode me dizer tudo o que há sobre esta cidade. Talvez, ao vê-lo disposto dessa forma, você pense em algo que possivelmente não percebeu. Uma história recente ou uma conversa sobre um criminoso que não parecia grande coisa na época, mas na verdade é. Você sabe, como as coisas que você me fez pensar sobre as fotos.

Boston se virou mais na minha direção, continuando. —Eu só disse noite porque não tenho certeza de quanto tempo isso vai demorar. Não consigo dormir

sabendo que Lucy está lá fora e possivelmente ... - Ele fechou os olhos, deixando o tempo passar antes de se conectar de volta comigo. —Não vou fingir que não sei o que acontece com as pessoas quando são levadas. Nem todos são abusados ou espancados, mas ninguém pediu resgate e, a cada minuto que passa, ela pode estar passando por algo que a está machucando. Não consigo parar de procurar até que ela seja encontrada. Para começar, preciso de um discernimento. A intuição que só você tem.

—De ambos os lados? A vítima e o ...

—Assassino. *Sim*, - Boston disse, balançando a cabeça. —Com o conhecimento do Dr. Patron, o meu e o seu ... não podemos falhar. Não tem jeito. Somos mais espertos do que essa pessoa, mas nosso tempo está se esgotando. Somos a melhor esperança de Lucy. Não posso explicar, mas posso sentir como isso é certo. Você veio até mim naquele dia por um motivo. Você queria encontrar essa pessoa tanto quanto eu. Agora é nossa chance. Você vai descobrir onde ele está, e quando o fizer, *aquele bastardo é meu.*

—Seu, como? - Nossos olhares se mantiveram pelo que pareceu uma eternidade. Ele não disse uma palavra. Ele não precisava com a escuridão que abrigava. Eu balancei a cabeça, trazendo minha atenção para o Dr. Patron. Ele estava nos olhando pelo espelho retrovisor. —Qual é o seu lugar nisso? Uma distração para a mãe de Boston? Criação de perfil? Ambos?

—Uma vez pensei em entrar em contato com você, Sra. Monroe. Mas vou ser franco. Você é muito instável. Você está além da ajuda porque você não a quer. Se você se importa com o que acontece com Boston e Lucy, acho que seria melhor se você fizesse seu caminho e fosse embora.

—O que foi que eu disse? - Boston moveu-se em direção à borda do assento. —Lucy precisa de Anna.

—Lucy ... *ou você?*

Boston alcançou o assento e enganchou o braço sob o queixo do Dr. Patron, sufocando-o antes que o homem mais velho pudesse reagir. Com a outra mão, Boston puxou contra seu pulso, apertando o firmemente. O carro desviou por duas outras pistas da rodovia, quase atropelando um carro antes que o médico ganhasse o controle. Apesar da situação, ele não parecia em pânico. Não havia expressão alguma.

—Você me empurra. Algo que você nunca fez antes. Vou levá-la de volta.

—Boston. Deixe-o ir.

Olhos castanhos dispararam para mim. —Não até que ele se desculpe. Levá-la de volta! - Boston puxou contra seu pulso até que o rosto do médico ficou roxo.

—T-bem.

Boston o soltou, batendo o punho na parte de trás do assento enquanto o Dr. Patron tossia.

—Eu não posso acreditar que você disse isso. Você sabe o quanto eu amo Lucy.

—Eu também sei como funciona a obsessão e isso não é sua culpa. Pense nisso. Quem é o médico? *Eu.* Quando eu disse que precisava te deixar de castigo, não estava brincando. Você não está bem agora. Sua condição não desaparece simplesmente porque o objeto de sua afeição não está presente. Claro, ele a segue você é compulsivo em tentar localizá-la, mas aqui, agora, você está absorvido em algo totalmente diferente: a Sra. Monroe. A ajuda dela é a sua solução, e para a segurança dela ... - Os olhos do Dr. Patron piscaram para mim no espelho, —ela precisa se afastar de você.

—Anna fica, - Boston ameaçou.

Minha cabeça balançou enquanto eu processava seu argumento. —Obsessão? Tipo, verdadeira obsessão?

O rosto de Boston endureceu quando ele se recostou no assento. —Sim, mas eu prometo que você está segura. Sou obcecado por Lucy desde os 12 anos. Eu ... fiz coisas ... para ter certeza de que ela era minha. Eu matei por ela, e não em legítima defesa. Eu amo-a. Eu a amo mais do que tudo no mundo. Ele diz obsessão. Tanto faz. Deixe-o usar seus rótulos. Tudo o que sei é que Lucy é o meu mundo e para mantê-lo girando em torno dela, vou eliminar qualquer bastardo que estiver no meu caminho.

—Como a mãe dela? O irmão dela? - Eu perguntei com cautela.

—Chega, - Dr. Patron retrucou. —Você não conhece esta mulher. Ela poderia arruinar você. Isso não é você falando, é a sua condição permitindo que você se abra para ela. Mantenha sua boca fechada.

—Eu já te dei minha palavra, Boston. Para o túmulo, lembra?

Sua mandíbula flexionou em seu silêncio pausado.

—Sim. Como sua mãe e irmão.

O punho do médico bateu no painel. Eu não tinha certeza do que pensar da confissão de Boston, ou mesmo da reação do médico. Eu deveria estar enojada ou apavorada, mas não senti nada além de surpresa. Lentamente, peguei sua mão. Sua respiração aumentou, mas ele não se moveu ou se afastou.

—Eu conheço a obsessão, de certa forma. - Minha voz caiu quando me aproximei para que o médico não pudesse ouvir. Boston estava mudando em meus olhos. Me transformando em alguém em quem eu pudesse confiar. Alguém com quem eu poderia me relacionar. Não consegui explicar, mas ele se sentia um amigo. Alguém que eu sempre conheci, embora não conhecesse. Éramos semelhantes e havia consolo para a mulher que não fazia nada além de esconder

seus segredos. Eles me devoraram. Me provocou. —Eu já me senti assim. Eu amei uma garota. Eu a amava como se não achasse possível. Nada importava além dela. Ela foi a primeira coisa em que pensei quando acordei e a última antes de ir para a cama. Ela me consumiu. Meus batimentos cardíacos, minhas respirações, eram tudo para ela.

Mais e mais, os olhos de Boston sacudiram para frente e para trás sobre os meus. —Exatamente. É assim que me sinto por Lucy. O que aconteceu? Você mencionou o detetive, mas nada sobre uma mulher.

Eu fiz uma careta, fazendo uma pausa. —Foi há muito tempo. Eu a encontrei com um menino.

—Você o matou? Eu o teria matado, porra.

Eu balancei minha cabeça. —Ele não.

A surpresa iluminou seu rosto. —*Você a matou*? Aquela que você amou?

—Não deveríamos falar sobre isso agora. - Eu olhei de volta para o médico.

—Ele não dirá a ninguém. É o seu trabalho. Pessoas como nós.

O conflito me deixou quase inaudível enquanto eu continuava. Eu confiei em Boston, mas não neste médico.

—Ela me machucou. Ela me traiu. Eu não estava em meu juízo perfeito. Eu fui destruída até o meu âmago. Não ... destruída não parece uma palavra forte o suficiente. Minha mãe disse uma vez que eu iria me machucar. Que alguém quebraria meu coração. A solução dela foi a única coisa em que consegui pensar durante esse tempo. Isso continuou se repetindo continuamente, alimentando minha dor. *Corte o coração deles, Anna. Coloque-o em uma caixa e tranque-o. Sem um coração, eles não podem amar outra pessoa. O que é melhor é que é seu para sempre. Ninguém pode tirar isso de você.* Tudo que eu queria era o coração dela. O amor dela. E ela deu para outra pessoa. Mas eu peguei de volta. Tornou-se meu para sempre.

A boca de Boston estava aberta e a maneira como ele estava olhando me fez rapidamente soltar sua mão. Obsessão. Sim, eu podia ver agora, espreitando em suas profundezas, envolvendo em torno de quem eu era - o que compartilhamos.

—Você cortou o coração dela. Uau. Isso é ... *perfeito* para o que ela fez. Embora ... - ele ficou quieto, —eu nunca poderia machucar Lucy. Não gosto disso. Mesmo se ela fizesse ... ela não faria. Mas não. Não iria tão longe porque ele estaria morto muito antes de pensar em fazer seu primeiro movimento.

—Nós realmente não deveríamos falar sobre essas coisas agora.

—Não, Boston não deveria, - o médico falou. —, mas eu não me importaria de ouvir mais sobre isso. Eu disse que estava curioso sobre você, Sra. Monroe. Por que você não me fala sobre aquelas garotas que o Sr. Turner trouxe para você

enquanto a mantinha presa em sua casa? Encontrar essa parte de você foi novamente fortalecedor? Cumprir, mesmo que você soubesse que era errado? Ou você havia matado secretamente antes disso?

—Não vai acontecer, doutor. Estou aqui para ajudar. Não me confessar para que você possa tentar dissecar ou traçar meu perfil.

—Não há necessidade de fazer isso. Eu já sei o suficiente. O que você estava sussurrando para Boston? Algo sobre um coração. Você estava contando a ele sobre sua mãe e seu trabalho juntos?

—O que eu disse a ele é entre nós dois. Por que o interesse em quem eu sou ou no que fiz?

—Curiosidade. Embora eu saiba muito sobre sua vida, eu, claro, não sei tudo. Pode ser bom tirar isso de seu peito. Duvido que haja alguém com quem você tenha sido capaz de se abrir.

—Não sou uma pessoa muito aberta e gosto assim. Por que não me fala mais sobre você, Dr. Patron? Por que deixar de trabalhar com o FBI para atender ao mesmo tipo de pessoa que você ajudou a prender? E não finja que não é o que você faz. Sua proteção sobre Boston é genuína e não é por dinheiro, você conhece seus segredos mais sombrios você sabe do que ele é capaz. No entanto, aqui está ele um homem livre e com quem mais ao seu lado? *Vocês.* Um profissional educado nos costumes da lei, para não falar de um clínico geral com mestrado em psicologia. Isso me faz pensar. Quem é este homem que se coloca do mesmo lado dos assassinos, mas foge da oportunidade de ser sua ruína? *Quem é o Dr. Patron.*?

Um sorriso apareceu em seus lábios, mas voltou ao nada quando seu olhar voltou para a estrada. —Você é muito inteligente Sra. Monroe. Surpreendentemente, sim. Meu trabalho à parte, você não gosta de mim, mas não pelos motivos que você pensa, e vou explicar. O que você sente é natural. Você se ligou a Boston em um nível que não consegue entender. Foi quase imediato para vocês dois e, embora as emoções estivessem intensas em ambas as partes por Lucy, não tem nada a ver com ela. Vocês dois são assassinos, os dois sentiram isso antes mesmo de saber. Você subconscientemente se conectou porque seus interesses não entram em conflito. Você pensa o mesmo. Você tem o mesmo tipo de energia. No geral, vocês dois se protegem. Vocês têm um objetivo comum que foi cimentado desde o primeiro contato um com o outro. Adicione-me à imagem e isso interfere na totalidade da situação. Isso *interfere* com seus motivos.

Seus olhos cortaram os meus no espelho por apenas um segundo enquanto ele continuava.

—Você gosta de rotina, Anna. Tanto que qualquer coisa que a iniba pode atrapalhar o seu dia inteiro. A maneira como você está agora: suas roupas conservadoras, sua maquiagem natural - você jogou o papel de parede por tanto tempo, embora não sinta que é quem você é, é a máscara perfeita que a deixa à vontade. Aposto que antes de você conseguir seus contatos, você usava óculos grandes. Não aquelas que te deixavam bonita, mas aquelas que escondiam seu rosto. Também aposto que se eu fosse à sua casa e espiasse seu armário, tudo ficaria um tamanho grande demais. As cores são suaves. Os decotes altos. Seus prazeres culposos, que para pessoas normais estariam pendurados no fundo do armário, estão bem guardados. A tentação que eles representam é um conforto, mas você não é forte o suficiente para encará-los diariamente. Vestidos ousados. Números brilhantes, justos e decotados. Você deseja mulheres, Anna? Você fantasia com elas frequentemente? Batom vermelho. Sombras escuras. Não era isso que você costumava colocar nas vítimas de sua mãe antes de cortar seus seios? Antes de enterrar as suas mãos de garotinha no peito para remover o coração? Abra sua bolsa, pequena Annalise. Mostre-me que não há um tubo vermelho brilhante fechado no bolso interno.

Meu pulso batia forte em meus ouvidos. Eu não conseguia pensar. Mal conseguia falar, mas meu tom era forte e não vacilou. —Quer pegar emprestado, doutor? O tom ficaria ótimo com a sua pele profundamente bronzeada e a cor do seu cabelo. Mas não. Eu estou supondo com o quanto você trabalha, você não é do tipo feminino. Muito pelo contrário, com seus ternos justos, relógios caros e sapatos. *Agora é minha vez.*

Enfiei a mão na bolsa, puxei o zíper do bolso interno e tirei o batom. Eu nem mesmo olhei para a sombra vermelha brilhante conforme ela subia, e a tracei sobre meus lábios. —Você deu as costas à lei para trabalhar com assassinos porque, embora deseje a violência, é covarde demais para cometer o ato. Aposto que você se diverte com as confissões deles. Talvez você fantasie sobre eles e como ajudou cada um de seus clientes a fazer o que a maioria não consegue. Aposto nesse tubo de batom vermelho que você tem um ódio excessivo por mulher. Isso se mostra em seu bíceps superdesenvolvido e em seu deslize por estar reservado. Algo que aposto que você se orgulha. Você provavelmente está se repreendendo por perder seu tempo falando comigo. Por que você está revelando muito quando sabe que não deveria. No entanto, aqui está você, incapaz de se ajudar. Incapaz de me superar, então você se sentirá superior.

Coloquei meu batom de volta na minha bolsa.

—Você pode estar cercado por pessoas más, mas há uma diferença entre eles e eu. Eles confiam em você. Eles estão cegos pelo falso senso de proteção paternal que você oferece. Eu, por outro lado, vejo você exatamente como você é.

—E o que é isso, Sra. Monroe?

Eu sorri, revirando meus olhos enquanto olhava pela janela.

—Se você é tão bom, não faz sentido eu te contar. Você já sabe.

Capítulo 10

M

Conhecer? Conhecer? Sim, eu sabia onde ela queria chegar. Ela desconfiava de mim. O que eu teria que corrigir no momento em que tivesse a oportunidade. O fato de ela me ler tão claramente corroeu a parte médica que coloquei em um pedestal. Eu subestimei Anna a partir do momento que percebi quem ela era, e foi meu erro - um que eu tive que consertar antes que ela de alguma forma virasse Boston contra mim. Se ela finalmente descobrisse mais e o convencesse de que eu tinha algo a ver com isso, não seria bom. Eu poderia tentar persuadi-lo de minha inocência, até mesmo convencê-lo, mas sua nova muleta obsessiva para Anna poderia tornar meu trabalho mais difícil. Ele gostaria de acreditar nela. Sua mente tentaria forçá-lo.

—Eu posso ver como você acreditaria em tudo isso, Sra. Monroe. Eu realmente posso. Estou até impressionado com sua análise. Lamento dizer que não é verdade. Nem mesmo perto. Minha grande constituição não tem nada a ver com meu ódio pelas mulheres e tudo a ver com o fato de que tenho ouvido e visto coisas ao longo dos anos que tornam impossível dormir. É à minha maneira de relaxar e me livrar do estresse que vem com meu trabalho. Não é fácil ouvir assassinatos ou pedófilos. Mas alguém precisa ajudá-los. Não aceitei este trabalho porque tenho uma afeição secreta por assassinos. Aceitei este trabalho porque pensei que poderia fazer a diferença.

—Sim, - eu continuei. —Alguns de meus pacientes assassinam sob meus cuidados. Isso vai acontecer de qualquer maneira. Mas, realmente, quantos mais eles teriam matado se não fosse por mim? Boston tinha 12 anos quando sua mãe ligou. Naquela época, Lucy tinha cinco anos. Sem minha experiência, Boston pode ter feito coisas que não deveria, muito antes de fazer. Eu ajudei a acalmá-lo. Eu redirecionei suas tendências obsessivas e homicidas para o teatro no colégio. Para fazer filmes depois de se formar. Assim como faço com todos os meus pacientes. Eu vi o que os assassinos fazem. Eu sei como eles pensam. E estou aqui para eles, para prolongar o inevitável o máximo que puder. Isso é tudo. Lamento se começamos com o pé errado. Eu realmente sou. Como você viu e declarou, sou extremamente protetor em relação a Boston. Eu ajudei a criá-lo de uma maneira. Minha verdadeira profissão não é conhecida pelo mundo exterior. Você tem que entender isso.

Seus lábios franziram enquanto sua sobrancelha franzia. Ela estava considerando minha desculpa.

—Digamos que eu acredite em você. Bem. Mas pare de tentar me ler. Eu não sou sua paciente. Você não conseguirá nenhuma sessão de terapia de mim. Estou aqui por Lucy e Boston. É isso aí.

—Eu respeito seus desejos e vou parar de tentar ler você. Novamente, sinto muito. Para vocês dois, - eu disse, olhando para Boston, que também estava de olho em mim. Às vezes sou mais médico e menos amigo. Boston, você sabe que gosto de você e de Lucy. Nunca quis insinuar que você se sentia diferente por ela. Eu só quero você melhor para que possamos encontrá-la.

O silêncio nos seguiu até o aeroporto, mas Anna e Boston pareciam mais à vontade. Funcionou. Eles estavam calmos, e eu ... eu tive que agir com cuidado para que pudesse continuar assim.

Eu estacionei, incapaz de desligar o carro antes que a mão de Anna surgisse.

—Se você não se importa, acho que vou esperar aqui. Este é mais um encontro pessoal. Tenho coisas para pesquisar para Lucy enquanto espero, e algumas delas podem consistir em alguns telefonemas.

—Coisas? Que coisas? Para quem você vai ligar?

Boston já estava se movendo quando Anna puxou seu telefone.

—Eu trabalhava no jornal antes de ir para a delegacia. Pensei em ligar para um velho amigo lá e discutir histórias recentes. Depois disso, irei ao site deles. É melhor verificar novamente.

—Acho que vou ficar com Anna, - disse Boston, olhando para mim. —Você pode pegar Joy. Ela gosta mais de você de qualquer maneira.

—Você não se dá bem com sua mãe?

Minha boca se abriu para discutir com Boston, mas fechou enquanto eu desafivelava.

—Ela tenta, mas tem medo de mim. Provavelmente é melhor que o Dr. Patron a pegue. Não estou com vontade de repetir tudo o que aconteceu de qualquer maneira. Eu quero voltar a procurar por Lucy. Por que você não liga e eu procuro o papel no meu telefone? Como isso é chamado?

A raiva vibrou quando abri a porta. —Eu voltarei.

Eles nem pareciam ouvir quando saí e fechei a porta. Cada passo estava cheio de ódio. Cheio de minha necessidade de voltar para minha casa e descontar na vadiazinha de quem isso foi culpa. Eu nunca deveria ter deixado o relacionamento de Boston e Lucy chegar tão longe. Achei que tinha tempo. Até o acidente de Boston, onde ele entrou em coma, eu o tinha sob meu controle. Então veio a amnésia. Isso apagou todo o meu trabalho duro e colocou sua obsessão no limite. Agora, estava pior do que nunca, e isso não era bom para o assassino em Boston. Bastaria alguém olhar para Lucy errado, e ele poderia escorregar e ser

pego. Os anos de trabalho árduo seriam perdidos. *Ele estaria* perdido. Eu não podia permitir isso.

Fui para o aeroporto, sem ter que olhar as placas para encontrar meu caminho para a área de bagagem. Já estive aqui tantas vezes que conhecia este lugar como a palma da minha mão. E, felizmente, não teria que esperar. Joy Marks já estava lá com sua pequena mala.

—Dr. Patron. - Ela correu para frente, puxando sua bagagem de couro preto com ela. O cabelo escuro de Joy estava preso para trás e ela parecia mais cansada do que eu jamais a tinha visto. —Onde está Boston? Como ele está?

Eu estendi meu braço, deixando-a envolver o dela no meu. —Ele está no carro com uma amiga que conheceu aqui. Uma repórter que está ajudando no caso. O nome dela é Anna. Eles estão revisando artigos online.

—Oh. Mas ... como ele está?

Eu olhei para baixo, dando a ela um sorriso tranquilizador. Joy nunca aprovou Lucy ou a obsessão de Boston por ela, mas eu a convenci de que sabia como cuidar disso. Quando eles finalmente ficaram juntos, fui eu quem pressionou pela aceitação, e ela confiou em mim. Lucy se tornou parte da família antes de se mudarem para a Flórida para estudar, e eu podia ver a preocupação de Joy com a menina e seu filho.

—Ele está levando muito a sério. Receio que ele não esteja muito bem. Ele vai parecer distante. Mesmo agravado às vezes. Vou ser franco porque sei que você pode lidar com isso. Você é uma mulher forte e quer oferecer apoio, mas pode não ser o que Boston precisa agora. - Suspirei, dando a ela um olhar triste enquanto caminhávamos em direção às portas principais. —Lucy está em grave perigo. Quem quer que a tenha levado sabia o que estava fazendo. Boston sabe disso, e é por isso que ele está desesperado para encontrá-la o mais rápido possível. Deixe-o saber que você está lá para ele, mas para sua própria segurança, mantenha distância.

Ela parou, suas sobrancelhas franzindo enquanto ela olhava para mim. —Você não está insinuando que Boston me machucaria, está?

—Claro que não. Não fisicamente, mas às vezes ele pode ser mentalmente duro. Você conhece comportamento dele. A obsessão o mantém excessivamente focado nas coisas. Antes, era Lucy, mas agora que ela se foi, ele se ramificou para essa tal Anna. Ela pode ajudá-lo, e ele se apega a esse fato com bastante firmeza. Eu nem mesmo acho que ele me quer por perto.

—Mas você vai ficar com ele, certo? Você o ajudará até que Lucy seja encontrada?

Eu balancei a cabeça, começando a conduzi-la novamente.

—Farei tanto quanto ele permitir, e tanto quanto eu achar que é melhor para ele. Há muito que posso fazer, e acredito que Anna tem muita experiência nesse tipo de coisa. Ela será boa para manter Boston longe dos fatos. Fora da realidade do que poderia estar acontecendo com Lucy. Enquanto ele estiver distraído, ele não estará imaginando os horrores que ela está passando. É o melhor.

—Faça ...- ela fez uma pausa, enxugando uma lágrima, —você acha que vamos recuperá-la?

Uma brisa fresca soprou sobre nós enquanto saíamos. Olhei para o estacionamento à frente, ativando minhas falsas emoções.

—Espero estar errado, mas não ... Acho que não, Joy. Não vivo. Ainda esta manhã, eles encontraram o corpo de uma garota que tinha mais ou menos a mesma idade de Lucy. Meu tempo com o FBI me ensinou muitas coisas e tenho sido bastante preciso em todas elas. Tenho perguntado por aí com alguns amigos, e há outra garota além de Lucy que também foi levada. Receio que estejamos no início de uma matança e, se não encontrarmos Lucy rapidamente, ela será uma das próximas vítimas.

—Oh Deus. - Um soluço fez sua mão voar para a boca. —Pobre Lucy. Pobre, doce Lucy. Não podemos deixar isso acontecer. Boston ... ele não aguenta isso. Ele não pode perdê-la. Não depois de tudo que ele passou. Ela é tudo que ele conhece. Tudo que ele ama. Sem ela ...

—Eu sei. Depressa, seque suas lágrimas. Não deixe que ele veja como você está chateada. - Eu nos fiz parar, virando-a para me encarar. —Eu sei que você se preocupa com ele, mas não. Vou me certificar de que ele está bem. Para fazer isso, preciso que você ouça com atenção. O que seu filho precisa é não ver a ansiedade da mãe com a situação. Voltaremos para o hotel. Vou levá-lo para almoçar, onde você procurará voos para voltar para casa. A última coisa que Boston precisa sentir é o seu medo. Isso vai piorar sua obsessão. Ele sentirá a necessidade de se apressar, e isso pode colocá-lo em um episódio que pode lhe acarretar muitos problemas.

—Mas ... *eu sou a mãe dele*. Como ficaria se eu simplesmente abandonasse meu filho para lidar com isso sozinho? Ele pode ser insensível em relação a mim na maior parte, mas ainda é meu filho.

—Ele é, mas às vezes temos que fazer o que é difícil para ajudar nossos filhos. Você entende? Ligue para ele regularmente. Fale com ele e deixe-o desabafar. Mas mantenha suas preocupações dentro de você. Não torne isso pior, Joy.

Segundos se passaram antes que ela assentisse e enxugasse as lágrimas novamente. Nossa caminhada continuou até que estávamos nos aproximando do

meu carro. Através das janelas escuras, não pude ver Boston ou Anna, mas sabia exatamente o que eles estavam fazendo. Abri minha porta e descobri que estava certo.

—Como tá indo? - Eu perguntei.

Joy e eu entramos, virando-nos para olhar para eles. Os dois estavam com seus telefones, só olhando para cima quando eu falei.

—Boa. Mãe, que bom que você pôde vir.

A mão de Joy se estendeu e Boston a pegou, dando-lhe um leve aperto.

—Claro. Dr. Patron me disse que você está olhando artigos de jornal?

—Sim. Foi ideia de Anna. - Ele gesticulou. —Mãe, conheça Anna Monroe. Ela tem sido incrível me ajudando a tentar encontrar Lucy. Não sei o que faria sem ela. Ela pensa em coisas que eu nunca pensaria. Acho que porque realmente não consigo pensar.

—Anna, é um prazer conhecê-la.

As mulheres apertaram as mãos enquanto eu engatava a marcha ré e saía da garagem. Eu mal ouvi a conversa deles. Minha mente voltou para Lucy. Sobre como eu precisava voltar em breve. Eu a banharia antes de ir para a segunda rodada em sua bunda. Eu realmente não podia esperar para fazer isso de novo.

Ideias surgiram, assim como pedaços de conversa. Minha memória varreu os destaques, e eu deixei isso desaparecer quando voltei para a rodovia e digitei o endereço do hotel de Boston no GPS.

—Detetive Casey provavelmente quer falar com você, disse Boston, olhando por cima de seu telefone. —Não que você saiba de alguma coisa, mas ele ainda vai querer fazer perguntas. Provavelmente para vocês dois, na verdade, - ele disse, olhando para mim pelo espelho retrovisor. Você deveria levar minha mãe lá depois que vocês dois almoçarem. Anna e eu decidimos levar comida para o quarto. Temos algumas ideias que pensamos enquanto você estava fora.

—Eu posso fazer isso, disse eu, sorrindo para Joy. —Duvido que demore muito. Você ainda deve estar bem ao pegar seu voo de volta.

—Sim, - ela murmurou. —Boston? - Joy girou mais na cadeira para ficar de frente para o filho. —Existe alguma coisa que eu posso fazer por você enquanto estou aqui? Precisa de alguma coisa que eu possa pegar para que você não tenha que parar sua busca? Roupas, meias, lanches para o seu quarto? Quero ajudá-lo no que puder.

—Isso é muito legal da sua parte, mãe. Obrigado. Sim ... eu ... - Ele piscou rapidamente, e então com força no final. —Eu não sei o que eu preciso. A comida é sempre boa. Café. Muito café e talvez uma cafeteira maior? O do quarto do hotel é tão pequena.

—Tudo certo. Você consegue pensar em mais alguma coisa?

—Não, mas preciso de um carro que não seja alugado. Vou comprar um.

—Você age como se fosse ficar aqui por um bom tempo.

Boston ficou quieto por alguns segundos, seu rosto endurecendo. —Estarei aqui o tempo que for preciso para encontrar Lucy. E quando eu a encontrar, iremos para casa. Não há mais aviões. Chega de lugares superpovoados. Só eu e ela juntos. *Sozinho*.

Eu mantive minha atenção na estrada, contendo o sorriso que queria vir. Lucy não iria a lugar nenhum, apenas ao túmulo. Quando Boston finalmente a tivesse de volta, não haveria muito mais para se recuperar. Ele seria obliterado mentalmente ... e voltaria para mim para controlar.

Capítulo 11

Detetive Casey

Raramente a opinião de alguém influenciou meus pontos de vista. Há muito tempo aprendi a não julgar uma pessoa até conhecê-la. Amigos, amantes, *Anna*, eles tinham suas próprias mentes e crenças, e eu também. Eu estava em guarda por causa do chamado de Anna, mas planejava fazer o que sempre fiz e dar à pessoa o benefício da dúvida. Isso se foi agora. Eu não poderia descartar a impressão de Anna sobre o Dr. Patron. Quando olhei através da minha mesa para o homem e a mulher ambos mais velhos respondendo ansiosamente a todas as minhas perguntas, pude sentir que algo não estava certo.

Dedos perfeitamente manicurados batiam levemente contra um de seus grandes bíceps enquanto ele se sentava com os braços cruzados sobre o peito largo. O terno era caro. Provavelmente custou mais do que ganho em um mês. Mas não foi sua aparência ou bens materiais que me fizeram estudá-lo. Foi o seu tom. Sua ânsia. Nenhum deles combinava com a expressão que ele havia estampado em seu rosto. O que não era nada. Ele era uma lousa em branco, mas derramou emoção em suas palavras.

—Quero agradecer-lhe, Sra. Marks, por ter vindo me ver. Você disse que chegou há apenas algumas horas?

—Sim. Pouco antes do almoço. Dr. Patron, meu filho, e sua amiga, Anna, creio, vieram me buscar no aeroporto. Eles me informaram da melhor maneira possível. Eu não posso acreditar que isso aconteceu. - Ela pontuou os olhos com um lenço de papel enquanto eu continuava a escrever. — Depois da viagem, deixamos Anna e Boston e fomos a um restaurante na cidade. Eles tinham coisas para fazer, e achei que era o momento perfeito para ajudar meu filho da única maneira que eu sabia. Eu me sinto tão impotente.

—E como é isso? O que você fez?

—Oh. Ele precisava do básico, infelizmente. Meias, roupas, comida e café para o quarto. Esse tipo de coisas.

—Certo. E depois?

Joy hesitou. —Voltei e jantei mais cedo com Boston e Anna. E aqui estou eu.

—E antes disso? Você mora em Massachusetts?

— Sim. Eu estive em casa. Receio que não saio muito.

—E quanto a Lucy? Há quanto tempo você a conhece?

—Oh. - Joy piscou rapidamente. —Desde que ela era uma criança. Cinco ou mais. Vivemos em uma pequena cidade. Todo mundo conhece todo

mundo. Boston ... ele a amou durante toda a vida. Eles basicamente cresceram juntos. Seu irmão mais velho era seu melhor amigo.

—Interessante.

Meus olhos se voltaram para o médico. —E você, Dr. Patron? Quando você chegou?

—Ontem de manhã. EU-

—Você tem tempo? - Eu interrompi, levantando os olhos da escrita.

—Cedo. Um pouco depois das sete, eu acho.

—Então ... antes de Lucy Adams ser levada?

Suas sobrancelhas se arquearam. —Acho que sim. Eu não estava aqui em Rockford. Voei para Chicago e imediatamente me encontrei com um cliente. Tivemos um dia muito longo. Ele não estava bem e estava tendo muita dificuldade para se abrir. Eu nem sabia que Lucy estava desaparecida até a ligação de Boston me acordar por volta das quatro da manhã. Se eu soubesse, teria adiado a consulta do meu cliente e ido direto para Rockford.

—Por acaso você não gostaria de me dar o nome do seu cliente, não é?

A cabeça do médico se inclinou para o lado. —Eu sou um clínico particular, Detetive Casey. A maioria dos meus clientes está muito bem de vida e me paga generosamente por sua privacidade. Infelizmente, não tenho liberdade para divulgar essas informações livremente. Você sabe como isso funciona.

—Claro. - Bati minha caneta contra a mesa. —Você pode me dar um tempo para quando você terminou com seu cliente?

Ele assentiu. —Pouco antes das sete da noite. Jantei depois disso e fui dormir. Foi um dia muito cansativo.

—E onde você está hospedado?

—Eu possuo uma cobertura no lado norte de Chicago. Sessenta e seis, East Goethe Street.

Eu rabisquei o endereço, balançando a cabeça.

—Quero acrescentar que tenho amigos na área que às vezes oferecem aluguel ou residências particulares. Isso ajuda no deslocamento, já que às vezes eu dirijo mais do que outros. Estou de plantão enquanto estou aqui, então em algum momento, posso aceitar a oferta deles.

—Obrigado por me informar sobre isso, - eu disse, anotando. —Algum de vocês conhece alguém que possa querer levar Lucy? Alguém com quem ela pode ter tido algum desacordo, ou deve dinheiro?

—Oh, não, - Joy Marks suspirou. —Lucy é um anjo. Ela é tão doce. E dinheiro, isso não é um problema para ela ou meu filho.

—Eu concordo com Joy. Eu encontrei Lucy várias vezes. A garota é bem educada. Sempre feliz e sorridente. Ela sabe que pode vir a qualquer um de nós se precisar de algo ou se tiver um problema que precise de ajuda para resolver.

—OK. E quanto ao Sr. Marks? Ele virá para Rockford?

A boca de Joy se abriu, apenas para fechar. —Receio que meu marido esteja fora do país. Ele está tentando encontrar uma maneira de fazer isso, mas não tenho certeza se ele será capaz de lidar.

Eu parei de olhar para baixo. —Isso é lamentável. O que seu filho acha disso?

—Boston sabe que seu pai tem que trabalhar. Meu marido, ele ... ele é um homem muito importante ... as circunstâncias tornam isso impossível. Ele adoraria estar aqui e está chateado por não poder estar.

—Claro. Você vai ficar muito tempo, Sra. Marks?

Novamente, hesitação. —Eu gostaria de poder, mas Boston, ele é muito ... Acho que ele está melhor sem mim pairando como a mãe preocupada que sou. Eu apenas pareço incomodá-lo mais. Dr. Patron, porém, ele continuará a ficar de olho em Boston. Pelo menos por um tempo.

O médico mudou, concordando.

—Legal da sua parte. - Larguei a caneta, sentando-me mais reto. —Há mais alguma coisa que vocês gostariam de acrescentar? Talvez algo que você possa sentir que é importante?

Eles se entreolharam, balançando a cabeça enquanto voltavam para mim.

—Bem, então, obrigado a vocês dois por terem vindo. Se eu precisar de mais alguma coisa, entrarei em contato com vocês. - Peguei um cartão, entregando-o. —E se você tiver alguma dúvida, pode entrar em contato comigo a qualquer momento.

—Obrigado, detetive Casey.

Joy Marks se levantou, assim como o médico. Peguei meu telefone, observando-os sair pelas portas principais antes de ligar para o número de Anna. Ela atendeu no terceiro toque.

—Braden.

Um bocejo a interrompeu e eu fiz uma careta enquanto me dirigia para fazer outra xícara de café.

—Parece que você precisa dormir um pouco. Como tá indo? Você ainda está com o Boston Marks?

—Estamos fazendo um mapa. Acho que estamos quase terminando. Pelo menos por agora.

—Um mapa? Um mapa de quê?

—Você terá que ver. Não posso entrar em detalhes agora. Eu estou muito cansada. Você ... - ela ficou quieta, baixando a voz, —você se encontrou com o Dr. Patron?

—Eu fiz. O cara parece um idiota, mas não acho que haja nada com que se preocupar. Como está Boston?

—Ele está dormindo na cadeira, e eu gostaria de mantê-lo assim. Ele está tão preocupado. Eu queria ... espero que a encontremos logo. Ele não está lidando bem com isso. Ele a ama muito.

Meu olhar caiu para o meu café e depois para o chão. —Eu sei como ele se sente. Você vai passar por mim se descobrir alguma coisa, certo? Quer dizer, vocês dois vêm com possíveis ideias ou locais, de acordo com o som de um mapa, mas não vão fazer nada por conta própria, não é?

—Eu conheço a lei, Braden. Não é como se a gente fosse invadir a casa de alguém.

—Anna, por favor, não. Eu te conheço quando você começa. Às vezes você não pensa nas coisas. Você tem que me ligar se encontrar algo remotamente relacionado a este caso. Eu nem gosto do que você está fazendo, mas o que posso fazer? Você não me escuta. Além de prendê-la, é inútil. Você não vai me deixar ajudá-la.

—Isso é porque eu não preciso disso. Não da maneira que você quer dizer. Agora, tudo que preciso fazer é ajudar Boston a encontrar Lucy.

—Não é Boston. *Eu*. Você me ajuda a encontrá-la e eu vou garantir que ela volte para Boston.

—Você sabe o que eu quis dizer. Estou cansada. Preciso dormir algumas horas.

—*Lá?*

—Você ficaria chateado se eu fizesse?

Chateado? Ela não tinha ideia de como eu estava chateado. O ciúme não me permitiria soar calmo. A raiva continuou forçando minhas palavras, não importa o quanto eu tentei esconder. —Eu prefiro que você não tenha feito. - Eu respirei fundo, colocando açúcar na colher. —Eu posso te pegar e te dar uma carona para casa se você não puder dirigir. Eu sei que você está tentando apoiar Boston, mas ainda não sabemos quem ele é. Computadores e entrevistas não me dizem muito. Basicamente, é tudo fumaça e espelhos.

—Boston não deveria preocupar você, este novo assassino deveria. Ele ainda não sabe. Sobre a garota ... A televisão está desligada e estamos trabalhando quase sem parar. Acho que vou ficar. Ele precisa ouvir isso de mim.

—Anna, droga. Eu realmente gostaria que você se afastasse deste homem. Deixe a mãe e o médico cuidarem dele. Deixe-os estar lá para apoiar.

—Nenhum deles o deixará à vontade. Nada vai, exceto o que estamos fazendo. Isso lhe dá um propósito. Você, mais do que ninguém, deve entender isso. Eu tenho que ficar.

Voltei para a minha mesa, tomando um gole de café enquanto deixava a verdade de suas palavras penetrar. Eu sabia, e isso me destruiu ter que enfrentar isso. O que era pior, ela estava certa. Posso não ter gostado dela com Boston, mas, pelo que pude perceber, não foi culpa dele.

—Você vai precisar de roupas. Deixe-me pegar. Posso levar você para pegar algumas e, quando voltarmos, posso falar com Boston. Ele deveria ouvir sobre a garota por mim, e você estará lá para amortecer as notícias.

—Eu preciso de roupas.

—Você precisa.

Ela fez uma pausa. —Vou pegar minha bolsa e encontrar você na frente.

Uma onda de alívio veio. Por que, eu não tinha certeza. Talvez tenha sido só porque eu conseguiria vê-la. Talvez fosse porque ela estava longe de Boston, ou porque eu ainda me sentia no comando de minha investigação, dando a notícia a ele eu mesmo. De qualquer forma, eu já estava pegando minhas chaves e indo para a porta. Diego ergueu os olhos da mesa, confuso.

—Onde você vai?

—Na cidade um pouco. Você precisa de alguma coisa enquanto estou fora?

Seus olhos brilharam e eu conhecia o sorriso que ele lançou. Isso me fez reproduzir o meu.

—Surpreenda-me. Algo doce.

—Vou trazer o seu de costume. Ligue se precisar de mim.

Ele sorriu, voltando à sua papelada. Eu corri para minha viatura em uma corrida, sentindo a batida familiar de meu pulso aumentar. Apenas estar perto de Anna me deu uma sensação de lar. Uma casa há muito perdida. Um pelo qual chorei, assim como chorei a perda de meu filho. Assim como eu sofri a perda do único amor que já senti. Vê-la foi o céu e o inferno, mas um inferno suportável. Pelo menos eu consegui ver seu rosto, mesmo que eu não pudesse correr meus dedos sobre suas bochechas e beijar seus lábios como antes.

O motor ligou e eu dei ré, indo na direção do hotel de Boston. Não faltavam apenas alguns minutos, e fiel à sua palavra, Anna estava esperando na entrada. A maquiagem que ela usava esta manhã na televisão tinha sumido há muito tempo, e seu cabelo estava em ondas sobre os ombros.

Ela abriu a porta, entrando quando eu parei.

—Noite lenta?

Eu ri, puxando pelo caminho circular e de volta à estrada enquanto ela olhava pela janela do passageiro. —Na verdade não. Tenho uma pilha de papéis sobre a mesa que estou tentando evitar. Deixe-me vê-la.

Meu dedo se encaixou em seu queixo, trazendo seus olhos para os meus.

—Sim. Você precisa dormir. Olheiras nunca foram sua praia. Então, me fale sobre este mapa.

—O mapa. - Ela gemeu, sorrindo ao fazê-lo. —Eu rotulei os bairros. Onde está a maior taxa de criminalidade. Onde ocorreram os últimos incidentes. Marquei as casas de criminosos sexuais registrados e de alguns dos quais ouvi falar, mas que não estão no sistema. Até pedófilos. Além disso, onde eu acredito que ela pode estar, e as áreas que eu não acho que ela seria levada.

—Esperar. - Minhas sobrancelhas se arquearam enquanto processava o mapa. —Vamos começar com os criminosos sexuais e pedófilos. Você disse alguns dos quais já ouviu falar, mas não estão no sistema. Onde você está obtendo sua informação?

—Bem ... é uma longa história. E um dos motivos do longo dia. Estive indo e vindo do jornal para a estação, repassando todas as histórias dos últimos meses. Aqueles que conseguiram entrar, mas nunca foram perseguidos por acusações. Também combina com a taxa de criminalidade descrita no mapa. Estamos falando de agressão sexual, violência doméstica, espionagem e roubos incomuns. Você sabia que a polícia foi chamada quatro vezes nas últimas seis semanas por causa do desaparecimento de pertences pessoais, incluindo calcinhas? *Calcinha*, Braden.

—Então, temos um ladrão de calcinhas à solta. Isso não significa assassino, Anna.

—Não, mas pode ser uma pessoa prestes a estuprar. Talvez, em vez de correr o risco de serem pegos pela ofensa, eles decidiram que seria mais fácil pegar a garota e tentar se livrar dela completamente.

Minha cabeça balançou. —É uma boa teoria, mas um possível estuprador não fez o que aconteceu com a garota que encontramos. Algo me diz que ele já fez isso antes. Talvez até frequentemente. Inferno, ele pode nem ser daqui. Não temos ideia se as três meninas desaparecidas são parentes. Eu já disse isso.

—Não. Mas eles podem ser.

Virei em nossa estrada, diminuindo a velocidade enquanto estacionava em sua garagem. Ela abriu a porta e eu a segui, examinando os arredores enquanto nos dirigíamos para a porta da frente. Mal estávamos na entrada quando os pés de Anna plantaram. Foi tão rápido que me lancei contra ela, agarrando sua cintura enquanto avançávamos.

—Jesus. O que-

—Shhh.

Eu a endireitei, pegando minha arma enquanto eu dava a volta. Nada parecia estranho, me confundindo ainda mais.

—O que é isso?

Ela apontou para a luz da varanda, colocando o dedo nos lábios. Eu esperei, observando enquanto os segundos se passavam. Quando eu estava prestes a falar, a maçaneta girou um pouco, mas não abriu. Olhamos um para o outro e minha arma disparou ao se abrir. Lucille, sua mãe adotiva, parou quando sua mão voou para o peito. Eu rapidamente abaixei minha arma, torcendo minha boca com a raiva que a mulher despertou em mim.

—Vocês dois não estão juntos de novo, estão? Você não aprendeu da primeira vez, Anna?

—*Mãe*. - Seu tom era afiado quando ela passou, entrando. —O que você está fazendo aqui?

—Eu? Eu estava preocupada com você. Devo perguntar onde você esteve ou não posso saber?

O olhar de desaprovação de Lucille me fez levantar uma sobrancelha quando entrei.

—Estive trabalhando. Como é que entraste?

—Como é que alguém entra? Abri a porta da frente. Sabe, depois de tudo o que aconteceu, você aprenderia a ser mais cuidadosa.

O olhar de Anna disparou para o meu, e segurei minha arma com mais força, indo direto para o quarto dela. Mas a conversa continuou, mas eu não prestei atenção enquanto apontei minha arma para o armário e acendi a luz. Meu cano enfiou nas roupas e fui olhar embaixo da cama quando não havia nada lá. Novamente, a área estava limpa. Quando me virei para o banheiro adjacente, minha garganta quase fechou.

As memórias me cegaram, dando-me lampejos do sangue que vi na casa quando não encontrei Anna quando ela foi levada. N*inguém a* dominou ali, cortando-a no processo antes que ele conseguisse deixá-la inconsciente. E se eu não tivesse voltado com ela agora ... alguém a teria levado novamente depois que sua mãe fosse embora?

Empurrei a porta, acendendo a luz quase que instantaneamente. A cortina do chuveiro estava aberta e eu exalei pesadamente quando abaixei minha arma e me virei. Anna estava parada na soleira de seu quarto, uma expressão preocupada em seu rosto.

—Eu poderia ter esquecido de trancar a porta.

—Você acha que sim?

Sua cabeça balançou, mas ela encolheu os ombros. —Não tenho certeza. Estive preocupada, mas tenho quase certeza de que tranquei. Está enraizado agora. Não parece algo que eu iria esquecer.

—Sim. - Eu olhei para trás dela, percebendo que estava em silêncio.

—A mãe de Janneke está na estrada. Eles estavam visitando os Johnsons, conversando na reunião de oração da próxima semana. Minha mãe pensou que ela viria para me ver. Ela já foi embora.

—Perdoe-me se digo graças a Deus.

Anna não respondeu. Em vez disso, ela entrou mais fundo na sala, caminhando até a cômoda.

—Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito isso.

—Por quê? Porque ela é minha mãe? Lucille tem sido terrível com você.

—Eu não me importo comigo. - Eu coloquei minha arma no coldre, me movendo para mais perto do armário enquanto ela vasculhava sua gaveta de cima. —Nunca foi sobre mim. Ela é horrível para você, e nunca fui capaz de suportar. É preciso tudo que tenho para morder minha língua. E eu faço isso por você.

Um sorriso triste refletido em seu espelho quando ela tirou as roupas íntimas e as colocou em cima da cômoda. Minha respiração acelerou no momento em que ela se aproximou e entrou no armário. Embora ela tenha entrado, ela parou para se virar para mim.

—Você faz muito isso. Mesmo quando eu tenho feito tudo que posso para afastá-lo, você sempre cuida de mim.

Meu olhar caiu. —Você acha que eu te traí. Falhei porque não te salvei. Nada que eu diga ou faça pode mudar isso. A menos que você seja capaz de ver através dos meus olhos, de sentir o que tenho, você nunca me compreenderá ou me perdoará. Eu sei disso.

Os momentos se passaram. Momentos torturantes e agonizantes.

—Às vezes eu desejo ... - O rosto de Anna brilhou com emoções de raiva quando eu olhei para cima. —Não adianta desejar coisas que você não pode ter. Não sei por que continuo fazendo isso. Rezando, esperando. Eles não vão apagar o que passamos. Não vai trazer de volta nosso filho. Eu me pergunto o tempo todo como ele seria. Você sabe, se ele tivesse vivido, ele teria feito seis meses ontem? Ele é tudo em que penso. Eu acordo no meio da noite e minha mão sempre vem para o meu estômago. Meus instintos de proteger nosso filho ainda estão lá. Isso me assombra. Eu vejo bebês em todos os lugares. Eu os ouço. E o meu se foi para sempre. Você não vê? Não é sobre você seguir em frente ou desistir de mim. Dói, mas não se compara à verdade maior. E essa sou eu. *Quem eu sou. O que eu fiz. O que eu causei.* A única que falhou ou precisa de perdão

sou *eu*. Eu não protegi Roman o suficiente. Eu não era tão forte quanto sou agora. Eu quero voltar e fazer de novo. Eu quero salvá-lo, onde não podia antes.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Anna e um soluço saiu de sua garganta. Não pude evitar os que escorreram pelo meu rosto. Estendi a mão, apertando-a em meus braços, embora ela tenha enrijecido com o meu toque. Só de ouvir o nome do nosso filho abriu um buraco no meu peito. Ela não era a única lutando por sua perda. Todos os dias, eu sentia isso. Todos os dias, ansiava por um filho que nunca tive a chance de criar - de amar.

—Não ouse dizer que falhou ou precisa de perdão. Anna, você fez tudo que podia apenas para sobreviver. Se você pensar por um segundo que eu te culpo, baby, você está errada e não deve se culpar de nada do que lhe aconteceu. O que aquele homem fez com você ... Podemos não estar juntos, mas isso não significa que eu não agradeça a Deus todos os dias por ter você de volta. Que eu posso ver você sorrir ou entrar em uma sala. Ou na televisão. Eu perdi você uma vez. Eu perdi você duas vezes quando você se afastou após seu retorno. Droga, não posso viver perdendo você de novo. Se isso significa que ficaremos assim, tudo bem. Apenas não se afaste. *Eu preciso de você.*

Os dedos cravaram em meu paletó, apertando minha lapela enquanto ela chorava mais. A necessidade absoluta que ela demonstrou fez meu rosto se abaixar antes que eu pudesse pensar em minhas ações. Meus lábios esmagaram os dela, bebendo o grito de partir o coração que a deixou. A pressão aumentou para agarrar meus pulsos, tentando libertar minhas mãos enquanto me movia para segurar os dois lados de seu pescoço. A luta que ela estava exibindo foi registrada, mas teve o efeito oposto. Mais forte, eu me movi, empurrando meus dedos em seus cabelos e puxando sua cabeça para trás enquanto massageava os lábios que encontraram os meus com tanta fome que me deixou louco.

—Temos que parar. Nós não deveríamos — Anna se cortou, mergulhando sua língua no meu encontro com a minha. Eu estava girando-a para a cama, usando meu peso para mantê-la quieta enquanto me colocava em cima dela. Minhas mãos se moveram para seu estômago, puxando o cinto de suas calças. Em um puxão rápido, eu soltei e puxei o couro livre, movendo-me direto para o fecho e zíper. O tecido cedeu e a umidade atingiu meus dedos enquanto eu empurrava o material.

Nossos gemidos encheram a sala, e não houve como parar nenhum de nós. Anna estava sussurrando “não”, mas estava puxando minha gravata e rasgando os botões da minha camisa como se ela não pudesse me despir rápido o suficiente. E eu ... estava perdido na mulher que amava. Totalmente ausente de pensamentos ou consequências.

—Braden, espere. Você não quer isso. Você é apenas-

Eu me levantei, puxando suas calças e calcinhas para baixo em um puxão e virando-a de bruços. Uma ardência queimou em meu peito, mas nada se fez conhecido mais do que a dor consumidora de estar dentro dela. Tirei minha jaqueta e tirei minhas roupas.

—Pense, Braden. - O cabelo loiro caía em cascata sobre o cobertor e sua cabeça estava baixa enquanto ela olhava para mim com olhos grandes. Suas bochechas tingiam de rosa e suas pálpebras estavam pesadas quando ela piscou. O tempo passou de lento a inexistente. Tudo que eu pude fazer foi balançar minha cabeça.

—Não fale, Anna. Não pense.

—É isso que você está fazendo? Empurrando tudo para longe? Vivendo no momento?

—Shhh. Por favor, não estrague isso.

Meu corpo se moldou nas costas dela enquanto eu puxava a blusa por cima de sua cabeça. Ela não lutou ou tentou me impedir. Quando desabotoei o sutiã, meus lábios imediatamente tomaram o lugar de onde a alça estava.

—Eu deveria estragar isso, - ela sussurrou. —Você poderia me agradecer a longo prazo se eu fizesse. Mas ... eu não quero que você pare.

Meu pau descansou em sua bunda enquanto minha boca se movia mais alto em seu pescoço. Anna balançou contra mim, choramingando e gemendo palavras que eu não conseguia entender. A pulsação piorou e eu me afastei, empurrando a ponta do meu comprimento contra sua entrada apertada. Eu tinha tirado sua virgindade. Uma vez, eu tinha sido o único homem que estava dentro dela ... *antes de Ninguém*. Antes que ele a estuprasse e degradasse de todas as maneiras possíveis.

O pensamento me envolveu em seu peito e me segurando enquanto a deixava se esticar em torno de mim. O calor em que comecei a me queimar até o âmago. Queimou em cada parte de quem eu era.

—Porra, eu senti sua falta.

—Não. - Sua cabeça balançou contra o colchão. —Não diga isso.

—Não dizer a verdade?

—Não. Minta para mim. Minta para nós dois. Talvez se acreditarmos ...

—A dor vai embora? Seremos capazes de seguir em frente?

Minha mão enganchada em seu ombro oposto enquanto a outra deslizou para achatar o topo de sua fenda. As pernas de Anna se alargaram debaixo de mim, me pedindo mais. Dizendo coisas que eu sabia que ela nunca faria.

—Eu nunca vou seguir em frente, - eu rosnei ao lado de seu ouvido. —*Nunca*. Vou esperar e você verá.

—Veja o que? Vê essa ilusão de amor que você explodiu em seu rosto enquanto continua investigando secretamente meu passado?

Anna se debateu no meu aperto. A raiva estava se tornando algo rotineiro. Ela tinha tanto, eu não tinha certeza de como lidar com isso. Meu aperto aumentou, mas minha voz ficou calma. Calmante até, enquanto eu descansei minha bochecha contra a dela e enterrei meu pau dentro dela. Um suspiro soou, misturado com um gemido enquanto eu ficava imóvel.

—É isso que vai acontecer? Você acha que vou parar de amar você porque vou descobrir algo?

—Solte-me.

Mais uma vez, seus ombros tentaram me afastar. Meus olhos se fecharam e eu soube. Eu sabia o que não queria enfrentar. O que eu não queria acreditar.

- Vou mentir para você agora, Anna. Eu vou dizer que não ouvi nada deixar sua boca além de você sentir minha falta também. Você faz. Você me ama e tem medo do que isso significa. Com medo do que vou descobrir e expor. —Eu bati meu pau nela com toda a raiva que tentei ignorar. A mesma fúria que me levou a beber minha vida no passado.

Dedos agarrados no edredom enquanto eu batia nela novamente.

—Mas há mais alguma coisa para saber? O medo que você tem e que está me afastando me diz mais do que você jamais terá forças para dizer na minha cara. Você matou aquela garota, Anna. - Mais forte, eu bati, fazendo a transição para alguém que eu não conhecia mais. Para ... *ele*. Para o homem que passei minha vida inteira tentando fugir. —Você fez, não é?

—Braden. Não mais. Pare. Falar. -As pernas de Anna ficaram ainda mais largas enquanto eu continuava a usar meu aperto em seu ombro para empurrar profundamente. Minha pressão era constante em sua fenda, e eu sabia que apesar de nossas palavras, apesar do ódio que tínhamos por tudo que nos mantinha separados, nós dois não poderíamos superar o amor e a paixão entre nós. Foi encurralado por nossa maldade. Ser levado pelos pecados que ambos estávamos tentando sepultar.

—Não vou parar. Diga-me a verdade e *então* paro. Você nunca mais ouvirá uma palavra sobre isso de mim novamente. Minha investigação vai esfriar porque vou deixá-la para trás de uma vez por todas.

—Mentiras.

—Droga. - Eu a soltei, levantando para empurrar com tudo que eu tinha. Anna gritou, tremendo pelos espasmos de seu orgasmo. Seu canal agarrou em torno de mim com força e eu gemi, sentindo o suor cobrir minha pele. Visões - imagens - verdades surgiram, assim como eu. Meu esperma disparou profundamente dentro dela, e fechei os olhos com força, querendo esquecê-los

para sempre. Mas eles nunca iriam embora. Assim como a tinta marcando quase cada centímetro da pele, cobri com minhas mangas compridas e golas altas.

Eu puxei, rolando e desabando de costas enquanto olhava para o teto. Por minutos, nenhum de nós se moveu. Nenhum de nós disse uma única palavra. O tempo se estendeu, assim como as cenas de um dia que eu não pude voltar atrás.

—Isso não deveria ter acontecido. Eu sabia que deveria ter mantido distância. - Anna se sentou, olhando para a frente. Ondas loiras caíam em cascata por suas costas, mas não cobriam as cicatrizes grossas que marcavam suas costas e flancos. Sim ... eu tinha visto o dano causado a ela. As fotos que *Ninguém* me enviou dela pendurada nas algemas voltaram. As marcas em sua carne foram tão profundas. E seu dedo ... isso foi feito ao mesmo tempo. O que ela deve ter passado ... me enojou.

Estendi a mão, traçando uma das cicatrizes logo abaixo do cacho solto. Ela saltou com o contato inicial, mas continuou olhando para frente.

—Isso não foi um erro. Você pode tentar se convencer de que é tudo o que você quer, mas para mim, foi uma realização.

—Uma realização?

Minha mão caiu e eu me levantei da cama, pegando minhas roupas. Os olhos de Anna se estreitaram enquanto ela me observava me vestir. Eu ajustei meu coldre, deslizando minha jaqueta. Nunca fui bom com confissões. Eu realmente nunca tive um motivo. A maior parte da minha vida foi um livro aberto. *Todos, exceto um capítulo.*

—Você e eu não somos tão diferentes quanto você pensa. Uma vez você me perguntou sobre minhas tatuagens. Você ouviu minha história e depois me perguntou o que aconteceu com meu agressor.

—Donald Karmasky. Você disse que ele cumpriu treze anos e estava livre.

Meus dentes cerraram quando assenti. —Eu menti.

A expressão de Anna não mudou. Ela não segurou meu olhar enquanto se levantava lentamente da cama e pegava seu roupão. Quando ela se virou, havia algo que eu não via em seus olhos há meses. Uma selvageria enlouquecida olhou para mim. Foi um vislumbre da mulher louca que ela era quando os policiais arrancaram o coração de *Ninguém* de seus dedos selvagens. Foi o assassino dela, e isso acelerou meu pulso muito mais rápido do que a verdade prestes a se espalhar pelos meus lábios. Mas não porque tivesse medo dela. Eu a queria ... de novo. Com ela assim.

Capítulo 12

Anna

—Você mentiu, eu sei. Donald Karmasky não está livre, ele está morto. Suicídio, ou assim diz.

—Eu preciso perguntar como você sabe disso? Ou por quê?

Eu não conseguia parar a necessidade constante de andar. Minha mente estava girando, correndo com uma possibilidade que eu quase não conseguia acreditar que era verdade. Dizer que eu estava chateada por não ter feito o estuprador de Braden pagar pela dor que ele causou era um eufemismo. Eu tinha grandes planos para fazê-lo sofrer. Mas eles foram para nada.

—Anna, como você sabia sobre Donald?

—Eu olhei para ele. Não há crime nisso.

—Não, não há. Mas por que?

Meus lábios se apertaram, me perguntando se isso era algum tipo de armadilha. Talvez eu esteja errado. Talvez Braden estivesse tentando me enganar para contar a ele sobre meu próprio passado. Ou talvez ele quisesse que eu admitisse que não estava bem. Que a louca que se trancou ainda estava instável. A confiança era algo que eu não tinha mais. Não para ninguém.

No meu silêncio, a cabeça de Braden abaixou. Quando seus olhos se ergueram, parei.

—Você não pode sair por aí matando todos com quem está chateado. Essa é uma boa maneira de ser pego.

—Eu não sei o que você quer dizer. Eu não matei ninguém. Bem, não como você quis dizer.

Sua cabeça balançou fortemente, confundindo meus pensamentos ainda mais. "Não?" Dando um passo à frente, ele inclinou a cabeça para o lado enquanto pegava minha mão. Eu poderia ter recuado, mas por algum motivo, não o fiz. Eu o deixei me puxar para frente, até que estivéssemos a apenas alguns centímetros de distância. Quando ele se inclinou perto do meu ouvido, minha respiração prendeu. —Vou te contar um segredo que nunca contei a ninguém.

—Não faça isso.

—Você não quer saber? - Ainda assim, sua voz era baixa enquanto minha cabeça ia e voltava. Lábios pressionados contra minha testa, segurando até que eu me inclinei para trás para olhar para ele.

—Você vai tentar me convencer de que o matou. Você está tentando se tornar identificável, então vou lhe fazer uma confissão. Mas você não é um assassino, Braden. Você não matou Donald.

—Não diretamente, não. Eu não precisava.

—...O que você quer dizer?

—Não estou dizendo isso para obter uma confissão sua. Se você quisesse me falar sobre Jade, você faria. Mas eu sei. No fundo, eu sei que você matou aquela garota. Como Donald ... - ele respirou fundo, levando-me a sentar na beira da cama enquanto ele se sentava ao meu lado, - eu estava contando os dias até que ele fosse libertado. Talvez ainda fosse o garotinho em mim que teve que enfrentar seu agressor. Eu não sei. Tudo que consigo lembrar é o momento em que soube que ele havia saído da prisão. Não dormi por três dias. Fiquei acordado à noite, lembrando - seu rosto, a expressão que ele tinha enquanto tentava me matar. Tudo isso continuou se repetindo na minha cabeça. Não importa o quanto eu beba. Nenhuma quantidade de álcool poderia apagar o que me assombrava.

Braden fez uma pausa, respirando instável. —Semanas se passaram, tão ruins quanto aqueles primeiros dias. Era um inferno saber que ele estava livre. Eu dirigia para a cidade sempre que podia. Encontrei seu novo endereço e o segui. Eu tinha que ver, sabe? Eu tinha que ter certeza de que ele não estava procurando por mais meninos. Depois de treze anos, ele não aprendeu nada. Nada mesmo. Um menino desapareceu. Então outro. No terceiro menino, eles não tinham provas. Sem pistas. *Mas eu sabia*. Eu fodidamente senti isso no meu intestino. Então, uma noite eu invadi.

—Não importava pra mim que eu fosse um policial. Ou que eu não tinha jurisdição ou autorização. Eu o ouvi antes de vê-lo. Essa risada profunda. Raspy e ... quase soando sagrado. Ele riu da mesma maneira demente naquela noite.

—Eu estava com minha arma. Lembro-me de sentir como se não pudesse respirar por causa da fumaça espessa lá dentro. E enjoado - enjoei de ouvi-lo e do que podia sentir que tinha acontecido. Minha dor voltou. A dor do estupro. A dor física quando acordei.

—Quando entrei no quarto, ele estava de pé ao lado da cama. Havia um menino deitado de bruços. Ele ainda estava com a camisa, mas estava nu da cintura para baixo. Ele estava vestindo uma camisa de super-herói. Lembro-me porque no verso dizia uma espécie de slogan. Algo destinado a capacitar uma criança. - Braden enxugou as lágrimas de seu rosto. —Eu perdi o controle. Donald nem sabia quem eu era no começo. Havia tantas coisas que eu queria fazer, Anna. Tantas merdas que me comeram vivo porque eu não conseguia. Pessoalmente não. O que eu o fiz fazer para si mesmo me deu algo, no entanto. Sem paz ou conforto. Nem mesmo justiça para mim ou para aquele menino. Mais ... combustível para algo que eu nem sabia que existia em mim. Algo escuro e errado. E eu gostava sei que não deveria.

Peguei sua mão, sabendo que o que ele estava me dizendo era a verdade. Achei que ele pretendia me prender, mas suas emoções eram reais, assim como a cena em relação ao menino. A agonia em seus olhos quebrou meu coração. E a sensação sombria, eu sabia exatamente do que ele estava falando.

—O que você o fez fazer?

Os dedos de Braden deslizaram pelos meus. —Ele pode ter sido capaz de machucar meninos, mas ele era o maior covarde quando confrontado com um homem real. Depois que ele me viu com minha arma, ele se mijou. Ele continuou tropeçando nos fundamentos. Me implorando para não o matar. Eu o fiz escrever uma nota confessando seus crimes. Na nota, ele admitiu que pessoa horrível ele se considerava. Quanto mais eu olhava para ele, mais doente eu ficava. Ele estava tão sujo em sua camiseta apertada e manchada e sua boxer folgada. Ele era careca com uma grande barba. *Apenas ... sujo*. A aparência não combinava com o cheiro da casa. Estava espesso com vapores de alvejante. É tudo o que eu podia sentir, e a realização continuava voltando para mim. Eu ... uh, o fiz ir ao banheiro e entrar na banheira com o mesmo galão de desinfetante que ele usou para limpar seus crimes. Eu o fiz deitar e disse a ele que se ele não bebesse aquela merda inteira, eu o faria comer o barril. Ele vomitou três vezes enquanto a água sanitária corria seu trato intestinal e garganta. Seus lábios estavam formigando e o cheiro ... Não consigo sentir o cheiro de alvejante até hoje.

—Braden. Eu ... - Minha boca se abriu e o horror que eu deveria ter sentido me escapou. —Estou feliz que você fez isso.

Uma fungada soou e seus olhos dispararam. —O que você teria feito, Anna, se você o tivesse encontrado vivo? Você realmente iria atrás dele? Para matá-lo por causa do que ele fez comigo?

—Sim.

—E depois? Como você teria feito isso?

—Você não quer essa resposta.

—Eu faço. O que você teria feito?

Eu soltei sua mão, meu rosto apertando com a raiva borbulhando por dentro. Ele continuou querendo que eu compartilhasse quem eu era, mas ele realmente precisava saber? Eu continuava querendo afastá-lo, então qual seria a melhor ferramenta do que ser honesto? Se ele não estava tentando usar essa confissão contra mim, o que eu tinha a temer? Não era como se fôssemos voltar porque fizemos sexo e nos conectamos em um nível sádico.

—Eu faria o que fui feita para fazer. E eu teria feito isso com prazer depois do que ele fez você passar. Donald Karmasky mereceu cada último momento torturante que você deu a ele. Se eu o tivesse encontrado vivo, ele teria sofrido uma dor inimaginável. Eu teria me assegurado de que ele permanecesse vivo o

maior tempo possível enquanto o cortava totalmente. Eu me banharia em seu sangue e adoraria cada segundo enquanto ele gritava por sua vida. Então eu teria removido seu coração e cortado em pedaços para que ele nunca pudesse machucar outra pessoa. Isso faz você se sentir melhor?

—Não melhor, - Braden suspirou. —Não pior. A única coisa que sinto é a necessidade de jogar você de volta na cama e não sair do seu lado até que eu esteja satisfeito. Que pode ser nunca.

Capítulo 13

M

Anna Monroe iria estragar tudo que eu tinha trabalhado tanto para colocar no lugar. Não era assim que as coisas deveriam acontecer. Boston deveria vir até *mim*. Para confiar em *mim* durante esses dias de luto obsessivo. Sua raiva deveria crescer até que ele tramasse todas as suas ações malignas enquanto pedia pelo meu conselho. No entanto, com quem ele estava contando? Para quem ele estava se voltando?

—Mova-se de novo e quebrarei seu pescoço.

Meus dedos cavaram na garganta de Lucy enquanto eu borrifava nela o bico do chuveiro. Ela já havia tentado lutar contra mim para escapar. Isso apenas a deixou com o lábio arrebentado e um dente quebrado. Mesmo fraca, ela não iria quebrar. Não como eu queria.

—Você está com mais raiva do que antes, - ela gaguejou enquanto o sangue corria por seu lábio. —Ele está ... chegando perto, não está? Aposto que ele entendeu você.

Eu recuei, batendo as costas da minha mão em sua bochecha com tudo que eu tinha. Nenhum pensamento. Não se preocupe com seu bem-estar. Eu deixei a força carregá-la para o lado enquanto ela se desintegrava e deslizava ao longo do fundo da banheira. O carmesim rodou na água que se acumulava sob sua boca e bochecha, me agarrando - mantendo-me fixo na quantidade que escorria de seu nariz. Sem comida ou água, acompanhada de sua tortura, Lucy mal conseguia se controlar. Ela viveria por mais alguns dias, mas não se eu continuasse usando tanta força quanto eu. Metade de seu rosto já estava quase irreconhecível pelo inchaço, e agora o outro lado se juntaria. O hematoma estava escuro sob seus olhos e seu lábio estava cortado em mais de um lugar. Suas costas inteiras pareciam um peru do Dia de Ação de Graças fatiado em segmentos finos e à mostra para eu devorar ainda mais. E eu queria. Eu queria começar de novo. Para rasgar sua pele com o estalo da minha bengala repetidamente, até que sua coluna estivesse à mostra.

Um gemido soou, seguido por um suspiro e, em seguida, um gemido. Eu deixei o bocal do chuveiro cair da minha mão enquanto me abaixava para levantá-la. Lucy não tinha mais nada. Suas pernas não a seguravam e ela imediatamente se tornou um peso morto, pendurada no meu braço quando eu estendi a mão e desliguei a água. Mais sons. Suave. Cheio de dor. Virei-a e coloquei meu braço livre sob seus joelhos, levando-a para a cama.

Não havia sentido em perder outro momento com ela. Peguei meu telefone, batendo o número do meu cliente. Dois toques ecoaram antes que ele atendesse.

—O *que você quer*?

—Você ainda está bravo? Eu disse que tive problemas com outro cliente. Você não pode ficar chateado comigo por isso.

—Bem, eu estou. Eu precisava conversar para que você pudesse me acalmar. Você não estava lá. Agora eu só tenho uma garota.

—A que você matou está em todos os noticiários, você sabe. Vou adivinhar que você está amando essa parte.

Silêncio.

—Danny, não se feche sobre mim agora. Estou ligando para ver como você está, não estou? Eu ainda estou aqui para você. Você sabe disso.

—Eu acho...

—Eu sou seu médico. Eu prometi cuidar de você e eu irei. Você seguiu os passos para cobrir sua bunda como eu disse a você?

—Para um T. Eles não vão encontrar nada.

—Perfeito. Você foi ótimo. Conte-me sobre a outra garota. Ela ainda está viva?

Passos ecoaram, tão distantes quanto ele. Longos momentos se passaram antes que ele respondesse.

—Sim. Não tenho certeza por quanto tempo. Eu gostava mais quando tinha duas meninas. Foi mais emocionante. Eu quero outra. Eu quero duas de novo.

Eu olhei para Lucy enquanto estava sentado na beira da cama para que eu pudesse arrastar meu dedo por sua panturrilha. Minha mente girou com possibilidades - com cenários doentios e distorcidos. Eu os empurrei de volta, focando no meu plano. —A presença da polícia vai tornar tudo mais arriscado. Eu não aconselharia tomar outra tão cedo. Não da área, de qualquer maneira.

—Ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo. Foi melhor do que eu me lembrava. Não sei por que esperei tanto.

—Estou feliz que você esteja gostando, mas não fique muito confiante. Você tem que esperar seu tempo. Para saborear os momentos e prolongá-los o máximo que puder. Vai ser difícil, mas é administrável. Se você tomar outra, ela terá que ser a última por um tempo. Você precisa despistar os policiais. Deixe a cidade se assentar antes de sacudi-los novamente.

—Certo. Então a próximo terá que ser perfeita. Vou ter que encontrar a certa.

Eu balancei a cabeça quando comecei a andar. —... Você gosta de olhos verdes.

—Está certo.

—Eu não tenho olhos verdes para você, mas você conhece uma certa beleza que atende pelo nome de Anna Monroe? Ela pode ser o seu tipo.

A hesitação do outro lado me fez desacelerar. —Eu a vi na TV. Muito velha.

Minha boca se torceu. Não era segredo para mim por que Daniel Stracht escolheu suas vítimas jovens. Ou por que ele cortou seus olhos.

—Pena. Ela é fofa pessoalmente. Ela está ajudando outro de meus clientes com um dilema atual. Tenho certeza que você viu no noticiário. - Eu rapidamente mudei de assunto. —Você sabia que Anna foi a última vítima do assassino Rock River?

—Eu sei. Outra razão pela qual não a quero. Ela vai lutar. *Muito*. Embora eu seja legal com uma boa surra, eu sou mais para as meninas submissas. Você sabe disso. É parte da razão pela qual as escolho. Não demora muito para elas aprenderem seu lugar.

Certo. Como se fosse assim tão fácil. Lucy não tinha aprendido nada, e o maior motivo era o homem com quem ela estava. Boston a estragou. Ele escolheu a única garota que aprendeu a sobreviver através de obstáculos inimagináveis. A infância difícil. As constantes surras de seu irmão. A morte dele e da mãe dela. Ela estava endurecida por dentro, mas não impossível de quebrar. Isso viria em breve.

—Muito verdadeiro. Você não seria capaz de lidar com Anna Monroe, de qualquer maneira. Não como você quer. Bem, esqueça que mencionei isso.

—Eu poderia *lidar com* ela, - disse Danny defensivamente. —Eu a quebraria eventualmente. Só demoraria mais do que eu gostaria de investir.

—Eu não estava dizendo que você é incapaz. Se você fosse levá-la, ela teria que ser um projeto solo, e não é isso que você está procurando. Tê-la e outra seria demais para qualquer um. Você não gostaria do trabalho que precisa fazer.

Meu sorriso cresceu quando ele soltou respirações agravadas. —Besteira. Eu sou o melhor nisso. Se isso pode ser feito, pode ser feito por *mim*. Além disso, ela é apenas uma mulher. Qual é a pior coisa que ela pode fazer? Esfaquear meu outro olho? Foda-se essa vadia. Ela não tem merda nenhuma comigo.

—Não há necessidade de ficar todo animado. Aproveite o que você tem. Quando a próxima garota aparecer, você saberá. Então você pode tomar medidas cautelosas para começar a planejar o sequestro. É tudo uma questão de tempo.

—Não mude de assunto. Conte-me mais sobre Anna Monroe. Você disse que a conheceu.

—sim a conheci, ela é difícil. Muito franca. Endurecida, se você quiser.

—O que mais?

Eu sabia que estava alimentando a raiva de Danny e a necessidade de machucá-la ainda mais, mas não me importei. Eu precisava de Anna fora do caminho se eu queria ter a atenção completa de Boston.

—Você não quer Anna. Ela seria muito difícil de alcançar de qualquer maneira. O homem com quem ela está, meu outro cliente, ele é ... como devo dizer ... *muito* protetor com ela. Sem mencionar que ela tem um passado com um detetive trabalhando no caso das garotas que você pegou. É muito arriscado.

—Muito arriscado para mim? Acho que não.

—O que eu mencionei antes? Você é muito confiante e é por isso que não vou lhe dizer onde ela mora. Acontece que eu sei. Na verdade, passei por aqui algumas horas atrás. A casa é uma fortaleza e cheia de armas escondidas. Se eu não tivesse descoberto isso e fornecido as informações, você estaria caminhando para a morte. Você não pode tirá-la de lá. Teria que ser de completa surpresa. Na abertura. Em algum lugar semipúblico. Você ainda tem aquelas coisas que eu dei a você para desorientar?

—Eu faço.

—Se você fizesse isso, que é um grande *se*, essa seria a única maneira. A mulher não era apenas uma vítima aleatória antes, Danny. Ela é cruel. Sua mãe era a assassina de Madison Ridge, e Anna fazia todo o trabalho sujo de sua mãe. Este seria o troféu de uma vida se você conseguisse quebrá-la. Mas eu sinceramente não vejo isso acontecendo. Ela pode sofrer tortura. Fazê-la se curvar aos seus pés ... não vai acontecer. Nem um pouco. Ela cortará seu coração antes que você a veja se mover. Eu vi em seus olhos. Tem algo aí. Algo maior e mais vasto do que jamais encontrei neste campo. Ela é um mistério para mim. Seu assassino é ... *único*.

O silêncio durou mais tempo do que eu pensei que ele fosse capaz. Ele estava avaliando minhas palavras. Pesando se o desafio vale a pena, apesar do fato de eu ter sacudido a besta que ele tentava conter. Pior, eu estava fazendo a mesma coisa. Falar a verdade em voz alta trouxe à tona uma iluminação que não compreendi com os pensamentos ou conhecimentos gerais. Senti minha opinião sobre ela mudar. Meus motivos para ela ... *distorcer*. Eles estavam correndo pela minha cabeça, dando-me vislumbres de seu rosto - suas expressões e o que eu vi dentro delas. Eu podia ler as pessoas facilmente, e Anna era a deusa da morte. Ela representava tudo que eu amava. Ela era o equivalente mais próximo que encontraria no sexo oposto.

—A assassina de Madison Ridge. Ela é Annalize Reynolds?

—Você a conhece então?

—Quem não? Sua mãe era a mais bela assassina em série que já existiu. Eu costumava fantasiar com aquela mulher enquanto olhava as fotos da cena do crime.

—Então você estava se masturbando com a pessoa errada. Como eu disse, Anna fez a maior parte do trabalho. Mesmo quando criança, ela tinha uma arte como a maioria de nós sonha. Anna é o verdadeiro negócio. N*inguém*, o assassino de Rock River, amava tanto seu trabalho que a obrigou a fazer isso na frente dele quando a levou. Essas são algumas fotos que você deve procurar. *Porra.* Todos aqueles anos sem matar, e você pensaria que ela teria ficado enferrujada. Nem mesmo perto. Tanta beleza e precisão em seus massacres. Criatividade até. Aquelas garotas que *ninguém* largou ... - Eu mudei, pressionando meus lábios enquanto pensava sobre meus próprios desejos em relação a ela antes que ela entrasse no meu caminho com Boston.

—Na verdade, você sabe o quê, esqueça que mencionei Anna. Posso apenas ter outra conversa com ela. Talvez ela não esteja tão longe como eu pensava. Talvez eu a tenha interpretado errado o tempo todo. Danny, vou ter que deixar você ir.

—Esperar. Você não pode me edificar assim e depois me dizer não.

—Eu posso ter construído você, mas a realidade é que ela *é* muito velha para você. Ela é um risco de se aproximar. E ela mataria você. Faça o seu trabalho. Procure uma nova vítima, mas acima de tudo, tenha cuidado. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

—Dr. Patron.-

Eu desliguei, deslizando meu telefone no bolso enquanto comecei a andar. Lucy estava gemendo, mas ainda fora de si enquanto eu deixava minha mente vagar. *Anna. Anna Monroe.* Ela era um pé no saco, mas e se eu pudesse chegar até ela? Ela era um problema porque eu a estava tornando um. E se eu pudesse conquistá-la? E se eu pudesse puxá-la para o meu lado e mover seu foco para mim e para longe de Boston? O que ela iria querer mais do que encontrar Lucy?

Era a grande questão, e da qual eu não fazia ideia. Mas eu encontraria. Eu descobriria alguma coisa e, quando o fizesse, Anna Monroe viria até mim. Ela confessaria tudo *e muito mais.*

—B-Bos ... ton?

Olhei por cima do ombro para Lucy. Seus olhos estavam fechados. Sua cabeça se levantou, apenas para cair de volta na cama. Eu me aproximei, agarrando a bengala. Quando cheguei na cama, seu rosto estava voltado para o colchão e os dedos dos pés estavam empurrando o lençol enquanto ela lutava

para se levantar. A bengala acertou com força a parte de trás de sua panturrilha e ela estremeceu com o impacto.

—É hora de aprender o seu lugar. Você vai ficar de pé e se ajoelhar aos meus pés ou vou bater em você até que o faça.

—*Bata ... em mim.*

A raiva cresceu e eu a virei, recuando para dar um tapa em seu estômago com a bengala. Antes que eu pudesse abaixar minha mão, Lucy aproveitou o momento da minha vez atrás de seu chute. A conexão com meu pau fez minhas pernas dobrarem e a metade superior do meu corpo cair para frente. Ela não era tão fraca quanto parecia.

A perna de Lucy recuou e sua cura atingiu o meu nariz antes que eu pudesse me endireitar. Luzes piscaram e eu fui embora. Desapareceu da minha mente meticulosa. Longe dos planos que eu pretendia colocar em prática para passá-la como uma das vítimas de Danny. Com seu ataque, eu me tornei eu. O *verdadeiro eu.*

Capítulo 14

Detetive Casey

—Então é isso? Confesso o segredo mais obscuro que tenho, e você se fecha e se recusa a falar uma palavra comigo?

Anna olhou do outro lado do elevador, mudando a mochila em seu ombro. Algo aconteceu depois da minha admissão de como seu assassino me irritou. Estava errado, e me arrependi das palavras no momento em que as disse. Talvez ela soubesse disso e se afastou. Independentemente disso, eu não gostei. Eu era um homem dividido entre o certo e o errado. Entre o que me chamava e as leis que eu deveria cumprir.

—Não há mais nada a dizer, Braden. Sobre nada disso. Somos dois adultos. Nós fomos completamente arrebatados, fizemos sexo e provavelmente nós abrimos mais do que deveríamos. Nada mudou.

Eu sorri, balançando minha cabeça. —Eu diria que muita coisa mudou.

O ding soou e Anna não esperou para avançar. Eu o segui, descendo até o final do corredor. Boston já estava parado na entrada de seu quarto.

—Eu acordei e você tinha ido embora. Eu mandei uma mensagem, mas você não me respondeu. Eu estava preocupado

—Você mandou uma mensagem? - Anna enfiou a mão na bolsa, entrando enquanto Boston segurava a porta aberta para nós. Ela colocou a mochila na cama e pegou o celular. —Oh, me desculpe. Ele estava vibrando. Eu não ouvi.

—Estou feliz que você esteja bem. Eu vi o mapa. - Um sorriso surgiu em seu rosto quando ele e Anna se dirigiram para a mesa contra a parede oposta. No topo, um grande papel foi colado sobre a superfície, alinhado com estradas e locais. Alguns foram destacados. Outros foram circulados. —É incrível. Você não tem ideia do quanto isso ajuda. - Boston pareceu se recuperar, olhando para trás em minha direção. —Detetive ... você descobriu alguma coisa? Houve alguma notícia?

—Estou um pouco surpreso por você não ter me perguntado isso primeiro. - Ele e Anna se viraram completamente para mim enquanto eu continuava. —Na verdade, aconteceu algo que você precisa saber.

—*Lucy*?

—Não.

Fiz um gesto para a cadeira e Anna acenou com a cabeça quando seus olhos arregalados dispararam para ela.

—Eu não quero sentar. Porra, não. Conte-me.

—Esperar. - A mão de Anna pousou no braço de Boston. —Sentar. Por favor. O que ele tem a dizer a você não vai ser fácil, mas não muda nada. Ainda vamos trabalhar duro e vamos encontrá-la.

Boston hesitou antes de obedecer. O choque e o ciúme pesaram no meu núcleo. Ele a ouviu. E não apenas ouviu ... foi quase robótico quando ele agarrou a mão dela e a segurou. Eu não gostei disso. Nem um pouco.

—O que é, detetive? O que aconteceu?

—Fomos chamados para um homicídio esta manhã. Uma garota. Um dos que faltam. Ela foi descoberta em um beco próximo ao centro da cidade. Sua condição não era boa. Este não foi um assassinato simples.

—Ela foi ... espancada ... gravemente?

—Torturada.

—Torturada? O que você quer dizer?

Flashes do corpo vieram, e eu contemplei o quão profundo poderia ir.

—Ele tem que saber, Braden. Nós dois fazemos.

—Isso é para nós lidarmos. Não vocês dois. Eu entendo que você vai estar procurando e, - minha mão disparou, —colocando panfletos e essas coisas, mas é isso. Pergunte por aí, mas tenha cuidado. Este lugar não é seguro. Perguntar às pessoas erradas pode piorar a situação.

—Ou pode ajudar, - Anna interrompeu. —Braden, por favor. Eu estou te implorando. Diga-nos com o que estamos lidando. Você sabe que o que você disser não vai sair desta sala. Será que sim, Boston?

Ele balançou a cabeça com força. Sua raiva estava crescendo. Eu podia ver em seus olhos castanhos enquanto sua mão livre segurava o braço de madeira da cadeira.

—Anna. Você sabe que eu não posso fazer isso.

—Diga-nos o que você pode. Confie em nós. *Confie em mim.*

Colocando minha mão no quadril, levantei a outra para apertar a ponte do meu nariz. Os segundos se passaram. Então mais, antes de sentir meu corpo tenso se soltar.

—Ela foi espancada com alguma coisa. Havia muitos hematomas e marcas que iam da nuca até os joelhos. Ao que parece, aconteceu ao longo de um período de tempo. O pior parecia vir antes de ela ser descartada. Provavelmente ... - minha cabeça balançou, - ela foi abusada sexualmente. Seus olhos, eles estavam faltando. Mas essa informação não se tornará pública.

—Jesus ... foda-se! - Boston voou da cadeira, puxando seu cabelo enquanto ele gemia e respirava fundo. —Porra. Porra!

—Isso é o que você queria? - Eu perguntei sinceramente para Anna. —Você realmente acha que ele precisava ouvir isso?

—Absolutamente. Ele teria descoberto de qualquer maneira, e seria melhor vindo de você. - Ela deu alguns passos, estendendo a mão para puxar Boston em seus braços, e ele foi puxando-a do chão para deixar seus pés balançando enquanto ele enterrava o rosto em seu pescoço. O soluço que saiu dele atingiu tão perto de mim que fez minha respiração ficar quase difícil. —Shhh. Está bem. Nós a encontraremos. Eu prometo. Não vamos parar até o fazermos.

—Eu não posso perdê-la, Anna. Eu não vou. Eu vou ... Deus, se eles a machucarem. Se ... - Outro som de partir o coração o deixou. Boston desabou na beira da cama, trazendo Anna para se sentar com ele enquanto ele continuava a segurar e quebrar ainda mais. Observando-o, vendo o que eu passei enquanto olhava para ele, quase tive que me afastar. O ciúme não estava lá no momento. Eu não conseguia ver nada além de mim mesmo.

Boston Marks lamentou uma mulher destinada à morte. Ela pode estar viva agora, mas se não a encontrássemos logo, ela não estaria por muito mais tempo. *Sua dor. Seu dilema.* Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo. Eu vivi isso. Não havia palavras para o desespero que se infiltrava profundamente na alma, rasgando-a como um lenço de papel quando um pedaço seu era levado embora. Mas isso era vida - amor. O tempo sempre encontrou maneiras de abrir buracos irregulares em todos nós. Especialmente eu.

—Eu sei que você está apavorado e está machucado agora, mas olhe para mim. - Anna inclinou a parte superior do corpo para trás, usando a mão em concha na mandíbula de Boston para fazer seu olhar subir. —Use o que você sabe. O *que você sente*. Engarrafe-o e concentre-se em nossa busca. Lucy precisa de você. Ela precisa de você mais do que jamais precisou ou precisará novamente. Agora não é o momento para se fechar nos detalhes. Pegue o conhecimento desse assassino e acabe com ele como estou fazendo. Você me entende? Sua atenção precisa estar *nele*. Ela não. Ainda não.

—Você está certo. - Boston respirou fundo, estremecendo, nem mesmo olhando para cima enquanto se dirigia para o mapa. Anna se levantou, caminhando até mim e gesticulou para que eu a seguisse. Fomos até a porta, saindo, enquanto ela a segurava aberta com o pé.

—Obrigado. Eu sei que você não queria fazer isso. Isso me ajuda mais do que você imagina.

—Será mesmo? Quão?

Ela escovou o cabelo loiro para trás e parou enquanto tentava encontrar o que dizer. —Eu sabia que era algo sobre os olhos. Era a única coisa além da idade que ligava as meninas. Saber que ele os remove me diz o que quer que seja sobre a cor, isso tem muitos anos. Sua primeira vítima - ou uma mulher que talvez ele desejasse ser sua. Não seria sua mãe se ele estivesse levando as meninas tão

novas. E ele está estuprando e espancando-as ao extremo. Ele está além da raiva; ele está chateado, e isso significa para ele, é pessoal. Não temos muito tempo.

—Eu concordo, mas, Anna, nós precisamos conversar. O que você está fazendo com Boston, eu não estou bem. Você está se colocando no caminho de outro assassino. E se ele ouvir ou ver o que vocês dois estão fazendo? E se ele vier atrás de você em seguida?

—Ele não vai me pegar.

Sua raiva e confiança fizeram minha voz se aprofundar. —Você não sabe disso. *Tudo é possível*. Não posso ... não vou passar por isso de novo.

—Você não vai precisar.

—Claro que não vou.

—O que você está dizendo?

—Estou dizendo ... - Eu me interrompi, procurando em seu olhar uma alternativa, qualquer coisa que me fizesse não a empurrar para mais longe. Mas foi inútil. A verdade era que eu iria tão longe quanto fosse necessário para manter Anna segura. Ela significava tudo para mim. —Estou dizendo que se você cruzar qualquer linha ou quebrar alguma lei, você se encontrará atrás das grades mais rápido do que pode piscar. Não me empurre. Fique segura e fique fora do nosso caminho. Deixe-nos fazer nosso trabalho ou avisarei a estação de notícias que você está atrapalhando uma investigação e pode ficar sem uma.

Traição. Dor. Eu conhecia cada expressão que ela fazia, e ambas estavam fortemente gravadas em suas feições enquanto ela olhava para mim sem acreditar.

—Você foi longe demais.

—Não longe o suficiente, ou então você nem estaria aqui com Boston agora. O que está acontecendo é para as autoridades investigarem. Você não é uma policial. Você não é uma detetive. Você não é do FBI. Você não é treinada para lidar com esse tipo de pessoa.

—Eu vou ter que discordar. Acho que de todos que você mencionou, sou a *mais* qualificada. Ele e eu pensamos da mesma forma. Estive em ambos os lados, vítima e *assassino*. Diga-me de todas as autoridades escolares, quem pode me igualar? Ninguém, porque isso não é algo que você aprende em sala de aula. Minhas mãos estão sujas e minha mente está estragada. E sou mais inteligente para isso. Vou encontrar esse assassino, Braden. Dez para um, *vou encontrá-lo muito antes de você.*

Capítulo 15

Anna

Eu queria que ele visse, *conhecesse* a Anna que estava diante dele. Desde que me lembro, escondi quem eu era. Do público. Dele. *De mim mesmo.* Embora eu nunca fosse completamente aberta com Braden, a parte de mim que o amava queria algo. Talvez uma partícula de aceitação. Talvez seu amor, apesar do monstro que ainda era. Talvez até ... *não* - não respeito. Não importa o que Braden confessou para mim, ele e eu não éramos iguais. Ele não desejava a violência ou o sangue como eu. Mas tínhamos pelo menos a menor coisa em comum - vingança fria. Não o tipo que consistia em tribunais, mas um entrelaçado com justiça satisfatória. O tipo que aquece seu estômago e acelera seu pulso.

A justiça da retribuição. Vingança. Mesmo que ele não se entregasse completamente a isso, ele cometeu um assassinato uma vez, e isso era algo que eu poderia usar a meu favor.

—Você tem tanta confiança em si mesma, Anna. Se você me perguntar, muito. Você esquece que estive em ambos os lados também. Não na mesma medida, mas isso não me torna menos capaz.

Empurrei a porta ainda mais e avancei mais para dentro do quarto de hotel de Boston. —Talvez não. Mas tudo que você sabia não o ajudou a *me* encontrar. não é?

A dor drenou a cor do rosto de Braden, apenas tornando-o frio enquanto seus olhos se estreitaram em um brilho. O arrependimento me engolfou, mas consegui manter minhas feições relaxadas.

—Uau ... você é tão rápida em permitir que o medo domine seu amor por mim. Estávamos chegando perto de resolver isso, e suas paredes vão subindo. Quanto você está sofrendo agora? Aposto que me afastar está matando você, não é? Ela se inclinou para frente enquanto as lágrimas começaram a queimar meus olhos. —*Me responda.* É mais fácil guardar rancor do que me perdoar por algo que eu não tinha controle? Essa raiva vale mais do que o que uma vez compartilhamos? Fiz tudo o que pude para tentar encontrar você. Eu queria me casar com você. Eu planejei ...

—Você deveria ir.

—Quando eu terminar. - As palavras cortadas foram rosnadas com os dentes cerrados. —Você pode não querer ouvir o que tenho a dizer, mas vou muito bem tirar isso do meu peito de uma vez por todas. Antes de você ser levada,

comprei um anel. Eu ia propor, passei dias - inferno, semanas - tentando planejar a maneira perfeita de te pedir em casamento. Olhando para trás, eu estava apavorado. Não por passar o resto da minha vida com você, mas por sua possível rejeição. E se você dissesse não? E se você dissesse sim? E se eu não pudesse te fazer tão feliz quanto você merecia? - Sua cabeça inclinada para o lado. —Vejo como essas perguntas são absurdas agora. Nada comparado ao inferno que tive que viver sem você em minha vida. Deus, eu trocaria qualquer coisa no mundo para estar de volta nesses momentos de incerteza mesquinha. Saber que você era minha era tudo o que importava. Para acordar com você em meus braços e saber que tive seu amor. *Sua confiança.* — Uma respiração profunda o deixou. —No momento, seu anel está em cima da cômoda dentro do meu apartamento, onde está desde que você me expulsou de casa. *Nossa casa*, Anna. Tínhamos uma vida juntos. Uma vida linda e maravilhosa. Você pode me dizer honestamente que não me ama o suficiente para perdoar algo que não foi minha culpa? Que você não quer o que já tivemos?

Um baque sacudiu todo o meu corpo enquanto uma pressão invisível me fazia olhar por cima do ombro para o quarto do hotel. Boston estava de pé sobre o mapa, mas ele estava me observando. *Nos ouvindo.*

Meus dedos apertaram a maçaneta da porta e engoli o aperto na minha garganta.

—Seu sonho era comigo. Ela não era real, Braden. Ou, se foi, ela morreu naquela casa onde foi mantida. Eu sinto muito. Eu não posso fazer isso.

Eu recuei, me forçando a memorizar o coração partido que estava causando a ele enquanto fechava a barreira entre nós. Braden não merecia isso. Ele não estava seguro. Este novo eu - a Anna que foi acordada - não era uma boa pessoa. Continuar essa proximidade com Braden só iria colocar um de nós em problemas.

A superfície de madeira estava fria quando descansei minha testa na porta. A escuridão nunca foi tão convidativa, já que a exaustão me deixou sem equilíbrio.

—Ele te ama.

A voz de Boston me fez abrir os olhos e me virar para encará-lo. Eu não respondi enquanto me dirigia para o mapa em que ele estava descansando os dedos. Quando me aproximei, ele se endireitou.

—Anna—

—Detetive Casey e eu não somos relevantes para encontrar Lucy. Vamos examinar este mapa. Vamos começar aqui, - eu disse, apontando para o topo e gesticulando para os arredores em um movimento circular. —A periferia da cidade é promissora. Então, novamente, ele pensará que suspeitaríamos

disso. *Ninguém* me manteve na cidade, - eu disse mais baixo. —Bem perto da delegacia. Mas essa pessoa ... - Pisquei com força, tentando colocar as palavras que escrevi em foco. —Essa pessoa, - meu dedo moveu-se para dentro, mais perto da cidade, ficando mais para os arredores, —ele não estará na cidade. Ele também não estará na periferia.

Para frente e para trás, meu dedo se moveu - entre a cidade e arredores, para o sul, onde ficavam os jardins.

Eu tracei, indo entre três rotas principais diferentes. Seria mais fácil continuar para o sul. Foi um tiro direto para sair da cidade em tempo recorde. Menos exposição. Menos chance de ser pego. Claro, eu posso estar completamente errada e ele veio do lado leste, que não era muito diferente do sul. Uma vez fora da cidade, era principalmente terras agrícolas.

—Você está se inclinando para o sul. - Boston apontou para as três estradas principais que eu estava estudando.

—É fácil acesso aos jardins e arredores para onde as outras meninas foram levadas. É a rota mais segura para ele viajar, e ele estaria cobrindo sua bunda.

—Mas ele conhecia Lucy, ou que eu a teria. Essa ligação não foi à toa. Foi uma distração. Então, de onde ele veio e para onde foi? Sul?

—Ou para o leste, - eu suspirei. É a estrada mais próxima que ele poderia ter tomado pelos jardins. Isso leva a terras agrícolas, assim como o sul. Tudo isso, - eu disse, acenando com a mão, - é nada. Hectares e mais hectares de casas de fazenda aleatórias, celeiros. Eu deveria fazer um mapa maior.

—Porra. Eu preciso de café. Você dormiu mesmo?

—Não. Ainda não. Acho que vou aguentar mais uma ou duas horas. Eu vou expandir

Boston fez uma pausa, agarrando a caneca de café enquanto sua cabeça balançava.

—Você vai cair onde está. Você precisa dormir. Pelo menos algumas horas.

Ele colocou a caneca sobre a mesa, ignorando-a enquanto me levava para a cama.

—Descansar. Posso desenhar o básico no mapa. Isso vai me dar algo para fazer até você acordar. Você precisa mudar de roupa? Chuveiro? Você trouxe uma mochila. Você vai ficar então, como eu pedi?

—Sim. Tomei banho em casa, mas preciso me trocar. Não vou dormir por muito tempo. - Eu andei ao redor dele, pegando minha mochila e indo em direção ao banheiro. Boston não se moveu enquanto eu entrava e fechava a porta. Eu deveria ter me sentido desconfortável ou estranha ao vestir a calça do pijama com a camiseta combinando, mas não estava. Lucy roubou todas as emoções defensivas que eu normalmente teria sentido. Eu era uma mulher em uma missão

e ela era minha única preocupação enquanto escovei os dentes e voltei para a sala.

Mesmo quando me aproximei da cama, meus olhos continuaram indo para o mapa - de volta para Boston quando ele olhou para cima da cadeira, me observando. A última coisa que queria era dormir, mas já não estava funcionando como Lucy precisava.

A luz se acendeu na mesa e eu estendi a mão, desligando a que estava ao lado da cama. A escuridão me saudou melhor do que qualquer amante. Ele me acolheu de volta, e dentro do vazio da aproximação da inconsciência, minha mente disparou. Os pensamentos se distorceram e as cenas brilharam. As fotos de Lucy apareceram e pude vê-la em movimento, ganhando vida diante de mim.

O cabelo loiro balançava com seus movimentos e os jardins estavam subitamente à vista. As flores desabrocharam. Cerca. As pessoas andavam aleatoriamente enquanto outras viam as cores vibrantes. Era tão real que eu podia sentir o cheiro da doçura. Eu podia sentir o sol em mim, aquecendo minha pele.

Eu estava andando de repente. *Perseguição.* Observei seu rosto de diferentes ângulos enquanto me aproximava. Baixando o meu olhar, meu foco foi para a pele lisa e bronzeada de seu pescoço antes de analisar a perfeição de seu perfil. Eu a conhecia, embora tecnicamente não a conhecesse. Seu sequestrador?

Os pensamentos se estenderam através das múltiplas perguntas filtradas. Por mais tempo, eu a encarei, circulando enquanto ela olhava para frente. Olhou para Boston. Ele recebeu uma ligação. Uma distração. O assassino estava aqui. Ou alguém ... Eles sabiam nomes. Localizações. Vezes. *Eles sabiam...*

Sombras espessas se moveram atrás dela enquanto eu olhava nos olhos. Olhos verdes. Olhos arregalados e aterrorizados. Profundidades que tinham um futuro que só eu conhecia. Ela estava sendo torturada? Estuprada? Foi sobre isso ou algo mais? Ela estava ligada a este assassino? O instinto me disse, de alguma forma, sim. Mas Lucy não era daqui. Não como as outras garotas. Então, como essa pessoa a teria escolhido naquela manhã, em tão pouco tempo, e soube o nome de Boston, e que eles estariam em Rockford? Não fazia sentido. Não era impossível, mas também não era provável.

Mais profundamente, empurrei a parte de mim que sempre tentei fechar. Os pensamentos enfraqueceram, roubados pelo sono que tentava vir, mas consegui deixar minha mente continuar correndo.

A massa escura estava ficando mais espessa atrás dela. Branco. Um lenço. Motivo. Planejamento. Tudo por ela. Para uma garota que não era nativa da região. Por um lado, ela era de Massachusetts e Flórida. Eles não ficaram nos

jardins por tempo suficiente para alguém conseguir nomes de qualquer coisa que não fosse conversa. Um sequestrador inteligente? Um conhecido?

Os dois lutaram entre si pelo que pareceu uma eternidade enquanto eu flutuava entre o choque de cores e o esquecimento. Calor e gelo pinicavam minha pele enquanto a risada demente de *Ninguém* fazia cócegas em meu pescoço. De repente, eu era Lucy, sentindo a presença atrás de mim. A necessidade de lutar, de me virar, estava lá, mas sua inconsciência me deixou congelado no lugar. Gritos explodiram ao meu redor - meu, dela. Éramos um, fundindo-nos como um cobertor de terror envolvendo minhas costas e me segurando forte. E branco, estava me roubando. Eu não conseguia respirar através da fumaça tóxica que meu subconsciente me dizia que eu estava cheirando. Mas também não consegui lutar. Meu corpo estava se debatendo, mas meus braços e pernas não se moviam. Eu estava caindo. Nós estávamos indo embora. Dormir. Sono profundo. Risos ... em algum lugar. As mãos dele. Seu toque.

—Anna. Anna, acorde.

Tremer fez meus olhos se abrirem. Eu pensei que não podia me mover? Eu não pude. Peso me prendeu para baixo e meus braços ficaram moles no aperto de Boston enquanto eu engasgava repetidamente e olhava para seu rosto perplexo.

—Jesus. Você me assustou quase, morri. Você está bem? Você começou a gritar. Você ... - ele engoliu em seco, saindo da parte superior do meu corpo e soltando meus pulsos. —Eu nunca ouvi uma mulher gritar assim antes.

O suor encontrou minha palma quando eu deslizei pelo meu rosto e me sentei. Eu mal notei a água quando Boston a entregou para mim.

—Eu sinto muito, tive um pesadelo.

—Você estava de volta com ele?

A queimação envolveu minha garganta enquanto evitava a pergunta e voltei a engolir em seco. —Há quanto tempo estou dormindo?

—Algumas horas. Já é de manhã.

—Manhã? - Eu coloquei a garrafa na mesa, empurrando para fora da cama. O mapa sobre a mesa foi expandido, mas não como eu pensei que seria. Meus olhos foram para Boston quando ele se abaixou para a beira da cama. —Você saiu? O mapa é ... - Para a frente e para trás, olhei entre eles.

—Eu estive aqui. - Ele ergueu os olhos do chão. Um bom minuto se passou antes que ele cerrasse os punhos e apoiasse os antebraços nas coxas. —Eu acho que o Dr. Patron estava certo. Minha mente ... não está bem.

—O que você quer dizer? O que aconteceu? O que você estava fazendo?

—Nada. Pensando.

Rapidamente, pisquei em meio à confusão. —Sobre o que? O que era mais importante do que terminar o mapa? Boston, eu não entendo

—*Você não faria isso.* - Seu tom se acalmou quando sua cabeça abaixou novamente. —Tentei trabalhar no mapa. Eu realmente queria, mas então você começou a falar enquanto dormia. Não consegui entender o que você estava dizendo, então me aproximei para ouvir. - Ele fez uma pausa, trazendo seu olhar direto para o meu. —Os lábios de Lucy não são tão cheios quanto os seus. Seu nariz também se inclina um pouco mais. É um pouco mais fino que o seu, mas ... - ele apertou os olhos, —vocês duas são tão parecidas e, no entanto, completamente diferentes, embora apenas nas menores medidas. É fascinante como a menor variação pode alterar a aparência de alguém. Eu nunca conheci ninguém que fosse próximo o suficiente dela para sequer considerar uma comparação, e provavelmente não teria se ela estivesse aqui. Eu só ... estou procurando por ela em tudo. Minha mente não vai parar.

—Você estava me observando dormir? Por horas?

—Eu te disse, você não entenderia.

—Você está certo. Eu não. Precisávamos daquele mapa feito para Lucy. *Para encontrá-la.* O tempo está se esgotando. Você entende isso? Você tem alguma ideia do que ela pode estar passando neste exato momento?

Boston se levantou, dando um passo zangado em minha direção. —Eu sei exatamente o que ela poderia estar passando, e meu conhecimento disso é o que está me ferrando mais. Anna, o mapa é ótimo para quando não estamos juntos. É ótimo como uma referência para nos guiar enquanto examinamos onde pesquisamos. Mas nada é comparável do que nós dois nas ruas tentando desvendar quem fez isso. Podemos trabalhar na expansão do mapa mais tarde. Agora, eu digo que tomemos o café da manhã e comecemos a cavar na sujeira desta cidade. Alguém precisa saber de alguma coisa. Vamos descobrir quem.

Capítulo 16

M

Sangue...

Salpicos salpicaram a porta branca do quarto como se eu tivesse puxado o alfinete de uma granada e enfiado na boca de Lucy. Começou no nível médio, pontilhando nas bordas e manchando no meio dos dedos de Lucy. As reentrâncias marcavam a superfície de onde suas unhas haviam quebrado contra a madeira. As garras eram constantes. Mesmo agora, enquanto eu batia meu pau em sua bunda e a mantinha presa, esse jogo de empurrá-la ao extremo já durava horas. Pela minha vida, eu não conseguia parar. Repetidamente, apertei meu punho em seu cabelo, esmagando o lado de seu rosto na superfície dura. Eu queria ver seu cérebro decorando o branco. Eu queria bater contra sua pele até que ficasse mole, cobrindo o chão e as paredes ao meu redor. Eu rosnei como um animal, rasgando os fios loiros enquanto batia selvagemente em sua entrada traseira. Eu ia e voltava restringindo, demolindo. O ódio que ela libertou não tinha limites. Não teve nenhuma proteção no momento em que provei meu próprio sangue de seu chute.

—Você não vai me atacar de novo, vai? Você realmente achou que conseguiria escapar? Que sua tentativa patética me machucaria o suficiente para permitir que você saísse pela porta da frente? Eu não sou fraco. Você me ouve! Não! Fraco! Não! *Fraco*!

Eu me afastei, batendo sua cabeça na porta com cada palavra. A raiva continuou vindo. Intensificando. Eu espalmei o lado de seu rosto, aplicando uma pressão esmagadora enquanto eu me imobilizava. Ela estava gritando tão alto que eu mal conseguia me ouvir. Minha voz, a pulsação em meus ouvidos, eles estavam se afogando em seus pedidos de ajuda quebrados.

—Dr. Patron! Eu paro. P-por favor.

Minha mão caiu quando meu braço imediatamente travou sob seu queixo. Eu apertei com força, girando-nos de volta para a cama. Ela não lutou quando empurrei a parte superior de seu corpo para baixo e continuei a empurrar. Meu punho recuou, parando no ar enquanto eu tentava me enrolar.

De todos os diferentes tipos de assassinos, eu era um assassino da luxúria. Eu obtive prazer sexual da tortura e da morte. Para mim, não era necessariamente sobre emoção, ganho pessoal ou poder. Não ... *luxúria*. Foi o sangue. Assistindo o dano que eu poderia infligir enquanto sua bunda apertou em torno do meu pau - dano que eu tinha que ser cuidadoso em cometer. *Boston. Anna.* Eu queria os dois. Eu queria que eles me contassem seus

segredos. Continuassem a matar para que pudesse viver suas histórias fascinantes de sangue e morte.

—Por favor, - Lucy suspirou. —Eu ... não vou ... estou ... pronta.

Carmesim já estava manchando o edredom de cor clara sob seu nariz e boca. Os hematomas escuros e o inchaço a deixaram irreconhecível pela garota que eu havia levado. O fato de que ela ainda estava consciente era desconcertante. Ela não deveria estar viva depois do dano que eu tinha causado e pode não estar muito mais tempo.

Apenas o pensamento fez meus quadris baterem mais forte contra ela. Minha mão espalmou sobre seu perfil arrebentado, e eu deixei meus dedos puxarem contra sua têmpora e bochecha enquanto eu manchava o sangue em sua garganta. O corpo de Lucy estremeceu com os gritos.

—Abra seus olhos. Olhe para mim.

Meus dedos já estavam segurando seu queixo para tentar virá-la mais na minha direção, mas ela teve força suficiente para resistir. A pequena rebelião me fez estender a mão para o lado da cama para pegar a bengala. Os olhos de Lucy se abriram com o meu movimento.

—Não! OK. OK.

Mesmo quando ela disse isso, seus olhos rolaram. Ela estava tão sem fôlego. *Tão fraca*. Dela. Eu não. A compreensão retardou meu ataque. Minhas estocadas diminuíram agonizantemente. Em vez de bater nela, segurei as pontas da vara e apliquei contra o lado do pescoço dela. Pressionando, usei pressão suficiente para deixá-la inquieta.

—Você está quebrando, pequena. Você está quase lá. Daniel gosta que suas garotas o chamem de Mestre. Você se lembra dessa palavra? Vamos ouvir você dizer isso. Eu quero ver como é.

Meu aperto diminuiu e a boca de Lucy se abriu, mas ela estava hesitando.

—Você não aprendeu? Eu preciso bater em você com isso de novo?

—*Não*. Não ... Mestre.

Enterrei meu pau em sua bunda. Lucy estremeceu e ficou rígida, soluçando enquanto eu pesava o poder que vinha com o título.

—Novamente.

Eu me retirei, esperando.

—Mestre.

O sangue no meu pau deixou seu canal liso, persuadindo-me a continuar. Eu não fiz. Eu fiquei parado, deixando-a continuar e aprender. Os segundos se passaram.

—M-Mestre.

Bater!

O corpo de Lucy convulsionou quando ela desabou e começou a falar meu novo nome. E ela odiava. Eu não fui o suficiente pela luxúria para não a ver dizer o título entre os lábios apertados. De alguma forma, isso o tornou melhor. Isso significava que ainda havia luta nela.

—*Mestre ... Mestre ... Mestre ...*

Mais rápido, ela disse isso, e mais rápido, eu empurrei. Lucy estava começando a se contorcer, e sua dor óbvia fez minhas bolas se arrepiarem. As unhas se cravaram na cama enquanto eu engrossava dentro dela. O prazer era êxtase e agonia ao mesmo tempo. Eu puxei para fora, acariciando meu comprimento enquanto o esperma disparava repetidamente do meu pau. O suor cobria meu corpo nu, fazendo-me coçar para tomar banho. O latejar voltou à minha cabeça quando a puxei para cima e a arrastei para o banheiro. Quando a descarga deu descarga e ela se levantou, coloquei-a de volta na cama, algemando-a no lugar. Novamente, ela não lutou. Ela olhou para mim com olhos muito vermelhos. Os brancos inteiros estavam quase vermelhos de vasos sanguíneos rompidos. Se foi por causa da batida ou sufocação, eu não tinha certeza. Eu não me importei. Parecia glorioso. Lindo.

Eu me virei para o banheiro, apenas dando um passo antes que a voz crua de Lucy me fizesse parar.

—Posso ... beber água. Por favor, *Mestre*.

Eu olhei para frente. Pela primeira vez, olhei para meu reflexo e fiquei sem palavras. Mesmo se eu quisesse dizer não, não poderia. Roxo escuro estava demarcando os cantos dos meus olhos ligeiramente inchados, e vermelho estava manchado sob meu nariz e em minha bochecha. Nenhuma das minhas vítimas jamais teve a vantagem sobre mim. Mas Lucy ... ela tinha. E ela era a mais importante de todos eles. Eu não poderia esconder isso de Boston ou Anna. Eu precisava estar lá com eles e ouvir o que estava acontecendo para que eu pudesse tentar convencê-los do que eu queria. Eles naturalmente suspeitariam. Anna, pelo menos. Nenhuma mentira apagaria as perguntas que passavam por sua mente manipuladora. Mas isso ... *eu poderia trabalhar com isso*. Isso poderia me ajudar.

—Por favor, Mestre. Só um pouco. A-Qualquer coisa. Estou com muita sede. E faminta.

Virando, pisquei através das rodas girando em meu cérebro.

—Água. Sim.

Em vez de ir para a cozinha, entrei no banheiro. Foi só depois de tomar banho que fiz meu caminho para a cozinha. Lucy mal estava consciente quando reapareci. Seus ferimentos estavam cobrando seu preço.

O que diabos eu estava pensando ao me deixar perder o controle daquele jeito? Não era a hora de Lucy. Eu poderia ter esmagado seu cérebro, e então onde eu estaria? Não consegui removê-los como sonhei. Como se eu desejasse mais do que qualquer coisa. E um pouco mais longe, eu teria. Eu teria quebrado seu crânio como uma noz e os cavado ali mesmo na porta onde a peguei.

Água jorrou da torneira e empurrei o copo para baixo, deixando-o encher. Já era de manhã. A luz brilhava através das persianas atrás das cortinas cor de pêssego pálido, e eu sabia que não conseguiria dormir tão cedo. Eu tinha que voltar para a cidade. Anna e Boston iriam se aprofundar na investigação e eu precisava estar lá.

Desliguei a água e voltei para o quarto. Lucy piscou lentamente, tornando-se mais consciente conforme me aproximei com o vidro. As lágrimas escorreram pelos lados de seu rosto e suas pernas ganharam vida, ficando loucas enquanto ela tentava empurrar o corpo para cima.

—Calma. — Sentei-me no nível de seu estômago e ajudei a levantar sua cabeça enquanto ela tomava goles gulosos. A tosse foi quase imediata, mas não a impediu de tentar engolir mais. —O suficiente.

Minha voz estava suave quando coloquei o copo na mesa de cabeceira e estendi a mão escovando seu cabelo para trás. A calma estava se instalando, assim como minha personalidade de médico.

—Descanse um pouco. Eu tenho que ir. Voltarei mais tarde com comida. Se você for uma boa menina, talvez eu lhe dê alguns.

Os lábios rachados de Lucy tremeram. —*Obrigado*. Obrigado mestre.

Fiquei quieto enquanto me levantava e ia para o armário. Vestir-se passou com um soluço aleatório, mas não demorou muito para que respirações profundas enchessem a sala. Lucy estava dormindo e, pelo que parecia, ela estava desmaiada. Peguei minhas chaves e telefone, indo para a porta da frente. Exaustão estava lá. O encontro com Anna e Boston seria rápido. Depois de descobrir o que eles sabiam e fazer com que confiassem ainda mais em mim, coloquei o próximo nível do meu plano em ação.

Capítulo 17

Detetive Casey

Novo veículo - um carro esporte preto insanamente caro com uma tonalidade tão escura quanto possível sem ser ilegal. Olhares intensos ao seu redor. Sem facilidade. Constant se inclinando - sussurrando.

Anna e Boston poderiam ser reflexos um do outro. Metades formando um todo. Como eu nunca tinha visto isso antes me deixou perplexo enquanto os observava examinando o papel que Anna segurava. Ambos, em momentos aleatórios, paravam para observar cada pequeno movimento ao seu redor. Um, depois o outro. Como se fossem gêmeos. Como se o instinto os fizesse subconscientemente protegendo um ao outro. Era desconcertante, mas fascinante. Como eles estavam tão afinados não fazia sentido para mim. O que me fez prestar mais atenção em Boston. Eu sabia tudo o que saberia sobre ele. Ao menos pelas informações que obtive conversando com as pessoas que o conheciam. Quanto ao seu registro, ele não tinha um. Ele estava tão limpo quanto eles vieram. A única pessoa questionável em sua vida era o médico, mas que pessoa rica não tinha psiquiatra hoje em dia?

Como se minha mente conjurasse o próprio homem, o branco puxou minha visão periferia. O Dr. Patron caminhava em um ritmo acelerado, vestindo seu terno chique e um par de óculos escuros. Anna foi a primeira a localizá-lo. Seu rosto avançou mais perto, e Boston se virou para tudo o que ela disse.

Sem sorriso. Nenhuma expressão.

Os olhos de Boston voltaram para Anna. Tudo o que ele disse a fez apertar os olhos.

Eu não aguentava não saber o que eles diziam. Isso me fez levantar da mesa do café ao ar livre e correr pela rua. Foi a vez de Boston virar a cabeça. Seus olhos encontraram os meus. Outro sussurro, trazendo a atenção de Anna para mim. O Dr. Patron chegou até eles segundos antes de mim. À minha abordagem, o lábio do médico se contraiu.

—Eu não esperava tanta ajuda aparecer. - O leve sarcasmo na voz de Anna trouxe um sorriso ao meu rosto. Depois da maneira como tínhamos deixado as coisas antes, eu sabia que ela só queria colocar mais distância entre nós, mas eu não ia deixar isso acontecer.

—Esta é a minha investigação. Por que eu não ajudaria?

—Você quer dizer espião? Eu te vi no momento em que você saiu do carro meio quarteirão abaixo. - Você está curioso para saber o que estamos

fazendo. Cartazes, - Anna disse, apontando para a pequena mesa ao lado deles. —Nada mais.

—Cartazes. Boa ideia. Mas qual é o papel na sua mão?

Boston pegou o papel e Anna sorriu docemente, movendo-se na frente dele como se ela fosse uma espécie de escudo. Em sincronia. *Um*. Suas ações me fizeram inclinar minha cabeça para o lado para olhar ao redor.

—Apenas algumas ideias. Tenho certeza que você já os cobriu, então ... —Ela deu de ombros. —Já que você está aqui, quer tomar um café? Nós nos encontramos aqui. Bem, bem ali, - ela apontou. —Eu corri para você e encharquei nós dois com café. Você se lembra?

—Você está mudando de assunto. - Em seu silêncio, eu fiz uma careta, olhando para o Dr. Patron, e depois para Boston, percebendo a dica. —É claro que eu me lembro. E sim, o café seria ótimo.

Anna se dirigiu para a porta e eu a segui. O médico já estava se mudando, falando humildemente para Boston. Todos pareciam se comunicar em segredo. Eu não tinha ideia do que diabos estava acontecendo, e minha agitação estava crescendo a cada segundo.

Um ding soou quando Anna e eu entramos na cafeteria. Assim como no dia em que nos conhecemos, as pessoas estavam alinhadas na pequena área. Um casal estava sentado no canto mais afastado e homens e mulheres aleatórios estavam espalhados por toda parte. O cheiro de café e doces estava forte no ar, me lembrando que eu não tinha tomado café da manhã depois do meu turno da noite. Felizmente, eu estaria mudando em breve.

—O que fez você decidir vir?

Eu me virei mais para Anna enquanto ela olhava para mim. Havia algo em seus olhos. Dor? Raiva? Eu não sabia pelo tom dela. Ela não tinha mais emoção ali do que em sua voz.

—Curiosidade. O que estava naquele papel? Vocês dois estavam muito sérios enquanto olhavam para ele.

A pergunta a fez olhar através das grandes janelas de vidro. Os dois homens ainda estavam conversando e parecia que a conversa estava um pouco acalorada. Boston estava balançando a cabeça, apontando para a estrada, enquanto o médico estava tão ilegível como sempre.

—Apenas locais que acredito podem ser de interesse. - Ela fez uma pausa. —Você aprendeu alguma coisa nova?

—Estou fazendo as perguntas. Conte-me mais sobre este jornal.

—São os bairros e suas taxas de criminalidade. Eu estava explicando os perigos para Boston.

—Boa. Vocês dois precisam ficar longe de lá. Se por algum motivo você achar que não pode, eu vou acompanhá-lo. - Fiz uma pausa, estreitando meus olhos com o quão complacente ela estava sendo. —Vamos fingir que nada aconteceu antes?

Os olhos castanhos vibraram inocentemente.

—Qual parte?

—Tudo isso.

Silêncio.

—Anna ... eu sei o que você está fazendo. Não. Por favor.

—Fazer o que? Eu disse como me sentia. Nós cometemos um erro e ... —Com o meu olhar endurecido, ela soltou um suspiro profundo. —OK. Ambos queríamos, mas isso não significa que fosse certo. Estamos melhor separados.

—Quem disse? Essa nova Ana?

—Sim.

Eu ri de sua seriedade. —Eu acho que esse novo você precisa de mim. *Me quer*. -Aproximei-me, achatando minha palma na parte inferior das costas e trazendo-a para mais perto. Meu volume abaixou e os lábios de Anna se separaram enquanto meus dedos empurraram logo acima de sua bunda. —Admite. Você ainda me quer, e não apenas como um amante ocasional para satisfazer suas necessidades. Eu vejo através de você e de suas zombarias ofensivas. Você ainda me ama e eu te amo.

—Senhor, posso anotar seu pedido?

Anna endureceu em meu aperto, balançando livre enquanto eu amaldiçoava e fechava a grande lacuna entre nós e o balcão. A raiva engrossou meu tom quando pedi, e Anna recuou, aproximando-se da porta. Quando eu tinha os copos de isopor em minhas mãos, ela estava praticamente esperando que eu saísse. Cada passo a fazia empurrar a porta e se afastar.

—Continua lutando, bebê. Algum dia, - eu disse, levantando o copo em sua direção, você vai mudar de ideia. E quando o fizer, você vai se arrepender disso. Posso ajudá-lo de várias maneiras. Você sabe disso.

Anna pegou o café, recusando-se a encontrar meus olhos. —Se eu precisar de você, eu ligo. Hoje, eu não. Boston e eu podemos colocar esses pôsteres por conta própria. Você deveria descansar. Você trabalhou a noite toda.

Inclinei-me, beijando sua bochecha. A pressão contra meus lábios aumentou quando ela não pôde evitar se inclinar para mim.

—Eu te amo, Anna. Eu estou indo para casa. *Nossa casa*. Você também deve voltar para casa quando terminar. Estarei esperando por você ... na cama.

O choque se misturou com uma série de emoções quando me afastei. Eu sabia que a peguei desprevenida, mas não me importei.

Braden—

Meu dedo pressionou contra seus lábios, segurando por apenas um momento antes de rastrear sua mandíbula e inclinar a cabeça para trás.

—Você não tem que dizer nada. Eu estou indo para casa. Espero ver você lá. Não se meta em nenhum problema.

Fui beijá-la, mas o movimento me fez parar e olhar. Os olhos de Boston estavam quase fechados enquanto ele olhava para nós. O detetive em mim explodiu, enviando posse e proteção para Anna nas alturas. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, seu olhar seguiu o meu e ela saiu do meu aperto.

—Te vejo em casa. Durma bem.

—Não ... - Voltei em sua direção. —Acho que vou ficar e ajudar.

—Realmente não há necessidade, - Anna argumentou. —Você vai ficar exausto.

—Na verdade, provavelmente poderíamos usar a ajuda dele. - Boston estava quase sorrindo agora, inclinando-se para separar os panfletos. A reação mudou tão rápido que me questionou se eu realmente tinha visto.

Dr. Patron estendeu a mão, pegando papéis de Boston, mas parou quando Boston foi entregar sua pilha a Anna. —Esperar. Vamos em pares. Um pode pendurá-los e entrar no comércio, enquanto o outro pode ficar do lado de fora e distribuí-los aos pedestres que passam. Acho que podemos distribuí-los mais rápido dessa forma. Anna, você gostaria de vir comigo? Eu realmente gostaria de falar com você, se você não se importa.

—Oh. - Ela olhou entre nós, balançando a cabeça. —Certo. Podemos ficar deste lado da rua se Boston e Braden quiserem cobrir o outro.

—Parece bom para mim. - Boston me lançou um sorriso. Fiquei quieto, olhando para Anna antes dela e o médico decolar. Quando minha atenção voltou para Boston, aquele olhar estava de volta em seus olhos. Aquele que me lembrou de *mim*.

—Vamos pular a conversa sem sentido que você está prestes a começar. O que você está fazendo com Anna?

Boston ficou ao meu lado quando começamos a correr pela rua. O tráfego estava aumentando à medida que a multidão do almoço começou a aumentar.

— Eu não sei o que você quer dizer, detetive. Anna está me ajudando. Eu a considero uma nova amiga. Eu gosto dela.

—Mais que um amigo?

—Eu imploro seu perdão?

A raiva beirando a raiva fez Boston parar na calçada. Seus olhos se estreitaram novamente e ele não estava fazendo nada para esconder isso.

—Isso, - eu rebati. —Aquele olhar. Você me deu quando eu estava prestes a beijar Anna. Por que você faria isso?

—Você está enganado. Se eu estava dando a você algum tipo de olhar, não foi intencional. Talvez eu estivesse pensando. Tenho muito em que pensar, sabe. Como Lucy, - disse ele, empurrando a pilha de papéis que segurava na minha direção. —Lucy, você sabe, aquela que está faltando. Aquele que *você* deveria estar procurando.

—E você acha que eu não estou?

—Bem, eu não sei, detetive, diga-me você. Cada vez que vejo você, você está perseguindo a única pessoa que está fazendo tudo o que pode para trazer de volta a mulher que amo. Você não deveria estar lá fazendo seu trabalho? Batendo em portas ou interrogando possíveis testemunhas? Alguma coisa? Qualquer coisa, que não seja distrair Anna?

Um sorriso apareceu no meu rosto. —Quando você me vê, estou fazendo meu trabalho. Mesmo fora de horas, como agora. Você pode contar isso a Anna, mas quem era a pessoa mais próxima de Lucy? *Você*. Só porque você estava lá quando ela foi levada não o excluí completamente.

—Então você está latindo na árvore errada e perdendo seu tempo. Alguém levou Lucy e ela precisa de nossa ajuda. Anna e eu estamos fazendo tudo ao nosso alcance para encontrá-la. O que você está fazendo? O que o Departamento de Polícia de Rockford está fazendo? Eu não vejo nada. Eu não ouço nada Lucy precisa de você. Ela precisa de todos que puder e você não está *ajudando*.

—Você está errado. - Meu tom suavizou com o treinamento. Ele estava ficando muito nervoso. Eu queria acalmá-lo, mas sabia exatamente o que ele estava sentindo. —Estamos fazendo muito mais do que você imagina. Neste exato minuto, outros detetives estão acompanhando as pistas. Lucy nunca deixa de ser procurada. Temos um bom departamento. Estamos todos empenhados em encontrá-la. Confie em mim. Só porque você me vê, não significa que Lucy está sendo negligenciada. Acontece que recebemos uma ligação na noite passada. Uma dica que parece promissora.

Os lábios de Boston se separaram quando ele se aproximou. —Uma dica? Eles disseram onde ela estava? Eles disseram quem a tinha?

—Isso é algo que não tenho liberdade para discutir. O que posso dizer é que essa pessoa nos deu informações sobre os modos de Melanie que não divulgamos. Eles sabiam coisas. Vi coisas. E eu acredito que eles viram *ele*. Mas eu não te disse isso.

Capítulo 18

Anna

—Eu quero me desculpar novamente por nosso mau começo. Tenho pensado muito sobre a situação e, desde que estou aqui, tenho estado na defensiva em relação a você. Se você me der alguns minutos, posso explicar por quê.

Entreguei um dos panfletos a um transeunte, parando para olhar para o Dr. Patron. —Tudo certo. Explica.

Um suspiro profundo o deixou enquanto ele colava o papel em um grande quadro informativo localizado no meio da calçada. Anúncios e serviços enchiam o espaço, mas ele não parecia se importar enquanto o prendia sobre uma folha de gramado.

—Como você sabe, eu trabalho com muitas pessoas perigosas. Boston, ele é como um filho para mim. Claro, ele tem falhas, mas fiz muito bem em ajudá-lo a superá-las. Sua vida finalmente estava se encaixando com Lucy. Fiquei orgulhoso. - Ele fez uma pausa, franzindo a testa. —Eu conheço sua história. Você e Boston são mais parecidos do que você imagina. Temo que ele possa ter uma recaída, e não apenas por causa da obsessão. Ele é um assassino, Anna, como você. Ele gosta de tortura. Ama, na verdade, vocês dois juntos ... pode ser desastroso. Ele não é tão inteligente quanto você. Eu vi seu trabalho. Eu conheço sua habilidade. Mas o que diferencia vocês dois são suas mentes. Você tem o que é preciso para escapar impune de um assassinato. Para controlar suas ações. Sem minha orientação, Boston não. Sua obsessão o domina e, algum dia, ele pode cometer um erro. Eu odiaria que chegasse a esse ponto.

Minha mão disparou, passando mais panfletos. —Surpreendente. Você tolera completamente o assassinato de nossa espécie.

O médico franziu a testa. —Nossa espécie? Você faz você e todos como você soarem tão hediondos. Além de matar, você se valoriza tão pouco? Você achava que Boston era uma pessoa horrível antes de saber a verdade?

—Não, claro que não.

—Não, porque o que você e Boston abrigam não faz de vocês as pessoas que são. Esses episódios estão além do seu controle. Só porque você precisa cometer esses atos não significa que você está completamente destruída como ser humano. Não desvaloriza sua personalidade como um todo. Olhe para o detetive. Ele te ama. Isso fica evidente na maneira como ele age. E Lucy, ela adora Boston. Por que eu deveria virar as costas às pessoas só porque elas têm uma falha fatal que não podem mudar? Desculpe, não posso fazer isso. O que posso

fazer é ajudar a protegê-los. E eu quero te ajudar, Anna. Não nas maneiras de fazer você parar. Nem mesmo uma maneira que mudaria quem você é agora. Tudo que eu quero é ajudá-lo a cobrir seus rastros para que você nunca tenha que se preocupar em perder ou machucar as pessoas que você ama.

—Por quê? - Minha voz estava quase inaudível. Meu coração estava batendo forte enquanto eu deixava suas palavras afundarem. Manter o segredo dentro da parte mais difícil do assassinato não era? Houve momentos em que desejei ter alguém com quem falar. Para confessar, apenas para aliviar a necessidade de fazer de novo. Mas eu quase não podia negar que sentia que ele estava usando esse conhecimento para me influenciar. Isso me deixou ainda mais defensiva, embora eu não tenha demonstrada. Eu queria aprender mais sobre o Dr. Patron, e esta poderia ser minha chance.

—Tenho feito isso há muito tempo. Eu conheci e vi todos os tipos de pessoas. Devo admitir que minhas razões para trabalhar com o FBI nem sempre foram honrosas no final. Eles se tornaram lições. Insight, se você quiser. Estou dizendo isso porque acredito que posso ajudá-lo. Boston à parte, eu fui atraído por você muito antes disso. *Até para sua mãe*. Eu queria ajudá-la, mas não pude. Eu me arrependo daquilo. Ambos os seus caminhos poderiam ter sido completamente diferentes. Não há nada que eu possa fazer sobre isso agora, exceto intervir quando deveria há muito tempo. Não julgo e não conduzo meus pacientes em uma direção que eles não estão dispostos a seguir. Você lidera e eu sigo. Estou aqui para ajudá-lo, não importa a situação. Você tem que saber disso. Trabalhe comigo, Anna. Diga-me o que você quer e farei tudo ao meu alcance para tornar isso possível. Vou te dar terapia se você precisar, horários para quem você quiser, insights médicos e mentais que só eu posso oferecer, um álibi, se necessário. Seja qual for o caso.

Eu examinei o rosto do médico, parando nos óculos escuros que ele estava usando.

—Tire os óculos. Eu quero te ver.

Houve hesitação. Lentamente, o braço do médico se ergueu. O que encontrei foi um par de olhos estreitos - olhos machucados.

—O que aconteceu?

Ele encolheu os ombros. —Eu não trabalho assim com todos os meus pacientes como estou oferecendo com você. Em primeiro lugar, sou psiquiatra. Alguns pacientes não são tão dóceis. Receio que o que tenho visto aqui seja um canhão solto. Ele nem sempre gosta do meu conselho.

—Então por que dar? Por que continuar trabalhando com ele?

—Não estarei por muito mais tempo. Receio que ele esteja além da minha ajuda, e não digo isso facilmente. Eu odeio desistir. Acredito que todos podem ser

ajudados, mas eles têm que querer. Anna ... - ele entrou, mantendo os olhos em mim, —deixe-me ajudar. Vejo sua relutância, mas posso ser muito benéfico se você permitir.

—Eu não sei.

—Eu prometo que você pode confiar em mim. Eu, acima de qualquer um. Não sou namorado, cônjuge ou pai. Sou um amigo que tem um histórico incrível e quer ajudá-la a levar uma vida o mais normal possível com as cartas que você recebeu. Ninguém, especialmente aqueles mais próximos de você, jamais saberá o que você não quer que eles saibam.

Sonhos comigo e Braden vieram. Uma vida normal eu e ele. O sonho do meu assassino de escapar impune de minhas maldades sem se preocupar. Alguém a quem confessar ... Eu rapidamente afastei a tentação, usando-a para fingir interesse. —Como funciona? Não tenho muito dinheiro.

Um sorriso apareceu em seus lábios. —Para você, nada. Seu caso é especial. O que vi entre você e o detetive *é especial*. Isso significa mais para mim do que dinheiro. E posso provar minha lealdade. Me dê um nome. Aquele que causa a maior reação ao seu ... outro você. Deixe-me mostrar do que sou capaz. Deixe-me ganhar sua confiança antes de decidir contra isso.

Ele colocou os óculos de volta e eu mal vi quando empurrei um panfleto na direção de outro transeunte. Boston e Braden estavam quase diretamente alinhados conosco do outro lado da rua. No momento em que olhei, Braden parecia saber, e ele olhou para mim.

Lambi meus lábios, trazendo minha atenção de volta para o médico. —Você vai me dar informações sobre essa pessoa? É isso que você está dizendo? Para o meu outro eu?

—Vou te dar mais do que você pode imaginar. Pense nisso, Anna: seus sonhos mais loucos se tornando realidade com absolutamente zero consequências. Você pode ter seu detetive e uma vida normal sem medo de que ele ou qualquer outra pessoa descubra.

—Isso é quase impossível para mim acreditar. Sempre há risco.

—Não comigo. Por que você acha que eles me pagam muito dinheiro? Como eu disse, se for o caso, vou pegar e me livrar dessa pessoa sozinho. Eu serei um álibi para você. *Eu vou mantê-lo segura.* Quantas vezes você precisar.

—*Você está falando sério.* - Não foi uma pergunta. Eu mal podia acreditar no que estava sendo dito. Minha mente vacilou e lutei contra uma necessidade que mal conseguia conter. Quantas vezes eu quisesse ...? O formigamento percorreu minha pele, e a umidade me fez esfregar minhas coxas. Flashes de garotas, de minhas fantasias mais sombrias e sangrentas ganharam vida, quase me fazendo gemer. Eu estava de volta *ao* porão de N*inguém*. De volta a montar aquelas

meninas que ele trouxe para mim. O batom vermelho cobriu meus lábios, e eu estava esfregando minha buceta ao longo da parte superior de sua fenda, antecipando o massacre que viria em breve. E não haveria risco se eu encontrasse o Dr. Patron. Nenhuma chance de Braden descobrir. Que doce tentação ele balançava na minha frente.

—Tudo que você precisa fazer é me dar um nome - um nome. Vou mostrar a você o que significa confiança. Você terá isso comigo, Anna. *Confie*.

—Eu ... - Eu puxei a gola da minha camisa, tentando parar a forma como meu corpo estava reagindo. Tudo que eu podia ver era vermelho. Vermelho em todos os lugares. Era além de tentador, mas também assustador. Eu deixo as sensações e reações se tornarem dominantes. Eu o deixei acreditar no que eu queria que ele acreditasse. Por dentro, eu sabia que não poderia cair nessa. —Eu ... simplesmente não sei.

—Oh, *mas você faz*. Nome, Anna. Deixe-me ouvir.

Mais uma vez, voltei a olhar para Braden. Ele poderia ter me encontrado. Ele poderia ter evitado a perda de nosso filho se apenas ... *não*. Eu não o culparia nem por mais um minuto. Fui eu. Sempre foi minha culpa.

—Davis. Davis Knight.

—O repórter do noticiário?

Eu balancei a cabeça rigidamente, odiando que eu estava dando a ele o nome verdadeiro do homem que eu queria morto. —N*inguém é* quase irmão. Ele sabia. Ele sabia o tempo todo e não fazia nada.

A mão do Dr. Patron espalmou nas minhas costas enquanto ele se inclinava para sussurrar em meu ouvido. —Eu sei tudo sobre o que ele fez. Ele é seu. Em quanto tempo você quer fazer isso?

—Uh...

—Está bem. Eu sei que você está nervosa. Isso não é algo que você se sinta confortável para falar, mas prometo que não se arrependerá.

Segundos se passaram. A vida continuou para as pessoas que passavam. Mas não para mim. A dor de meu filho persistiu em cada parte de mim, esmagando meu coração normalmente entorpecido. Em vez disso, concentrei-me no médico e no que poderia aprender sobre ele.

—Eu já meio que fiz planos. Ele vai sair de férias em breve.

—Perfeito. - Dr. Patron deu um passo para trás. —Se você fez planos, posso aperfeiçoá-los ao ponto de nenhum risco. Entrarei em contato com você em breve. E isso é tudo que vamos dizer sobre isso até então. Devemos? - Ele gesticulou à frente e eu o segui em uma névoa enquanto ele varria as lojas locais. Continuei distribuindo os papéis, me perguntando se minha suspeita acabara de me fazer cometer o maior erro da minha vida.

****

—Nós nos saímos bem. Acho que os panfletos ajudarão a espalhar as notícias se as pessoas não estiverem assistindo à televisão. Se alguém souber de alguma coisa, espero que liguem para o número. - Braden tomou um gole d'água e olhou para mim enquanto todos nós comíamos nosso almoço. Apenas o Dr. Patron parecia ter apetite, e eu sabia muito bem por quê. —E agora? - Braden continuou.

Eu olhei para Boston, mas assumi a liderança.

—Agora, vamos voltar a trabalhar no mapa.

—Mapa? - Dr. Patron ergueu os olhos de seu sanduíche.

—Estamos examinando bairros, tentando descobrir onde Lucy pode estar. Vai demorar algumas horas, mas acho que com Boston me ajudando, podemos terminar esta noite.

—Antes de ir trabalhar?

Meus olhos piscaram para Braden. Eu sabia que ele queria mais tempo sozinho, mas eu ainda estava apreensiva. O aceno do Dr. Patron me fez mudar de posição em meu assento. Arrepender. Já estava começando a afundar.

—Não tenho certeza. Ainda preciso adicionar muitos detalhes.

—Nós poderíamos encontrá-la então. Você esquece que não é o único trabalhando no caso.

—E este não é o único caso que pretendo trabalhar.

Braden parou de levantar seu garfo. —Então, isso vai ser uma coisa com você agora? Anna, a repórter de notícias, resolvendo crimes em seu tempo livre?

—Por que não?

Braden puxou sua carteira, colocando uma nota de vinte dólares na mesa. —Talvez porque não seja seu trabalho, é meu. Se ... - ele parou, olhando para Boston e Dr. Patron, mas voltando para mim. —Estou cansado e tenho que trabalhar em algumas horas. Falaremos sobre isso mais tarde. Eu estou indo para casa. Espero que você volte para casa logo.

Ele se levantou e eu fiquei quieta enquanto ele me olhava, mas finalmente me virei e comecei a sair. O silêncio durou apenas alguns momentos antes da voz baixa do Dr. Patron interromper.

—Você não gosta dele?

Os olhos de Boston encontraram os meus, mas ele permaneceu quieto.

—Fale comigo. Eu vi os olhares que você deu ao detetive. Anna tem que ouvir o que está em sua mente. Não temos segredos neste círculo, Boston.

— Anna merece coisa melhor.

—Desculpe?

A raiva tingiu minhas palavras, mas eu a mantive sob controle enquanto Boston se inclinava em minha direção.

—Achei que ele fosse diferente no início, mas não gosto da maneira como ele fala com você. Você precisa de amor, não de palestras. Além disso, você continua empurrando-o para longe e ele não vai.

—Você deveria saber um pouco sobre isso. Essa é a parte do amor que você está perdendo, - eu rebati. —Braden me ama. É por isso que ele continua pressionando. E ele também me conhece, daí as palestras. *Fique longe dele.*

—Você está me ameaçando?

—Calma, vocês dois. Ninguém está ameaçando ninguém. Boston, - Dr. Patron disse, virando-se, —nós sabemos que você tem boas intenções, cuidando de Anna, mas você deve se lembrar que ela é mais do que capaz de decidir o que é melhor. Se for o detetive Casey, é escolha dela. Você tem Lucy.

—*Eu sei que tenho Lucy.*

—Anna, - o médico disse, ignorando Boston, —você tem que entender o que vocês dois estão experimentando agora é completamente normal, dadas as circunstâncias. Você não tem nada a temer de Boston. Seu comportamento, embora pareça agressivo, é tudo menos isso. Ele gosta de você e, portanto, se sente protetor com você. Ele sabe que não deve estragar isso fazendo algo precipitado.

—Ele quer? Você? - Eu perguntei, espelhando-o enquanto eu descansava sobre a toalha de mesa branca a quase trinta centímetros de sua própria forma inclinada.

—Eu não vou machucar seu precioso detetive. A *menos que ele te machuque.*

—*Braden nunca faria.* E como eu disse antes, fique longe dele. Se alguma coisa acontecer ... se eu descobrir que você está perto dele ...

—OK. O suficiente. - Dr. Patron estalou os dedos para o cheque mate, mas meu olhar nunca deixou o de Boston. Eu não pensei que ele realmente iria atrás de Braden, mas eu ainda não o conhecia. Ele matou. Ele e o médico admitiram isso. Então por que não tive medo de que ele apoiasse sua ameaça? Não, eu sabia. Isso me machucaria, e o instinto me disse que Boston não faria isso.

—Por que vocês dois não vão trabalhar neste mapa e fazer as pazes. Eu cuido do almoço. Tenho algumas coisas que preciso analisar, de qualquer maneira.

—Você tem certeza? - Eu perguntei.

—Sim, tenho. Continuem.

A intensidade no rosto de Boston se transformou em uma carranca. Ele se levantou, vindo até mim. Quando sua mão veio para ajudar, eu lancei a ele um olhar. Isso não o fez recuar. Ele gentilmente pegou minha mão e ergueu seu

bíceps, esperando pacientemente até que eu segurasse antes que ele me levasse na direção de seu novo carro.

—Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito isso. Me perdoe.

—Para falar o que está em sua mente? A verdade vai muito mais longe comigo do que mentiras. Mesmo que seja algo que eu não queira ouvir. - Eu olhei para cima, mas voltei meu foco à frente. —Você realmente não gosta tanto de Braden?

—Eu não o conheço. Só sei que quero o melhor para você e não sinto que seja ele ... Não me entenda mal. Todo mundo fica pensando que estou de olho em você. Eles estão errados. Você é linda, você é inteligente ... só que não é disso que se trata. Não é assim que trabalho. Meu coração está com Lucy. Mas você, você é como um ...

—Irmã?

Boston nos parou do lado de fora da porta do passageiro, procurando minhas profundezas. —Sim e não. Eu não acho que posso realmente explicar as emoções. É mais forte do que uma irmã. Mais ... *mais pesado* e desgastante. Não como Lucy. Diferente. *Jesus*. Parece errado, mas certo ao mesmo tempo. Eu não sei o que é e isso é o que continua me incomodando.

A porta se abriu com seu puxão, e eu entrei. Era errado estar tão intrigado com o funcionamento da mente de Boston, mas eu não pude deixar de ficar. Mesmo com o monstro que ele segurava dentro, havia uma honestidade e pureza demente sobre ele para a qual gravitei impotente. O instinto me disse que ele não iria machucar, mentir ou mesmo tentar me proteger de algo que ele não achava que eu poderia lidar. Isso fez toda a diferença.

Boston deu uma volta, entrou e ligou o carro. Ele olhou para o Dr. Patron enquanto eu estudava suas reações. Quaisquer que sejam os pensamentos que ele teve, eles vagaram pelo lado mais escuro. Seus lábios carnudos se estreitaram em uma linha e sua testa franziu repetidamente.

—O que é isso?

Ele agarrou-se ao volante, deixando escapar um suspiro de conflito.

—Dr. Patron pegou você, não pegou?

—Me entendeu?

—Tornou-se seu médico? Convencido de que ele poderia ajudar?

Minha boca se abriu. Em vez de responder, fiz minhas próprias perguntas. —Eu vi vocês dois discutindo quando ele apareceu. O que foi isso?

Boston colocou o carro em movimento e olhou para o tráfego antes de entrar na estrada. —Ele perguntou como eu estava. Ele se perguntou se eu estava precisando de uma válvula de escape, mas essa é a última coisa em minha mente

agora. Tudo que eu quero é Lucy. Eu quero encontrá-la e ir para casa. Quer dizer, tenho vontade, claro, mas não é insuportável. Não como ele pensa que é.

—Ele quer que você mate alguém? Aqui, com tanto em jogo?

—Não é isso que ele quer de você?

Meu estômago embrulhou com a verdade. —Ele disse que poderia me ajudar. Que eu poderia viver uma vida normal sem me preocupar com o meu segredo.

O ar o deixou em uma risada silenciosa de desgosto. — Soa como uma conversa estimulante perfeita. Não me entenda mal, eu conheço o Dr. Patron há muito tempo. Eu confio nele. Desde que saí do coma, me pego questionando cada movimento que ele faz. Discuto com ele sempre que posso. Talvez seja apenas o novo eu. Minha mãe disse que eu era uma pessoa completamente diferente, devido à lesão cerebral traumática que sofri.

—Mas você confia nele?

Momentos se passaram antes que Boston assentisse. —Sim. Ele pode manter um segredo. E ele é um bom professor.

—O que você acha que está te incomodando então? Isso está fazendo você atacá-lo?

Ele olhou antes de virar à esquerda. —Provavelmente a mesma coisa que está ativando você. *Você sabe o que é*?

Minha cabeça caiu enquanto eu olhava para minhas mãos. Os pensamentos vieram. Conversas. A voz do médico ...

—Você se lembra do que eu disse a ele no carro? Ele mencionou algo sobre sermos capazes de sentir assassinos. Eu o chamei de covarde. Boston, você acha que estou errada? Você acha que o Dr. Patron poderia fazer mais do que se livrar de um corpo? Você acha que ele iria tão longe quanto tirar a vida de alguém?

Outra risada. Essa foi de descrença.

—De jeito nenhum. Ele pode começar nossas confissões, mas assassinato? Não consigo imaginá-lo indo tão longe. O cara é um mentor. Ele não é um assassino.

Capítulo 19

M

Pão. Água. A propósito, Lucy engoliu os dois avidamente, você pensaria que eu lhe ofereci uma refeição gourmet cinco estrelas. Olhos cautelosos me observavam como um predador. Cada movimento que eu fiz, ela seguiu. E não foi sem propósito. Meu ritmo era avaliar sua consciência. Para ver se suas reações demoraram. Até agora, embora extremamente abatida, não consegui causar danos irreparáveis.

—Desacelere. Você vai ficar doente.

Os dedos trêmulos de Lucy pararam do lado de fora de sua boca. Ela estava sentada no chão de madeira com as pernas dobradas para os lados. Era mais para equilíbrio do que conforto. Um copo d'água descansava em uma mão enquanto ela agarrava uma fatia esfarrapada na outra. Seus dentes rasgaram o pão e ela estremeceu e choramingou a cada mastigação. A quantidade que ela sacudiu quase fez a água espirrar em seu aperto em forma de garra.

—Eu estive a pensar. = Fui em direção à cama e sentei na beirada enquanto ela me olhava. —Você tem sido uma boa menina. Você gostaria de ter rédea solta na sala nas próximas horas? Eu acho que você merece.

Lucy parou no meio da mastigação, seus olhos inchados se arregalando. Eles dispararam para a direita e depois para a esquerda. Ela estava pensando, e isso ficou claro quando ela se forçou a engolir e pousou o copo. Em um rastreamento lento, ela quebrou e soluçou até ficar de pé. A pressão agarrou minhas panturrilhas, e a loira caiu em cascata sobre seus ombros enquanto ela enterrava o rosto em minhas calças.

—Sim. Mestre. Sim por favor.

Mestre. Daniel estava definitivamente em algo lá. Essa peça que faltava dentro de mim parecia ter sido acionada quando ela usou o título. Meu rosto ficou impassível enquanto meus dedos afundavam em seu cabelo. Eu segurei a coroa, me permitindo moldar sobre seu crânio que eu desejava abrir.

—Algumas horas. Veremos como você se sai. Mas um erro—

—*Não.* - O rosto de Lucy estalou para mim enquanto ela balançava para frente e para trás freneticamente. —Eu vou ficar bem, eu prometo.

—Veremos. Vá terminar de comer. E rastejar. Eu gostei daquilo.

A demanda foi atendida com mais uma dispersão desajeitada do que um rastejar, mas deixei para lá e peguei meu telefone. Eu tinha duas mensagens esperando e comecei a ler as mensagens, vendo que ambas eram do único homem que eu tinha em mente, exceto Boston.

Daniel: Você finalmente está pronto para se encontrar?

Lucy avidamente agarrou outro pedaço de pão, mantendo toda a atenção na fatia enquanto dava uma grande mordida. Minha mente mudou de prioridades - cimentando sua morte no assassino que eu encorajei.

Passando meus dedos sobre as letras, mantive meu olhar na minha garota.

Eu: Receio estar um pouco amarrado no momento. Que tal sua casa? Posso passar por aqui depois de terminar com este cliente.

Daniel: Não é bom.

Eu: Eu sou seu médico. Você não tem nada a esconder de mim. Eu te conheço, Danny. Afaste seus medos. Confie, lembra?

Daniel: Que tal sua casa?

—Mestre?

Ignorei Lucy enquanto calculava a situação. Sobre o que eu poderia dizer a ele e o que não poderia. Se ele fosse pego, ele estaria ligado a mim. Eu não tive nenhum problema com isso. Eu só tinha que jogar pelo seguro. Mas ele estava tornando isso difícil. Daniel nunca foi tão cauteloso perto de mim. Embora seus medos fossem válidos, eu não gostei. Eu precisava de sua nova localização, e ele cobriu sua bunda o suficiente, eu ainda não tinha certeza de onde ele estava hospedado.

Eu: Tudo bem. Estou na cidade. O trânsito pode estar ruim se você tiver que entrar. Você está pronto para ir até Chicago ou está perto?

Um bom minuto se passou sem resposta. Minha cabeça balançou e eu me levantei. Ele obviamente não estava perto. Ele não era tão controlado quanto eu. Ele não gostaria de deixar sua garota por muito tempo. O que o deixava mais perto de Rockford, como eu presumi. Ele morava aqui há anos e, antes de mergulhar, eu visitei sua casa. Mas ele não morava mais lá.

—Mestre?

—O *quê*?

—Posso ir ao banheiro?

—Oh. Sim, Vá em frente. Mantenha a porta aberta.

Lucy ficou com as pernas trêmulas, mas caiu de joelhos quando minhas pálpebras baixaram em desaprovação. Ainda assim, Daniel não escreveu de volta. Peguei meu laptop, puxando as informações de que precisava sobre Davis Knight. Eu ainda tinha a confiança de Anna para vencer. Isso era quase mais importante do que se preocupar com Daniel. Afinal, era ela quem tentava desvendar esse mistério. Se eu pudesse mantê-la ocupada por tempo suficiente para colocar o fim do meu plano em ação, ela se distrairia, e era disso que eu precisava.

—Four-vinte-two Atlantic Drive. - Eu examinei a tela, absorvendo as informações pessoais de Davis. Quando me mudei para seus registros médicos, não fiquei surpresa ao ver que ele estava tão saudável quanto aparentava. Muitas vezes, eu o tinha visto no noticiário. Ainda mais vezes, me permiti imaginar estourando-o na boca com uma marreta para calá-lo. Davis tinha um daqueles tons que pingavam de petulância. Eu nem mesmo tive que olhar para as expressões hiperativas em sua pele muito bronzeada para ver que ele estava compensando algo.

Meu olhar se ergueu da tela com o rubor. Lucy voltou à vista, lavando as mãos. O tempo se estendeu através de seus movimentos lentos. Quando ela finalmente se virou para mim, eu não tive que dizer a ela para voltar para o chão onde ela pertencia. Como um robô, ela se abaixou, rastejando em minha direção, mantendo a cabeça baixa.

—Alguém está aprendendo. Há recompensas quando as regras são obedecidas.

—Sim mestre.

Lucy voltou ao seu lugar no chão ao lado do pão e água. Enquanto eu digitalizava os aplicativos em meu telefone, um sorriso começou a aparecer. Mas não de felicidade. *Eu o tinha.*

Pegando meu telefone, fiz uma pausa, trazendo minha atenção de volta para Lucy. Ela estava pegando outra fatia de pão. Havia uma atmosfera rudimentar, se não mecânica, em seus movimentos. Quase atordoada, ela começou a rasgar pequenos pedaços para comer em um ritmo rápido. Seu olhar nunca deixou suas ações. Quase pude ver seu estado de espírito mudando a cada movimento de sua mão. Apreciação, desespero - os dois se fundiram com cada ação que ela fez, alimentando a parte sádica de mim. Tudo que eu queria fazer era experimentar para ver o quão longe eu poderia pressioná-la a ser mais dependente.

Olhando de volta para baixo, eu puxei informações sobre Anna, compondo uma nova mensagem de texto enquanto ganhava seu número nos registros.

Eu: Aqui é o Dr. Patron. Como tá indo? Alguma sorte?

Anna: ... nada sólido. Como você conseguiu meu número?

Eu: Eu tenho meus caminhos. Tenho feito pesquisas. Que tal jantar amanhã à noite? Nós precisamos conversar. Conheço um lugar onde podemos ir depois para ter privacidade. Um certo caminho de corrida está próximo.

Um bom minuto se passou. Quase pude ver Anna se remexendo nervosamente enquanto pensava na minha oferta. E foi uma oferta. Ela era esperta. Ela tinha que ver isso, e sabendo disso, não duvidei que sua adrenalina estava subindo. Inferno, *eu* não conseguia parar de me mexer no colchão. A

necessidade de ver seu trabalho, de experimentar Anna em sua forma mais verdadeira, em primeira mão, endureceu meu pau. As perguntas começaram a surgir sobre ela e esta nova situação. Por que não a contatei antes? Minha resposta foi que ela era muito instável, e talvez eu achasse que ela era. Mas por que eu não estava pronto para o desafio? Ela era ouro. Ouro puro quando se trata de assassinos.

Meu batimento cardíaco aumentou como antes de um rapto há muito esperado. Como um que não foi copiado por causa de um paciente. Eu queria esfaqueá-la mentalmente. Para roubá-la de Boston e tê-la só para mim, para que pudesse ver ou ouvir as coisas monstruosas que ela tinha feito. *Luxúria.* Imaginar uma cena como as fotos do crime não funcionou para mim. Eu precisava ouvir sua voz pingando dos detalhes sangrentos, gráficos e eróticos. De repente, não era o suficiente como com meus outros pacientes. Eu ansiava por ver Anna representar sua vingança. Conhecê-la seria impossível, mas eu tinha que descobrir um jeito. Não ... eu *iria* descobrir uma maneira. Mesmo se eu tivesse que distorcer meus planos atuais para fundir com novos.

Anna: Eu não janto. Eu corro. Eu conheço o caminho.

Eu: Claro que você quer. Peguei seu próprio aplicativo em execução, olhando para o loop que ela corria quase todas as noites. Ambos. Ao mesmo tempo. Juntos. Ela não mentiu quando disse que tinha planos.

Eu: Perfeito. Temos muito o que discutir.

Anna: Sim, temos. Estive pensando e devemos conversar.

Meus olhos se estreitaram enquanto eu analisava sua resposta. *Devíamos conversar*, seguido pelo fato de que ela estava me deixando saber que ela estava pensando sobre a minha oferta, não era bom. Ela estava insegura. Cerrando minha mandíbula, meu olhar cortou para Lucy antes de voltar para o meu telefone. Ela ainda estava olhando para o pão. Ainda ... sumiu desta sala. Foi. Sim, *ela precisava ser trazida de volta.*

Eu: Como está Boston? Estou preocupada com ele. Ele não era muito bom antes.

Anna: Ele parece bem. Temos mais alguns lugares para visitar antes de encerrarmos a noite. Ele é bom quando estamos procurando ativamente.

Eu: Excelente. Eu fiz uma careta, sem apertar enviar. Minha mente disparou. Confiar em. Eu precisava trabalhar para construir isso com ela. Excluindo minha resposta, comecei de novo. *Posso fazer algo para ajudar? Amanhã tenho que me encontrar com meu cliente, mas estou aqui agora se algum de vocês precisar de algo.*

Anna: Ainda estou esperando esse perfil. Você não consegue descobrir nada sobre Lucy ou quem a levou? Talvez eu possa dar a Braden seu número para que vocês dois possam discutir um possível resumo dessa pessoa.

Braden? O detetive idiota do caralho? —Porra. Porra!

Lucy deu um pulo e se abaixou no chão como se esperasse que uma bomba explodisse. O terror em seus olhos me fez respirar profundamente e me acalmar. O detetive era a última pessoa com quem eu queria trabalhar. Eu não queria estar perto dele. Me irritou saber que Anna perdia seu tempo com aquele bastardo intrometido.

Eu: Não há nada que eu possa dizer ao detetive que ele provavelmente já não saiba. Meu palpite: homem, final dos vinte aos trinta e poucos anos. Ele é um solitário ou pária. Fiz uma pausa, enviando e imaginando tudo o que tinha aprendido sobre Daniel nos últimos três anos. *A raça é difícil de identificar. As garotas tomadas são todas muito diferentes na aparência. Isso pode significar qualquer coisa. A única coisa que os conecta é a cor dos olhos. Você provavelmente está procurando por alguém com um raro fascínio por olhos. Talvez seja sexual, talvez não. Pode estar relacionado a um evento traumático pelo qual ele responsabiliza as meninas. Até que eu saiba mais fatos sobre a vítima que foi encontrada, eu realmente não tenho muito do que me basear.*

Anna: Evento traumático. Eu também me perguntei isso. Todas as meninas têm mais ou menos a mesma idade. Ele está revivendo isso. Desta vez, ele vence porque os mata.

- Você é muito inteligente, Anna.

Eu: Veja. Você junta as coisas muito bem. Vamos nos encontrar na sexta-feira às nove. Vejo você lá.

Eu me levantei, gemendo e pegando meu telefone quando comecei a andar. A cabeça de Lucy se encolhia cada vez que eu passava.

—M-Mest...?

—Sim?

Sua boca se abriu, apenas para fechar. Abaixando a cabeça, ela choramingou como um cachorrinho maltratado que sabia que estava prestes a apanhar.

—Não que você tenha o direito de saber, mas vou te dizer, já que você foi inteligente o suficiente para não perguntar. Estou falando com Anna Monroe. Ela está trabalhando no caso com seu amado Boston. Embora, devo dizer, se eles continuarem a passar todos os minutos juntos, ele pode não ser seu amado por muito mais tempo. Sua obsessão está em transição. Embora continue com você, ele está realmente cravando os ganchos em Anna. E por que não deveria? Ambos são atraentes e têm a mesma idade. Quer dizer, ela é mais velha, mas é mais

madura do que você. Isso deve ter um certo apelo refrescante. Sem mencionar que ela é como ele. Ambos são assassinos em seu âmago. Eles têm uma abertura. Sem segredos entre si. Isso também deve deixá-lo mais à vontade.

Lucy estava começando a tremer enquanto espiava por entre as pálpebras inchadas.

—Isso te incomoda? Você está com ciúmes, pequenina?

A luz refletiu contra a umidade correndo por seu rosto antes que ela pudesse abaixar a cabeça. A risada gritou de minha dor e foi o suficiente para me surpreender. Foi real.

—Não estou com ciúmes ... triste. Quão ... hmmm ... peculiar. Teremos que consertar isso. Nesse ínterim, tente deixar para lá. Boston não é para você. Ele nem mesmo é para Anna. Você realmente acha que eu vim tão longe para deixá-lo se apaixonar por outra pessoa? Existem grandes planos esperando por ele. Nenhum dos quais envolve uma mulher.

Capítulo 20

Detetive Casey

Vermelho e azul. Mesmo em meus sonhos, as luzes piscando abriram o caminho. A aplicação da lei era minha vida. Já fazia tanto tempo que eu não sabia de mais nada. Enquanto eu estava no meio da Baker Street examinando a multidão cada vez menor, fiquei surpreso que as luzes se destacaram tão intensamente esta noite. Eles iluminaram as casas ao redor, lançando um brilho nos galhos nus das árvores ao redor. O bairro residencial não era novo para os ocasionais tiroteios de gangues. Ainda assim, a luz chamou minha atenção, continuamente me distraindo da cena do crime a poucos metros de distância.

O corpo já havia sumido. Junto com qualquer pessoa que pudesse ter visto alguma coisa, Diego e eu já havíamos questionado. Um bocejo me deixou e eu suspirei, voltando em direção ao grupo de policiais que estavam comparando notas. Por dormir tanto quanto eu conseguia, ainda não havia me livrado do cansaço. Talvez estar de volta à casa de Anna tenha trazido tanto alívio que meu corpo estava tentando recuperar o atraso nos meses de noites sem dormir. Eu não tinha certeza, mas sabia que gostava de estar de volta. Estava em casa. Foi com Anna, e ela era tudo que eu queria. A questão era: ela realmente me deixaria ficar por um longo prazo? Eu não tinha tanta certeza.

Ela já tinha chegado em casa?

Peguei meu telefone, olhando a hora.

—Café?

Meu olhar disparou e acenei para Diego. *Um meio-passado.* Era tarde. Certamente ela estaria em casa agora. Meus lábios se torceram enquanto eu seguia Diego de volta à viatura. A casa estava a caminho se eu cortasse alguns quarteirões. Eu apenas verificaria se o carro dela estava lá. Depois, café.

Entrando, virei o volante, fazendo meia-volta. Diego me lançou um olhar na direção que escolhi, mas não questionou. Nós dois estávamos suando. A discussão não iria acontecer. Nem para nós.

—Acho que a mãe do menino vizinho sabe de alguma coisa. Você percebeu quando conversamos com ela?

Um flash do rosto da mulher me fez concordar. —Sim talvez. Ela não foi muito prestativa. Pode ser que ela não queira arrastar seus filhos para isso. Talvez um deles tenha visto ou saiba quem fez isso.

—Não estamos entendendo nada.

—Provavelmente não, - eu concordei. —Você sabe como é.

Sim. - Sua expressão ficou dura enquanto ele olhava para fora da janela. Virei à direita, colocando-me na estrada que passaria pela nossa. Mantendo minha velocidade baixa, deixando as ruas para trás. Quando nos aproximamos da estrada, diminuí ainda mais. O carro de Anna estava parando e o alívio veio mais uma vez.

—O que é isso? Casey ... vire. *Vire.*

Diego voou para frente quando seu dedo apontou. Não esperei para ver do que ele estava falando. A direção estava na área de Anna. O pânico em seu tom me fez acender o brilho enquanto fazia a curva. Uma silhueta escura parou do lado de fora da janela da sala de estar. Sua cabeça se virou para olhar diretamente para nós. Como um flash, a figura disparou ao redor da lateral de sua casa.

—Verifique Anna!

Os pneus guincharam quando eu parei com força. Eu estava com o carro estacionado e minha arma na mão tão rápido que mal me senti empurrar a porta e começar a correr. A luz de movimento se acendeu acima da garagem enquanto eu corria do lado oposto. Nosso quintal não era muito grande. Quando apareceu, o instinto entrou em ação e eu parei ao ouvir sons que não eram bem registrados.

Crack! Baque.

Algo entre um grunhido e um gemido saiu estrangulado. A luz ricocheteou ao meu redor e Diego respirava com dificuldade enquanto erguia a lanterna para iluminar o outro lado do quintal. Anna estava segurando um taco de beisebol, seu pé descalço na garganta da pessoa, e eu vi a expressão em seus olhos enquanto seu olhar permanecia em seu rosto. O assassino nela estava presente. Eu senti o outro lado dela em cada centímetro de mim.

—Jesus! - Corri, puxando-a para o meu corpo enquanto Diego mantinha sua arma apontada para o homem. Gemidos arrastados soaram enquanto ele tentava se enrolar de lado.

—Um movimento e eu colocarei uma bala em você. Não pense que não vou. Eu não dou a mínima se você está ferido ou não. - Avançando, Diego arrancou a máscara preta de esqui do rosto do homem. Cachos escuros saltaram com a força. O sangue estava manchado do lado de sua cabeça e um grande nó estava começando a se formar à direita de seu olho.

—Ele estava tentando entrar? A janela do quarto? - Eu peguei o morcego enquanto ela continuava a olhar para o estranho. Não importa o que eu estivesse dizendo, não fazia muito sentido. —É por isso ...? Eu quero dizer o que...?

—Eu já estava aqui, Braden. Ele tentou minha janela antes de ir para a frente. Felizmente, eu acabei de chegar em casa e o ouvi tentando abri-la.

—Esperar. Lá fora? Você veio aqui para enfrentar alguém que estava tentando invadir nossa casa?

—*Meu* -

Minha mão disparou enquanto minha cabeça balançava em choque. —*Nossa casa*, - eu forcei para fora. —Você pelo menos ligou antes de vir aqui? *Eu não recebi uma ligação.*

A voz de Diego ecoou ao fundo, mas não ouvi nada além do sopro de ar agravado que Anna soltou.

—Não. O homem estava dando uma volta pela casa. Era apenas uma questão de tempo antes que ele voltasse. E eu queria pegá-lo. Achei que se eu ligasse, ele poderia ouvir.

—Assim? *Anna.* E se ele tivesse te machucado? E se...? - Parei quando Diego puxou o homem para se levantar. A raiva assassina me fez perseguir o ladrão que tentara e agarrar sua camisa preta. —Que porra você estava tentando fazer?

Mais gemidos. Os olhos escuros do homem rolaram para trás e ele estava vacilante nos braços de Diego.

—É melhor você começar a falar, seu pedaço de merda. Que porra você está fazendo na minha casa? —Eu empurrei contra a camisa, trazendo mais consciência enquanto fazia. Mas tudo que consegui foi rir de um homem quase inconsciente.

—Vamos levá-lo para o carro. Obteremos as respostas na estação.

Guardando minha arma, puxei Anna contra mim, envolvendo meu braço em torno dela. Mal chegamos à frente da casa quando Boston voou de seu pequeno carro esporte chique. Havia uma palidez em seu rosto em pânico quando ele correu. Um rosto ... que não via nada além da mulher que era *minha.*

—O que aconteceu? Eu vi as luzes. Você está bem?

Meu olhar se voltou para Anna antes de voltar para Boston.

—Estou bem, ela assegurou. —Apenas um vagabundo.

—Um vagabundo? *Um vagabundo*? - Como uma mudança repentina, Boston passou de preocupado a enfurecido. Sua cabeça se inclinou para o lado e ele começou a andar na direção do homem que Diego estava colocando no banco de trás da viatura. Minha mão disparou e um olhar maligno fez o seu caminho para mim quando Boston parou. Lentamente, ele olhou entre minhas mãos e meu rosto. Vai e volta. Vai e volta. Não pude deixar de sentir a necessidade de pegar minha arma. Diego mencionou algo sobre ele não estar certo. Eu me relacionei muito com a situação dele, mas talvez eu estivesse errado. Talvez eu estivesse perdendo uma peça-chave porque estava cego por minhas emoções.

—O que diabos você está fazendo aqui, Boston? Anna disse que acabou de chegar em casa. Por que você estava passando por aqui?

Liberando meu aperto, o nome de Anna o fez piscar e colocar sua atenção de volta nela. A preocupação o mascarou mais uma vez, e ele se aproximou dela.

—Não posso ter certeza de que ela chegou em casa bem? - Ele baixou a voz, dando a ela um olhar triste. —Eu tinha que saber. Depois de passar por esses bairros esta noite, eu não poderia simplesmente deixar você ir embora sem ter certeza de que chegou em segurança. E estou feliz por ter vindo. Aquele filho da puta lá, - disse ele, erguendo a voz e apontando para a parte de trás da viatura, —não é um vagabundo. De jeito nenhum. Ele está com Lucy e quero que você o faça me dizer onde ela está.

—Você acha?

—Eu não acho, - Boston explodiu. —*Eu sei*. As chances de algo assim acontecer enquanto Anna está me ajudando a procurar Lucy são praticamente inexistentes. Eles estão baixos pra caralho. Vá fazer ele te contar. Deixe-me. *Deixe-me perguntar a ele.*

Novamente, aquele olhar. Esse vazio e mal que eu conhecia muito bem.

—Boston. - Anna colocou a mão em seu bíceps, acalmando-o instantaneamente. —Entre e tome um café comigo. Deixe Braden fazer seu trabalho. Se aquele homem sabe alguma coisa sobre Lucy, Braden vai arrancar dele.

Sirenes soaram ao longe, e eu sabia que Diego tinha chamado reforços. Soltei um suspiro profundo, assentindo.

—Se ele está com Lucy, pode apostar que vou tirar isso dele. Agora, porém, todos precisam se acalmar. Vamos esclarecer isso e descobrir o que está acontecendo. E, Anna ... o café seria ótimo agora.

—Já está saindo.

Meu sorriso agradecido foi recebido com um em troca. Boston parecia apreensivo em entrar, mas seguiu Anna, até mesmo se aproximando enquanto se aproximavam da entrada. O ciúme acendeu e eu tentei o meu melhor para afastá-lo enquanto dava a volta para onde Diego estava. O homem estava voltando a si. Uma expressão de raiva apertou seus lábios enquanto ele olhava para a frente.

—Nome. - Não foi uma pergunta. Coloquei uma das mãos no topo da viatura enquanto me inclinei.

—Foda-se.

—Nome.

—Porra. Vocês.

—Tudo certo. Você quer jogar esse jogo. Tenho duas garotas desaparecidas que você poderia facilmente encaixar no perfil para tomar. Espero que esteja pronto para ligar para sua casa lá do departamento, Sr. Foda-se. Você vai ficar lá por um bom tempo.

A boca do homem se abriu e depois se fechou. Medo registrado, rapidamente apagado por algo mais. *Confiança.* Começou a jorrar dele em ondas quando ele me lançou um sorriso.

—Você não tem merda nenhuma. Estarei fora antes do nascer do sol.

—Você acha?

—Eu sei que sim.

Abaixando-me, examinei o rosto do homem, vendo-o de repente completamente diferente. O que passou de um possível tom de espionagem se transformou em algo mais. O corpo da garota morta passou diante de mim. Ele não estava negando as meninas. Muito pelo contrário.

Meus olhos foram para Diego enquanto eu fechava a porta. Os policiais já estavam chegando quando me virei para meu parceiro.

—Você ouviu isso?

—Claro que sim. Você acha que esse é o nosso cara? Você acha que ele estava atrás de Anna?

Minha cabeça balançou como uma rejeição, mas eu não sabia. Por que ele estava aqui? Ela não tinha a idade que as outras garotas tinham, nem mesmo tinha olhos verdes, mas isso importava?

—Eu não sei. Vamos cobrir nossas bases apenas no caso. Ele precisa de atenção médica. Nós iremos a partir daí.

Diego assentiu enquanto caminhava até o oficial que se aproximava para explicar. Voltei para a porta da frente, ouvindo a cafeteira sendo preparada quando entrei. Boston estava na mesa da sala de jantar com as mãos entrelaçadas. Eu o dispensei enquanto fazia meu caminho para Anna.

—Ele não está dando seu nome. - Abaixando minha voz, encontrei seu olhar direto. —Mencionei as meninas desaparecidas para tentar fazer com que ele cooperasse.

—E?

—Pode não ser nada, mas ... ele não negou. Disse que sairia pela manhã. Que não *tínhamos* nada.

Os olhos castanhos se arregalaram quando seu olhar disparou para a janela, depois de volta para mim.

—Poderia ser ele então? Braden ...

—Eu farei o que eu puder. Se ele estiver com as meninas, vou recuperá-las. Mas pode não ser nada.

—Pode ser *tudo*.

Boston se mexeu na cadeira, esticando o pescoço para nos ouvir melhor, mas mantive minha voz baixa.

- Nem uma palavra para ele, Anna. Mesmo se este for o nosso cara, ele está procurando por você não parece ter uma vítima esperando em casa. Você sabe?

Hesitante, ela assentiu.

—Boa menina. Vou buscar um café a Diego e a mim e cuidaremos dos negócios. Avisarei quando tiver mais novidades. Para você, - eu rapidamente corrigi. —Não para o seu trabalho ou para ele.

—Eu sei disso. - Eu recuei, mas Anna agarrou meu paletó, me puxando de volta. Nossos olhos se encontraram, e eu queria tanto beijá-la. Algo estava mudando entre nós, *eu podia sentir*. —Braden ... eu tenho que pedir algo a você. E eu não quero que você fique com raiva de mim.

—Cuidado, Anna. Não me pergunte algo que você sabe que não posso fazer.

—Eu sei, mas tecnicamente você não estaria fazendo nada. Só preciso de um endereço quando você descobrir o nome dele. Isso é tudo.

— Um endereço? Você perdeu a cabeça?

—Eu sei como essas coisas funcionam. Se ele sair pela manhã, nunca saberemos o que há dentro de sua casa. Boston e eu—

—Absolutamente não, - eu rebati.

—Ok, você está certo. Ele não precisa estar lá ou ver nada. Mas eu ... eu posso ir. Posso verificar a casa dele e ter certeza de que as meninas não estão lá. Ninguém jamais saberá. E se eles estão lá, sou um vizinho preocupado que ouviu gritos lá dentro. Podemos pregar sua bunda, Braden. Ele pode ser parado antes de levar outra garota.

O fogo jorrou do conflito interno. —Você sabe que eu não posso deixar você fazer isso. Não porque ... Anna, outra pessoa pode estar lá. Talvez ele não esteja fazendo isso sozinho. Eu não quero que você se machuque. Eu não posso.

—*Braden*. Se ele sair como ele diz, aquelas garotas estão praticamente mortas. *Ele vai matá-los*. Pense em mim. Pense em quando *Ninguém* me teve. E se você o tivesse prendido antes ...

—Não se atreva, - eu disse, puxando-a em meus braços. Com força, segurei, apertando minha mandíbula através de todas as emoções. —Não é justo que você continue fazendo isso comigo.

—Deixe-me ajudá-los. - A cabeça de Anna se inclinou para trás, e eu não pude evitar que meus dedos empurrassem o comprimento da loira enquanto eu embalava a parte de trás de sua cabeça. Meus lábios roçaram os dela, suaves, quase inexistentes, apesar de nosso contato ser eletrizante. —Por favor, - ela implorou em um sussurro sem fôlego. —Por favor.

Beijando-a de novo, ela apertou minha nuca com mais força. Certo e errado travaram uma guerra, mas suas palavras foram como um ferro em brasa para o homem quebrado por dentro: *Pense em mim. Pense em quando Ninguém me teve. E*

se você o tivesse prendido antes ... Antes do quê? Antes de ela ser estuprada? Vencida? Antes que ele cortasse o dedo dela e matasse nosso filho pelas circunstâncias?

—Se você vir alguém, ouça alguém—

Anna me puxou de volta para baixo, encontrando meus lábios com fome. A doença percorreu meu estômago. Mais forte, eu segurei, nunca querendo deixá-la ir. Foda-se se eu pudesse fazer o que era certo. O que estava certo, afinal? Meu julgamento estava errado. De repente, tudo parecia estar girando. A única coisa boa foi o momento em que entrei. Anna estava aqui comigo, viva e em meus braços. Nossa conversa não era o que eu queria, mas eu a tinha. Foi mais do que eu sonhei quando pensei que ela estava morta.

—Obrigada. Eu prometo que vou ser cuidadosa.

—É melhor você ser mesmo. Se algo não parecer certo, dê o fora e me ligue. Você entende?

Anna acenou com a cabeça, puxando ainda mais minha jaqueta enquanto mordia o lábio inferior. Um gemido quase me deixou, mas eu o peguei quando olhei para Boston. Ele ainda estava à mesa, olhando para as mãos unidas. A mesma raiva estava lá, mas também estava uma mistura de tristeza e confusão. Ele estava pensando - tramando algo. O que era, eu não tinha certeza, mas depois desta noite, eu tinha certeza que ficaria de olho nele.

Capítulo 21

ANNA

Passar quase todas as horas do dia com Boston nos últimos dias estava começando a perturbar. Bebi meu café de um lado da mesa, observando enquanto ele refletia minhas ações. Bebida por bebida - e para estreitar os olhos - sorriso por sorriso. Nós estudamos um ao outro, permanecendo em silêncio, mas não considerando nossas expressões. Foi quase um jogo a maneira como um de nós agiu e o outro fez o mesmo.

Boston franziu o nariz, tomou um gole e eu o segui. Meus olhos foram para o meu telefone pela milionésima vez desde que Braden saiu, e Boston olhou através da sala, voltando seu olhar para mim. Nem uma palavra o deixou. Se ele sabia o que estava acontecendo, eu não sabia. Mantive minha promessa a Braden e não tinha intenção de contar a Boston sobre as suspeitas.

—Estou bem agora. É tarde e terei trabalho em algumas horas. Acho que você pode voltar para o seu hotel e dormir um pouco, se quiser.

—Não. Eu estou bem.

—Eu não estou. Estou cansada.

Outra torção de seus lábios, e eu fui uma idiota por repetir. Ele o fez sorrir, o que, por sua vez, me fez sorrir.

—Você está me pedindo para sair? Eu realmente não quero ir.

—E eu realmente deveria estar preocupado com essa coisa de obsessão que você tem. - Eu pausei. —Estranhamente, não estou. Mas eu preciso que você vá por algumas horas.

Um estremecimento. —Eu gosto da sua casa. O hotel é tão ... sufocante. É só... não posso...

—Boston.

—Por favor. Linda, por favor. Eu estou te implorando.

—B—

—Por favor.

—Jesus. Bem. Você pode assistir TV ou dormir no sofá. Sob nenhuma circunstância você pode entrar no meu quarto e me ver dormir. *Nenhum*.

—Não?

Ao levantar minhas sobrancelhas, um grande sorriso se estendeu em seu rosto. Mesmo que sua felicidade fosse evidente, eu sabia que o sorriso não era o verdadeiro. Não como se eu fosse Lucy e ele fosse genuinamente feliz. Eu veria aquele sorriso? Eu meio que gostava de ter Boston por perto. Mesmo que ele estivesse colado ao meu lado, nós nos conectamos em muitos níveis. E eu poderia

falar com ele sobre qualquer coisa. *Tudo*. E ele faria o mesmo. Ele falou dos homens que matou - torturou - por causa de suas origens. Eles bateram em mulheres, e ele não podia permitir que isso acontecesse. Ele me contou todos os detalhes que conseguia lembrar sobre seu passado.

Fiquei chocada com quem ele realmente era? Não. *Fiquei fascinada*. Até mesmo excitado. Não por ele, mas pela imagem que conjurei dele cometendo o ato. Nunca tinha falado sobre um assunto tão íntimo com ninguém e estava começando a ver o apelo disso. À sua maneira, foi curativo. Como um peso sendo levantado. Por outro lado, deixou minha própria assassina com uma amiga.

—TELEVISÃO. Sem assistir você dormir. Entendi.

—Boa. Estarei fora por algumas horas. Se Braden voltar ... - Merda. Ele nunca entenderia por que eu estava dormindo e permitindo que Boston ficasse na minha casa sem supervisão. Devo contar a ele? Não. Eu não poderia fazer isso. Além disso, prometi a Boston que não contaria seu segredo, assim como ele prometeu que guardaria o meu.

—Se Braden voltar, direi a ele que convenci você a me deixar ficar. Eu realmente estou preocupado que o bastardo apareça. De certa forma, espero que sim. Eu quero Lucy. Eu quero ir para casa, - ele disse, sua voz falhando. —Tenho saudades da minha vida. Eu sinto falta *dela*. EU...

Lágrimas nublaram seus olhos e ele estava à beira de algum penhasco. Quanto mais tempo passava, pior ele ficava. Eu o encontrei no meio do caminho, envolvendo meus braços em torno dele enquanto ele me esmagava em seu corpo. Meus pés deixaram o chão como sempre faziam quando nos abraçávamos, e tudo que eu podia fazer era segurar enquanto tentava mostrar meu apoio.

—Meu cérebro continua dizendo que isso não está acontecendo. Não é real, Anna. Não pode ser. Depois de tudo que fiz para pegar Lucy ... depois de quão perto e segura a mantive ... não faz sentido. Ela deveria ser a pessoa mais difícil do mundo de aceitar. Isso é tudo minha culpa. Eu falhei com ela. Eu falhei em protegê-la, porra, e se algo acontecer ...

—Não, - eu disse suavemente. —Você fez o que podia. Não havia como você manter os olhos nela a cada momento do dia. *Ninguém poderia fazer isso*.

Com mais força, ele abraçou, fungando, antes de colocar meus pés de volta no chão.

—Eu costumava pensar que a pessoa de quem mais tinha que protegê-la era de mim mesmo. Estava errado.

—Nós irmos encontrá-la. A qualquer momento, as coisas podem mudar. Você me entende? Cada segundo é um segundo que ela poderia escapar. *Ser resgatada*. Vamos continuar procurando até encontrá-la.

—Obrigado, Anna. Obrigado por tudo que você fez por nós dois. Não sei o que faria sem você. Provavelmente na prisão. Não vou contar se não a trouxer de volta logo. Quando não estamos olhando, posso me sentir cada vez mais perto de fazer isso em minhas próprias mãos.

—Você não pode fazer isso. Estar atrás das grades não a trará para casa mais rápido. Na verdade, isso coloca vocês dois mais distantes.

—Eu sei.

—Ok, bom. Estou aqui se começar a ficar demais. Você sabe disso. Não importa o que seja, estou aqui para ajudá-lo. - Ele acenou com a cabeça e eu agarrei sua mão, dando-lhe um aperto antes de recuar. Boston se dirigiu para a sala com o meu gesto enquanto eu parei no armário do corredor, tirando-o de um travesseiro e cobertor.

—No caso de você se cansar. O controle remoto está ali se você quiser ver o que está passando.

Apontando para a mesa final, ele acenou com a cabeça, mas se sentou no sofá. Quando ele desdobrou o cobertor e tirou os sapatos, eu acenei, pegando meu telefone do balcão. Fui para o meu quarto, fechando a porta atrás de mim. Como eu sairia daqui sem Boston saber? Ele ouviria meu carro ligar e queria saber para onde eu estava indo. Pior, ele gostaria de ir junto. Não era isso que eu esperava. Ou ... talvez eu tivesse a sensação de que ele tentaria ficar aqui. A obsessão foi crescendo. Eu não podia negar o quão óbvio era.

—Não consegui te convencer a deixar sua porta aberta, não é?

O grito viajou, e eu girei minha cabeça para vê-lo espiando por cima da extremidade traseira do sofá. Olhos, eram apenas seus olhos, e eu sabia que ele se colocara daquela forma intencionalmente. Tentei não sorrir, embora quisesse rir dele tirando sarro de si mesmo.

—Em seguida, você vai perguntar se pode dormir no meu chão.

Mais alto, ele se levantou, uma seriedade tomando conta dele. —Eu posso? Você mencionou que ele foi à sua janela primeiro. Ele sabe onde você dorme.

—Absolutamente *não*. Estou totalmente preparada se ele voltar. Boa noite, Boston.

Um suspiro se transformou em uma carranca. —Boa noite, Anna.

Fechei minha porta, batendo o número de Braden enquanto me dirigia mais fundo em meu quarto. No correio de voz, eu fiz uma careta, surgindo no meu armário. —Ei, sou eu. Gostaria de saber se você já tem um endereço. Ainda estou acordada, então não se preocupe em me acordar. Estarei esperando.

Desligando, peguei uma calça jeans escura e uma camiseta preta de manga comprida. Pela minha vida, eu não conseguia parar a emoção profundamente

semeada. Ele precisava ligar. Eu precisava desse endereço. Lucy estava ao seu alcance. Ela tinha que ser. Se esse fosse o nosso cara e ele fosse removido da situação, eu poderia entrar e libertar as meninas. Não. Braden nunca me ajudaria novamente se eu fizesse isso. Era imperativo ter certeza de que eles estavam lá e chamar os gritos, como eu disse a ele.

Peguei meus tênis de corrida e os coloquei antes de desligar a luz do quarto. Do brilho do banheiro, sentei-me na beira da cama pelo que pareceram horas. Eu estava de volta *à* casa de N*inguém* novamente. Eu ainda podia sentir as restrições em torno dos meus pulsos ... ainda sentir o cheiro do gel de banho distinto com o qual ele nos banhou. A comida. Ele pensou que eu carregava seu filho. À sua maneira, talvez ele tenha tentado fazer o certo pelo inimigo prisioneiro que ele me via, mas não conseguiu controlar as surras ou torturas. O ódio que ele sentia por mim não tinha limites.

Peso tomou conta dos meus olhos, e eu deixei a metade superior do meu corpo cair de volta no colchão enquanto meus pés balançavam para o lado. Lucy estava atualmente passando por algo semelhante? Ela ainda estava viva? Braden não tinha certeza, e eu não o culpei. Esse era mesmo nosso cara? Se... *Boston*. Meu coração doeu ao imaginá-lo descobrindo más notícias. Eu não queria, mas não conseguia impedir a realidade de me empurrar. Boston era um assassino. *Eu era uma assassina.* As estatísticas eram muito claras. Embora nenhum de nós tivesse como alvo pessoas inocentes aleatórias, eu não era ingênua que alguns psicopatas não se importassem de qualquer maneira. Eu estava orando por um milagre. Orando por uma vítima que poderia facilmente ser minha ou de Boston se a composição de nossos assassinos fosse invertida.

****

—Você tem que estar brincando comigo.

Pesadamente, minhas pálpebras se abriram, fechando quase imediatamente. Foi o rosto de Boston que os fez abrir de novo. Eu voei para uma posição sentada, quase deslizando da minha cama no processo.

—O que é isso? O que aconteceu?

Eu já estava olhando para o relógio. Trabalhos. Eu tive que ir trabalhar. Mas algo estava errado. Meu cérebro não conseguia se concentrar.

Seis da manhã

—Você estava gritando. Na primeira vez, deixei você parar por conta própria, já que não queria que eu entrasse, mas apenas dez minutos se passaram e você começou a gritar de novo. Você não estava parando de gritar. Você está bem?

—Sim. Acho que sim.

—O que é isso? - ele perguntou, gesticulando com a mão. —Você foi a algum lugar? Pretende?

Um gemido me deixou enquanto eu rastejei para o meio da minha cama, desabando e puxando o travesseiro para cobrir meu rosto. —Dormir.

—Anna? Por que você está vestida?

Levantando o travesseiro o suficiente para ver sua preocupação, fiz outro som, obrigando-me a sentar. Duas horas não eram suficientes para dormir, depois dos longos dias e noites que passávamos dormindo.

—Isso me faz sentir segura. Se eu estiver vestida, posso correr a qualquer momento. Boston, por favor. Estou cansada. Você também deve estar cansado. *Durma.*

A tristeza cresceu quando ele se virou e começou a sair. Caindo para trás, abracei meu travesseiro com força enquanto tentava não deixar isso me afetar. Boston ficaria bem. Lucy ficaria bem. Mais algumas horas e Braden ligaria. *Ele definitivamente ligaria.*

****

Whack! Whack! Whack!

Cada batida alta fazia meu corpo sacudir em uma mistura de sono e perplexidade. Meu pulso estava batendo forte no meu peito. O que estava acontecendo? Essa era a porta? Alguém está tentando decompô-lo? Que horas eram?

Eu girei para fora da cama com as pernas dormentes e tentei correr para ver o que era a comoção. Nada em mim estava funcionando direito. A adrenalina comandava meus movimentos, tornando impossível controlar minhas ações. Meu sapato enganchou na camisa do dia anterior e eu voei para frente. O ar explodiu de meus pulmões, e tentei subir de volta enquanto os sons altos batiam do lado de fora da minha porta novamente.

Whack! Whack! Whack!

Eu mal o abri quando o som do liquidificador começou a bater ruidosamente. Eu encarei Boston, completamente perdida no que estava acontecendo. Eu não estava acostumada com isso. Para ... ter alguém aqui além de Braden. E ele nunca teria me acordado assim.

—Aí está você. Bom Dia. Smoothie?

—Oo quê?

—Suas bananas estavam começando a estragar. Lucy não suportava deixar comida ir para o lixo. Também notei que ontem à noite você tinha morangos no congelador. Foi perfeito. Decidi fazer smoothies. Lucy amava isso. Você quer um?

—Mas ... batendo ... você está brincando, certo?

—Eles são muito bons.

—São sete horas e meia, - eu disse, olhando para o relógio.

—Aperfeiçoando o tempo. Você não disse que tinha que ir trabalhar? Você pode levar um com você. Ou beba comigo antes de partir. De qualquer maneira, ganha-ganha.

—Boston ... eu vou hoje às dez. *Ten*. O que você está fazendo?

—Aguente. Quase pronto.

O zumbido alto encheu o pequeno espaço da minha casa novamente. O sono se foi. Com isso, paciência. Fui até a cafeteira, passando por minha rotina em transe. O chão se espalhou pelo balcão enquanto minhas mãos tropeçavam no toque do meu telefone. Corri pela sala de estar, puxando o celular da minha cama e quase deixando cair no processo.

—H-Olá? Olá? Braden?

—Como desejar. Este é Carl. Você sabe, seu cameraman. Trinta e cinco com Williams. Temos outro corpo. Posso buscá-la em quinze, se quiser.

—*Merda*. Sim, isso seria ótimo. Eu estarei pronta. - Meu estômago caiu e o ar mal saiu quando desliguei. Tirando meus tênis de corrida, eu tropecei para o armário, puxando a gola alta no processo. Outro corpo? Então, o homem não era nosso assassino? Não admira que Braden não tenha me ligado. A menos que ... o corpo foi descartado antes de ele vir para minha casa.

—Anna, está tudo bem?

Tirei uma blusa do cabide e a vesti. Boston ficou de fora, o que eu agradeci quando empurrei minhas calças e agarrei minhas calças.

—Não. Não é. Vou explicar em um minuto. Eu tenho que me vestir. Eu vou mais cedo.

O silêncio durou dois segundos. Assim que eu estava abotoando minhas calças, ele entrou.

—Eles encontraram outra garota?

—*Privacidade*!

—Anna...

Olhos castanhos imploraram aos meus.

—Sim ... eu sinto muito. Eles fizeram. - Puxando o cinto, não perdi o tsunami de terror e medo que tomou conta de seu rosto. Engolir em seco seguido de um forte aceno de cabeça. A próxima coisa que eu soube foi que ele estava correndo para o meu banheiro. Minhas pálpebras se fecharam e minha cabeça

caiu para trás enquanto deixei a escuridão me cobrir. Senti seu medo em relação a este novo corpo. O medo também estava me deixando em uma pilha de nervos. Isso não era bom. Nem para a vítima, nem para a família, nem para Boston.

Lentamente, terminei de me vestir. Meus saltos já estavam colocados quando a pia desligou e um pálido Boston emergiu.

—Onde está o corpo? Eles disseram como ela era?

—Não, - eu disse suavemente. —Eles não deram uma descrição.

—Onde? - As palavras não vinham enquanto as lágrimas nublavam seus olhos raivosos. —Eu não aguento mais um segundo. Eu ... Anna ... se esta é ela ... se não for ... merda. Posso precisar de ajuda. Antes que eu ... eu—

—Ei, ei. Respirar. Vá mais devagar e fale comigo. Antes de você o quê?

Repetidamente, ele passou os dedos pelos cabelos enquanto tentava diminuir a velocidade das calças.

—Eu vou matar todos eles. Vou de casa em casa até encontrá-la e ninguém vai me impedir. Eu não me importo mais. Se eu a perder, estarei morto de qualquer maneira.

—Não diga isso. Você não a perdeu, e você não vai. Coloque isso na sua cabeça neste minuto. Lucy precisa de você. *Precisa de você*, Boston. Eu sei como isso é difícil, mas você tem que pensar nela. Pense no quanto ela vai precisar de você. Espere um pouco mais. Vou ligar para o Dr. Patron. Ele vai te fazer melhor.

Capítulo 22

M

As confissões nada mais eram do que a admissão da culpa de alguém. Mesmo quando feito por uma natureza útil, ainda era um reconhecimento de erros cometidos de uma forma ou de outra. Confessar era purgar. A ação lavou o fardo da consciência e a maioria se sentiu imediatamente melhor depois. Eu não fiz. *Eu estava chateado.*

—Eu gostaria de denunciar um crime.

—Desculpe? É por isso que você me chamou para longe de cena? Você pode fazer isso na estação, - Detetive Casey rosnou. —Estou ocupado. Você não consegue ver isso?

A raiva invadiu cada parte de mim enquanto eu tentava aparecer como o médico preocupado. Os carros da polícia bloquearam as estradas, e eu mal fui capaz de fazer um policial resgatar o detetive de Anna.

—Não é um crime assim. Acho que você vai querer ouvir isso. Eu recebi uma ligação ontem à noite. Parece que você está com meu cliente sob custódia.

—Seu cliente?

O interesse despertou em seu tom quando o detetive Casey se aproximou.

—Está certo. Daniel Stracht. - Tirei os óculos para dar a ele a visão de meus olhos negros de Lucy. —Eu o deixei ir ontem. Ele havia se tornado muito instável e era impossível trabalhar com ele. Seu passado ... temo que ele possa ter algo a ver com essas garotas desaparecidas. Eu temo ... - minha voz engasgou. —Por favor, me diga que não é Lucy.

—Não. *Jesus.* - Sua cabeça girou enquanto ele apontava para um cara corpulento de meia-idade. O homem olhou entre nós enquanto se aproximava. Ele estava me lendo. Avaliando quem eu era e tentando descobrir meu personagem. —Diego, eu preciso atender. Stracht pode ser nosso cara. Este é o médico de quem eu estava falando. O médico *do nosso suspeito.*

—Ah Merda. Nós temos isso aqui. Continue.

—Obrigado. Venha comigo, Dr. Patron. Você pode me seguir até a estação?

—Claro.

Brincar de psiquiatra zeloso nunca foi um problema para mim. Eu mantive a "necessidade" de ajuda estampada em meu rosto. Mesmo enquanto eu seguia o detetive, passando por Anna e sua equipe de notícias, nunca deixei a fachada cair.

Que porra Daniel estava pensando? Idiota. Não era assim que meu plano deveria acontecer. Ela não deveria ser pega ainda. Claro, eles poderiam deixá-lo ir, mas com ele me ligando da prisão, eu não tinha escolha a não ser acabar com

isso agora. De qualquer maneira, foi minha culpa. Eu deveria ter conhecido ele. Eu nunca deveria ter menosprezado o homem e o empurrado na direção de Anna. Sua personalidade não aguentava ser instigada. Daniel sentiu a necessidade de provar a si mesmo. Não apenas para si mesmo, *mas para mim.*

—Dr. Patron?

A voz de Boston cortou através de mim. Enquanto ele corria, eu desempenhei minha parte ainda mais.

—Boston. Eu sinto muito.

—Desculpe? *É isso* -

O horror apareceu em suas feições. Meus olhos se abriram e alcancei seu ombro. —Não. Não, não é ela. Infelizmente, sei quem pode tê-la levado, e sou um tolo por não ter percebido isso antes.

Esperança. Isso fez Boston alcançar meu braço.

—Você sabe quem está com Lucy! Who?

—*Doutor*.

Com o tom ameaçador do Detetive Casey, estendi a mão, removendo e apertando a mão que me segurava. —Eu tenho que cuidar disso. Ligo para você quando terminar.

Tudo que consegui foi um aceno de cabeça enquanto diferentes emoções cintilavam em seu rosto bonito. Venha amanhã, ele ficará arrasado. E eu ... talvez fosse um pouco também. Afinal, Lucy tinha chegado tão longe na época em que a tive. Ela nem mesmo discutiu ou chorou quando eu a algemei.

Chegando à estrada lateral, entrei no carro, observando o detetive entrar no seu. Seguindo atrás, minha viagem foi um passeio silencioso. Sempre havia algo na falta de som que me dava paz. Algumas pessoas gostavam de música para abafar seus pensamentos enquanto dirigiam. Outros, uma ligação rápida para quem atendesse para passar o tempo. Eu não. Silêncio. Isolamento. Tornou-se parte da minha solidão por tanto tempo que raramente gostava do zumbido inútil das distrações. Encarar o silêncio era enfrentar a si mesmo. As pessoas não conseguiam lidar com quem realmente eram. Eu poderia.

Preto brilhou no meu espelho retrovisor. *Boston*. Não foi surpresa que ele estivesse acompanhando. Uma parte de mim esperava que sim. Se ele estivesse lá, eu poderia puxá-lo para o meu lado ainda mais. Eu poderia fornecer o conforto e o incentivo de que ele precisava. A condição do corpo de Lucy iria fodê-lo, possivelmente para sempre. E eu estava ansioso para fazer a mancha em sua mente. Com estar no controle, cada gota, cada lágrima de sua carne, seria uma cicatriz mental no cérebro de Boston que eu poderia curar. As ações eram opostas, mas eu estava nas duas pontas. O médico - o desviante.

Entrando na estação, sentei-me no meu carro, fingindo recolher minhas coisas até que vi Boston sair da dele na linha periferia. Só então desliguei o motor e abri a porta. Ele estava lá para me encontrar no momento em que me levantei.

—Por favor. Você tem que me contar mais. O que está acontecendo?

Braden estava esperando perto da entrada, e mantive minha voz baixa quando comecei a ir em sua direção. O olhar de desaprovação foi um que eu ignorei.

—Eles têm meu paciente sob custódia. Ele nunca mencionou levar nenhuma garota para mim, mas eu recebi uma ligação ontem à noite. Eles o prenderam tentando invadir a casa de Anna.

—*Era ele*?

Minha cabeça disparou. —Você estava lá?

—Sim. Eu apareci enquanto eles o levavam para o carro. Voltei para ver como ela estava. Para ter certeza de que ela voltou para casa bem, - ele assegurou.

—Claro.

—Você acha que ele pode ter Lucy. Onde ele mora?

Minha boca abriu, mas fechou na minha pausa. —Eu não sei. Não fui capaz de rastreá-lo até uma residência. Acho que não estava procurando muito. Eu estava distraído com o que estava acontecendo aqui. Eu estava apenas parcialmente ciente do que ele estava dizendo durante as sessões, de verdade.

—Nós vamos descobrir. Traremos Lucy de volta assim que você terminar de falar com Braden.

Meu olhar ficou nele um momento a mais do que eu queria. Braden. Então, ele estava falando pelo primeiro nome com o detetive de Anna? Levou tudo o que eu tinha para não fazer cara feia.

—Se você me seguir, veremos o que você sabe. Você, - Detetive Casey disparou para Boston, —pode esperar na frente.

Sem argumentos. Apenas um olhar do meu assassino artesanal.

Boston já tinha muita raiva por dentro. Uma vez que ele soltasse, os assassinatos seriam incríveis. E eu aumentaria sua habilidade. Talvez os corpos pudessem ser artisticamente bonitos como os de Anna. Isto é, se eu pudesse convencê-lo a continuar em uma base regular. O que eu não vi ser um problema depois que coloquei minha própria abordagem criativa em sua querida Lucy.

Mantendo-nos perto do detetive, passamos por duas portas antes de voltarmos para a mesa em que Joy e eu tínhamos nos sentado antes. O detetive Casey ocupou seu lugar atrás dele e eu o segui, sentando em frente a ele. Ele pegou um arquivo, folheando antes de tirar papel e uma caneta.

—Comece do início. Há quanto tempo você é médico de Daniel Stracht e quando decidiu se encontrar com ele nesta viagem?

Pegando meu livrinho preto, folheei as páginas. Para qualquer pessoa, não seria nada mais do que uma coleção de nomes e informações pessoais. Mal sabiam eles, era uma mina de ouro de assassinos. E eu não tinha razão para desabafar, a não ser a emoção e o poder que isso me deu. Eu era melhor do que a polícia. Não havia nada que eles pudessem fazer para impedir qualquer um de nós. Se um dos meus clientes for pego, foi por minha causa. Se eles mataram, eles se voltaram para mim.

—Eu conheci Daniel há três anos. Por volta em... julho. Ele ligou para saber sobre um compromisso. Na época, ele alegou que teve episódios de apagão. Durante esses momentos, ele mencionou que ouviu vozes nos minutos após seu retorno.

—Ele ouviu vozes?

—Está certo.

—E depois?

Sentei-me mais reto. —Fiz a análise normal. Nós nos conhecemos e permiti que ele me contasse sua história. Ele entrou em detalhes sobre ... - Eu fiz uma careta, deixando a preocupação retornar. —Eu sinto muito. Eu deveria ter feito isso antes.

—Elaborar.

—Bem, como um jovem, Daniel era suspeito do desaparecimento de uma garota. Uma garota da vizinhança por quem ele tinha sentimentos românticos. Veja, os policiais sabiam que ele cometeu o crime, mas não havia provas suficientes para acusá-lo. Daniel perdeu a visão de um de seus olhos naquela época. Quando perguntei como isso aconteceu, ele não quis comentar a causa. Pelo que percebi durante nossas sessões, aconteceu quando ele levou a garota.

—Ele alguma vez te disse que era o único responsável?

—Não com tantas palavras, mas ele conseguiu.

O detetive Casey franziu a testa, escrevendo mais informações no papel.

—De qualquer forma, - eu continuei, —Daniel perdeu duas consultas alguns meses atrás e se recusou a retornar minhas ligações. Achei que ele estava recusando mais tratamento, então deixei passar. Eles não iam realmente a lugar nenhum, de qualquer maneira. Ele se recusou a ser honesto. Não só comigo, mas com ele mesmo. Três semanas atrás, ele me ligou no meio da noite. Ele estava falando tão rápido que eu mal conseguia entendê-lo. Ele disse que eu precisava me encontrar com ele, que era urgente. Devido a outros clientes, vim assim que pude.

—O dia em que Lucy Adams desapareceu.

—Corrigir.

—De acordo com o que descobrimos até agora em nossa investigação, não parece que Daniel Stracht tenha dinheiro.

O detetive Casey ainda estava de cabeça baixa, mas estava inclinado apenas o suficiente para projetar o interesse em seus olhos quando ele olhou para mim.

—Nem todos os meus clientes são ricos. Alguns eu atendo apenas para ajudar. Daniel era um desses pacientes. Eu sabia sobre sua história antes de conhecê-lo oficialmente. Achei que, se não conseguisse uma confissão, poderia pelo menos ficar de olho nele.

—Você pode dizer que fez isso. Dois olhos. Foi ele quem quebrou a sua cara?

Meus lábios se torceram com a referência. —Sim. Eu o estava pressionando para falar. Algo estava errado. Eu poderia dizer pela maneira como ele se recusou a sentar-se durante a nossa sessão. Ele continuou andando. Quando ele mencionou algo parecido com 'a cadela mereceu', eu disse que ele tinha um minuto para começar a falar ou eu não poderia mais vê-lo. Meu erro foi ficar de pé. No momento em que me coloquei no nível dele, ele tentou me derrubar.

—Ele disse mais alguma coisa?

—Sim. Depois que ele se desculpou, o que considerei genuíno devido ao choque e arrependimento que testemunhei em suas expressões, ele começou a soluçar. Ele disse que os apagões estavam piorando e as vozes não paravam. Ele disse que não sabia o que iria fazer. Que ... ele estava com problemas. - Fechei o livro, colocando-o de volta no bolso interno. —Ele foi embora logo depois disso. A agitação voltou quando renunciei a ser seu médico e me ofereci para conseguir outra ajuda. Ele se recusou, é claro, mas, sinceramente, fiquei feliz com o término da consulta. Não foi até que ele me ligou ontem à noite a *partir daqui* que comecei a juntar as peças. Durante a ligação, ele disse algo que imediatamente me fez pensar em Anna. Ele disse, 'aquela vadia de olhos castanhos do noticiário merece ficar de boca fechada'. Olhos castanhos. Com meu trabalho com o FBI, aprendi a pegar palavras-chave ou frases de suspeitos em perigo. Não havia razão para ele mencionar a cor dos olhos. Não fazia sentido.

Uma mancha de descoloração foi drenada do rosto do detetive quando seu olhar me deixou e foi para o corredor logo atrás de nós.

—Interessante, de fato, - ele suspirou. —Obrigado pela informação. Ligarei para você se precisarmos de mais alguma coisa.

—É isso aí?

—Por enquanto, mas entrarei em contato.

—Ok, - eu disse, me levantando. —Espero ter ajudado de alguma forma.

—Oh, você fez. Muito mesmo.

Eu contornei a cadeira, assentindo enquanto me virava para sair.

—Oh ... Dr. Patron? - Os olhos do detetive se estreitaram enquanto ele me estudava pelo que pareceram segundos intermináveis.

—Sim, detetive?

—Não saia da cidade.

Capítulo 23

Detetive Casey

Anna. Eu disse a ela para ficar fora disso. Eu disse a ela que o assassino poderia vir atrás dela se ela continuasse a cavar mais fundo nesta investigação. Reportagens na TV ao vivo já eram ruins o suficiente. Passar cada minuto acordado com o namorado da vítima era ainda pior. Depois, os panfletos. Traga as perguntas que eu sabia que eles estavam fazendo para pessoas aleatórias por toda a cidade, e era uma porra de um farol vermelho atraindo o assassino direto para ela. Eu sabia como esses malucos funcionavam. Afinal, *ninguém* ficou de olho em mim? Ele não tinha jogado enquanto eu procurava por Anna? Ser um detetive *me* colocou no centro das atenções por isso. A maioria dos assassinos não conseguia evitar o envolvimento de alguma forma. E agora, outro veio atrás dela. Eu não poderia fazer isso. Eu não poderia deixa- *lá* fazer isso.

—Você vai apenas ficar sentado aí, ou um de vocês vai desfazer essas algemas e me deixar ir? Eu não fiz nada, porra.

—Nós sabemos o contrário. Abri a pasta, segurando-a apenas o suficiente para que ficasse inclinada e bloqueasse o conteúdo que li. Diego parecia cansado quando olhei para ele. Tecnicamente, deveríamos sair uma hora antes, mas recusei sem tentar obter uma confissão de Daniel Stracht mais uma vez. —Vamos falar sobre Melanie Ways, Paula Oblene e Lucy Adams.

—Who? Cara, vai se foder. Onde está meu advogado? Meu médico disse que enviaria um.

—Seu médico?

—Está certo. Falei com ele ontem à noite. Ele disse que enviaria um advogado o mais rápido possível.

Dei de ombros. —Acho que ele mentiu.

—Besteira. Meu médico é fiel à sua palavra. Pare de bloquear meu advogado de me encontrar ou forneça um. Eu conheço meus direitos.

—Eu acho que você estaria sendo como você passou por isso antes. Ou talvez você tenha se esquecido de Cadence Miller.

—Não diga o nome daquela vadia, porra.

—Oh, então você se lembra dela?

Meu olhar subiu para seus olhos escuros. Na noite anterior, eu nem tinha percebido que um não era real. Olhando agora, eu ainda não conseguia notar uma diferença significativa.

—Os médicos e a tecnologia são incríveis hoje em dia. Eu nem consigo dizer. Ela esfaqueou você no olho e você a matou, não foi?

A defesa o fez ficar tenso. —Quem disse que um dos meus olhos não é real?

—Não importa. Eu sei muito mais do que você pensa.

Uma pequena risada encheu o espaço. —Eu duvido disso.

—Como estão as vozes, Daniel? Você os ouve agora?

O sorriso caiu quando suas pálpebras se estreitaram. —Desculpe?

—Precisamos de Lucy Adams. Eu sei que você não está bem. Diga-nos onde ela está e verei o que posso fazer para conseguir ajuda.

—Não tente brincar comigo, porra. Não conheço nenhuma Lucy Adams.

—Eu acho que você conhece.

—Bem, você está errado. Nunca ouvi falar dela.

—Cabelo loiro, olhos verdes. Você está me dizendo que não pegou uma garota com essa descrição?

—Não.

—Realmente. E quanto a Melanie ou Paula? Você os leva?

—Eu disse que quero um advogado de merda. *Terminamos.*

Um rosnado retumbou por mim enquanto eu puxava a cadeira para fora e me levantava. O olhar zangado de Daniel nos seguiu para fora da sala de interrogatório e, no momento em que a porta se fechou, amaldiçoei baixinho.

—Eu sei que foi ele quem matou aquelas garotas. Temos que encontrar Lucy. Temos um local? O que diabos está acontecendo?

Diego me seguiu até minha mesa, gesticulando para o oficial indicar que havíamos terminado. —Nada. Nada mesmo. O último endereço conhecido já tem novos inquilinos. O cara foi um fantasma no ano passado. De acordo com os registros, ele não teve nenhum trabalho, nenhuma prisão. Ele está praticamente fora da rede.

—Impossível. Eu não acredito nisso. Tem que haver alguma coisa.

—Deixe os outros tentarem encontrar. Terminamos o dia.

Tudo que pude fazer foi acenar com a cabeça em concordância enquanto Diego disparava em direção a sua mesa. Eu estava cansado ... morrendo de fome. Não conseguia nem me lembrar da última vez que fiz uma refeição decente. Pegando minhas chaves da gaveta da escrivaninha, caminhei atordoado para o meu carro. Cenas de Paula Oblene voltaram em flashes de marcas cobrindo seu corpo. Tiras de pele estavam faltando e onde as rugas estavam havia lacerações profundas. Tudo o que ele a atingiu cortou quase até o osso. Os olhos verdes estavam faltando, e a parte inferior direita de sua orelha até parecia ter sido arrancada ou removida. Hematomas na parte interna das coxas me disseram que ela havia sido abusada sexualmente por algum tempo também.

O motor ligou e, ainda assim, continuei com as imagens em minha mente. *Lucy*. O que aconteceu com ela desencadeou a necessidade de Daniel de sequestrá-la? Ela não era daqui e esteve em Rockford apenas por alguns minutos antes de ser levada. Não havia como ele ter tempo de descobrir o nome dela e de Boston, ligar para distrair Boston e então já ter planejado o sequestro. Foi espontâneo? Uma conversa que ele ouviu imediatamente? Eles fizeram contato visual e ele não pôde evitar? Talvez, mas eu não conseguia acreditar. Quais eram as chances de um paciente para o mesmo médico ter levado a namorada de outro paciente? Ele conhecia Boston? Não parecia assim quando Boston o viu em casa. Então, se Boston não o conhecia, ele conhecia Boston? Ele tinha ouvido falar dele por associação com o médico? Nada disso fazia sentido pra caralho.

Luzes borradas enquanto eu fazia meu caminho para casa. Eu estava tão longe dos pensamentos acelerados que quase perdi o carro de Boston estacionado na frente da casa de Anna. A necessidade de tomar banho e pegar roupas para que eu pudesse voltar desapareceu instantaneamente. Não passei pela garagem antes de virar para estacionar do outro lado do carro de Anna. Conseguir roupas podia esperar. O ciúme estava de volta quando desliguei o motor e fui até a porta. Na maçaneta me recusando a girar em meu aperto firme, coloquei a chave na fechadura e abri a barreira. O silêncio me encontrou. Silêncio mortal.

—Anna? - Fechei a porta, saindo da entrada para a sala de estar aberta. Meus pés enraizaram e minhas sobrancelhas se ergueram de surpresa ao ver Boston dormindo no sofá.

—Aqui.

Ao sussurro de Anna, meus olhos se arregalaram. Tudo que eu pude fazer enquanto me dirigia para o quarto dela era olhar em descrença.

—Eu sei o que você vai dizer. Apenas ... *não*. Ele teve alguns dias difíceis.

—Ele não é o único. Prendi um homem ontem à noite que não tenho dúvidas de que é um assassino de sangue frio. Você o prendeu Anna, *aqui*, em nossa casa. E *ele estava vindo atrás de você*. - Pegando seu braço, eu a levei para a cama. —Nós precisamos conversar. Essa coisa de querer investigar e ajudar as pessoas, você tem que parar. Depois que Lucy for encontrada, não quero que você se envolva mais com esse tipo de coisa. Eu não aguento. Deus, e se eu não tivesse passado por aqui ontem à noite? E se ele tivesse conseguido entrar?

—Teríamos outro assassinato. Mas não o meu.

—*Como você sabe disso*? Você não pode ter certeza.

—Mas eu sei.

—Como?

—Braden

—Não, responda à pergunta. Como você sabe que não teria se machucado? Você não é invencível, Anna. *Diga-me.*

—Fique quieto. Você está gritando.

—Diga-me, - eu disse mais baixo. —Me convença. Faça-me ver.

—*Ver o quê*? Qualquer um estúpido o suficiente para arrombar esta casa nunca conseguiria sair daqui vivo. Eles estariam no meu porão, para nunca mais ver a luz do dia novamente. Deus, Braden. Você não pode ver? *Você não* vê? Não consigo parar de tentar encontrar esses homens maus. Eu não quero.

—O que então? E se você os encontrar?

Em seu silêncio, minha cabeça abaixou em meio ao desamparo. Meu mundo estava sendo dividido em dois. Sonhei que Anna e eu poderíamos nos encontrar novamente - ter a vida que quase tivemos meses atrás. Agora, eu não tinha certeza se isso seria possível. Ela não iria parar de tentar encontrar alguém para ajudar ... *ou matar*.

Uma batida teve meus olhos voltados para a porta. A raiva voltou quando eu trouxe minha atenção de volta para ela. —E esse? Vai ser todo marido, esposa, namorado ou pai em casos futuros? Devo procurar construir um quarto de hóspedes? Talvez compilar uma lista de ... de ... —Pisquei com força quando algo puxou minha memória.

—Isso não é justo. Boston está aqui porque pedi a ele para ficar. Desculpe. -

Quando Anna foi até a porta e começou a sussurrar, tentei trazer de volta o que quer que fosse que estava me incomodando. Alguma coisa. Alguma coisa. Médico. Isso é o que eu ia dizer. Faça uma lista de psicólogos e médicos para abastecer as famílias em luto. Mas apenas a lembrança acionou meu subconsciente para o Dr. Patron. Ele trabalhou com Daniel Stracht. Ele trabalhou com Boston Marks. Isso estava claro. Mas por que?

—Não, volte a dormir. Está tudo bem. Eu prometo.

—Tudo não está bem, - eu disse, caminhando para abrir a porta o resto do caminho. Boston me encontrou de frente, até mesmo se aproximando através de seu brilho. As vibrações alarmantes eram muito reais. Para a frente e para trás, olhei entre ele e Anna. Sua conexão, seu vínculo estranho. Negar que eles tinham algo que ela e eu não tínhamos era estúpido. Eles fizeram, eu só não tinha sido capaz de identificá-lo antes. Até Daniel ...

—Você grita com ela assim com frequência?

—Desculpe?

—Você me ouviu, detetive. Acho que não gosto da maneira como você está falando com ela.

—E eu não acho que esta casa seja sua ou isto seja seu negócio.

—Discordo da última parte.

—Chega, - Anna disse, interrompendo. —Vamos deixar algo bem claro. Esta é minha casa. Minha vida, - ela disse, olhando entre nós dois. —Todos sob este teto, eu quero aqui. Isso significa vocês dois.

—Claro ... sinto muito. - Boston fez uma pausa enquanto ele recuou. —Eu sou grato a você por me deixar ficar. Eu não deveria ter ultrapassado sua bondade. Posso sair um pouco para dar a vocês dois momentos a sós, se quiserem.

Mesmo quando ele perguntou, eu não perdi o pânico em seu tom. Ele não queria ir. Nem mesmo perto.

—Você está bem. Estamos todos bem. Foi um dia estressante. Especialmente para Braden, tenho certeza.

—Você não tem ideia, mas acho que está para piorar. - Fiz um gesto para a sala de estar. —Sinceramente, Boston, a última coisa que eu quero agora é que você vá embora. O que eu quero é que você responda algumas perguntas para mim. Com respostas honestas. Morto. Honesto.

O olhar que Boston e Anna me deram era ilegível. Segundos se passaram antes de ambos caminharem para o sofá como crianças repreendidas. Ou predadores. Eu não tinha certeza. Eles estavam leves em seus pés, olhando para trás com olhos cautelosos enquanto se viravam e se sentavam. Fiquei de pé enquanto estudava sua linguagem corporal.

—Antes de começar a fazer perguntas, eu tenho algumas. Onde está Lucy? Você tem o bastardo que a levou. Por que ela ainda não foi encontrada?

—Não temos provas de que o homem que temos é o mesmo que a levou. Minha vez. Qual é a razão pela qual você precisa dos serviços do Dr. Patron?

O rosto de Boston endureceu. —Terapia. Tenho um problema em reprimir minhas emoções. Ele me ajuda a trabalhar com eles. Agora, mais sobre Lucy. Você diz que não tem provas. Dr. Patron me disse que pensou que Daniel foi quem a levou. Isso não é o suficiente? Você verificou a casa dele para ver se ela está lá?

—Ele não tem casa. Não que possamos encontrar. Mais sobre essas emoções engarrafadas. É mais do que isso? Você é violento?

—Braden, Boston não é o único em questão aqui. Devíamos estar procurando por Lucy.

—*Estou* procurando Lucy. Responda. Você é violento?

—Eu não a machuquei. Eu nunca a machuquei, ou mesmo pensei sobre isso. Acho que nunca levantei a minha voz quando temos um desentendimento. *Eu a amo.*

Minhas pálpebras se fecharam enquanto eu tentava me acalmar. —Eu não estou falando sobre ser violento com ela. Quero dizer em geral. *Para os outros.*

Boston se levantou lentamente, mantendo os olhos colados nos meus. —Onde você quer chegar, detetive?

—Meu suspeito está vendo o Dr. Patron por causa de sua saúde mental - violência, vozes, possível assassinato, o que me indica que você pode estar vendo-o por esses motivos também. Eu amo Anna, mas também a conheço melhor do que ninguém. Vocês dois são terrivelmente semelhantes. Quando estão juntos, vocês se movem em sincronia. Ela se vira, você a tem de volta. Ela olha para um lado, você está cobrindo o território do qual ela está alheia. Seja honesto comigo porque não sou tolo.

Boston olhou para Anna, franzindo a testa enquanto procurava seu rosto. Quando ele se virou para mim, suas paredes pareciam estar diminuindo.

—Você não tem nada com o que se preocupar. É verdade, Anna e eu somos semelhantes. Sinto uma conexão muito forte com ela. Duvido que pudesse explicar o suficiente para fazer sentido para você, no entanto. Tudo o que você precisa saber é que não tem motivo para pensar duas vezes em mim. Tudo que eu quero é Lucy, e então estou fora daqui. Você nunca mais terá que me ver. Para chegar a esse ponto, temos que encontrá-la.

—E para encontrá-la, eu preciso de mais informações. Esta faltando alguma coisa. É logo ali. Está tudo bem aí, e não estou vendo.

Capítulo 24

Anna

21:02h

Círculos escuros foram gravados sob os olhos de Braden, assim como o resto de nós. A exaustão estava cobrando seu preço, fazendo com que as menores coisas chegassem a um ponto de ruptura. Apenas um pouco mais de uma hora antes, Boston e eu estávamos à beira de uma discussão que poderia ter nós levado a caminhos separados. E temporariamente, ele estava fingindo um cochilo; eu fugi para o meu quarto enquanto ele fingia dormir.

Nunca pensei em não questionar sua conversa com o Dr. Patron. Eu sabia que Boston tinha ido para a delegacia, mas o que saiu dela de repente não era da minha conta. Doeu e me deu um ataque. Boston não aceitou bem o meu afastamento emocional e me implorou para "*ficar longe dele*". O aviso contra o Dr. Patron foi o suficiente para fazermos uma pausa. A discussão parou quando ele se desculpou e culpou seu comportamento por não ter encontrado Lucy. A verdade é que não o culpei por não me contar o que aconteceu entre ele e o médico. Foi pessoal. Eu entendi isso. Mas não era apenas informação sobre o suspeito que eu esperava que ele me incluísse. Minha preocupação veio do medo de que o Dr. Patron tivesse avisado Boston em nossa reunião na pista de corrida esta noite. Eu estava tendo minhas próprias inseguranças sobre este plano de cavar mais fundo no dele. Uma parte de mim queria ver do que o Dr. Patron era capaz, enquanto o lado racional achava melhor manter meus segredos reais fora disso.

—Detetive, quando você acha que encontrará um endereço?

A voz de Boston soou derrotada quando ele se abaixou de volta para o sofá. Olhando para o relógio novamente, eu me senti começar a suar.

21:07h

—Espero que em breve. Estamos fazendo tudo que podemos. Eu perguntei ao Dr. Patron, mas ele não tinha certeza de onde o suspeito morava.

—Como ele não sabe? Ele, mais do que qualquer pessoa, tem uma visão da mente desse cara. Fiz uma pausa, mordendo minha língua enquanto ficava quieta. Talvez ele soubesse. Talvez ele não tenha. Nem todo mundo gostava de falar sobre o lado sombrio de sua vida, e este homem *era* um assassino. Pode ter sido o motivo pelo qual ele negou seu endereço.

—Eu perguntei a ele a mesma coisa, - disse Boston, descansando os antebraços um pouco acima dos joelhos. Sua cabeça abaixou enquanto ele olhava

para o chão. —Eu não entendo nada disso. Ele é um bom médico. Sordidamente inteligente, - ele disse, olhando para mim. —Mesmo se este bastardo não confessasse totalmente, o Dr. Patron teria pensado em tudo na primeira hora. Ele teria sabido. Não há dúvida em minha mente. Porra ... só que ... em todas as nossas sessões, ele tem esse jeito de torcer sua mente para fazer você falar. Eu fui lá quase repetidamente pensando, *vou apenas dizer que estou bem*. Vou entrar e sair imediatamente. Às vezes, odeio ir. Toda vez, *toda vez*, acabo derramando minhas tripas. E não intencionalmente. São suas palavras. A maneira como ele os usa. O homem é um gênio em manipular uma confissão sua. Eu não entendo.

O silêncio assumiu enquanto Braden fazia um caminho de um lado da sala para o outro. Ele obviamente ainda estava trabalhando. Ele compassou. Ele fez uma pausa. Ele caminhou um pouco mais. Quando meu telefone alertou, todos pararam, olhando para a cozinha.

—Talvez seja trabalho, - eu menti. —Temos feito um especial sobre as meninas. Eles me avisaram antes que eu poderia ter que entrar.

Braden acenou com a cabeça, movendo seu foco para Boston quando eles começaram a se questionar novamente. Meu coração estava na minha garganta quando eu desbloqueei meu telefone e olhei para a mensagem.

Dr. Patron: Lamento o atraso. Surgiu uma coisa. Teremos que reagendar nosso encontro.

Pestanejando pelas notícias, um alívio inexplicável se instalou. Eu estava tão dividida. Agora que nosso encontro havia terminado, minha saída se tornou conhecida. Eu encontraria outras maneiras de investigá-lo. Davis Knight não era. *Ele era meu.*

Eu: Tudo bem, sério. Isso, - eu pausei, olhando de volta para os caras, - *é o melhor. Obrigado pela oferta embora. Tenho medo de ter que passar.*

Enfiei meu telefone na bolsa, jogando-lhes um sorriso simpático enquanto voltava para a sala. Antes que eu pudesse chegar lá, outro alerta soou. E outro. Mais três.

—Jesus, Anna. Quem é este?

—Trabalhos. Estou em um grupo de texto. Tenho que entrar. Eles provavelmente estão apenas repassando mais detalhes ou algo assim. Vocês dois continuam com as várias ideias. Talvez vocês já tenham algo planejado quando eu voltar.

—Até que horas?

A preocupação registrada no rosto de Braden enquanto ele se aproximou. A culpa apareceu, roubada pelo meu assassino com a mesma rapidez.

—Há muito que precisamos cobrir. Vou tentar fazer isso o mais rápido possível.

Mas eu não faria. Nada me impediria de aproveitar cada segundo feliz para dar a Davis o retorno que ele merecia. Por meses, estive planejando este exato momento e estaria condenado se alguma coisa me atrapalhasse.

—Anna...

Fiz uma pausa no meu caminho para o meu quarto, olhando por cima do ombro para Boston. Uma preocupação estrangulada engolfou meu nome, de alguma forma ameaçando Annalise dentro de mim. Ela ficou zangada com a forma como ele podia ler claramente meus motivos. Boston sabia que algo não estava certo.

—Talvez Braden e eu devêssemos deixar você. Eu não consigo me livrar desse ... sentimento. Talvez o homem que está com Lucy ainda esteja por aí. Talvez ... —Ele se levantou, olhando suplicante para Braden, como se meu detetive fosse intervir e ajudar em sua causa repentina. —Isso não está certo, - Boston rosnou. —Eu não sei o que é, droga. Algo está simplesmente errado.

Uma sucessão de mais dois dings ecoou através do silêncio, e a cabeça de Boston inclinou para trás quando suas pálpebras se fecharam.

—Talvez fosse mais seguro, - Braden disse calmamente.

—Você está brincando comigo. Você tem o homem sob custódia. Ele está atrás das grades. Estou perfeitamente segura. Além disso, vocês dois parecem uma merda. Vai Dormir um pouco, eu estarei em casa mais tarde.

Eu não dei tempo para responder. Indo para o meu quarto, rapidamente fechei a porta atrás de mim. Por segundos, esperei que Braden entrasse, mas a conversa continuou, e eu também. Direto para o armário onde minha bolsa estava esperando. Rapidamente, coloquei uma calça comprida e uma blusa de gola alta. Quando coloquei meus sapatos, minha adrenalina aumentou. Esta noite será realmente, a noite em que eu finalmente teria minha vingança? Não era segredo que Davis percorria o caminho à beira do rio todas as noites. Afinal, foi assim que ele se envolveu com a polícia durante *a* investigação de *Ninguém*. Tropeçar no corpo não foi um acidente. Ele sabia ... e mesmo então, antes de eu ser levada, ele não fez nada para impedir a sequência de assassinatos brutais que abalaram nossa cidade.

Balançando a bolsa em meu peito, ignorei o que sabia que estava dentro. Roupas, meus tênis especiais para corrida, ficaram no porta-malas. Esta bolsa ... bem, esta tinha duas coisas muito caras para mim: uma faca gravada com duas palavras especiais e uma caixa de seis por cinco por dez centímetros.

A conversa continuou enquanto eu abria a barreira e voltava para a sala de estar. Ambos os homens olharam para mim, mas Braden estava assentindo com uma expressão séria no rosto.

—Tudo pronto?

—Tudo pronto, - eu repeti.

—Tem certeza de que não quer que a levamos? Vou ficar um pouco acordado. Eu posso pegar você, ou Braden e eu podemos ir se ele ainda estiver acordado quando você terminar.

—Estou bem. Vocês dois aparecem no meio de alguma grande revelação. Continue. Talvez você descubra algo.

Aproximei-me, pegando minha bolsa do balcão. Braden estava ao meu lado antes que eu deslizasse sobre a bolsa e me virasse.

—Seja cuidadosa. Tente ir direto e voltar. Até que tenhamos evidências concretas, não podemos apostar em nada.

—Eu estarei segura.

Os lábios de Braden encontraram os meus. A leve pincelada terminou rapidamente quando dei um passo para trás e peguei minhas chaves. *Dor*? Suas feições apareceram quando me virei e fui para a porta. Não podia permitir que meus sentimentos pelo homem que amava interferissem no que precisava ser feito. E eles poderiam se eu pensasse muito sobre o que ele pensaria de mim se soubesse o que eu estava prestes a fazer. Os segredos eram tão fortes quanto você. Não havia espaço para eu me questionar. Davis tem que morrer pelo que permitiu que acontecesse comigo - *com meu filho.*

A escuridão veio ao meu encontro, e um frio gelado pesou no ar, alimentando o gelo em minhas veias. Prometia um casamento memorável com assassinato. O clique dos meus sapatos ecoou. *Clique. Clique.* Meu coração bateu. *Thump. Thump* . O tempo escorregou a cada passo fatídico que dei para mais perto do carro. Os sons eram música para os ouvidos. Annalise veio, crescendo dentro de mim enquanto eu entrava no carro. Quando o motor ganhou vida, ela também.

Remexendo na minha bolsa, tirei o batom vermelho, deixando a cor alimentar sua necessidade ainda mais. O brilho da ignição enviou um tom azulado cobrindo a parte inferior do meu queixo. Por segundos, eu encarei o reflexo escuro olhando para trás. Olhos castanhos se escondiam atrás de pálpebras estreitas - pálpebras cheias de luxúria - e meus lábios carnudos estavam mais franzidos do que o normal. Deus, eu não conseguia mais me esconder dos desejos. Eu precisava agir sobre eles como se eu precisasse respirar. Não havia um sem o outro, e eu seria uma idiota se tentasse me convencer do contrário.

Respirações irregulares forçaram seu caminho livre enquanto eu colocava o carro em marcha à ré e saía do caminho. Não foi até que eu peguei a estrada principal e fui para o parque que peguei meu telefone, tentando me aterrorizar. Os textos não ajudaram. Meu dedo rolou enquanto eu olhava para a luz vermelha e li as palavras confusas.

Dr. Patron: Para o melhor?

Você acha que vai passar?

Anna, o que você está dizendo?

Um dia.

Isso é tudo que preciso.

Você não vai se arrepender do nosso encontro, eu prometo.

Eu só preciso de tempo.

Você está me ignorando?

Anna?

Por favor escreva de volta.

Você está chateada com alguma coisa. Eu posso ajudar.

Me diga o que está errado?

Você deve estar ocupada.

Escreva-me de volta quando puder.

Uma buzina me fez jogar meu telefone no chão. Não havia razão para responder. Não devo uma explicação a ninguém. Acima de tudo, algum médico que eu nem conhecia. Isso era pessoal. Era problema meu, não dele. Além disso, o que ele iria fazer, sabendo do meu segredo? Dr. Patron não iria para a polícia. Ele nem mesmo tinha nada para mostrar a eles. Foi ele quem começou a escrever em código e, felizmente, isso cobriu nossas bundas.

Virando no seguinte semáforo, desci meia milha antes de estacionar. O centro estava longe o suficiente, eu não precisava me preocupar. Era raro haver muitos corredores tão tarde. Eu e Davis, a exceção. Nada disso importava agora. Davis era um repórter regular. Eu estava rastreando seus movimentos por tempo suficiente para saber. Tempo suficiente para ver por mim mesmo. Mesmo que o Dr. Patron ou Boston nunca tivessem chegado, nossa noite estava fadada - planejada por semanas.

Bip Bip.

Bip Bip.

—Que diabos?

Mais duas mensagens de texto chegaram antes que eu pudesse pegar meu telefone. No momento em que o fiz, a maldita coisa começou a tocar.

Braden.

Meus lábios pressionaram um no outro enquanto eu olhava além do poste de luz para a área escura do caminho.

—Olá?

—Anna, sinto muito ligar. Eu sei que você está trabalhando.

—Está bem. Acabei de entrar. O que é?

Uma pausa. —Boston quer ir para Chicago.

—Chicago? Para quê?

—É onde o Dr. Patron mora. Ele tem um lugar lá.

—Esse é o caminho. Ele quer ir tão tarde? Não poderíamos dar uma olhada amanhã? Eu também gostaria de ir.

—Bem ... eu meio que quero dar uma olhada nesta noite. Talvez o médico tenha mais a dizer.

Foi a minha vez de ficar quieta. Tirei o telefone do ouvido e apertei o botão para abrir a tela principal. *Duas novas mensagens.* Eu cliquei neles, digitalizando.

Dr. Patron: Eu vi você ler minhas mensagens.

Dr. Patron: Por que você não está me respondendo?

—Olá? *Olá?*

—Desculpe. Eles me mandaram uma mensagem de novo.

—Está bem. Eu só queria que você soubesse que podemos não estar aqui quando você chegar em casa. Seja cuidadosa.

Eu sorri por mais razões do que eu gostaria de pensar. Era tentador, mas muito arriscado com Braden e Boston possivelmente retornando.

—Eu vou. Vocês dois também tenham cuidado. - Minha boca se abriu, mas. —Esperar. O Dr. Patron sabe? Ele pode estar dormindo.

—Não. Boston não quer avisá-lo. - A voz de Braden baixou. —Ele não vai dizer por que, mas eu não gosto de nada disso. Algo está acontecendo entre os dois.

—Provavelmente não é nada. Boston está no limite. Para ele, todos são dignos de suspeita. Isso lhe dará algo para fazer. Apenas esteja seguro. Você não dormiu muito.

—Você me conhece. Estou sempre seguro.

Eu ri. —Eu acho que você está. Tchau, Braden.

—Adeus, A Rúnsearc.

Desligando, engoli meu coração palpitante e abri o porta-malas. Não demorei muito para recuperar minha bolsa ou subir no banco de trás. Mais três bipes soaram antes que eu pudesse calçar os sapatos. A raiva aumentou quando me arrastei para a frente e peguei meu celular. O calor me engolfou. O que deveria ter sido um momento silencioso de foco e preparação estava se transformando em uma confusão emocional colidindo. O amor na voz de Braden não me deixava, e este médico ... era demais.

—Pronto, - eu disse, desligando a campainha.

Mas não foi o suficiente. Minutos se passaram enquanto eu olhava para a frente na escuridão. Verifiquei a hora várias vezes no painel, mas a concentração não vinha. As vibrações cortam o interior. Uma série de zumbidos aleatórios que

alimentaram minha raiva. Dr. Patron não parava. Era tão estranho para a pessoa que eu pensei que conhecia.

Capítulo 25

M

Por que ela não está me respondendo?

Enquanto eu ansiava por ouvir os apelos de Lucy como uma espécie de distração ou combustível, tudo o que ela me deu foi silêncio. Silêncio para refletir sobre a retirada de Anna. Silêncio para questionar minha própria ganância por querer matá-la como minha vítima, e não a de Daniel. Pergunta após pergunta. Pela primeira vez durante um dos meus imitadores, eu estava me afogando neles. O médico havia sumido temporariamente. Tudo o que restou foi um homem inseguro que eu não conhecia. Isso estava me deixando errático e eu estava perdendo o controle sobre tudo.

Eu: Anna, eu sei que você gosta de mim. Podemos fazer isso funcionar.

Me dê mais uma chance.

Pelo menos deixe-me explicar pessoalmente.

Nada.

—É dúvida, - eu suspirei, deixando minha mão e o telefone abaixarem ao meu lado enquanto eu me apertava contra ele. —Isso é o que é. Estou duvidando de mim mesmo. Eu quero algo e, pela primeira vez, não tenho certeza de como alcançá-lo. Isso não é natural para mim. Eu consigo tudo que eu quero. *Tudo.* Então, como faço para pegar Anna? Por onde começo?

A resposta foi evidente. Eu olhei para Lucy. Ela estava sentada na cama, sem restrições e voltada para a frente, com as pernas cruzadas soltas. Havia um vazio em seus olhos enquanto ela olhava para o nada. Nojo desenhou em meus lábios. A poucos metros de distância estava minha mochila. Dentro havia uma furadeira portátil, alguns bisturis - tudo de que eu precisava para realizar meus sonhos mais loucos. Mas eles eram meus sonhos, não de Daniel. Eu precisava que ele assumisse a responsabilidade por ela.

—Eu vou matar você esta noite, Lucy. Você não quer tentar correr?

Um músculo pulsou em sua bochecha, mas ela continuou olhando para frente. Ela estava tão perdida que até sua expressão permanecia estoica. O prazer de tirar a vida dela desapareceu junto com a minha necessidade de cutucá-la. Isso me fez voltar para a única pessoa que *estava* lutando contra mim a cada passo.

—*Anna.*

O nome saiu do meu estômago, sibilando da minha boca. Ela estava matando neste segundo ... sem mim? Eu algum dia ouviria sua história de como ela tirava cada respiração irregular de Davis Knight? *Eu deveria estar lá.* Foi o que

mais me irritou. Lucy, que deveria ser meu prêmio, não era nada além de um inconveniente. Como isso aconteceu? Como deixei Anna ocupar o assento da frente no meu caminho para colocar Boston de volta em minhas garras? Eu sabia como. Anna era a melhor assassina com seu passado interessante e criatividade. Era óbvio. Mas ter os dois ... era disso que meu cérebro ficava me lembrando. De repente, eu precisava de mais do que apenas Boston. Eu precisava de Boston e Anna. Eu poderia trazê-lo de volta para Massachusetts, e quando ele acabasse com sua morte, eu poderia ir para Chicago para mudar de assunto. Foi perfeito. Um sonho. Foi ... *ganância.* A ganância fez você ser pego. Isso o deixou louco.

Eu peguei meu telefone, tentando me concentrar enquanto discava o número dos meus clientes que eram donos da casa da fazenda.

—Doutor, - Bill disse suavemente. —Como a casa está tratando você?

O tom profundo combinou com meu humor enquanto eu olhava para Lucy.

—É ótimo, mas parece que tive um problema. O cliente que estou aqui para ver fodeu tudo. Vou precisar de você, Bill. Seu nome é Daniel Stracht. Ele está atualmente detido em Rockford. Ele foi preso por rondar, mas está sob suspeita de vários assassinatos.

—Eu ouvi sobre eles encontrarem aquelas garotas. Ele fez isso?

—Claro que ele fez. O problema é que o idiota me ligou ontem à noite da prisão. Eu!

—*Ele não fez isso.*

—Oh, ele fez. Então, é claro, eu entrei e transmiti minhas suspeitas sobre como pensei que fosse ele. Eles não têm nada, mas isso não vem ao caso. Eu preciso que você o tire daqui. Eu preciso dele morto.

—Hoje deve ser o meu dia de sorte.

—Está prestes a ter mais sorte, - eu disse, olhando para Lucy. —Se, por algum motivo, alguém pergunta algo sobre mim, você não é um cliente. Somos velhos amigos de muito tempo. Nós nos conhecemos em uma conferência em Chicago. Uma convenção médica. Linda era pediatra. Vai fazer sentido.

Silêncio.

—Dr. Patron... há algo mais que devemos saber? Nós estamos aqui para ajudar.

—Na verdade sim. - O orgulho quase não me permitiu falar. No entanto, eu não era estúpido. Eu sabia que tinha que cobrir todas as minhas bases. —Eu tenho um amigo que está morando comigo. Uma das vítimas de Daniel, se você me entende.

—Seu diabo sorrateiro. O porão. *Faça ela no porão*. Temos tudo o que você pode imaginar.

—Eu posso aceitar isso. Para chegar tão longe, preciso que Daniel saia. A hora de sua morte tem que coincidir.

—Eu tenho o juiz na discagem rápida. Dê-me uma hora. Avise-me se precisar de mais alguma coisa.

—Vai fazer. Obrigado, Bill. Dê a Linda meu amor.

—Isso a deixará feliz. Você conseguiu.

Desliguei, deslizando o telefone no bolso enquanto pegava a bengala e me dirigia para a cama. Minha proximidade trouxe o olhar de Lucy e algum tipo de amanhecer parece piscar. Os dedos empurraram o lençol enquanto ela escorregava contra a cabeceira da cama, olhando para minha mão. A cada respiração, seus joelhos encostavam no peito em posição fetal.

—Fica de pé.

Ela Choramingou.

—Eu não vou te dizer de novo. *Fique de pé.*

—M-Mest— Choro a interrompeu. Tremendo balançou seu corpo, e mais forte ela pressionou na cabeceira da cama. Como ela não obedeceu, baixei a bengala com força contra sua coxa. A pele se dividiu, expondo o músculo vermelho por um bom segundo antes de o sangue começar a se acumular e correr em direção a sua bunda. Os soluços aumentaram quando ela levantou as mãos, cobrindo o rosto. Recuei, balançando para cima enquanto agarrava a parte inferior de sua perna.

—Eu disse para ficar de pé!

Um grito uivou pela sala no momento em que ela recuperou o fôlego. Lucy cambaleou, caindo no chão em um emaranhado de membros. A tremedeira a fez balançar enquanto tentava se levantar.

—Por favor. Por favor. Eu... Mes-stre. Não, por favor. Estou muito bem. Estou ... de pé.

—Sim, mas não rápido o suficiente. - Eu circulei ao redor, golpeando o lado de seu estômago com força brutal. Uma vez. Duas vezes. Três vezes. Os dedos de Lucy enfiaram em seu cabelo enquanto seus pés dançavam e ela gritava. Pela primeira vez desde que saí da delegacia, meu coração cantou uma cédula de liberdade assassina. A adrenalina disparou, e uma risada me deixou dar mais profundas rachaduras da minha alma. Carmesim fluiu da pele quebrada de Lucy. Isso fez com que minha mão voltasse a bater nela de novo e de novo. Não havia nada me parando neste momento. Eu poderia ir tão longe quanto quisesse, mutilando seu corpo já maltratado. Hoje à noite, ela não existiria mais. Esta noite, eu estaria livre para colocar toda a minha atenção e me concentrar em Boston e Anna.

—*Ahhh!* Ah! Não! S-Pare!

Sua voz aumentou, gaguejando e gaguejando enquanto a vida de alguma forma voltava aos seus olhos. Lucy estava voltando a si, se libertando do esquecimento entorpecido em que estava há dias. Os músculos flexionaram em todo o seu corpo enquanto ela se sacudia para a esquerda, depois para a direita. Escapar. Ela queria. Ela sabia que para ter alguma chance de sobreviver, ela teria que se livrar da dor intensa que eu estava infligindo.

—Aonde você vai? Onde você está tentando para *ir*?

Com minha última palavra, cortei sua bochecha com a bengala, abrindo-a. Lucy cambaleou ainda mais para o lado, segurando o rosto enquanto caía no chão. Envolvendo meus dedos em seus cabelos, não dei tempo para ela reagir. Eu puxei a loira frágil, apenas para usar o impulso para lançá-la em direção à cama. O vidro estilhaçou e a escuridão tomou conta quando a mesa final caiu com a colisão.

Silêncio.

Sem mais soluços.

Sem gritos.

Sem respirações profundas.

Minhas pálpebras se fecharam enquanto eu ouvia qualquer tipo de movimento. A necessidade de correr e acabar com ela não estava lá. Na verdade, a escuridão só aumentava minha necessidade de desafio - de excitação. Ela estava inconsciente? O instinto me disse que provavelmente era. Afinal, a garota não tinha comido nada além de pão. Sem mencionar o abuso que ela já sofreu nas minhas mãos.

—Lucy?

Eu dei um passo para o grunhido que soou.

—Você vai se deitar na cama como uma boa garotinha ou terei que colocá-la lá eu mesmo? Você sabe o que vai acontecer se eu chegar até você primeiro.

Outra etapa.

Tempo.

—Eu não ouço você se movendo. Você está apenas tornando isso mais difícil para você.

Outra etapa.

Um leve soluço.

Minha cabeça se inclinou para o lado, analisando de onde tinha vindo. Ainda soava na minha frente, o que significava que ela não tinha ido para a cama.

Outra etapa.

Raiva.

A luxúria misturada com a violência que eu sabia que vinha de sua falta de obediência.

—Estou chegando perto. A cama está esperando. Estou esperando.

Outra etapa.

Os destroços arranharam o chão e o barulho encheu a escuridão. Minha pequena risada se juntou, apenas para meus lábios apertarem através da explosão de sede de sangue que me levou a avançar. As batidas do coração bateram em meu peito quando uma necessidade enlouquecida de selvageria assumiu. Cabelo empurrando meus dedos, e eu os cavei mais fundo até que pude sentir o couro cabeludo de Lucy em contato com meus nós dos dedos. Eu balancei, girando e arrastando seu corpo se debatendo para o banheiro para acender a luz.

A dor cortou meu pulso e meus olhos se arregalaram enquanto o sangue caía em cascata em seu cabelo loiro e rosto ferido. A sensação se desvaneceu em meus dedos, deixando-os relaxados enquanto ela ficava de pé. Descontroladamente, ela cortou em direção ao meu rosto com um grande pedaço de cerâmica quebrada.

A *lâmpada.*

Eu podia ver as peças em minha visão periférica. Minha cabeça jogou para trás, quase perdendo o impacto direto da arma dentada. As unhas compridas de Lucy seguiram instantaneamente, tentando rasgar minha pele enquanto a outra balançava de volta para mim. Eu poderia tê-la matado com um golpe. Meu Deus, eu queria. Mas meu assassino queria mais. Ele queria que ela sofresse como ninguém que eu já havia feito sofrer antes.

Uma umidade quente se seguiu, ardência e raiva me levaram para frente. Lutei com seu corpo no chão. A cerâmica que ela segurava deslizou com o nosso impacto. Pensar veio naturalmente, mas já estava dois passos à frente de meus pensamentos. O monstro dentro de si conhecia este jogo quando ele agarrou um dos preservativos que estava solto no chão.

Com um empurrão, eu desabotoei minhas calças e empurrei minha cueca para baixo o suficiente para libertar meu pau. Lucy ainda estava lutando. Ainda gritando no topo de seus pulmões enquanto eu a prendia com meu antebraço em sua garganta e a colocava. Com o meu peso, ela se concentrou em tentar libertar meu braço. Isso foi um erro. Eu era muito forte com ela. Em segundos, forcei meu caminho em sua boceta.

—Cansada da cama? Acho que seria adequado que o lixo quisesse ser fodido no chão durante seus últimos momentos.

—Ahhh! Eu vou ... eu vou—

—Você não vai fazer nada além de sangrar no meu pau, vadia. Então, vou bater em você e estrangulá-la até a morte.

—Não! Nnnn—

Recuei, acertando o novo corte em seu rosto. O impacto enviou sua cabeça para o lado, mas ela ainda voltou, tentando agarrar a minha. Eu mal consegui segurar seu aperto fraco quando a excitação me levou embora.

—Mal posso esperar pela manhã. Quando eles encontrarem seu corpo, como você acha que Boston vai reagir? Quem você acha que vai estar ao lado dele?

Mais forte, eu empurro, quase vendo. *Vendo-o*. Lucy estava ficando mais molhada a cada segundo, e eu podia sentir que estava perdida em minha fantasia tão esperada. A cada centímetro que deslizávamos pelo chão, eu estava um quilômetro e meio mais longe. Mais longe do agravamento. Mais longe de todos esses dilemas. Anna poderia esperar. Boston e eu sairíamos daqui. Iríamos para casa para enterrar essa vadia, e então o aconselhamento poderia começar. Eu distorceria sua mente usando não apenas sua dor, mas sua ira. Seria poético. *Destino*.

—Porra, - eu gemi, empurrando com força contra meus joelhos enquanto deslizávamos ainda mais. O sangue do meu pulso estava dificultando manter a estabilidade. Eu estava ficando tonto, mas não me importei. Eu estava tão perto. Assim-

—Foda-se você. Foda-se!

Eu a ouvi antes de sentir. Uma forte agonia que eu não pude processar imediatamente passou pela minha bochecha e gengivas como um raio explodindo em minha cabeça. Meu corpo inteiro ficou rígido e eu estava caindo para o lado antes que pudesse entender o porquê. Lucy estava gritando enquanto rasgava minhas roupas. *Meus bolsos*. Ela estava cavando. Procurando. E eu...

Com uma mão trêmula, estendi a mão, sentindo a cerâmica projetando-se centímetros entre minha boca e orelha. Escuridão ... estava me levando. *Não poderia me levar*. Mas Lucy já tinha o telefone e estava correndo. *Em execução*. Eu deveria estar correndo.

Capítulo 26

Detetive Casey

—Então, ele esteve aqui antes?

—Está certo. Ele subiu, ficou por cerca de dez minutos e saiu com uma mochila. – O recepcionista mudou de posição nervosamente enquanto olhava entre mim e Boston. Embora não pudéssemos chegar ao apartamento do Dr. Patron, descobrimos que ele não estava aqui. Ou não tinha estado, frequentemente, desde que ele chegara à cidade. Isso não me surpreendeu. Ele mencionou que isso pode acontecer. Ele tinha amigos por perto. Ele poderia estar com qualquer um deles.

Toque encheu o espaço, e eu olhei para Boston quando seus lábios se torceram.

—É ele. Devo responder?

Minha boca se abriu para fazer mais perguntas ao recepcionista, mas parei para voltar minha atenção para Boston.

—Não quero que ele saiba que estamos aqui. Ainda não.

—Sim. Eu também não.

Boston clicou em ignorar e colocou o telefone de volta no bolso. Eu me virei, apoiando meus antebraços no balcão alto de granito.

—Emilio, o médico saiu com mais alguma coisa que você notou? Roupas? Uma mala? Algo assim?

—Eu não sei. Quer dizer, eu não o conheço bem. Eu só comecei alguns meses atrás. Ele não está aqui com frequência.

—Ok, mas pense, - frisei. —Ele já chegou com alguém? Talvez uma garota loira com cerca de dezoito, dezenove anos de idade? Talvez um homem? Qualquer um?

—Temos a garagem subterrânea. Ele provavelmente estacionaria lá se ficasse por mais de meia hora. Já disse, a única vez que o vi foi quando ele correu para o quarto e depois voltou para sair. Ele tinha uma mochila. Acho que o vi algumas vezes com sua pasta, mas foi isso.

—Claro. - Eu olhei para os elevadores, suspirando enquanto assentia. —Obrigado. É tudo por agora.

Virei-me para sair, parando quando Boston pressionou ignorar em seu telefone novamente e amaldiçoou.

—Se eu falar com ele agora ... - Sua cabeça balançou. —Não acho que ele esteja por trás do desaparecimento de Lucy, mas com o pensamento, com a mera chance de ele saber de algo ...

—Você está cansado. Estou cansado. Vamos voltar. Você pode ligar para ele amanhã. Ele provavelmente só quer ver como você está.

—Ele sempre quer saber como estou me saindo, - Boston grunhiu, me seguindo até minha viatura. O conflito brilhou em seu rosto e ele estremeceu com raiva. —Não adianta nem perguntar. Estou perdendo a porra da minha cabeça. - Quando fechamos as portas atrás de nós, ele começou de novo. —Quando Anna foi levada—

—Não. Você não tem permissão para falar comigo sobre isso.

Mal liguei o carro e estava entrando na estrada antes que ele pressionasse.

—Eu só preciso saber como você administrou? Como você lidou com ela sendo levada? Me sinto desamparado. O mundo está girando ao meu redor, e tudo que quero fazer é destruir cada casa até encontrá-la. Ela está lá fora, detetive. Ela está lá fora em algum lugar, e eu estou apenas sentado aqui, sem fazer nada. Conte-me. Eu tenho que saber.

Por minutos, não consegui falar. E não porque eu não quisesse necessariamente. Só não sabia como colocar em palavras.

—Por favor. Estou desesperado. Eu estou destruído, mas você não sabe o quanto é difícil para mim afastar ou admitir para você, de todas as pessoas. É a verdade honesta de Deus. Eu não posso fazer isso. Eu não posso ficar sem ela. Quão? Por favor, diga. Como você não queimou este lugar à procura de Anna?

Com mais força, segurei o volante, olhando para sua aparência abatida. Houve apenas uma palavra que veio à mente, e eu a vi embutida nas características de Boston.

—Eu não sei. Inferno. Se existe um inferno, vivi por meses. Para a eternidade. Eu ainda vivo isso. Cada dia era, e é como o que tenho certeza que você está sentindo agora. Eu estava indefeso. Torturado pelo filho da puta. Ainda não voltei ao normal. Eu nunca voltarei ao normal de novo.

—Por causa do que ele fez? Ele mandou o dedo de Anna para você. E vídeo, eu acredito.

Eu balancei a cabeça, engolindo em seco.

—Tudo que eu vi quando fechei meus olhos foi ela ... *pendurada ali.* Sangrando. Espancada. - Lágrimas queimaram os olhos. —Eu me culpo. Ela me culpa. Sou um detetive e não consegui nem encontrar a mulher que amo. Não pude salvar meu filho. Os vídeos, ele enviou mais de um, - eu disse, olhando para a frente. —O que ele fez com ela naqueles dias, você não pode começar a imaginar. Ele a degradou mais do que qualquer outro ser humano. Não sei como ela sobreviveu. Não apenas fisicamente, mas mentalmente. Deus, quando penso no que ela deve ter passado. Imaginar não é suficiente. Isso nunca poderia começar a arranhar a superfície de sua realidade.

Boston enxugando suas lágrimas me fez para.

—Eu sinto muito. Você perguntou como eu lidei. Eu apenas fiz. Eu vivi todos os dias a cada segundo. Fiz tudo o que pude para tentar encontrá-la. Dentro das leis, - frisei, olhando para o lado. —Estou fazendo tudo que posso, Boston. Eu prometo a você, eu estou. Vamos encontrar Lucy.

—Eu sei. Eu só queria que fosse agora. Deus, ela é minha vida. Ela é ... *minha vida.*

—E farei tudo ao meu alcance para devolvê-la. Você apenas tem que confiar em mim, ok? Trabalhe comigo. Seja paciente.

Boston acenou com a cabeça, fungando e sentando-se reto. —Eu sei que fico irritado com você, mas Anna, ela é a única coisa que me mantém junto. Sem ela, não sei o que teria feito.

—Ela tem um grande coração. E uma bela mulher, ela é ... - Eu parei, olhando para o relógio. —Ela deve ter terminado agora. Você se importa?

Eu já tinha meu telefone na mão, discando, antes que Boston pudesse dizer sim. Quase meia noite. Já era tão tarde?

Tocando soou, e o medo familiar demais invadiu meu peito quando seu correio de voz começou.

—Ela provavelmente ainda está trabalhando ou na cama.

Eu desliguei, varrendo meu olhar para Boston enquanto eu assentia. —Você provavelmente está certo. Eu sou tão transparente?

—Eu seria da mesma forma em relação a Lucy. Posso nunca mais perdê-la de vista depois disso. Eu não sei como você faz isso. Eu realmente não quero. É inconcebível para mim. Eu só ... há muitos perigos por aí. Uma vez não desculpa que algo aconteça duas vezes. - Ele soltou um suspiro irregular, sua sobrancelha se contraindo. —Deixe-me tentar falar com ela.

Tão impaciente quanto eu, ele levou o telefone ao ouvido, apenas para desligar alguns momentos depois.

—Ela provavelmente ainda está trabalhando. Ela vai ligar de volta.

Mesmo quando eu disse isso, algo semelhante a uma faca se torceu em meu estômago. Mais rápido, empurrei a viatura, entrando e saindo do tráfego que saía da cidade. Quanto mais distância eu cobria, pior ficava minha ansiedade. Assim que fui pegar meu telefone, ele tocou. Mas o alívio não durou enquanto eu olhava o número.

—É ela?

—Não. Aguente. - Eu apertei o botão, me preparando. —Detetive Wade.

—Sim, desculpe ligar tão tarde, Casey. Você estava dormindo?

—Não, não mesmo. Tudo certo?

Houve uma pausa e vozes zumbiram ao fundo, me dizendo que ele estava na estação.

—Nosso cara foi libertado há cerca de uma hora. Algum advogado chique apareceu com suas malditas conexões. Merda me irrita. Não havia nada que pudéssemos fazer.

—*Stracht*? Você está brincando comigo?

—Eu desejava estar brincando. Teremos sorte de ver sua bunda novamente.

—Porra! - Mordi o interior das minhas bochechas enquanto tentava respirar através da raiva. —Diga-me que você colocou um carro patrulha nele.

—Eu ... eu não fiz. Ele saiu com o advogado.

—Filho da puta. Ok, apenas - *foda-se*. Mande um carro para minha casa. Para a casa de Anna Monroe. Ela não está atendendo ao telefone. Ele foi atrás dela uma vez. É melhor ele rezar para não cometer o mesmo erro duas vezes.

—Eu estou trabalhando nisso.

Um rugido saiu de mim quando joguei meu telefone no chão e empurrei meu pé com mais força no acelerador. A sirene encheu meus ouvidos e eu os deixei me engolfar enquanto nos manobrava.

—Diga-me o que eu acho que não aconteceu.

—Daniel Stracht foi libertado há uma hora.

Boston se atrapalhou com seu telefone, mas eu mal vi. Miles passou voando e nem uma vez parou de tentar ligar. Palavrões soaram. Ele bateu no painel. Eu estava tão focado na estrada e na minha necessidade de chegar lá que não me importei. Anna não seria levada novamente. Ela não ia se machucar. Eu morreria antes de permitir que isso acontecesse.

Capítulo 27

Anna

—*Vamos. Vamos.*

Virei no final do caminho, voltando em direção à ponte meia milha abaixo. Não importa quantas vezes eu tenha passado pelo meu carro, ninguém apareceu. Para frente e para trás, corri, esperando que Davis Knight me cruzasse, mas ele nunca o fez. A derrota estava tomando conta, mas minha necessidade de terminar isso não me permitiria enfrentar o fato de que ele provavelmente não viria.

Diminuindo a velocidade no meu carro, eu deixei as respirações profundas me deixarem. Talvez eu espere lá por mais meia hora. Talvez eu deva dirigir para o outro lado. Ele poderia ter feito isso em um curto prazo. Claro, isso significaria que ele provavelmente já havia terminado.

—Não. - Minha cabeça balançou com raiva. —Ele está vindo. Ele tem que vir.

O momento era perfeito demais para perder. Ele estava saindo de férias. Eu estava livre de Braden e Boston. Claro, eles saberiam que eu não estava no trabalho se Braden abrisse uma investigação. Eu poderia apenas dizer - não, eu não usaria o Dr. Patron.

Eu abri a porta, deslizando para o meu assento. De todas as noites para Davis não fugir, por que essa? Ele era habitual. Um viciado, na verdade. Ele *teve* que correr. No entanto, ele não estava vindo.

Meus olhos se fecharam enquanto respirei fundo. As vibrações os trouxeram de volta abertos, e eu estendi a mão, pegando meu telefone em agitação.

—Você tem que estar brincando comigo. - Ao ver o nome do Dr. Patron, minha cabeça balançou. Isso estava indo longe demais. O que ele estava planejando fazer, ligar ou mandar mensagem até que eu atendesse? Eu tinha deixado meu veículo há mais de uma hora, e ele ainda estava lá. Cliquei no botão, levando o telefone ao ouvido. —O que você pensa que está fazendo? Você não pode dar uma dica? *Não estou interessada.*

—Ajude-me! Oh Deus, é-me ajude!

—Q-O ... olá? Quem é?

Uma batida explodiu em meu coração por razões que eu não conseguia entender, e ainda ... podia. O puro terror. Eu conhecia esse tom. E a voz da garota estava quebrada como se ela mal pudesse recuperar o fôlego para falar.

—Lucy! Sou Lucy Adams. Oh Deus. Eu ... você está com B-Boston? Ele disse que você estava com Boston.

—Oh meu Deus. - Enfiei as chaves na ignição, ligando o carro. —Lucy, onde você está? Nada mais importa agora. Você tem que me dar um endereço, *agora*.

—Eu não sei. Estou ... estou correndo. Estou em um campo escuro. Não há nada!

—Um campo. OK. Pode parecer nada, mas tem que haver algo que você possa me dar para que eu saia. O que você vê? Onde você estava?

Soluços seguiram um gemido profundo. —Uma fazenda? Eu não sei. Era uma cor clara, eu acho? Está escuro e só vi quando chegamos aqui. Está rodeado por árvores. Como uma ... barreira ou portão ao redor. Coisas que parecem uma cerca viva alta. Deus, venha me buscar! Ele vai me encontrar. Ele vai me matar!

—Daniel?

Mais soluços. Mais do que parecia correr. —Não! Dr. Patron! Ele levou-me. Ele me *machucou*! Onde está Boston?

—Dr. Patron? - Eu mal conseguia respirar. —Boston, ele está com ... - Fiz uma pausa, puxando para a estrada, sem saber para onde estava indo. —Lucy, por favor, eu preciso que você me ajude. Cada segundo é importante. Vamos nos preocupar com Boston mais tarde. Diga-me o que mais você consegue se lembrar. Se você estava em uma casa de fazenda, suponho que saiu da cidade de Rockford. Ficava longe da cidade? Você foi para o sul, leste? Eu preciso de algo, Lucy! Quanto mais rápido você puder me dizer, mais rápido poderei ajudá-lo.

—Eu-eu não sei! - ela soluçou. —Ele me drogou com algo. I-s-sul? Acho que podemos ter ido para o sul. Acho que me lembro de um sinal.

—Ótimo. Isso é ótimo. - Eu cortei para a pista oposta, virando em U enquanto acelerava. —Você ainda está no campo, Lucy? Diga-me tudo o que você puder ver.

—Eu não vejo nada. Talvez um contorno de árvores à distância, mas não tenho certeza. Eu não posso ... ver direito. Não consigo ver - soluçou ela. —Meus olhos, ele me bateu. Não consigo ver nenhum há alguns dias. Não tenho certeza-

Na nova rodada de choro pesado, tentei conter minhas próprias lágrimas. Isso era ruim. Muito, muito ruim.

—As feridas cicatrizam, Lucy. Você tem que me ouvir e fazer exatamente o que eu digo. Eu quero que você mantenha sua atenção nessas árvores e corra para elas com toda a força que você tem. Você deve se esforça mais do que jamais fez em sua vida. Você me ouve?

—S-Sim.

—Boa. Segure o telefone, mas não desligue. Eu quero que você corra agora. Concentre-se apenas na segurança. Quando você chegar lá, estarei aqui para ajudá-la.

—Ok, ok.

Mesmo quando ela disse isso, mais terror aliviou minha espinha. O Dr. Patron realmente fez isso? Onde ele estava se ela conseguisse escapar? Ele estaria vindo por ela? Ele a alcançaria antes que eu pudesse? Ele não conseguiu. Se ele a encontrasse, não havia dúvida em minha mente, ela estava morta.

Eu mal consegui engolir quando virei para a rodovia e saí da cidade. Muitas perguntas continuaram vindo enquanto eu ouvia o vento soprar no receptor. Em um ponto, parecia que ela caiu. A tosse foi abafada com mais gritos, mas o farfalhar do vento voltou. Minutos se esticaram. Então o que pareceu mais tempo. As luzes de cada lado meu se apagaram até que a única coisa que encontrei foram outros carros e campos escuros. Eu diminuí, procurando por grupos de árvores. Com o vazio, era difícil dizer.

—An-na? A-nna?

—Estou aqui. Recupere o fôlego. Você foi ótima.

—Eu não me sinto bem", uma pausa. EU-

—Basta respirar lenta e profundamente. Você é mais forte do que imagina. Diga-me o que você vê?

Os segundos se passaram.

—Há uma estrada. Estou me escondendo perto de algumas árvores. *Estou com medo.*

—Eu sei, mas estou indo atrás de você. Eu vou te encontrar. Eu só preciso de sua ajuda. Você disse que estava em uma estrada. Lucy, você vê carros à distância? Você vê a rodovia?

—...não. Não há nada.

Minhas feições se contraíram com o estremecimento silencioso. —Ok, mas você está em uma estrada. Vou precisar que você desça até ver uma placa de rua. Posso usar meu GPS para tentar encontrá-la.

—Ele vai me encontrar! Eu não posso.

—*Você pode*. Você tem que... Apenas fique na beira da estrada. Se você vê luzes, você se esconde. Você consegue fazer isso.

—Eu não posso. Estou tão cansada. Estou muito machucada em todos os lugares.

Puxando para o ombro, deixei minha cabeça descansar no volante enquanto tentava pensar.

—Boston precisa de você Lucy. Ele te ama tanto. *Pense nele*. Pegue a estrada e corra. Eu consigo achar você. Eu posso levar você de volta para ele.

—Costas? Costas? ...Não. Esperar. Costas. Ele ... ele matou minha mãe. Meu irmão. Ele os matou, - ela soluçou. —Eu n-nunca quero vê-lo novamente. Eu nem

deveria ter ligado. Por que eu liguei? O que ... eu ... *você*. Você também mata. Dr. Patron disse isso.

O tom alto de seu tom fez meus olhos se abrirem. Minha boca se abriu, mas as palavras não me seguiram. Ela estava claramente em choque, mas ... ela sabia meu segredo. *Ela sabia.*

—Lucy, acalme-se. Ninguém matou ninguém. Dr. Patron estava mentindo para você.

—Não. Eu o ouvi. Ele estava tentando te ajudar. Ele n-não mente. Ele não mente. Você mente. Vocês todos mentem! Deus. Eu ... não posso. EU...

—Lucy. Lucy?

Puxei o telefone de volta, gritando quando a ligação terminou. Batendo o número, voltei para a rodovia enquanto ia para o correio de voz. Mal consegui percorrer um quarto de milha antes de uma estrada aparecer. Eu não tinha ideia do que estava fazendo, mas sabia que tinha que fazer algo. Se eu tivesse que procurar em cada estrada entre aqui e a próxima cidade, eu o faria.

Toque.

Toque.

Deixe uma mensagem rápida após o sinal. Bip!

Toque.

Toque.

Toque.

Mais e mais, eu liguei. Os campos estavam vazios de cada lado meu, e eu examinei a vizinhança enquanto batia na rediscagem.

Toque.

Toque.

Toque.

Toque.

Tempo passou. Uma estrada leva a outra. Mais profundamente, eu não fui para lugar nenhum. Cada minuto que passava fazia minha ansiedade crescer. Não apenas para mim e Boston, mas para Lucy. Ele a encontrou? Ela estava pior do que eu presumi?

Toque.

Toque.

Toque.

—Gibson e Clairmont. Eu quero ir para casa. *Eu quero ir embora.*

—Lucy! Graças a Deus. Estou chegando. Apenas espere. Deixe-me puxar isso. - Eu a coloquei no viva-voz, trazendo o GPS do meu telefone.

Quatorze minutos.

—Lucy, preciso que você volte para as árvores. Vou levar cerca de dez minutos para chegar até você. - Aumentei minha velocidade, disparando estrada abaixo. Casas eram inexistentes. Ela tinha um lugar para se esconder?

—Você está segura?

—Na verdade não. Eu... liguei para o 9-1-1.

Meu coração afundou, mas tentei manter a calma. —O que você disse a eles? Eles estão enviando ajuda?

Silêncio.

—Lucy?

—Eu não disse nada. Eu não pude. Estou... Boston... não sei o que estou fazendo! Eu quero sair deste lugar. Eu quero sair!

O volume me fez pular enquanto enchia o interior. —Shhh. Não grite. Shhh. Você tem que ficar quieta. Você tem que se esconder. Fale-me sobre o Dr. Patron. O que aconteceu? Ele está morto?

Rindo. Risada louca. Superou o choro, deixando minha pele arrepiada. Outra semelhança de onde eu estava. *Louca. Louca.* Sim, eu estava exatamente onde ela estava. Lucy estava perdida agora, e não apenas na localização. Sua mente não estava pensando direito. Depois de tudo o que ela passou, a clareza pode não retornar por um bom tempo.

—Espero que ele esteja morto. Eu o esfaqueei no rosto. Eu cortei seu pulso. Eu não sei. E se ele não for? E se ele me encontrar? Eu não quero voltar!

—Shhh. Você não vai voltar. Eu estarei lá antes que você perceba. Então chamaremos a polícia. Você estará seguro. Boston pode até nos encontrar no hospital.

—Não não, não. Já te disse, não consigo vê-lo. *Eu não quero vê-lo.*

—Dr. O patrono mentiu para você, Lucy. Ouça-me quando digo isso. *Ele mentiu.* Boston ama você. Ele está arrasado desde que você foi levada.

—Não, - ela disse, sua voz falhando. —O que o Dr. Patron disse é verdade. Eu ... ele não mente. Ele ... não. Não ... mente. Não ... - Uma fungada. Um suspiro para respirar. —Jeff ... meu irmão, ele tentou me dizer a verdade. Eu não escutei.

—Você está confusa agora. Ouça-me, Boston me contou sobre o seu passado. O médico estava apenas brincando com suas emoções. Ele queria que você acreditasse que Boston era o cara mau. Ele não é. É irrelevante, —eu pressionei. —Nada disso importa agora. A única coisa importante é a sua segurança. Virei à esquerda, acelerando ainda mais. —Quando tudo isso acabar, você pode resolver isso, mas estou lhe dizendo, Boston não fez nada de errado. Nada do que o médico disse é verdade.

—Então, você não é um k-killer?

—Não. Claro que não.

—Como eu sei? Eu pensei. Eu pensei. Dr. Patron ... *ele era nosso amigo.*

Suspirei, olhando para a ligação de Braden entrando.

—Ele enganou todos vocês, mas vai pagar por isso, Lucy. Ele está doente. Ele precisa de ajuda.

—Ele ... *me estuprou.* Ele fez t-coisas. Doente. Coisas. Ele ... O som profundo que ecoou pelo meu carro me deixou nauseada. As lágrimas me cegaram e minha garganta quase se fechou com a necessidade de quebrar com sua dor. Novamente, Braden ligou.

—Shhh. Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu prometo que ele vai p-

—Luzes! Oh Deus, ele está vindo. Anna! Anna, não! Não deixe ele me levar. Não deixe ele me levar!

O vento já soprava no telefone. Empurrei meu carro mais rápido, olhando para o GPS.

—Corre! Corra, Lucy! Lucy? - Silêncio registrado, indicando que nossa ligação havia terminado, e eu deixei cair o telefone. Posso ter estado a oito minutos de distância, mas foi um tiro certeiro. Se o Dr. Patron a encontrasse, ele teria que passar por mim para escapar. Isso não iria acontecer.

Capítulo 28

M

Gratificação sexual ou excitação dependente da morte de um ser humano - assassinato por luxúria - ramificando-se para o termo parafílico: erotofonofilia, na qual planejei abraçar.

Sexo deveria ser a última coisa em minha mente. Eu deveria ter ficado furioso com a mutilação do meu rosto por Lucy. Eu deveria ter considerado as consequências da minha aparência e sua fuga com meu celular. Havia um milhão de coisas que deveriam ter dominado meus pecados. Não havia. A verdade era que tudo em que eu conseguia me concentrar era em sentir seu pulso morrer contra minhas mãos e meu pau.

Talvez eu tenha perdido muito sangue. Talvez estivesse fazendo com que eu não pensasse direito. Inferno, talvez o poder que eu tinha em vida estava criando um complexo de Deus. Tudo que eu sabia era que, em meu momento de avistá-la em meus faróis, eu estava tendo o melhor momento da minha vida. Nada importava. Minha mente não estava correndo. Não tive medo de que ela tivesse ligado para Boston ou para a polícia. Nada residia dentro, exceto a tortura que planejava fazê-la passar no momento em que a trouxesse de volta para a casa da fazenda. Eu nem estava chateado por não conseguir extrair meus próprios métodos para tirá-la de sua miséria patética.

Pisando no acelerador, eu a observei tecer na estrada - esquerda, direita. Ela não tinha ideia de para onde ir. Havia apenas um caminho plausível e isso a colocava em campo aberto. Quando ela disparou pela vala, eu sabia que a tinha. Não demorei mais que um momento para chegar à estrada que cruzava. Eu atirei nela, pisando forte no freio. Eu estava fora e correndo para ela antes que ela pudesse chegar a trinta pés. Gritos se espalharam pelo ar. A sujeira estava solta, mas não chegou perto de me impedir de avançar sobre ela.

—Não! *Não!*

Lucy cortou para a esquerda, mas meu monstro estava tão afinado que ela deu um passo direto para o meu alcance. Nós giramos, quase caindo quando ela chutou as pernas.

—Você disse não? Você esqueceu que há consequências para isso?

—Solte-me. Deixei! Ir!

Eu obedeci, virando-a com tanta velocidade que ela não conseguiu reagir ao meu punho enluvado se conectando contra sua boca e nariz. Lucy se dobrou,

voando nas fileiras de terra enquanto seu corpo inteiro travava. Passo a passo, eu demorei enquanto olhava para baixo.

—Sobre o que estávamos falando antes? Sim, você está sendo lixo. Suja, imunda, lixo. Isso é kismet, pequenina. Acho que não te vi tanto em casa, deitado no chão. E por mais que eu adorasse foder você no chão, eu acredito que você estará abaixo de dois metros em breve.

A perna de Lucy se contraiu e eu me abaixei, levantando-a e jogando-a por cima do ombro enquanto voltava para o carro. Ela não acordou quando eu a coloquei, ou quando finalmente a joguei na cama e a amarrei, espalhe a águia. Sangue e terra estavam agrupados e manchados em seu rosto. Onde a sujeira geralmente me afetava ... tinha um significado maior esta noite. Era quem ela era. Foi o seu fim e foi perfeito.

Agarrando a bengala do chão, tracei a ponta sobre seus seios manchados, circulando cada um enquanto imaginava Boston tendo seu precioso tempo para agradá-la. A raiva acendeu e eu segurei, deixando-a crescer. *Deixando o Mestre, eu deveria estar solto.* A faísca foi como um fósforo dando vida a um inferno. O calor explodiu, sincronizando com as costas da minha mão. A cama cortou o ar e eu a derrubei com todas as minhas forças. *Whack! Whack! Whack!* O impacto foi divino. Ele falava verdades que apenas meu ato vicioso poderia expressar. E eu adorei. Adorei ver sua pele avermelhar e o sangue subir à superfície em uma variedade de tons. Eu vivi para ver seções do impacto se abrirem enquanto outras não. Mas o que mais me impressionou foi o horror devastadoramente cru quando os olhos de Lucy se abriram em uma confusão agonizante.

—É isso aí!

Whack!

—Acorde.

Whack!

—Sentir

Whack!

—Sua

Whack

—Morte

Whack!

—Eu quero ver a vida deixar seus olhos. Eu quero ver você sofrer a cada golpe. Através de cada fração de angústia que fiz você passar.

Goles de ar foram seguidos com o rolar de seus olhos.

—A! —Ann! -

—Não. - *Whack!* —Você não vai sair até eu terminar.

Ainda assim, seus olhos rolaram enquanto sua luta pela sobrevivência trouxe gritos quebrados. Meus dedos se atrapalharam com meu cinto e rastejei no colchão, me posicionando. As lacerações e hematomas me empurraram para frente. Passando meus dedos sobre seus cortes acumulados, eu coletei o sangue, usando-o para lubrificar meu pau. O frenesi excessivo que eu ansiava me dominou. Foi uma impaciência repentina que não pude começar a analisar. Eu empurrei com força, abrindo caminho através de seu canal. Seu grito desesperado tirou meu gemido, e eu travei em sua garganta enquanto me retraía e batia de volta.

—Acorde, sua boceta de merda. Acorde. Desperte. Anda!

Mais forte, eu bati, bloqueando seu ar ainda mais enquanto aumentava minha velocidade. Lucy estremeceu, puxando contra as restrições enquanto sua boca se abriu. Como um peixe fora d'água, ela procurou oxigênio.

—Lá está ela. - Eu flexionei, permitindo a ela a menor quantidade de ar, apenas para cortá-lo completamente. Seu corpo ganhou vida em uma fusão de braços e pernas agitados que não podiam me alcançar. *Eu a tive*. Acordado. Responsivo.

—Pl ... Pl—

As pronúncias saíram como um pop enquanto ela tentava repetir seu apelo. O roxo acendeu e aumentou ao redor do hematoma em seu rosto, e o sangue começou a escorrer da laceração em sua bochecha. A ressaca da minha necessidade me sugou enquanto eu olhava profundamente em seus olhos temerosos. Eu estava apertando com mais força, mais forte, enquanto tentava esmagar sua traqueia. Tanto quanto eu sabia que podia, eu a segurei naquele ponto, não exatamente matando, mas não permitindo a ela um grama de vida também. Seus braços estavam ficando mais fracos, movendo-se em câmera lenta em minha direção enquanto sua boca se abriu e os vasos sanguíneos em seus olhos explodiram.

Foi em sua consciência fugaz que uma bolha de paz cintilou em meu peito. Eu inalei mais profundamente, suportando meu peso contra ela com uma força esmagadora. Meu pau não parava de esfaquear sem piedade. A parte superior de seu corpo saltou, apenas para afundar na cama enquanto eu apertava e empurrava com mais força. Meus músculos gritavam onde ela não conseguia. E eu deixei enquanto tentava trazer minhas mãos mais perto em um punho fechado. Meu pau inchou, me deixando ainda mais irritado. Eu não queria parar. Eu não estava pronto para acabar com isso, mas não tinha escolha. Um gemido deixou meus lábios enquanto eu puxava para fora, permitindo que meu esperma disparasse sobre seu estômago. O gorgolejo atingiu seu pico e, nesses

momentos importantes, eles marcaram seu caminho em minha memória, morrendo ... assim como ela.

O barulho das minhas calças batendo no chão encheu a sala e eu o soltei, ficando de joelhos. O tempo ficou turvo e o silêncio tornou-se ensurdecedor. Eu pisquei para dentro e para fora da minha névoa, finalmente capaz de rastejar da cama e fechar minhas calças. A euforia veio em muitas formas, e a minha nada mais era do que um torpor leve e formigante. Eu soltei as restrições, levantando o corpo morto de Lucy e jogando-o no chuveiro. A água lavou o sangue, esperma e sujeira, deixando-os escorregando em direção ao ralo em um caleidoscópio de cores e texturas diferentes. Por mais que eu quisesse assistir, entrei na sala. Um por um, tirei as pontas do lençol, envolvendo os cobertores e o plástico em uma bola. A partir daí, coloquei as restrições sob o colchão, incluindo removendo a do dossel a seguir. A escuridão me encontrou na porta dos fundos, e eu não precisei andar mais que três metros para jogá-los no barril. O cheiro de fluido de isqueiro encheu o ar fresco da noite, e respirei fundo, deixando cair um fósforo. Um brilho laranja brilhante queimou e, enquanto repetia a morte de Lucy em minha mente, meu sangue voltou a aquecer com luxúria. Mas não durou. Um carro acelerando à distância me inundou de consciência.

Entrei, deixando a porta dos fundos aberta. Quando entrei no banheiro, peguei uma toalha, desliguei a água e levantei o cadáver de Lucy. Se havia uma coisa de que gostava na casa da fazenda, era que não precisava ir muito longe para esconder minhas maldades. Eu empurrei a cômoda, movendo-a para o lado. Uma escotilha oculta com menos de 60 centímetros de largura apareceu e eu a abri, olhando para o buraco negro abaixo.

Uma porta de carro fechando fez minha cabeça girar. Com as duas mãos, agarrei o corpo coberto de uma toalha de Lucy e a joguei dentro. Ela atingiu o chão duro abaixo com um baque sólido. A raiva cresceu, mas com ela, outra coisa começou a me dominar. Culpa? Não. Medo? Não foi isso. Era uma necessidade primordial de cometer meu ato novamente. Um vício que eu conhecia muito bem.

Fechando a escotilha, posicionei a cômoda para cobri-la e caminhei até a abertura do quarto. Em segundos, a porta da frente se abriu. Anna entrou, apontando uma arma bem na minha cara.

—Eu tenho que admitir, estou um pouco surpreso em vê-la aqui. Você decidiu me acolher nessa data?

—Onde está Lucy?

Pisquei, não tendo que fingir confusão. —Lucy? Por que eu saberia disso?

Anna enfiou a mão no bolso, jogando meu telefone para mim. —Ela me chamou. Ela me disse onde estava. Você, - ela disse, mergulhando a arma mais na

minha direção, - a pegou. Você a estuprou. Machucou-a. Ela me contou tudo. Não vou perguntar de novo. *Onde ela está?*

Uma risada me deixou. —Você deve estar falando sobre Linda. Lucy não. Esta é a casa dela. Ela é uma das minhas clientes. Receio que ela seja esquizofrênica e sem remédios. Uma de suas personalidades é a de uma vítima. Bem, isso é colocar isso levemente. Quanto a Linda, não tenho ideia de onde ela está. Ela me atacou, pegou meu telefone e saiu correndo. Na verdade, eu estava indo para o hospital. Você se importaria de se juntar a mim?

—Você está mentindo. Lucy! Lucy, é a Anna! Me diga onde você está. Estou tirando você daqui.

Encostei-me no batente da porta, deixando-o suportar meu peso. —Eu te disse, ela não está aqui. Você deve ter trocado o nome.

—Besteira. Você tem um buraco no rosto. Você está me dizendo que um de seus clientes fez isso? Acho que não. Além disso, como essa Linda saberia dizer que era Lucy? Eu não sou idiota.

—Claro que não. Ela sabe porque eu disse a ela. Linda e eu ... bem, estamos perto, se é que você me entende. Quando ela está medicada, é incrível estar por perto. Não tanto quando ela não está.

—Mentiroso. Lucy!

—Anna, sério, eu tenho que ir para o hospital. Ela me machucou gravemente. Ninguém está aqui além de mim.

—Não ... não ... o que ... é esse cheiro? Fumaça? É aquele...?

Os olhos de Anna se arregalaram e sua cabeça se voltou para a porta dos fundos. Sem pausa, ela correu para frente. Fiquei olhando enquanto ela abria a barreira e corria em direção ao barril. Tossiu seguido enquanto ela se aproximava, olhando para dentro. O tempo pareceu se arrastar antes que ela voltasse.

—Vejo. Apenas madeira. Linda e eu estávamos bebendo vinho lá mais cedo. Ninguém está enfiado dentro se é isso que você estava procurando. Faria você se sentir melhor olhando ao redor? Eu posso te mostrar o quarto. Você pode ver a cozinha daqui.

—Você ... vamos para lá.

A arma apontou para o fundo da sala e eu obedeci, fingindo mais fraqueza do que sentia. Anna caminhou de lado, espiando no quarto mal iluminado. Ela avançou e desapareceu. Som embaralhado e passos pararam aqui e ali. Quando ela voltou, a confusão mascarou suas feições.

"O que diabos aconteceu lá?

—A mesa final, você quer dizer? Isso, bem ... durante o episódio de Linda, ela me atacou. Nós tropeçamos nisso. A lâmpada caiu. Quebrou. Tentei contê-la para que pudesse acalmá-la, mas ela me pegou bem. - Levantando a manga do

meu paletó, expus a gaze em volta do meu pulso. —Meu corte aberto. Anna, entendo que você esteja chateada com a ligação de Linda, mas acredite em mim, amanhã, quando eu a encontrar e a devolver aos remédios, apresento vocês duas. Você verá que eu não estava inventando isso. Agora, por favor, você pode me levar ao hospital? Eu teria chamado uma ambulância, mas acabei de me enfaixar um bom minuto antes de você chegar.

—Por que não há lençóis na cama? Se você se cortar, onde está o sangue?

Fiz uma pausa, demorando a descansar minha mão boa nas costas da cadeira da sala. A mesma cadeira que eu tinha amarrado Lucy. Segurei o veludo vermelho, lambendo meus lábios enquanto acariciava o tecido macio.

—Linda os despiu depois que nós ... terminamos. Eles estão na garagem, no chão, em frente à máquina de lavar. Vá ver se você não acredita em mim. Foi depois de seu retorno para dentro que ela parecia diferente. E não há sangue, porque eu limpei depois de me enfaixar.

—Então, você fode seus clientes?

Meus olhos se estreitaram, mas não com raiva. Mais, intriga.

—Éramos amantes muito antes de eu me tornar seu médico. Minha vida sexual preocupa tanto você?

Anna foi dizer algo quando olhou para o bolso. Um zumbido encheu o espaço e dei um passo mais perto.

—Esse é o seu detetive? Você ligou e o informou antes de tentar ser a heroína?

—Nem mais um passo. Eu ainda não acredito em você.

—Você não fez. Você não disse a ninguém. - Hesitei em ir mais longe e, em vez disso, mudei a discussão para algo que sabia que a deixaria desconfortável. —Você achou Davis? Você o matou?

—Não.

—Mas você foi procurá-lo, não foi?

—Esqueça que eu já te disse isso.

—Esqueço? Não, eu não acho que vou. Eu quero ajudar você.

—Eu não quero sua ajuda.

Eu balancei, e não por intenção. Pisquei com força, tentando corrigir minha visão dupla. Minha adrenalina estava passando e, com ela, meu estado estava começando a afundar. Eu havia perdido muito sangue. - Anna, eu ... não estou muito bem. Vamos conversar sobre isso no caminho. Por favor?

—E quanto a Linda?

—Vou ter que ligar para o marido dela. Vou ligar para ele agora para que você possa ouvir. Isso acontece com bastante frequência, acredite ou não. Eles realmente a conhecem pelo nome nesta cidade. Só ... - Eu tropecei, um pouco de

tontura, muito pelo fato de que precisava que Anna me levasse a sério. Ligando para Bill, meu corpo tremia quando bati no viva-voz.

—Dr. Patron. EU-

—Bill, é Linda. Eu não posso falar muito. Receio que ela teve um episódio. Estávamos jantando na casa da fazenda e algo aconteceu. Ela me atacou e me feriu. Uma amiga apareceu por acaso. Ela vai me levar ao hospital, mas você tem que encontrar Linda.

—Oh Deus. De novo não. Você está bem? Ela está bem?

—Eu não estou bem. Perdi muito sangue. Além de seu estado de espírito, acho que ela está bem. Deixe-me ligar de volta. Apenas ... encontre sua esposa. Ela é nossa maior prioridade. Eu tenho que ir.

A descrença deixou os olhos de Anna arregalados quando coloquei meu telefone no bolso. Sua cabeça balançou, e eu soube o momento em que ela perdeu a confiança em sua teoria de Lucy. Hesitante, seu braço estendeu-se para mim enquanto eu cambaleava em sua direção. No momento em que ela segurou minha cintura com firmeza, fingi que minhas pernas se dobraram. A pressão empurrou contra minhas costelas enquanto ela segurava firme.

—Nada engraçado ou eu atiro. Eu ainda ... quero dizer ...

—Você está confusa. Oh, Anna. Eu gosto de você. Uma assassina com um propósito de fazer outros assassinos pagarem. Eu poderia embrulhar tantos pacotes bonitos para você. Eu faria seus sonhos mais loucos se tornarem realidade.

—Eu não estou interessada. Além disso, acho que não gosto de você.

—Leva tempo. Eu vou desvendar você. Você vai ver.

—Eu duvido disso. Cuidado onde pisa.

Saímos de casa e parei quando ela fechou a porta da frente. Quando descansei minha cabeça em cima da dela e a puxei para mais perto, ela endureceu, enfiando a arma com mais força em minhas costelas. Eu não me importei. Quando a noite acabasse, eu possuiria a mente de Anna. Ela não teria outra escolha a *não* ser acreditar em mim.

Capítulo 29

Detetive Casey

—O que você quer dizer com não houve reunião na estação? Anna nunca apareceu?

—Não senhor. - O policial Harris se mexeu, desconfortável sob meu olhar duro. Eu dei um aceno de cabeça, quase rosnando enquanto caminhava pelo jardim da frente. Passava um pouco das duas da manhã e não havia sinal de Anna. Boston se encostou na minha viatura, um olhar que eu não tinha certeza. O idiota enlouquecido enquanto olhava para o chão me disse que seus pensamentos não eram bons. Inferno, talvez eles até combinassem com os meus.

—Você está livre para ir. Ligarei quando souber de algo.

—Continuaremos procurando o carro dela.

—Obrigado.

Observei quando o oficial entrou em sua viatura e decolou. Boston empurrou para se levantar, batendo o número dela em seu celular pela milionésima vez desde que chegamos. Quando sua mão livre disparou, corri para o lado dele.

—Onde você esteve? Por que você não atendeu nossas ligações?

Ele fez uma pausa, mas eu puxei o telefone de suas mãos.

—*Anna?*

Ela parou de falar, exalando alto.

—Braden.

—*Que diabos*? Temos estado muito preocupados. Onde você está? E antes de você me contar alguma história de merda sobre a estação, eu verifiquei. Não houve reunião.

Hesitação.

—Estou no hospital.

—Hospital? Você está bem? Você sofreu um acidente?

—Não, - ela disse rápido. —Eu não. Estou com o Dr. Patron. Ele realmente deveria procurar outra linha de trabalho. Um de seus pacientes me ligou. Ela roubou o telefone dele e disse que precisava de ajuda. Eu finalmente encontrei o local que ela me deu, mas ela não estava lá. Consegui chegar à casa dela e o Dr. Patron estava lá dentro. Ele está realmente confuso. Ela é esquizofrênica e acho que estava passando por um episódio. Há um homem aqui agora com o médico. O marido ou algo assim. Eles encontraram Linda. De qualquer forma, foi uma noite de loucura. Lamento não ter ligado antes.

—Não, - eu respirei em alívio. —Está bem. Estou feliz que você esteja bem. Daniel Stracht foi libertado há algumas horas. Eu pensei-

—Liberado! Por quê?

—Um advogado o defendeu. Aparentemente, ele tem um bom. De qualquer forma, teremos sorte em encontrá-lo novamente. Meu palpite é que ele vai pular a fiança e desaparecer.

—Mas ... *Lucy*. Braden, temos que encontrá-la antes que seja tarde demais.

—Estamos fazendo tudo o que podemos. Quanto tempo mais você vai ficar aí? Eu preciso ir buscar você?

—Não. - Os passos ecoaram. —Eu dirijo. Vou ver se o Dr. Patron precisa de alguma coisa e então estarei em casa.

—Estaremos esperando. Dirija com cuidado. Ligue-me quando estiver a caminho.

Anna concordou, desligando. Eu entreguei o telefone de volta para Boston, não perdendo as emoções confusas em seu rosto.

—Vamos entrar. Ela estará em casa em breve.

—O que aconteceu?

—Nosso querido médico foi atacado novamente. Desta vez, por uma paciente esquizofrênica chamada Linda. Ela ligou para Anna, o que a levou a sua casa para encontrar o médico ferido. Aparentemente, Linda foi encontrada. Enfim, ela está bem. O marido está lá agora. Anna vai me ligar quando ela voltar do hospital para casa.

O silêncio nos seguiu até a sala de estar. A exaustão me puxou para baixo como se eu estivesse me afogando. Sabendo que Anna estava bem, de repente eu mal conseguia funcionar. Surgiram perguntas que eu deveria estar me perguntando, mas não conseguia nem imaginar o que eram. Sentei-me no sofá e Boston sentou-se na extremidade oposta. O tempo passou enquanto nós dois ficamos quietos. Cochilava de vez em quando, mas me forcei a sentar. Boston ainda estava olhando para a frente. Ainda perdido em seus pensamentos.

—O que você está pensando?

Com a minha voz, ele lentamente se virou para mim. O vazio em seu olhar me fez ficar mais consciente. Estava lá e depois desapareceu.

—Eu provavelmente deveria ir ao hospital para verificar o Dr. Patron. Ele esteve lá para mim. Eu deveria estar lá para ele também. Posso verificar a Anna também. Manda-la para casa para você.

—Hum ... sim, ok. Ele provavelmente gostaria da visita. Tem certeza de que não quer esperar até de manhã? Ele pode ser liberado antes mesmo de você chegar lá.

—Eu não consigo dormir. Será bom para mim sair sozinho. Eu preciso de um pouco de ar fresco.

Boston se levantou e eu o segui. Eu estava cansado demais para me preocupar ou discutir. Se ele queria ver seu médico, quem era eu para negar? Ele não conseguia dormir do jeito que estava, e eu poderia me deitar e esperar que Anna voltasse.

—Seja cuidadoso. Se ficar cansado, encontre um quarto ou algo assim. Não arrisque dirigir de volta. Melhor prevenir do que remediar.

Boston pegou suas chaves e acenou com a cabeça em seu caminho para a porta. Eu tranquei atrás dele, chutando meus sapatos no caminho para o quarto. No momento em que me despi e rastejei sob os cobertores, a inconsciência acenou. Eu flutuei no meio-termo à beira, vendo flashes rápidos de momentos aleatórios. Anna estava lá, parada diante de mim. Estávamos conversando, mas eu não tinha ideia do que se tratava. O sono estava começando a vencer e eu vi Boston. O olhar possessivo nunca deixou Anna ... nunca perdeu nada. Ele estava sempre assistindo. Sempre vendo o que eu não conseguia. Eu nem sabia o que isso significava, mas foi fugaz. Dr. Patron veio e foi embora. Diego apareceu, desaparecendo com a mesma rapidez. Então ... corpos. Tantas vítimas de crimes sem coração. Eles se moveram em minha mente como um filme em preto e branco passando em alta velocidade. Eu gemi, virando-me para o lado, empurrando-os para longe.

Em vez disso, me concentrei em Anna e na maneira como estava me forçando a voltar à vida dela. Se eu deixasse isso para ela, ela continuaria a me rejeitar. Eu a amava demais para isso. Ela tinha que ver que eu estava aqui para ela, não importa o quê. Com a forma como ela estava se comportando, enfrentando esses casos, eu seria capaz de controlar minhas emoções para me permitir ficar?

Meu coração respondeu antes que minha mente pudesse. Eu não tive escolha. Se eu quisesse ficar, teria que deixar minhas ações liderarem, não minhas ordens. E havia muitas regras que eu queria cumprir. Sob este teto, eu não era a autoridade. Ela tinha a vantagem. Onde não deveria ter sido assim, eu estava disposto a abrir mão do controle para manter qualquer parte dela que pudesse. O homem quebrado que ansiava por sua presença se agarrou a isso. Ele a perdeu uma vez, e isso quase o matou. Ele nunca passaria por isso novamente.

Peguei meu telefone, rolando de costas enquanto puxava nossas mensagens de texto. Através do brilho, li nossas conversas. Eu mantive o simples fato de que *tínhamos* comunicação - algo que não tínhamos semanas antes. Isso me matou então, não ouvir sua voz. Isso me deixava louco por dormir no meu apartamento quando tudo que eu queria era estar com a mulher que eu amava e

quase perdi. Mas eu estava aqui agora. Eu podia sentir o cheiro dela. Sinta-a quando ela subiu na cama comigo. Ela estava muito perto de se tornar minha para sempre. Eu não poderia estragar isso. Mas para continuar, eu tinha que aceitar a realidade e o que isso significava no longo prazo. Anna, aquela para mim, poderia assassinar ou ser assassinada novamente. Como eu lidei com isso? Como salvei vidas quando estava abrigando uma pessoa que poderia facilmente tomá-las? E se ela fosse morta por essas malditas investigações que estava decidida a resolver?

Tinha que haver uma maneira de protegê-la e àqueles que ela poderia ter em vista. Valia a pena o risco, desde que ela fosse minha. Por mais cruel que fosse, aquela maldita coisa batendo no meu peito se recusou a aceitar qualquer coisa que não a envolvesse. Se ela matasse, eu tentaria impedi-la. Eu ... protegeria ela. Se ela estivesse perdendo a cabeça com um caso, eu estaria lá. Comunicação. Tínhamos que mantê-lo para que eu soubesse seu próximo movimento. Essa foi a chave.

Lambi meus lábios, prometendo ser mais aberto enquanto adormecia. E eu não iria parar. Eu continuaria me forçando a entrar em sua vida e em todos os seus pensamentos ao acordar. Ela dependeria de mim. Ela confiaria em mim - e de verdade desta vez. Eu não aceitaria nada menos da minha parte. Isso funcionária. Seria, porque eu estava disposto a fazer o que fosse necessário para que isso acontecesse.

Capítulo 30

Anna

—Tem certeza de que está bem? Eu posso ficar.

Dr. Patron inclinou a cabeça para o amigo. —São alguns pontos, Bill. Não é nada. Além disso, estou em boa companhia. Você pode ir. Eu te ligo mais tarde.

—Sim por favor. Não posso te agradecer o suficiente por estar lá para minha esposa. Essas viagens para fora da cidade me deixam muito longe de casa. Eu tive sorte de voltar para casa. Ela estava um pouco desorientada quando a encontramos, mas Julia teve a gentileza de ficar para que eu pudesse verificar você. Linda vai se sentir péssima pelo que fez.

—É minha culpa, Bill. Ela parecia chateada. Eu não deveria ter pressionado ela para se abrir. Se eu soubesse que ela havia negligenciado sua medicação, teria procedido com mais cautela. Por favor, certifique-se de que ela não se esqueça de levá-lo novamente.

—Você tem minha palavra. Eu deveria voltar para casa. Cuide-se e venha nos ver quando estiver melhor.

—Eu vou. Obrigado.

O homem me deu um aceno de cabeça e se dirigiu para a porta. Pela minha vida, eu não conseguia acreditar como isso tinha acabado. Eu tinha certeza de que a mulher com quem estava falando era Lucy. Achei que o Dr. Patron era o responsável, mas me enganei. Tão errada.

Eu me levantei da cadeira, me aproximando enquanto meus lábios franziam e eu me perdia em meus pensamentos.

—Não acredito que você dormiu com uma mulher casada. E consegue ser tão amigável com a cara daquele homem como se você não tivesse feito nada de errado ...

—Eu não fiz. É complicado. Garanto a você, ele sabe.

—Ele o que? E ele não se importa?

—Ele tem sua própria vida fora de casa. Ele e sua esposa concordaram em um relacionamento aberto. Você ficaria surpresa com o quão abertos eles são.

Eu afastei a confusão, me movendo ao lado da cama. —Eu não quero saber. Eu te devo desculpas.

—Não. Você não sabia.

—Eu poderia ter matado você. Eu pensei sobre isso.

Ele sorriu, gemendo ao colocar a mão na bandagem sobre a bochecha. Com a outra, ele se aproximou de mim. A cautela levou meus dedos para frente para

parar um pouco sobre sua palma. Ele não esperou. Ele se moveu para agarrá-los, embora isso me deixasse desconfortável.

—Você está tão empenhada em encontrar Lucy. Você pensou que era eu quem a tinha. É perfeitamente compreensível. Na verdade, eu te admiro por isso. Você tem tanta paixão, Anna. Está em todo o espectro, cobrindo todos os ângulos da humanidade. Você me deixa maravilhado.

—Você é muito estranho. Você sabe disso, certo?

A risada me fez colocar minha mão nas costas daquele que segurava seu rosto enquanto ele estremecia de dor.

—Eu sinto muito. Eu não queria te fazer rir. Eu devo ir.

Dr. Patron deixou a bandagem para segurar minhas duas mãos. Minha boca se abriu e, antes que eu pudesse fugir, a porta se abriu. Boston deu um solavanco até parar, sem se mover quando respirou fundo e olhou em nossa direção.

—Boston. Estou tão feliz que você veio me ver.

O Dr. Patron soltou minhas duas mãos e eu imediatamente recuei, colocando distância entre nós. Eu sabia como devia ser, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Eu não deveria estar tão perto para começar.

—Sim, - disse Boston, olhando entre nós. —Espero não ter me *intrometido* em nada.

—Não. De modo nenhum. Eu estava dizendo ao Dr. Patron que deveria ir.

—Você estava agora?

—*Sim*. Eu estava. - Peguei minha bolsa enquanto Boston entrou na frente da porta.

—Fique comigo, Anna. Não vou demorar. Eu só queria ver se estava tudo bem.

Dr. Patron colocou a cama em uma posição mais sentada, mas não chamou a atenção de Boston. Ele manteve os olhos fixos em mim. Foi só quando coloquei minha bolsa de volta na cadeira que ele se virou para o médico.

—Você parece bem. O que aconteceu?

—Apenas um paciente sem seus remédios. Estou seriamente acabado por um tempo. Depois da última semana, estou precisando muito de férias. Estou ficando muito velho para isso.

—Você está parando então?

Diante da pergunta de Boston, voltei-me para o Dr. Patron.

—Ah não. Só quis dizer que não preciso mais aceitar casos enquanto estou aqui. Você sempre me tem, Boston. Você sabe disso.

Preocupação e cuidado estavam presentes em cada palavra. Combinou com a emoção repentina em seus olhos. Não duvidei de sua declaração. Isso me deixou relaxar enquanto Boston parecia se acalmar também.

—Boa. Estou feliz por você ficar. Então, ela te pegou bem, hein?

—Sim. Com lâmpada de cerâmica. Tentei acalmá-la, mas nossa briga fez com que a mesa final desabasse. A lâmpada estilhaçou e ela conseguiu pegar meu pulso e bochecha. Bem profundo, mas estou vivo. É isso que importa. Acho que desmaiei em algum momento e ela saiu correndo e ligou para Anna. Foi uma bagunça.

Boston piscou algumas vezes, pegando o telefone do bolso. —Espere ... - Sua sobrancelha se contraiu. —Eu recebi algumas ligações suas. Acho que ela pode ter tentado me ligar também.

—Ela fez?

Com a pergunta quase ofegante do Dr. Patron, meu coração saltou para minha garganta.

—Sim ... há alguns deles. Existe até um correio de voz.

—O *quê*? Quero dizer, o senhor sabe o que diz - Dr. Patron saiu correndo, rindo nervosamente. —Você deveria ter ouvido a história que ela contou a Anna. Fingindo que era Lucy. Na verdade, foi cruel, mas você não pode responsabilizar os esquizofrênicos pelas coisas que dizem ou ouvem.

—Desculpe? Ela estava agindo como Lucy? *Minha Lucy*? - A cabeça de Boston balançou com força e suas mãos tremeram quando ele apertou um botão em seu telefone e o levou ao ouvido. Dr. Patron jogou o lençol para trás, movendo-se para a beira da cama.

—Você não deveria ouvir isso. Você não é estável o suficiente. Está-

Sua mão disparou em direção ao médico e eu me movi, ouvindo nada além de gritos inaudíveis. Um parecia o nome de Boston. O vento abafou a maioria de suas palavras, mas ainda assim, ela conseguiu. Boston respirou fundo, ficando pálido enquanto os soluços se fundiam com mais gritos.

—Ela está doente. Por favor, não use isso contra Linda. Ela nunca faria, e quero dizer *nunca*, intencionalmente algo para machucar ninguém. Uma de suas personalidades é uma vítima. Ela atende pelo nome de Lydia, mas depois que eu mencionei Lucy e a necessidade de cancelar a consulta da próxima semana, acho que pode ter desencadeado seu episódio.

—Shhh! - Boston reproduziu a mensagem, aumentando o volume ao colocá-la no viva-voz.

—*Boston? B — ston! H — eu! Ele tem — Socorro ... Boston!*

O vento estava tão ruim, combinado com a respiração ofegante enquanto ela lutava para recuperar o fôlego, mas isso não parecia afetar Boston. Um minuto, ele estava perto da porta, e no próximo, ele estava se lançando para a cama. O Dr. Patron agiu tão rápido que ficou claro que ele estava pronto quando começou a lutar contra Boston.

—Não é ela. Está. Não. Dela!

—Isto é! Você a levou. Você pegou Lucy! Eu vou matar você. Eu vou te matar, porra!

Meus braços envolveram a cintura de Boston, e puxei com tudo que eu tinha para tentar separá-los.

—Não é ela, - eu gritei. —Boston, não é Lucy.

—Isto é! Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar. Essa é a Lucy!

Ele se debateu, tentando segurar o Dr. Patron, mas o médico conseguiu mantê-los longe de sua garganta.

—Ouça-me, - eu disse, empurrando forte. —Eu também pensei, mas me enganei! O marido de Linda estava aqui. Eu o conheci Boston ... *pare*!

Eu o soltei, chutando logo acima de sua panturrilha e colocando-o em um estrangulamento por trás quando ele caiu de joelhos. Ele poderia facilmente ter me jogado para fora, mas a ação o deixou girando para enterrar o rosto no meu estômago. Soluços paralisantes o deixaram enquanto ele cravava os dedos nas minhas costas com força.

—Era ela. Eu juro, foi Lucy. Anna, por favor. Você tem que acreditar em mim. Essa era Lucy.

—Não. Boston, foi realmente difícil entender o que ela estava dizendo. Eu sei que você quer que seja Lucy, mas era Linda. Seu marido até disse isso. Ele veio para verificar o Dr. Patron. Não era Lucy. Ela também me convenceu, mas eu estava errado. Esta mulher está doente. Não é culpa dela.

—É Lucy.

—Não.

Os soluços aumentaram e o Dr. Patron franziu a testa enquanto nos encarava.

—Você está bem?

O médico me deu um aceno rápido e eu segurei Boston com mais força enquanto ele desabava ainda mais.

—Vamos para casa, ok? Todos nós só precisamos dormir isso.

—Eu quero vê-la. Eu quero ver essa Linda.

—É tarde e ela teve uma noite difícil.

—Amanhã então?

A boca do Dr. Patron se abriu, apenas para fechar. Quando Boston olhou por cima do ombro, o médico deu um aceno de cabeça. Ele se levantou, segurando-se em mim como um torno enquanto íamos pegar minha bolsa. Ele era uma confusão de emoções crescentes. Durante todo o caminho até o carro, ele jurou que era Lucy. E ... uma parte de mim queria acreditar nele. Mas esse era o problema. Queríamos tanto que ela fosse encontrada que estávamos dispostos

a agarrar-nos a qualquer coisa que pudéssemos, na esperança de que ela ainda estivesse viva.

—Venha comigo. Você não está em condições de dirigir.

—Ainda não. Somente...

Estávamos parados do lado do passageiro do meu carro, e Boston me colocou de frente para ele novamente enquanto ele me segurava em um abraço de urso. Ele estava fungando e tão tenso.

—O que está acontecendo com você e o Dr. Patron? Quando eu entrei ... onde você estava, Anna? Há algo que eu deva saber?

—Saber?

—Sim. Vamos começar com a primeira pergunta. Antes de receber a ligação, onde você estava? Não houve reunião esta noite. Braden já descobriu isso. O que você estava fazendo?

—Nada. Eu ... - Minha boca fechou. —Corrida. Eu precisava de um tempo sozinha. Normalmente corro todas as noites. Isso ajuda com os pesadelos. Eles estão ficando tão ruins ultimamente que pensei que talvez se eu desse uma boa corrida, eu pudesse dormir.

Dedos empurraram o cabelo na minha nuca, puxando até que minha cabeça recuou. Boston encontrou meu olhar com um olhar que me manteve congelada. Havia conhecimento ali - conhecimento inexplicável que fez meu sangue gelar.

—Tente novamente.

—É a verdade.

Mais apertado, o aperto cresceu. O olhar se aprofundou, me sugando, falando com o assassino dentro de mim. Algo mudou naquele momento e eu não tinha ideia do que era.

—Novamente.

—EU...

—*Anna*. Quem é esse? Quem é você depois?

Empurrando forte, eu quebrei seu aperto. —Foi uma corrida, Boston. Nada mais.

—Então o que é isso?

Ele estava olhando para o meu banco de trás. Com a forma como a luz estava brilhando diretamente ao lado do meu carro, dava uma visão perfeita para a mochila aberta. Corda, fita adesiva ... minha faca. Qualquer um poderia ter visto. E, no entanto, eu estava tão consumido pelo Dr. Patron e suas divagações constantes, que não pensei duas vezes no saco.

—Honestidade, Anna. Considerando isso, suponho que você nunca teve sua chance. A ligação distraiu você. Quem é esse? Você os conhece? Ou você estava procurando por uma pessoa aleatória?

—Deixe isso pra lá, Boston.

—Você está se desfazendo. Ajudando-me não está ajudando *você*.

—Você está errado. Isso está me ajudando. Lucy ... - Minha mão veio à minha boca, e o medo da mulher por causa do telefone era tudo que eu conhecia. Ele se juntou ao meu, alimentando a mulher louca dentro de mim que nunca estava longe. Engoli o nó na garganta, continuando. —Nós vamos encontrar Lucy, e então vocês dois podem superar isso.

—Eu não estou falando sobre mim e Lucy. Estou falando de você agora. Você é boa em esconder a verdade, mas não está bem.

—Eu não sou da sua conta.

—De quem é você? Braden's? Dr. Patron's? Eu vi vocês dois se aconchegando naquele quarto.

Minha mão se levantou para dar um tapa nele, mas rapidamente segurei meu punho, recuando.

—Como você ousa insinuar algo assim.

—Estou errado em assumir que algo está acontecendo entre vocês dois? Os segredos não estão ajudando no seu caso.

—*Nada* está acontecendo entre nós. Nada.

Boston olhou para o prédio, mas voltou para mim.

—Bom, porque eu disse para você manter distância. Peço desculpas por entender mal a situação. Eu... também sinto muito por pressioná-la por uma resposta em sua bolsa. Não te culpo por não querer falar.

—Obrigado. - Fiz um gesto em direção ao carro dele, querendo encerrar nossa conversa. —Você parece estar se sentindo melhor. Você está me seguindo para casa ou indo para um hotel?

—Braden está esperando por você. Eu tenho coisas para fazer de qualquer maneira.

Eu olhei para o meu relógio. —Às três da manhã?

—Você pode me dar o endereço onde Linda mora?

—Boston, você precisa esperar pelo Dr. Patron. Ele disse que nos levaria.

—Eu só quero passar de carro.

—Não foi ela.

Um som frustrado o deixou e ele me lançou um olhar, abrindo a porta do passageiro e entrando no meu carro. Eu dei a volta, entrando e ligando o motor. Ele ficou quieto enquanto saíamos do hospital, mas sua energia me deixou

no limite. Estávamos ambos em uma espiral, e temia que, se não encontrássemos Lucy logo, só pioraríamos.

Capítulo 31

M

Só um tolo acreditaria estar livre e livre de uma situação tão grave como a que eu estava. Conexões confiáveis sempre foram a chave para minhas negociações distorcidas. Felizmente, com Bill e Linda, eles me deviam o suficiente para finalmente empatar. Mas eu precisava de mais do que uma história para apoiar o que Anna e Boston acreditavam. Eu precisava do corpo de Lucy limpo e encenado, pelo que paguei muito. O que eu mais precisava, entretanto, era tempo. Minhas ações foram desnecessárias - selvagens, estúpidas. A cada dia, eles ficariam menos desconfiados, mas o dano estava feito. Depois daquela mensagem de voz, seria um milagre para eu conseguir a confiança de Boston de volta. Eu poderia fazer isso, mas teria que trabalhar. Especialmente, tendo algumas horas. A única coisa que eu tinha do meu lado era que Anna havia me encontrado, e Boston sabia que eu estava aqui no hospital. Isso me tiraria da equação para Lucy. Eu era o álibi daqueles que contavam, apesar do que eles possam pensar.

Deitei na cama, bebendo minha água enquanto o canal local enchia o quarto. O sono não vinha, mas nunca realmente veio. Deixei a noite passar em minha cabeça, anotando os menores detalhes de que conseguia me lembrar. Meu pau endureceu e eu fechei minhas pálpebras, aproveitando os últimos momentos de Lucy. Momentos ... eu sempre amaria. Claro, haveria outra vítima algum dia, mas nada chegaria perto do significado ou caos que engolfou esta conquista. Não estava tecnicamente acabado ainda, mas estava para mim. Bill apagaria qualquer evidência que eu pudesse ter deixado para trás, e o corpo cairia sobre Daniel - um homem morto que nunca seria encontrado. Foi perfeito.

Falando soou de fora, atraindo-me para a consciência. As vozes femininas pararam na minha porta, apenas para continuar enquanto se afastavam. Eu me virei, apertando os olhos quando um clarão chamou minha atenção. Movendo minha cabeça, vi que vinha do meu telefone. Eu o peguei da mesa e lentamente inclinei-o em diferentes direções. A sujeira estava endurecida no alto-falante. E impressões digitais ... Eu trouxe para o lençol, enxugando-as antes de tirar a sujeira. Meu olhar voltou para a janela. As cortinas estavam ligeiramente rachadas. Já era de manhã.

Anna e Boston teriam dormido?

Um sorriso forçado secretamente veio - um milhão de sorrisos. Se tivessem, não seriam mais. Eu me perguntei quanto tempo levou para Bill e Linda limpar e preparar Lucy? Eles disseram que a encontrariam ao amanhecer. Eu

acreditei neles. Juntos, os dois eram assassinos perfeitos. Menos os episódios de Linda, quando ela foi desleixada e matou seus amantes sozinha. Eu não menti sobre sua condição ou sua identidade como Lydia. Eu tive que voar várias vezes para salvar sua bunda. Já era hora de eles salvarem a minha.

—Sr. Patron? Doutor, - disse a enfermeira rapidamente, corrigindo-se. —Como você está se sentindo?

—Melhor. Acho que estou pronto para ir. Lamento ter incomodado a todos por um quarto na noite passada. Eu sei que não era necessário. Acho que só tive que descomprimir após o ataque.

Ela entrou rapidamente, seu rosto se desculpando. —Não foi nenhum problema, realmente. Espero não ter parecido tentando te apressar para fora daqui. Eu só queria saber como você estava.

—Está bem. Eu não pensei isso. Eu só queria que você soubesse que estou grato. Era bom sentir-se seguro. Receio que episódios como esse não acontecessem com frequência na minha área. Fui pego de surpresa. Há ... alguns papéis que eu possa assinar? Sem pressa, mas estou ficando com fome.

—Absolutamente. Posso deixar o médico saber que você está pronto. Estaremos de volta em breve.

—Não tenha pressa.

No momento em que a porta se fechou, joguei o lençol para trás e me dirigi para pegar minhas roupas da bolsa. Minha calça veio primeiro, e eu mal coloquei meu primeiro braço em minha camisa antes de as notícias de última hora aparecer na televisão. As âncoras apareceram, tentando não parecer preocupadas enquanto passavam a história para Anna. Nenhuma quantidade de maquiagem poderia cobrir as olheiras sob seus olhos. Também havia medo, mas não reconhecimento total. Enquanto ela falava, corri para me vestir. Meus olhos captaram tudo. A coisa mais importante: o que ela estava perto. Uma placa de rua.

Saí do quarto correndo para o posto de enfermagem. A mulher que tinha vindo ao meu quarto parou de falar com um homem mais velho, que presumi ser o médico.

—Papéis. Eu tenho que ir.

—Sinto muito, a impressão ainda não terminou—

—Então deixe-me começar a assinar o que você tem. Meu paciente ... eu tenho que sair agora.

Os papéis foram colocados no balcão e eu rabisquei em cada um. Posso ter começado a fazer o papel de médico preocupado, mas era isso. Este foi o meu momento da verdade. Boston estava prestes a descobrir que sua amada Lucy estava morta *e ele precisava de mim.* Quanto mais eu percebia, mais rápido meu coração reagia.

—Rápido, rápido. Eu ... - Peguei meu telefone, discando para um táxi enquanto esperava pelo próximo. Quando isso foi feito, disquei o número de Boston.

—Dr. P-Patron?

—O que está acontecendo? Eu estava deitado na cama quando vi Anna no noticiário. Você está com ela?

—Sim. - Uma fungada. —Braden foi chamado em uma ou duas horas atrás. Anna e eu encontramos a van de notícias aqui. Eu não aguento mais. Quero voltar lá e ver se é ela por mim mesmo. Eu ... *Dr. Patron* ...

—Fique ali mesmo. Estou a caminho. Não faça nada, Boston. Nada. Espere por mim. Estou saindo do hospital neste momento.

Eu rapidamente coloquei minha assinatura, obtendo um aceno da enfermeira. Não esperei pela receita que o médico tentou passar. Desliguei o telefone e saí correndo, ignorando o latejar em meu rosto e pulso. O táxi já estava esperando e quase mergulhei, anunciando o endereço. Tempo. O que me preocupava passou em minutos lentos e tortuosos. Mais uma vez, me perdi nos detalhes. Em pensamentos. Cálculos. Quando a grande multidão apareceu e estacionamos, peguei minha carteira e paguei rapidamente. Boston estava à vista, andando como um louco. Anna estava conversando com sua equipe, mas ela nunca tirou seus olhos de Boston.

Fechando a porta atrás de mim, corri em direção a eles. Boston pareceu me sentir, girando quando me aproximei.

—Graças a Deus. Puta merda, eu sou ...

Sua cabeça estava sacudindo pelo tremor que sacudia seu corpo. Eu joguei meus braços ao redor dele, abraçando-o com força enquanto Anna fazia seu caminho até nós.

—Dr. Patron, o que você está fazendo aqui?

—Eu vi você no noticiário. Liguei para Boston e me desconectei o mais rápido que pude. Você aprendeu algo novo? Falou com o Braden? Qualquer coisa?

Lentamente, ela balançou a cabeça. —Tudo que eu sei é que há outra garota. O corpo dela foi encontrado na esquina. - Ela fez uma pausa. —Posso falar com você sozinho?

—Não, - Boston se apressou, estudando-a. —Eu quero escutar. Você sabe mais do que me disse. Eu posso ver em seus olhos. O que foi, Anna?

Lábios carnudos pressionados juntos enquanto ela permanecia ali em silêncio.

—Anna, por favor, estou te implorando. Diga-me você. Não quero ouvir de mais ninguém. O que você sabe?

Lágrimas encheram seus olhos castanhos. Cada palavra parecia ser mais difícil para ela dizer quando começou. —Seu corpo. Eles estão dizendo que estava saindo da ... lata de lixo de alguém. Ela foi colocada dentro. Isso é tudo que ouvimos até agora.

—No tr ...? - A mão de Boston disparou para sua boca quando ele pareceu engasgar. Ele estava tremendo violentamente. Eu tive que fazer algo. A raiva estava lá com certeza, persistente em seus olhos, mas o medo a manteve distante. Não seria assim quando ele descobrisse a verdade.

—Não sabemos de nada, - eu disse calmamente. —Pode nem ser ela. Pessoas desaparecem todos os dias. Pode ser vários deles. Só porque Lucy é a única que conhecemos, não significa que seja ela. Não vamos tirar conclusões precipitadas.

—Dr. Patron está certo. Pode ser qualquer uma.

—Está certo. Agora, faça o que eu te ensinei. Feche os olhos e aterre-se.

Os olhos castanhos se estreitaram, mas desapareceram quando suas pálpebras se fecharam. Cada respiração se aprofundou e desacelerou. Quando Boston abriu os olhos, dei um tapa em seu ombro, mantendo meu foco no dele.

—Bom trabalho. Tudo bem.

—Na verdade não.

—Isso é porque você está exausto. Deixe-me pegar algo para comer e beber. Você está pálido e precisa de seu açúcar no sangue de volta. Isso vai fazer você se sentir melhor.

Anna acenou com a cabeça ansiosamente. —Concordo. Temos donuts e café na van.

—Perfeito. Fique aqui, - frisei. —Eu volto já.

Boston já estava se virando em direção à barricada para enfrentar a direção da cena do crime. Eu andei rápido, seguindo Anna.

—O que é isso?

—Ela é loira. A garota é loira. Eu ouvi os policiais conversando no meu intervalo. Doutor, eu... acho que pode ser Lucy. Eles disseram que ela era jovem. Eles mencionaram marcas cruéis por todo o corpo. Isso se encaixa no perfil do assassino. Assim que me viram, pararam de falar, mas ouvi o suficiente. Com Daniel Stracht sendo solto na noite passada, acho que ele teve que terminar o que começou.

—Liberado? Querido Deus, eles o soltaram?

—Eles fizeram, e agora Braden me diz que eles não têm ideia de onde ele está.

—Merda. *Merda*. Isso não é bom.

—Não, não é. Se for Lucy, Boston vai precisar de nós mais do que nunca. Tenho medo por ele. Estou com tanto medo. - Uma lágrima correu pelo

rosto de Anna e eu rapidamente a puxei em meus braços. Ela apenas amoleceu por um momento antes de se libertar. Estávamos bem na van. Ela evitou contato visual enquanto se esticava, pegando o donut e o copo de isopor de café, mas não era nela que eu estava focado. Eu podia sentir Boston nos observando. Sentia sua raiva e obsessão já em transição. Não acreditava que ele estivesse apaixonado por Anna, mas sabia que não era assim que a obsessão necessariamente funcionava.

Independentemente disso, não importava. O que eu estava fazendo não era para testá-lo. Era para deixar um impacto.

—Obrigado, - eu forcei para fora. —Eu cuido daqui. Você deveria trabalhar. Boston está em boas mãos. O melhor, - eu disse, piscando.

Eu me virei para sair, parando quando Anna se aproximou, me entregando uma xícara de café também. Deixei meus dedos percorrerem os dela enquanto a segurei.

—Não diga a ele. Ainda não.

—Acordado. Ainda não.

Continuando, eu só encontrei o olhar de Boston quando me mudei para o lado dele. Ele pegou o donut e o café enquanto procurava meus olhos.

—Você gosta dela. E não apenas como um paciente em potencial. Você está atraído por ela.

—Não acho que seja hora de falar dessas coisas.

—Que hora melhor? Responda à pergunta. Você está?

Fiz uma pausa, deixando o outro lado do meu plano começar.

—Ela é atraente ... e solteira, até certo ponto.

—Ela adora Braden.

Novamente, eu hesitei. —Eles compartilham um passado. Havia amor ali, sim. As coisas mudam, Boston. Não importa o quanto eles tentem se apegar ao que era, isso não significa que vai se transformar no que eles compartilharam. Estatisticamente, sinto muito. Os números e estudos não sustentam um feliz para sempre.

—Mas

—Não. Você não vê as pessoas como os outros. Você ama mais do que a maioria. O que você sente, você sente ao extremo. Pessoas normais não conseguem experimentar o que você faz. Alguns têm sorte de sentir alguma coisa. Diga-me, quando você vê Anna e Braden juntos, você vê você e Lucy? Você vê esse amor?

Foi a vez de ele ficar quieto.

—Você não sabe, porque não está lá. Eu conversei com Anna. Se ela é alguma coisa, ela está confusa. A última coisa que ela quer é ver o detetive Casey ferido, mas ela me dá a impressão de que está pronta para seguir em frente.

—Ela insinuou isso? Ela me fez acreditar exatamente o contrário.

—Ela fez? Bem, garanto que ela *mais do* que insinuou.

—O que ela disse? O que você disse?

O canto da minha boca se retraiu no início de um sorriso.

—Eu a convidei para um encontro.

—Você fez o que?

—Você me ouviu. Eu a convidei para um encontro. Eu realmente gosto muito dela. Nós ... compartilhamos interesses comuns. E falamos bem e com frequência. Nós conversamos muito, na verdade. E acho que ela gosta de mim da mesma forma. Parece que sim, mesmo que tente negar a si mesma conexão com os outros. Ela realmente não quer que ninguém saiba sobre nossas conversas, então estou confiando em você para não dizer nada. Anna precisa se curar, e espero que eu possa fazer isso por ela. Não importa o que isso acarrete. Ela está liderando. Estou apenas seguindo.

—Oh. - Boston ficou em silêncio, parecendo mais perdida do que nunca. Continuei a tomar meu café, olhando para os carros da polícia estacionados no quarteirão vizinho. O tempo se estendeu e sussurros zumbiram. Anna fez sua transmissão e eu fiz papel de bobo esperançoso enquanto assistia. Mas apenas meio jogado. Eu não podia negar o que meu plano secreto estava realmente fazendo. Estava abrindo uma porta. Um que fechei há muito tempo. Isso fez com que todos os textos que salvei sobre nosso possível encontro parecessem mais reais. Como se não fosse sobre o assassinato, mas sobre nós. Ela *poderia* sentir algo por mim? Mesmo algo pequeno?

É aquele...? —*Braden.*

Minha cabeça girou para longe de Anna com o desespero de Boston. Ele estava segurando a barricada, movendo os pés como se não pudesse esperar mais um segundo. E eu ... eu também não poderia.

Estava na hora.

Capítulo 32

Detetive Casey

Cada passo mais perto de Boston era mais difícil do que o próximo. Era o pior pesadelo de uma pessoa. Um pesadelo tão horrível que eu não tinha certeza de como enfrentá-lo. O jovem não merecia isso. Ninguém merecia descobrir que aquele que eles mais amavam na vida estava morto. E não apenas morto, mas torturado e espancado quase irreconhecível. Como eu iria dizer a ele que todo o seu trabalho, suas orações, estavam prestes a ficar sem resposta? Como eu veria meu próprio reflexo quebrar na minha frente? Poderia ter sido eu. Poderia *ainda* ser eu.

—Detetive!

Para frente e para trás, ele se moveu, em torno do Dr. Patron, de volta para o outro lado dele. Ele parecia um animal selvagem tentando escapar de alguma jaula invisível. O movimento chamou minha atenção, e meu peito apertou com Anna correndo para o seu lado. Os pensamentos não viriam. Eu nem tinha certeza se conseguiria fazer minha voz funcionar quando chegasse a hora.

Eu tentei o meu melhor para reprimir a emoção, mas eu poderia dizer pela expressão de Anna que ela sabia o que eu ia dizer. Mesmo se eu não fosse dizer isso abertamente. Deus, eu não esperava isso. Talvez eu pensei que com todos trabalhando juntos, poderia valer a pena, como aconteceu com Anna. Tínhamos Daniel. Nós o tínhamos tido, e agora isso.

—Braden. - Ele diminuiu a velocidade, parando quando me aproximei. Boston estava agitado. Mesmo quando ele parecia se agarrar à barricada, suas pernas distribuíam peso para frente e para trás. —Fale comigo. Não é ela, certo? Não é Lucy.

—Eu não quero falar aqui. Por que você e Anna não é... -Meus olhos se estreitaram no médico. Anna me contou a história, mas não pude evitar as perguntas sem resposta. —Por que vocês todos não me encontram na estação.

—Encontrar...? N-*Não*. Apenas me diga. Não é Lucy. Não é ... Você me diria. *Bra-den*

Meu nome saiu como uma combinação entre um soluço e um rosnado. O médico passou o braço em volta do ombro de Boston, sussurrando algo em seu ouvido. Fosse o que fosse, Boston se afastou do abraço.

—Você tem a foto dela?

—Eu faço. Tenho uma cópia na minha carteira.

—E não é ela.

—Boston ... eu sinto muito. Não posso dizer com certeza, mas—

—Não. *Não!*

—Boston...

Mais, o médico tentou acalmá-lo, mas não estava funcionando. Boston se afastou, empurrando o Dr. Patron com força enquanto ele corria para o outro lado dos bloqueios, correndo direto para a cena do crime. Eu não esperei. Ele não podia vê-la assim. Ela não estava mais na lata de lixo, mas seu corpo machucado e quebrado ainda estava em cena.

—Boston! Boston, pare!

Mais rápido, ele correu, me deixando na poeira e indo direto para os policiais que patrulhavam o quarteirão. Acenei minhas mãos para que eles parassem, mas eles não tiveram a chance de compreender a rapidez com que ele passou por eles.

—Não! Ele é família!

—*Lucy*!

As cabeças se viraram e mais policiais e detetives se reuniram quando ele veio direto para eles. Eles pareciam conhecê-lo ou reconhecê-lo como o namorado. Não demorou muito para notar a agonia em seu comportamento, mesmo que eles não percebessem.

—Mover! Lucy!

Três oficiais correram para frente, mas Boston correu amplamente, ganhando terreno em direção à propriedade. Eu abri minha boca para dizer a eles para pegá-lo, mas o oficial Dade apareceu do nada. Boston voou para o lado, deslizando ao longo da estrada enquanto era abordado por um homem que quase refletia seu tamanho. Gritos explodiram e mais policiais voaram em sua direção. Diego empurrou os homens, aumentando o caos enquanto tentava puxar os oficiais.

—Deixe-o ir! Ele está bem. Ele está comigo.

Eu ignorei os olhares, diminuindo a velocidade e chegando a Boston enquanto o oficial Dade levantava. O rosto de Boston estava polvilhado de sujeira. Pontos de sangue surgiram de onde ele raspou contra a superfície de cascalho. Ele ainda estava lutando, mesmo enquanto o oficial Dade o ajudava a se levantar.

—Não é ela. Não é ela. *Lucy*!

—Boston, bem aqui. - Virei-o em minha direção, forçando sua atenção para que ele não olhasse para onde a tínhamos colocado e coberta.

—Por favor, detetive. Braden ... eu tenho que ver. Eu tenho que ver por mim mesmo.

—Não acho que seria uma boa ideia. Vamos fazer testes. Você tem que esperar e nos deixar fazer nosso trabalho.

—Eu estive esperando! Eu esperei, e o que isso me trouxe? Este? Lucy encontrada? Não! Não por aqui. Eu quero ver!

—Você não. Eu prometo a você, você não vai.

—Deixei. Eu. *Vê-la.*

—Boston, você está perturbado. Entendi. Mas você tem que esperar até que possamos identificá-la positivamente.

—Foda-se seus testes. Lucy!

Ele se sacudiu para girar, mas o oficial Dade o encontrou cara a cara. Soluços o deixaram enquanto ele passava os dedos pelos cabelos.

—Estou implorando, Detetive Casey. Estou implorando. Eu posso lidar com isso. Eu só preciso saber. Eu tenho que ver por mim mesmo. *Por favor*. Não aguento mais.

A moralidade lutou contra mais coisas do que eu poderia pensar. Tudo que eu sentia era estar no lugar dele. Eu gostaria de saber. Me mataria suspeitar, mas não teria paz de espírito.

Fiz um gesto para Chasity, um de nossos técnicos de cena do crime, mas mantive meu foco em Boston.

—Eu geralmente não faço isso, mas estou disposto a abrir uma exceção. Eu vou te mostrar uma foto. Você tem certeza de que quer fazer isso?

—Sim.

—Você pode esperar. Você não precisa se lembrar dela assim.

—Não é ela.

A resposta quase soou ameaçadora por trás de sua mandíbula rígida. Apontei para Chasity mais perto, observando cada movimento de Boston.

—Apenas rosto.

Ela clicou na câmera, movendo-se hesitantemente quando encontrou o que queria mostrar. Eu espiei, acenando com a cabeça e agarrei atrás do bíceps de Boston. A laceração em sua bochecha parecia pequena em comparação com o hematoma preto cobrindo oitenta por cento de seu rosto. Um grande nó estava saliente em um lado de sua testa, e não ficava melhor se movendo mais para baixo. O preto circundou a parte exposta de seu pescoço na foto, deixando as áreas que não foram afetadas diretamente com um tom esbranquiçado pálido. As duas cores manchavam toda a sua forma, menos os pés. A garota havia passado por muito mais inferno do que as duas primeiras.

A respiração de Boston estava rápida e instável. Mais forte, segurei sob seu braço, até que a respiração parou por completo. Chastity inclinou a câmera e foi como se todo o corpo de Boston morresse naquele momento. Sem respiração. Sem sons ou gritos. Ele ficou congelado, balançando levemente em minhas mãos.

—Essa é Lucy Adams?

Lábios carnudos se separaram, abrindo mais quando uma profunda exalação de ar foi liberada. Lágrimas brotaram de seus olhos, caindo enquanto sua cabeça balançava para trás. Os segundos se passaram. Ainda assim, ele se recusou a falar.

—É ela, - uma voz profunda disse atrás de mim. —Boston ... *eu sinto muito*,

Eu me virei, vendo o Dr. Patron a menos de um pé de distância sendo escoltado por um oficial. Boston ainda estava balançando a cabeça enquanto olhava para a frente em um atordoamento de horror e descrença. Chasity se desculpou, mas ainda assim, ele não se mexeu.

—Você pode levá-lo para a casa de Anna e cuidar dele até eu chegar lá?

—Absolutamente.

—Eu não o quero sozinho. Por nada.

—Estou bem ciente do que fazer, detetive.

Eu movi minha cabeça, me colocando na linha de visão de Boston. Se ele estava vendo alguma coisa.

—Eu quero que você vá para Anna. Dr. Patron irá levá-lo. Vou chegar lá o mais rápido que puder, mas tenho que cuidar das coisas aqui primeiro. Você entende? Boston?

—Isto é minha culpa. Eu não deveria ter trazido ela aqui. Eu não deveria ter atendido aquela ligação.

—Você não fez isso. Não é sua culpa.

—Mas isso é. Deus, - ele disse, quebrando. —Eu fiz isso.

—Não, - Dr. Patron apressou-se, colocando as mãos nos ombros de Boston. —Você não tinha ideia de que isso iria acontecer. Nenhum. Vamos para a casa de Anna.

—Anna?

Mais forte, Boston chorou, surpreendentemente deixando o Dr. Patron levá-lo embora. Diego se aproximou, observando enquanto o médico colocava o braço em volta da cintura de Boston.

—Dia triste. Eu esperava que estivéssemos errados.

—Eu também. Apesar de tudo, era filha de alguém. A namorada ou noiva de alguém. Daniel Stracht. *Ele fez isso.*

—Provavelmente. Vamos torcer para que ele tenha deixado as evidências para trás desta vez, ou o pior que ele enfrentará será uma contravenção pelo que aconteceu na casa de Anna.

—Haverá evidências. Tem que haver. Você viu o corpo dela? Você não pode me dizer que ele se afastou disso sem bagunçar em algum lugar. Existem evidências, caramba.

—Nada voltou tão longe dos dois últimos. Nada em que pudéssemos trabalhar. Se Daniel Stracht cometeu esses crimes ...

—Ele fez.

—Bem, se for assim, ele não é um amador. Ele sabe o que está fazendo e sabe como se safar. Isso é assustador como o inferno.

—Conte-me sobre isso.

Voltei para a cena, querendo nada mais do que sair e seguir Boston de volta para a casa de Anna. Como ela estava reagindo? Ela tinha que saber. Estava trazendo memórias de seu tempo sendo torturado e quase morto? Porra, tinha que ser. Eles com certeza estavam me comendo vivo. Eu precisava estar lá para ela enquanto ela tentava consolar Boston. Eu tinha que mostrar a ela que ela podia contar comigo. Mas eu também tinha que fazer meu trabalho. Eu não poderia simplesmente sair. Ainda não.

—Mais alguma coisa do vizinho?

Os lábios de Diego se contraíram. —Nah. Nada mais do que ele pensava que era uma maldita piada das crianças que moravam aqui. Eles são trapaceiros, eu acho.

—Alguns são quando chegam à adolescência. Merda. Nada. Ninguém viu nada.

—Bem ... nós temos um prazo melhor. O vizinho levanta por volta das cinco para ir para Chicago. Diz que trouxe o cachorro para a frente porque está fazendo construção na parte de trás. Ele não se lembra de ter visto pernas saindo de uma lata de lixo quase cheia por volta das cinco e meia. Ele ficou aqui uns bons dez minutos. Isso faria com que seu corpo fosse despejado em menos de uma hora depois que ele ligasse. Ele poderia ter perdido.

—Ele trabalhou nela a noite toda. Foda-se doente. Se encaixa perfeitamente no cronograma para o lançamento de Daniel. Eu digo que puxemos todos os nossos recursos e encontremos aquele bastardo para que possamos pegá-lo para interrogatório.

—Concordo. Vou fazer algumas ligações.

Diego decolou e eu peguei meu telefone, batendo o número de Anna.

—Braden, me diga que não é verdade.

—Temo que sim. A reação de Boston foi suficiente, mas o Dr. Patron confirmou. É Lucy Adams.

—Estou fazendo as malas agora. Boston e o Dr. Patron estão esperando por mim. Quão ... ruim foi? O que exatamente Boston viu?

—O suficiente para assombrá-lo pelo resto de sua vida. Uma foto, mas uma foto que eu realmente não queria que ele visse. Seu rosto estava quase preto de hematomas. Ela tinha um grande corte na bochecha. Porra, Anna, apenas ...

muitos hematomas. Lacerações. Eles estavam por toda parte. Tenho certeza de que seu nariz estava quebrado, junto com quase todos os outros ossos de seu rosto. Bochechas, talvez. Eu não sei. Eu a reconheci da foto, mas ... eu estava forçando a barra.

—Pobre Boston. Eu não sei o que dizer. Eu tinha certeza de que a encontraríamos. Eu pensei-

—Anna, você tentou o seu melhor.

—Mas eu dei a ele falsas esperanças, Braden. Eu o fiz acreditar. *Eu acreditei.*

—E vocês dois fizeram tudo que podiam.

—Mas não foi o suficiente.

—Raramente é, A Rúnsearc. Às vezes, dar tudo de si não dá a mínima. Eu sei. Fiz tudo o que pude para te encontrar e falhei. Nada vai compensar isso.

Uma respiração profunda soou.

—Você vai voltar para casa esta noite?

Casa. A palavra ajudou a me puxar. —Melhor acreditar. Mas, com sorte, mais cedo do que esta noite. Vou tentar o meu melhor para chegar a uma hora decente. Enquanto isso, fique forte. Ligue-me se precisar de alguma coisa.

—Eu vou. Adeus, Braden.

—Anna...

Houve uma pausa. —Sim?

—Eu te amo.

Desliguei antes que ela pudesse responder. Eu não disse para que pudesse ouvir uma resposta. Eu disse isso porque quis dizer isso com cada fibra do meu ser, e ela precisava saber disso: agora, a cada dia, a cada momento eu era capaz de lembra- lá.

Capítulo 33

ANNA

Os soluços se transformaram em choro. Coros para soluços. Chorando em silêncio. Silêncio para soluços.

Foi um ciclo que durou horas. Às vezes, eu me juntei e derramei lágrimas. Outras vezes, eu apenas segurei Boston. O perigo emocional me puxou de volta aos momentos em que carreguei mais dor. Isso me trouxe a Roman, meu filho. A perda nunca foi tão fácil. Isso nunca me deixou. Especialmente agora, tão fresco em minha mente. Foi fácil compartilhar minha dor com um homem que poderia se identificar com uma perda tão devastadora. Mas foi mais do que isso. Nossa dor, nosso desgosto e semelhanças eram um. Éramos sombras um do outro, escuros, mas sempre próximos. Era uma conexão que eu nunca tive com ninguém antes. Com Boston, veio naturalmente. Fluido, como a maneira como minha mão esfregava suas costas para cima e para baixo enquanto ele desabava diante de mim. Ou a maneira como seu rosto se encaixava no meu pescoço quando ele não tinha mais forças para manter a cabeça erguida. Ligado pela tragédia. Amigos e almas genuínas.

—Isso não é real. Quatorze anos... Estou apaixonado por ela há mais de quatorze anos. Não é assim que nossa história termina. Isto é um sonho. *Um pesadelo*, — ele disse, enxugando as novas lágrimas. —Mas eu não vou acordar, vou?

—Não. Eu sinto muito.

Uma respiração trêmula o deixou, e Boston angulou seus joelhos mais perto dos meus enquanto se sentava no meu sofá. Suas mãos voltaram para segurar uma das minhas, soltas, mas conectadas. Com a outra mão, fiz um caminho para cima e para baixo em suas costas. O silêncio foi quebrado com gritos aleatórios. Ele estava tentando segurá-los, mas estava perdendo.

—O que eu ainda estou fazendo aqui se ela se foi? Por que estou vivo se ela não está? Nós fomos feitos para ficarmos juntos, não separados. Isso ... não faz sentido. Eu não entendo. Juntos para sempre. É o que sempre dissemos. *Para sempre*. Este não é o fim do nosso para sempre, então por que ela não está aqui?

O último saiu cheio de raiva. Ele estava tremendo, apertando minha mão com mais força.

—Boston. - Dr. Patron moveu-se para o canto da cadeira do meu sofá. Ele estava inclinado para frente, juntando as mãos. Na maior parte do tempo, ele

tinha ficado quieto, nos observando, deixando Boston trabalhar com sua dor à sua maneira.

—A vida nem sempre é justa. Na verdade, é cruel. Lucy era sua alegria. Ela era uma alegria para todos que a conheciam. Precisamos nos apegar à sua beleza e bondade enquanto trabalhamos para seguir em frente. Você sempre a terá, aqui, - ele disse, pressionando em seu peito. —Não é a mesma coisa, eu sei. Você a quer fisicamente aqui. Não parece agora, mas eu prometo que as coisas vão ficar mais fáceis.

—Eu não quero isso mais fácil, - Boston mordeu fora. —*Eu quero isso acabado*. Eu quero Daniel Stracht. Quero fazê-lo pagar pelo que fez.

Dr. Patron encontrou meus olhos, movendo seu olhar para Boston. Por momentos, ele não falou.

—Eu sou responsável. Eu me culpo por não ter visto isso antes. Talvez se eu resolvesse isso um ou dois dias antes, Lucy ainda estaria viva. Tenho estado tão distraído ultimamente, e o que aconteceu cai sobre mim. Por isso, você tem minhas mais profundas e sinceras desculpas. Se você quiser Daniel, farei tudo ao meu alcance para caçá-lo e entregá-lo a você. Ele não vai se safar dessa Boston. Não vamos deixar.

—Não vamos falar sobre isso agora. - Eu trouxe a mão de Boston ao meu peito, atraindo toda a sua atenção. —A vingança virá. Se alguém apoia isso, sou eu. E você pode garantir, eu irei te apoiar no que for preciso. Mas não cometa o mesmo erro que cometi com meu filho. Lucy não merece ter sua memória manchada com o pensamento repulsivo de Daniel. Desta vez é sobre ela. O amor dela. O *amor que vocês dois compartilharam*. Sinta. Abrace-o, sabendo que é a coisa mais pura que nosso mundo comporta. Concentre-se nela pelos próximos dias ou semanas. Então, quando chegar a hora, e você mais do que ninguém saberá.... então, Daniel.

Boston piscou em rápida sucessão, parecendo levar minhas palavras a sério enquanto assentia.

—Você está certo. É a hora de Lucy. Ela merece isso. Ela merecia o melhor. Eu tentei ... quero dizer, - ele inalou trêmulo, sendo sugado de volta por sua dor, —Eu tentei dar o mundo a ela. *Ela era meu mundo*. Tudo o que fiz, fiz por ela. - Ele tirou o anel do bolso, segurando-o no punho enquanto abaixava a cabeça para conectá-lo. Minha mão subiu por suas costas e eu me levantei, ainda de frente para ele.

—Vou fazer café e pedir comida. Você tem que tentar comer alguma coisa. Já se passaram horas e você não tomou café da manhã. Mesmo que seja algo pequeno, você precisa de força. Quer que eu escolha ou quer algo em particular?

—Eu ... café parece bom.

—E quanto à comida? Estou mandando. Você pode escolher, ou eu posso.

—Boston gosta de pizza. Amantes de carne.

Eu balancei a cabeça para o Dr. Patron quando Boston abaixou a cabeça novamente. Ele não falou e duvidei que comesse, mas precisava fazer alguma coisa. Eu não queria que ele enfrentasse as dificuldades que eu passei quando finalmente fui libertada por *Ninguém*. Concentrei-me na vingança quando deveria ter lamentado a perda de meu filho. Não consegui recuperar aquele tempo. O que pude fazer foi o meu melhor para ver que Boston não seguiria o mesmo caminho.

Colocando o café, liguei para a entrega da pizza. Quando o Dr. Patron entrou na cozinha, dei a ele uma das canecas. Nós dois roubamos olhares de Boston. Ele não se moveu muito desde que eu saí. Ele nem parecia estar aqui.

—Liguei para Joy. Ela está simplesmente arrasada. Eu disse a ela que os avisaria quando ouvisse um cronograma para o funeral. Ela vai fazer os arranjos.

—Boa. Não quero que Boston tenha que passar por isso. É difícil. Ele precisa se concentrar em si mesmo agora. Sobre ele e Lucy.

Enxuguei uma lágrima, percebendo meu próprio tremor. Meus olhos se abriram e se arregalaram. Olhei para Boston, tentando ficar quieta enquanto me dirigia para o quadro de cortiça. Tirei-o da parede, recusando-me a olhar as fotos enquanto as mantinha afastadas. Quando abri a porta da garagem, coloquei-a do lado de dentro, de frente para a parede. O Dr. Patron estava esperando quando voltei.

—Pensamento inteligente.

—Ele não precisa ver isso. Eu realmente esqueci que estava lá. Estamos usando o mapa. Talvez eu devesse ter tentado integrar os dois. Talvez se eu tivesse ... talvez eu já tivesse ... - Eu parei, pegando seu café. Eu não conseguia pensar em nada além de e se. Eles estavam me comendo viva. Como eu falhei? Eu era mais esperta do que isso. Eu deveria ter encontrado ela.

—Você tinha todas as suas bases cobertas. Nada naquele tabuleiro teria feito diferença. Eu sei. Eu olhei para isso antes. Vamos. Vamos pegar um café para ele. - Dr. Patron colocou sua palma na parte superior das minhas costas, me guiando. Boston olhou para o nosso abordado, seu rosto mudando rapidamente por várias emoções. Ele ficou quieto, tomando o café enquanto eu me sentei.

Olhos injetados de sangue se inclinaram, retornando ao líquido escuro enquanto ele soprava por cima.

—Anna ... você ama Braden?

Minha boca se abriu, mas a pergunta estranha gerou uma resposta. —Eu disse que sim.

—Quero dizer, *realmente* o amo. Como se você não pudesse imaginar existir sem ele. Como cada respiração, cada batimento cardíaco, clama por ele. *Pertence a ele*. Você se sente assim?

—EU...

—Boston. - O Dr. Patron balançou a cabeça com força. —Não agora.

—Estou curioso. Quer dizer, posso dizer sem um pingo de hesitação que sinto isso por Lucy. Quero saber se Anna sente isso por Braden.

Estudei Boston enquanto ele fazia o mesmo comigo. —Eu amo Braden. Nós passamos por muito. Demoramos para resolver o que aconteceu, mas acho que finalmente estamos chegando lá. Perdendo Roman ... - Eu limpei minha garganta e mudei com a forma como minhas entranhas se torceram. —Perder Roman quase me matou. Eu afastei todos, incluindo Braden.

—Mas a morte do seu filho não foi a única razão pela qual você se isolou do detetive, foi?

Meu olhar foi para o Dr. Patron, e Boston olhou entre nós, confuso.

—O que ele quer dizer?

—Janneke.

O café espirrou na lateral da minha caneca quando a bati contra a mesa de café.

—Como você sabia sobre ela?

—Anna. - Dr. Patron respirou fundo, mantendo suas palavras e ações lentas. Meu pulso estava batendo tão forte que eu estava tremendo de novo. —Sei que agora não é a hora, mas senti que a oportunidade estava lá desde que Boston trouxe o assunto. Detetive... Braden, ele mudou quando pensou que você estava morta. Ele seguiu em frente com esta mulher, e isso claramente machucou você. Não tenho certeza se você está lidando com a dor de maneira adequada.

—Era café, - eu grunhi. —Café. Talvez jantar, e não foi nem mesmo um encontro assim. Nada aconteceu.

—Sua raiva sobre o assunto me diz que você acredita de outra forma. Essa mudança de mentalidade está ajudando ou prejudicando você? Negar a verdade não irá beneficiar você ou ele se você quiser continuar seu relacionamento. A mágoa que você guarda por causa dessa traição retornará. Virá em argumentos. Ele vai se infiltrar durante seus momentos mais felizes. É isso que você quer? Para viver uma vida construída em torno de questões não resolvidas?

—Ele estava saindo com outra mulher? Tão rápido? - Boston não conseguiu esconder seu desgosto ou choque. Isso trouxe as emoções cruas de volta cem vezes. Jurei matar Janneke. Agarrei-me ao fato de que sua morte nos restauraria..., mas seria? Não. Dr. Patron estava certo. Eu estava afastando a verdade. Meu amor por Braden estava me fazendo ignorar os fatos. Mas os fatos

não eram como ele insinuava. No meu íntimo, eu sabia a verdade, mesmo que doesse.

—Braden não tinha ninguém. Janneke foi à nossa igreja. Éramos amigas íntimas. Com o passar dos meses, o tempo cobrou seu preço. *Ninguém* ... ele não estava apenas me torturando, ele estava torturando Braden. É fácil omitir nomes, -eu disse, olhando para o Dr. Patron. —, mas o fato é que você não estava lá. Você não tem ideia do que qualquer um de nós passou. Claro, doeu saber que Braden a escolheu de todas as pessoas para desabafar. Mas foi circunstância. Um encontro que os aproximou. Nada mais. Nenhum procurou o outro no início. Ela o ajudou quando de outra forma ele teria ficado isolado e se matado pela culpa que sentia. Quando você me disser para enfrentar isso, quando pronunciar o nome dela para tentar me convencer a lidar com o que aconteceu, sei que sim. Cada segundo do dia, eu faço.

O silêncio foi recebido com Boston agarrando minha mão. O que quer que ele tenha pensado sobre a situação, ele não disse. Mas não me importei. Boston nunca iria entender, porque ele não era como todo mundo. Ele tinha a maldição da obsessão. Funcionou com Lucy, mas acabou. A verdadeira definição entraria em ação agora que ele a perdeu. Se isso significasse um novo alvo, ou se a condição se apegasse a uma garota morta, as consequências para ambos poderiam ser desastrosas.

Capítulo 34

M

Eu pensei que as coisas iriam ser fácil? Eu presumi que Boston voltaria para a cidade natal dele e de Lucy para o enterro? Que pudéssemos superar sua dor e construir algum tipo de parceria próxima como médico e paciente enquanto ele matava de novo? Sim. Mas a cada hora, a cada dia, nada saía conforme planejado. Ele não confiava em mim para obter ajuda como eu tinha ficado esperançoso. Boston estava fora de controle, tomando decisões que eu nunca teria imaginado.

—Diga-me novamente o que está acontecendo com meu filho? Rockford? Por que ele enterraria Lucy lá? Por que está me dizendo que não vai embora?

Joy não conseguiu conter sua raiva. Era tão estranho para sua personalidade, mas eu sabia que os eventos e medos estavam tomando conta. E ela tinha todo o direito de ter medo. Mesmo eu não tinha certeza do que pensar.

—Boston está perdido agora. Ele não está vendo além de sua necessidade de ver justiça para Lucy. Eu acredito que ele pensa que o assassino dela ainda está na área. Com sua condição, eu deveria ter esperado isso. Seria natural para ele manter um apego ao último lugar onde ela estava viva.

—Mas Rockford? *Eu o quero em casa.*

—Eu sei. Nós dois sabemos.

—Ele sofreu uma lesão cerebral traumática. Traumático, doutor, além da obsessão. Olhe para ele. Ele nunca sai do lado daquela mulher. Não posso evitar o medo, ela é a nova Lucy? Terei que me preocupar com ele matando seu ... amante? *Ela está com o detetive*. Deus, se Boston ...

Joy enxugou furiosamente as lágrimas, olhando através da sala de estar de Anna para os convidados que prestavam homenagens na sala de jantar. Não havia muitos, mas depois que Anna levou Boston para a igreja, o fluxo de apoio para ele parecia não ter fim. As pessoas vinham em momentos estranhos. Eles trouxeram comida e ofereceram orações. Era tão diferente de tudo que eu tinha visto em Boston exposto. E ele parecia bem com isso. Mesmo abraçando sua presença às vezes.

—Traumático ou não, não tem nada a ver com suas ações. Dê a ele algum tempo. Esta é a pior coisa que poderia ter acontecido. O tempo vai curar suas feridas. Quando isso acontecer, vou trazê-lo para casa.

—Certamente, você não vai ficar muito mais tempo.

—Eu não posso negar que tenho compromissos chegando. Já cancelei muitos, mas posso esperar mais alguns dias. Depois disso, vou pular. Tenho uma boa base na área e isso ajuda.

—Obrigado. Você fez muito por nossa família.

—Não me agradeça, - eu disse, dando-lhe um abraço rápido. —Boston é como um filho para mim. Você sabe disso.

—Eu sei. Eu nem quero pensar onde ele estaria hoje sem você.

—Então não faça. E também não se preocupe com o futuro. Ele me tem. Ele sempre vai. Por que não vamos falar com ele? Acho que uma pausa de todos faria bem a ele.

Joy me deixou liderar, e Anna, Braden e Boston olharam para nós quando nos aproximamos. O cachorro sentado ao lado de Braden parou de abanar o rabo quando nos aproximamos. Ignorei a maneira como todos observavam cada movimento meu. Eu não gosto de animais. Especialmente cães de pelo comprido, mas mantive minha antipatia sob controle. Um casal apertou a mão de Boston e esperei que eles se movessem antes de nos aproximar. A escuridão estava permanentemente gravada sob os olhos inchados de Boston, e ele estendeu a mão, esfregando-os, como se pudesse detectar meu foco.

—Sua mãe e eu estávamos apenas conversando. Por que não vamos dar um passeio ou passear de carro? Seria bom para você sair um pouco.

—Estou bem.

—Boston. - Anna segurou a mão dele, apertando-a. —Você parece cansado. Hoje está sendo um longo dia. O ar fresco pode lhe fazer bem.

O conflito surgiu enquanto seu olhar permanecia enraizado no dela.

—Pode te fazer bem também.

O silêncio jogou entre eles, e a mandíbula de Braden flexionou repetidamente. Anna deu a todos nós um sorriso antes de puxar Boston para o lado. Eu não conseguia ouvi-la enquanto ela sussurrava para ele, mas não tive problemas em ler seus lábios.

—Boston, você tem que ir.

—Eu não quero ir embora.

—Nem mesmo se eu achar que é o melhor para você? Nem mesmo se eu quiser?

—Anna, não.

—Nós dois sabemos o que está acontecendo aqui. Estou dizendo não. Você tem que ir. Dê um passeio, nada mais.

—Ele ainda não foi pego. Você não está segura.

—Eu estou. Eu tenho Braden. Além disso, sou muito boa em me defender. Eu acho que você ficaria surpreso se soubesse o quão sou boa.

O interesse vacilou. —*Você vai me mostrar?*

—*Agora mesmo? Não vamos assustar os normais. Eles podem suspeitar que somos diferentes.*

Boston sorriu e depois riu - algo que eu não o via fazer desde Lucy. Ele se inclinou para frente, pressionando os lábios na bochecha de Anna. Seus olhos estavam nublados com lágrimas, mas ele balançou a cabeça.

—Uma pequena caminhada, - ele disse, virando-se para nos encarar. —Apenas um ou dois quarteirões.

—Excelente.

O olhar estreito de Braden seguiu a retirada de Boston, e eu tomei nota, deixando minha antipatia por ele contagiar. Eu me dirigi para o ar fresco da noite, me movendo ao lado de Joy e Boston enquanto cortávamos o quintal para a calçada. Boston surpreendentemente manteve seu ritmo em uma velocidade mais lenta, respirando profundamente enquanto examinava as casas vizinhas. Percorremos meio quarteirão antes que a voz de Joy quebrasse o silêncio.

—Querido, enquanto estamos longe de todos, eu esperava fazer algumas perguntas.

Boston manteve sua atenção longe de sua mãe, mas seu rosto endureceu.

—O que você quer saber? Achei que já tivéssemos discutido tudo. Vou ficar.

—Sim. Sobre isso. Quando você diz ficar, quer dizer longo prazo? Você quer dizer que vai criar raízes aqui?

—Raízes? - Ele olhou por cima, raiva e dor fluindo. —Minhas raízes já estão enterradas, e não por uma escolha minha. Então, sim, eu acho que você poderia dizer isso. Eles estão aqui, mãe. Eles não vão embora.

—Mas por que?

—Alegria. - Tentei não estremecer, mas ela não entendeu.

—Por favor. Boston precisa me ajudar. Estou confusa. Este lugar era um pesadelo para Lucy. Esta não era sua casa. Flórida, eu poderia entender. Mas aqui? Boston, querido, você está perturbado com o que aconteceu. Deixe-me fazer arranjos. Deve haver algo que possamos fazer para mover o corpo de Lucy ...

—Não! - Boston deu um solavanco até parar, ofegando por sua raiva. —Não vamos embora. Não até ... *Não*. Eu não vou tê-la tão longe enquanto estou aqui terminando isso. Ela e eu ficamos juntos. Juntos! Isso é *para sempre*.

As lágrimas correram pelo rosto de Joy enquanto Boston corria rápido para longe. Ele arrancou o paletó, jogando-o no chão. O empate seguiu rapidamente. Não teve chance de atingir o cimento antes de sair correndo.

—Vá para dentro. Eu vou cuidar dele.

Eu não esperei pela resposta dela. Saí correndo, mantendo distância, mas sem perder de vista. Boston dobrou a esquina e ele simplesmente continuou. O

ar queimou meus pulmões e as cólicas tomaram conta depois de uma boa milha e meia. Nós avançamos mais profundamente em áreas residenciais, continuando até que ele se curvou, arfando no jardim da frente de alguém. Levei meu tempo para me aproximar, me alimentando de seu coração partido. Minha mão pousou em seu ombro, oferecendo um conforto que eu sabia que ele não queria. Ele estava tão distante de mim, e eu tinha que corrigir isso.

—Não consegui nem dizer adeus cara a cara. Perdi a única pessoa que amarei e tive que olhar para a porra de um caixão para fazer as pazes. - Ele soluçou, levantando-se enquanto tentava recuperar o fôlego. —Que tipo de merda é essa? A porra de um caixão é o que eu confessei meu amor. - Ele balançou a cabeça, agarrando seu cabelo quando um rugido profundo o deixou. —Quando eu o encontrar. Quando eu encontrar Daniel—

—Você vai fazê-lo sofrer como ninguém nunca.

Boston concordou. —*Sim.*

—E eu vou fazer isso acontecer. Se Daniel tem uma pessoa de quem pensa que pode contar, essa pessoa sou eu. É apenas uma questão de tempo, Boston. Ele vai ligar e, quando o fizer, você e eu estaremos lá para fazê-lo pagar.

—Mas quanto tempo isso vai demorar? Eu ... eu preciso dele agora. Ele precisa pagar agora!

Calor gotejou em meu peito, e olhei ao redor do local desconhecido como o caçador que eu era.

—Daniel não pode pagar ainda, mas e se eu conhecesse alguém que merecesse morrer? Você estaria interessado?

—Who?

—Caminhe comigo.

Boston me seguiu, olhando para mim atentamente enquanto caminhávamos de volta na direção que tínhamos vindo.

—Através de minhas conversas com Anna, descobri um homem. Um que ela quer morto mais do que qualquer coisa. Ela claramente o mataria, mas cada oportunidade que ela tem é prejudicada por uma coisa ou outra. Acontece que sei que ele acabou de voltar para a cidade. Talvez possamos tomar medidas com nossas próprias mãos? Quero dizer, se alguém merece morrer, é a única pessoa que ajudou o sequestrador de Anna a mantê-la em segredo. Ele mentiu para a polícia, Boston. Ele sabia que ela estava sendo torturada e permitiu que isso acontecesse.

Boston parou, seus olhos brilhando de fúria. —Onde podemos encontrá-lo?

Eu olhei para o meu relógio. —Ele é um corredor noturno. A oportunidade está aí. Se pudermos alcançá-lo no final do caminho, podemos avançar. Está escuro lá, e o local mais seguro para um sequestro.

Ele fez uma pausa quando a suspeita surgiu. —Você pensou sobre isso. Você já planejou isso.

—Para Anna, - frisei.

—Anna. Corrida. *Claro* ... - Boston fechou os olhos, respirando fundo. —Acho que não. Isso é coisa de Anna. Eu não gostaria que ela tirasse Daniel de mim.

—Eu entendo isso, mas Anna está tentando se encontrar agora. Você a ouviu. Com Braden sempre lá e sua confusão sobre para onde sua vida está indo, talvez isso não fosse uma coisa tão ruim. E se a cabeça dela não estiver no jogo e ela for pega ... *ou pior*? Davis cuida muito bem de si mesmo. Ele está sempre correndo ou malhando. Ele poderia facilmente dominá-la. Você quer que algo aconteça com ela? Pense nisso. Você perdeu Lucy. Você pode arriscar perder Anna também?

Boston rosnou, puxando-me um centímetro de seu rosto. —Ninguém vai machucar Anna.

—Exatamente. Esses são meus pensamentos, - eu disse, me libertando. —Ela nunca poderá saber. Pode ser nosso segredinho. Vamos terminar isso para ela começar a se curar. O que você disse?

Capítulo 35

Detetive Casey

Pela primeira vez no que parecia ser um bom tempo, o céu estava sobre mim. Os visitantes se foram, a casa estava vazia de todos, exceto eu e Anna. Felicidade. Eu nunca pensei que isso aconteceria. Especialmente depois que a Sra. Marks apareceu de volta em casa chateada. Supostamente, Boston havia fugido e o Dr. Patron foi atrás dele. Ela esperou três horas antes de receber uma ligação. Ambos estavam bem, e o Dr. Patron conseguiu convencer Boston a uma sessão. Foi puro alívio quando a pegaram e partiram. Agora, éramos só eu e Anna, e do jeito que ela estava olhando para mim, nua sob os cobertores ... *a noite era nossa.*

Eu levantei minha mão, colocando um cacho solto atrás de sua orelha enquanto me movia para roçar meus lábios nos dela. A fome que me encontrou trouxe meus dedos mais fundo em seu cabelo, apertando contra os fios sedosos. Um suspiro nos separou apenas um momento antes de sua boca esmagar a minha. Anna empurrou seus seios em meu peito, aplicando pressão enquanto me rolava de costas. O sorriso que brilhou foi rápido e cheio de sedução. Ela me queria. E não apenas um deseja comum, era mais *desejo que o comum.* As profundidades eram ilimitadas. O buraco negro de desespero que nos dominou tinha uma corrente da qual não podíamos escapar. Éramos eu e ela. Sempre seríamos nós.

O peso caiu sobre a parte inferior do meu pau duro, registrando contra meu estômago e peito enquanto ela se abaixava em cima de mim. O balanço suave foi encontrado com sua umidade enquanto se provocava ao longo do meu comprimento. Eu não pude evitar de apertar sua bunda e esfregar contra ela. Com firmeza, segurei sua nuca. Quanto mais nos beijávamos, mais gemíamos com o atrito.

—Eu estive esperando por isso, - eu suspirei. —Eu quero você.

—Mostre-me.

Eu a girei de costas, arrastando minha boca ao longo de seu pescoço para chupar sua pele sensível. As pernas de Anna se espalharam mais, abrindo para mim ainda mais enquanto eu beliscava seu peito. Eu escovei as pontas dos meus dedos sobre suas dobras, extraindo um suspiro profundo enquanto colocava um dos meus dedos em seu canal. O arco profundo de suas costas me fez levantar. A visão não se compara ao que vi em meus sonhos. Os cachos loiros de seu cabelo caíam sobre os lençóis escuros, e seus seios fartos projetavam-se para o

teto. Com o quanto suas pernas estavam abertas, ela não segurou nenhuma restrição para o que estava acontecendo. Ela estava abraçando isso. *Abraçando-nos.*

Mais fundo, entrei, apenas para retirar e colocar outro dedo dentro. Ela estava tão molhada e pronta. A resposta de seu corpo combinou com os sons agradáveis que ficavam mais altos a cada respiração. Eles me cobriram, aquecendo meu coração enquanto eu estendia a mão para apertar contra seu mamilo. Eles já estavam tão duros. Tudo sobre ela me dizia que era isso.

—Braden. - Olhos castanhos se abriram e ela segurou meu pulso enquanto se movia contra minhas estocadas. Mordi meu lábio, facilitando a direção de nossas mãos até que estivessem no mesmo nível que eu estava dando prazer a ela. Quando peguei seu dedo indicador, levando-o para seu clitóris, a surpresa surgiu. Ele desapareceu tão rápido quanto ela se achatou sobre a protuberância sensível e começou a se mover em um movimento circular. A visão transformou meu sangue em fogo. Eu mal me lembrava de estender a mão para provocar seus seios novamente. Eu assistia, fascinado e tão apaixonado por ela que não conseguia pensar direito.

—Porra, bebê. Não se mexa. Continue fazendo isso.

Tirei meus dedos, deitando no meu estômago enquanto trabalhava minha língua ao longo do interior de suas dobras. Quando mergulhei em sua entrada, Anna gritou. Mais rápido, ela trabalhou sobre seu clitóris, movendo-se contra meu rosto enquanto eu empurrava. Dedos agarraram meu cabelo e sua cabeça estava levantada. O gosto tomou conta de mim, e eu não conseguia o suficiente quando comecei a foder e chupar toda a sua boceta. Por minutos, não paramos de olhar um para o outro. Eu não tinha certeza se nenhum de nós poderia.

—Isso é tão bom. Eu... Braden. Venha aqui em cima.

Ela puxou meu cabelo, mas eu balancei, deixando seus sucos molharem meu rosto.

—Venha, então eu vou te dar o que você quer.

—*Braden.*

—Você está tão perto. Eu quero provar. Venha.

Eu aliviei minha língua de volta em seu canal, fodendo com seu ritmo. Não demorou muito para que espasmos e gritos enchessem o espaço. O corpo de Anna sacudiu quando movi seus dedos e chupei seu clitóris. Quando voltei para prová-la, o sabor não durou. A impaciência fez com que Anna me puxasse com mais força, e eu estava muito feliz de me mover para cima e entrar lentamente dentro dela.

O aperto abraçou meu pau, fazendo meu sangue esquentar ainda mais. Quando eu avancei, juntando nossas bocas, eu não pude deixar de me

esfregar e me enterrar dentro dela. Eu mantive meu ritmo lento, saboreando a forma como ela reagia a cada impulso.

—Eu quero tornar isso permanente conosco novamente. Anna ... *eu preciso de você.*

Eu não diminuí ou parei enquanto a deixava procurar uma resposta. Eu mantive nossos olhos conectados, ainda beijando enquanto pequenos gemidos escapavam de seus lábios. Unhas cravaram em minhas costas e eu a vi se render muito antes de falar.

—Você quer ser exclusivo de novo? Um casal?

—Até que você esteja pronta para mais. Mas não vou mentir. *Eu quero tudo isso.* Não há ninguém para mim além de você. Desde que nos amemos, podemos superar qualquer coisa. Olhe para nós. - Eu a beijei com força, envolvendo minha mão na parte de trás de sua cabeça para que meu polegar pudesse acariciar sua bochecha. —Olhe para nós, - enfatizei. —Já suportamos o pior e ainda nos amamos. Isso é real. Verdade. Vamos tornar isso oficial. Seja minha de novo.

O suor gotejou minha pele por mais razões do que controlar minha liberação. Minha vida girou em torno de sua resposta. Minha felicidade ... ela segurou tudo. Claro, meu mundo não acabaria se ela dissesse não, mas poderia sair do controle. Eu nunca desistiria. Eu não pude.

—Você quer que haja um nós. Eu posso ver, A rúnsearc. Conte-me.

O prazer se intensificou quando ela envolveu suas pernas em volta da minha cintura. Empurrei mais fundo, retirando-me e batendo nela com uma força que teve minha atenção indo para seus seios. Apertando seu mamilo, deixei uma das minhas sobrancelhas levantar.

—Bem?

—O pensamento tem apelo.

—Recurso? - Eu mergulhei nela novamente, fazendo-a engasgar. —Você gosta disso, hein?

—Novamente.

—Tenho uma ideia melhor.

Eu a virei e a coloquei de quatro. Um gemido saiu de nós dois quando entrei nela novamente. O lado suave e romântico se foi. Eu a deixei se ajustar, deslizando para dentro e para fora lentamente. Os dedos se cravaram no colchão e, quando ela estava arqueando para me aprofundar, comecei a enfiar meu pau nela. Mais gritos. Belos sons de encorajamento.

Envolvendo meus dedos em seu cabelo, eu me afastei, trazendo-a perto do orgasmo enquanto ela se apertava em torno de mim.

—Você pode continuar tentando evitar uma resposta, mas você é minha, quer aceite ou não. Você sabe disso, não é

—Braden.

—Não era uma pergunta. diz! Você sabe.

—Sim. Sim!

—E você quer ser minha, certo.

Eu a fodi mais forte, quase gozando quando seu aperto em volta do meu pau se tornou quase doloroso. Com um puxão em seu cabelo, Anna choramingou.

—Sim, mas-

—Não. Você acabou de dizer isso. Somos nós. Anna e Braden, namorado e namorada. Mais, se você me der isso. Nós nos amamos. Nada mais importa.

—Por favor. *Braden.* - Ela respirou fundo quando eu abaixei meu peito contra suas costas e estendi a mão, segurando seu ombro. Usei o aperto para me esfregar nela sem piedade.

—Eu te amo. Diga, porque Deus sabe que preciso ouvir.

—Eu te amo. Eu te amo, - ela disse, virando-se para encontrar meus lábios.

—Olhos abertos, bebê. Veja nosso novo começo. *Me veja.*

As lágrimas brotaram e caíram no lençol enquanto nossos lábios se roçavam. Ainda assim, eu empurrei, torturando nós dois enquanto tentávamos o poder do destino. Ele tentou nos separar uma vez. Eu estava aqui para ter certeza de que não aconteceria novamente.

—Minha?

—Sim.

Movendo meus quadris, empurrei novamente.

—Minha?

Em sua pergunta de espelhamento, eu a beijei com mais força, aumentando minha velocidade. Foi tudo o que levou para Anna quebrar. Seu corpo balançou, tremendo enquanto ela se agarrava a mim. Uma respiração quebrada se misturou com meus gemidos profundos e eu inchei, respondendo enquanto gozava dentro dela.

—Para sempre, sempre e sempre.

Algo brilhou no rosto de Anna semelhante a uma surpresa ou pausa, mas ela engoliu em seco, balançando a cabeça, derramando mais lágrimas.

—Sempre.

Capítulo 36

Anna

O cheiro de bacon e café encheu o ar quando saí do banheiro. Um bocejo veio e eu me estiquei, indo para a cozinha. Onde eu esperava ver Boston dormindo, ou suas cobertas e travesseiros estendidos no sofá, eles não estavam. Eu diminuí, tentando afastar a preocupação enquanto fazia meu caminho para Braden.

—Bom Dia. Com fome?

Eu sorri, envolvendo meus braços em volta dele por trás. Ele já estava vestido com um terno, e eu sabia o que isso significava. —Estou faminta. Você não precisava fazer isso, no entanto.

—Você está brincando comigo? São as pequenas coisas, Anna. Eu senti falta disso. *Senti nossa falta.*

Ele se virou, abraçando-me enquanto nos beijávamos. Na abertura da porta da frente, nossos lábios se separaram e olhamos.

—Oh. - Boston fez uma pausa, facilitando a porta fechada. —Eu sinto muito. Eu deveria ter ligado ou algo assim.

—Não, não se preocupe com isso. Está com fome? Braden está fazendo café da manhã. Ele faz as melhores panquecas. Você deve prová-los. Elas são *incríveis.*

—Estou fazendo bacon e ovos.

—Eles são fofos e dão água na boca.

—Anna. - Ele apontou para o bacon frito.

—Espere, Boston. Você nunca mais vai querer panquecas de qualquer outro lugar.

—Mas ... Anna ... bacon.

—E panquecas?

Ele riu, me fazendo cócegas antes de me puxar para outro beijo.

—Você quer um pouco. Bem. E panquecas. Você já comeu?

Boston me lançou um olhar desconhecido, engolindo em seco antes de se mover para olhar para Braden. —Eu, uh ... o café da manhã seria ótimo. Obrigado.

—Você está bem?

Não pude evitar a preocupação em meu tom. —Onde você foi?

—Eu fiquei na casa do Dr. Patron. Conversamos a maior parte da noite.

—Oh. Bem, ótimo.

Fui para a despensa, retirando três canecas de café. Boston se aproximou, mas havia uma lentidão em seus movimentos. Quase como se ele estivesse caminhando em uma névoa.

—Na verdade não. - Ele tirou a jaqueta, colocando-a nas costas de uma das cadeiras da sala de jantar. Ele parecia esquecer o que estava fazendo enquanto estava lá perdido em seus pensamentos. —Posso ajudar?

—Na verdade, - eu disse, colocando a caneca de Braden no balcão ao lado dele antes de focar em Boston, —sim, você pode. Beba isso.

—Você é muito boa para mim. Seriamente. Braden, você é um homem de sorte.

—Fale-me sobre. Eu estava pensando a mesma coisa.

Eu me aproximei, colocando o copo na frente de Boston. Quando me sentei na cadeira ao lado dele, ele manteve meu contato visual. *Algo* ... um segredo? Ele queria me dizer algo. Minhas sobrancelhas levantaram e eu inclinei minha cabeça, esperando. O olhar o fez se mexer desconfortavelmente na cadeira. Ele pegou seu café, bebendo enquanto se recusava a se virar.

—Eu ... uh ... deixei minha mãe no aeroporto antes de vir para cá. Ela está indo para casa. Ela tentou me convencer a ir, mas recusei. Ela não entende por que estou ficando. - Ele fez uma pausa, soltando um grande suspiro. —Como ela espera que eu vá embora com Daniel ainda solto? Como se eu pudesse simplesmente sair daqui como se nada tivesse acontecido e seguir em frente com minha vida? Isso me deixa perplexo. Ela mencionou a escola no caminho para o aeroporto. *Escola.* Inacreditável.

—O que você vai fazer?

Boston ficou em branco com a pergunta de Braden, piscando algumas vezes antes de tomar um gole de café.

—Eu vou encontrar um lugar. Arrumar um emprego. Espero isso, eu acho.

—Eu tenho um lugar. - Braden se virou, apontando para o lado. —Os apartamentos na mesma rua. Eu tenho um lugar lá. Já que Anna e eu estamos juntos de novo para sempre, acho que desistiria de qualquer maneira.

Observei cada pequena reação enquanto Boston olhava entre nós.

—Sério. Muito bem? Eu ... uau. Parabéns. Estou feliz por vocês dois.

—Posso levar você para olhar mais tarde, se quiser. Eu tenho que pegar o Bullet dos vizinhos, de qualquer maneira. Se eu soubesse que você estaria aqui, teria esperado, e você poderia tê-lo deixado comigo. O lugar não é nada sofisticado, mas é mobiliado. E você me salvaria da dor de cabeça de colocar tudo de volta no armazenamento.

—Você disse que é mais adiante?

—Sim. Apenas a um quarteirão de distância. Você pode ver da garagem.

—Acho que já vi os apartamentos antes. Eu sinto muito. Estou cansado. - Boston esfregou o rosto. —Eu gosto deste local. Eu acho que isso poderia funcionar.

—Perfeito. Tenho que sair por algumas horas e fazer a papelada, mas posso mostrar a você quando voltar.

—Parece bom para mim. Eu poderia dormir algumas horas depois da noite que tive.

—Você terá paz e sossego. Eu tenho que entrar para verificar algumas coisas também, então você terá a casa para você.

—Oh. Ótimo.

O entusiasmo se foi completamente quando a cabeça de Boston caiu. Tentei ignorar enquanto entrava para ajudar Braden, mas não conseguia evitar o quanto ele queria falar comigo. Pegando uma tigela, fiz a massa da panqueca, sentindo os olhos de Boston nas minhas costas. Várias vezes, me virei para ver que estava certo. Quando o café da manhã finalmente terminou, ele só parecia piorar. E eu deixei, porque eu podia sentir algum tipo de culpa. Eu não tinha certeza de como, mas estava lá. Estava crescendo a cada piscar daqueles grandes olhos castanhos de cachorrinho.

—Braden, obrigado pelo café da manhã. Alguma ideia do que você quer para o jantar? Posso pegar no meu caminho para casa.

Sua felicidade com a minha pergunta fez meu coração pular uma batida. Foi real, assim como o amor que compartilhamos. Meu único medo era perdê-lo. Ele só tinha visto meu verdadeiro eu uma vez. E se ele visse isso de novo? E se eu bagunçasse tudo por causa da minha necessidade de ajudar pessoas como Boston? Para se vingar daqueles que machucaram pessoas como eu e Lucy? Essa necessidade não iria embora.

—Espaguete. Deus, por favor ... com pão de alho e salada. Jesus, eu senti falta disso.

—Espaguete, então.

—Eu te amo. - Braden se levantou, beijando minha testa antes de ir para a cozinha colocar seu prato. —Eu odeio comer e correr, mas—

—Você percebe com quem está falando?

Ele riu, pegando seu telefone, carteira e chaves. —Você está certa. Vou vê-la hoje à noite.

Mesmo quando Braden me deu um beijo de despedida, Boston se contorceu. No momento em que a porta se fechou e ouvi a viatura se distanciar, girei sobre ele.

—O que aconteceu?"

—Anna, nós temos que conversar. Eu não achei que ele fosse embora.

—Por que ele teria ...? Oh Deus, você matou alguém.

—O que? Não. Quer dizer, não exatamente. Ainda não.

—*Boston.* - O nome saiu cortado quando me pus de pé. —Who? Não é algum inocente, certo?

—Não.

—Daniel? Você o encontrou?

—Não.

A raiva só me deixou mais confusa. —Who?

—Não fique brava.

—Brava? Por que eu ficaria brava?

—Porque eu não devo dizer a você.

Meus lábios se separaram. —Desculpe?

—Dr. Patron não quer que você saiba.

—Sabe o que? Jesus, cuspa isso.

Boston gemeu, balançando a cabeça. —Não sei por que pensei que poderia esconder isso de você. A coisa mais estúpida de todas. Eu não posso. Eu não posso deixar de te contar.

— *Então me diga.* O que é isso?

—Bem. Tiramos Davis Knight da pista de corrida ontem à noite. Nós o amarramos na casa de algum ... cliente, ou algo assim. Eu deveria matá-lo, mas não pude. Eu só ... sinto muito. Eu cruzei a linha. Eu sei disso.

O calor infestou meu rosto, descendo pelo meu pescoço e peito como alcatrão derretido. Boston ficou de pé, caminhando para ficar atrás da cadeira enquanto eu agarrava as costas da minha pela minha vida.

—Eu sabia que você ficaria chateada, Anna, mas sinceramente, pode ser o melhor. Conversei com o Dr. Patron e ele acha que você tem estado um pouco ... *confusa* ultimamente na vida ...

—Confusa?

Boston fez uma pausa. —Ele acha que sim, e ele estava com medo, não, *que* estavam com medo que algo poderia dar errado. Talvez você tenha muito em que pensar e alguém o localize, ou as evidências não foram tratadas de maneira adequada.

—Provas?

—Pare de me repetir. Merda. Estou tentando parecer menos idiota aqui.

—Impossível, porque o que você fez foi um movimento errado. Idiota! Idiota!

—Não diga isso. Eu não estava pensando. Eu me sinto mal. Por que você acha que estou lhe contando?

Eu olhei, pegando meu telefone do balcão. —Estou tão brava com você.

—Não.

—Sim! Louca, Boston. Brava. *Puta.* Eu nem tenho certeza se quero ver você de novo.

Eu poderia ter dado um tapa nele pela maneira como sua cabeça se ergueu para trás. —*Não diga isso.* Eu... eu comprei flores para você. Eles estão no meu carro. Não românticas. Tem um balão. É um pedido de desculpas.

—*Você não fez.* Oh meu Deus. *Boston.*

—Eu os teria trazido antes, mas vi o carro de Braden. Espere, eu posso pegá-los.

—Não se atreva.

—Apenas espere. Você vai gostar deles. Eu prometo. Trouxe outra coisa para você também.

—Boston-

Como um flash, ele abriu a porta e saiu correndo da casa. Quando ele voltou, Boston estava segurando uma série de rosas de cores diferentes e uma grande sacola de presente com o rótulo "*Me desculpe*" com papel de seda rosa transbordando.

—Isso não está acontecendo.

—Basta abri-lo.

—Se essa não é a cabeça do Dr. Patron, eu não quero. Eu não posso acreditar que ele convenceu você a levar Davis.

—Abra. Você sabe que quer, Anna.

Boston estendeu a bolsa, deixando-a balançar como um pêndulo na ponta do dedo. Eu olhei para ele, agarrando a corda trançada rosa e me recostando na cadeira. O papel de seda caiu no chão e minha testa se contraiu quando avistei caixas sobre caixas de doces. Havia até pacotes de pipoca soltos para micro-ondas. Eu alcancei, puxando um filme de terror clássico.

—Este é o seu pedido de desculpas?

—Você viu isso? O melhor assassino de todos os tempos. Achei que poderíamos ter uma noite de cinema. Faremos pipoca e comeremos nosso peso em doces. Agora que tenho você, podemos falar abertamente sobre o quão errados eles cometem as mortes. Os efeitos estão desligados, os braços não parecem assim quando você os vê. Você sabe, esse tipo de coisa. Vai ser ótimo. Nós podemos ... - Seu sorriso derreteu, deixando uma palidez fantasmagórica quando ele fechou os olhos. —O que eu estou fazendo? Porra. Eu ... isso não está certo. Quer dizer, está tudo bem porque somos amigos, mas eu não deveria estar tão fora do caminho. Só penso nela e me lembro. Lucy e eu sempre tivemos noites de cinema. Ficaríamos acordados até o nascer do sol apenas assistindo e rindo. Ela se encolheria com as partes sangrentas e enrugaria o nariz. Eu amei quando ela fez isso. Eu acho que quando eu trouxe as flores e então

vi o doce, ele clicou. Doce. Pipoca. Ela trabalhava no cinema antes de nos mudarmos para a Flórida. - Ele sorriu, olhando para a bolsa. —Ela sempre cheirava a pipoca. Eu amei quando ela finalmente voltou do trabalho. Melhor hora do dia para mim.

Eu fiz uma careta, entrando para pegar sua mão. —Sinto muito ... ainda não muda o que você fez. Estou além de brava com você.

—Você não pode ser. Basta dizer que você terá uma noite de cinema comigo. Diga que você me perdoa por quase matar Davis, e estamos bem de novo.

—*Estou tão brava com você, Boston.* Nós não estamos bem. Está errado.

—Mas eu comprei para você doces, flores e filme. Você não pode vencer isso quando você joga a pipoca.

No meu silêncio, ele pegou uma caixa, abriu-a e despejou doce em sua boca.

—Você não consegue vencer, Anna. É um símbolo de pura sinceridade. Coma um pouco. Você vai ver.

—Ugh. - Peguei a caixa, seguindo suas ações.

—Vejo. Você sente isso? Meu coração sangra de tanto machucar você. Está sangrando, Anna. Pressa. Diga que você me perdoa.

—Você é inacreditável.

—Anna.

—Não.

—Doce. Pipoca. - Sua mão se ergueu com o filme. —*Horror*.

—Eu não posso acreditar nisso. Bem. Você está perdoado.

—*Sim.*

—Não há mais presentes. E não mais aceitar conselhos do Dr. Patron sobre assuntos que dizem respeito a mim. Não acredito que ele o convenceu a fazer isso.

Boston abriu uma nova caixa de doces, encolhendo os ombros.

—Se isso faz você se sentir melhor, posso levá-la até ele.

—Para o Dr. Patron? Por que eu iria querer vê-lo? Eu não o suporto na maioria das vezes.

A confusão brilhou no rosto de Boston. —Eu estava falando sobre Davis, mas ... eu pensei que você e o Dr. Patron eram próximos? Tipo, muito perto.

—O que você quer dizer?

—Ele mencionou que vocês dois estavam conversando.

—Assim?

—Anna, tipo ... *falando*. Ele disse que você estava confusa sobre toda a situação de Braden. Ele fez soar como se você e Braden tivessem acabado, você só não queria machucá-lo. Ele mencionou que convidou você para um encontro. Pela impressão que tive, presumi que você foi. Sinceramente, eu estava

começando a pensar que você ia ficar com o Dr. Patron em breve. Você pode imaginar minha surpresa ao voltar para casa para ... bem, o anúncio de Braden.

—Incrível. Eu não posso acreditar que ele distorceu tudo assim. Boston, o encontro era Davis Knight. E eu recusei. Eu disse a ele que cuidaria disso sozinha. Que eu não *queria* sua ajuda. A única razão real pela qual eu aceitei sua proposta estúpida em primeiro lugar foi para que eu pudesse tentar ver o que ele estava fazendo. O que não me ajudou em nada como ele. Muito pelo contrário.

Boston silenciosamente mastigou seu doce. Eu podia ver sua personalidade mudando. Algo estava acontecendo em sua cabeça, e o cara divertido e descontraído que ele era momentos atrás se foi.

—Você está pensando em algo.

Silêncio.

—Conte-me. O que é isso?

Boston engoliu em seco, lambendo os lábios. —Ele totalmente me enganou. Ou talvez ele realmente acredite que você gosta dele. Eu ... - Ele ficou quieto, parando enquanto procurava as palavras para continuar. —Você já sentiu que algo não estava certo com ele? Tipo ... eu não posso colocar meu dedo nisso, mas há uma inclinação em tudo o que ele faz. As histórias se somam, mas a energia em torno disso não? Isso não faz sentido, - ele suspirou. —Deixe-me tentar de novo.

—Não. Acho que sei o que você quer dizer.

—Você? Você sente isso? É como insetos rastejando em sua pele ou quando seu cabelo fica em pé. Ele está falando, mas é como se o instinto dissesse que ele é um monte de merda.

—Eu percebi isso. Eu quase o matei, Boston. Naquela noite recebi o telefonema de Linda, tinha toda a intenção de não o deixar sair vivo daquela casa. Eu tinha tanta certeza que ela era Lucy ... *eu tinha certeza.*

Minha garganta apertou quando os gritos da mulher voltaram. —Eu conversei com ela por uns bons vinte minutos. Eu me relacionei com essa pessoa em um momento que eu tinha certeza que poderia ter sido o último. Ela estava com tanto medo. Esse medo era real. Isso foi ... *real.*

—A última coisa que ela me disse foi que o Dr. Patron estava vindo. Ela viu faróis. Ela estava tão apavorada. *Eu estava apavorada.* Quando cheguei ao local em que ela mencionou estar, eu procurei. Encontrei o telefone do Dr. Patron no campo, mas nenhuma garota. Quando voltei para casa, vi-o ferido e ensanguentado. Instantaneamente, meu coração se partiu. A mulher ... ela também não estava lá. Eu verifiquei a casa enquanto o mantinha sob a mira de uma arma. Ele continuou falando sobre Linda e suas personalidades. Ele me convenceu de que era sua paciente que ele abertamente admitia que estava

dormindo. Foi tão bizarro. Então ele ligou para o marido. Disse a ele que Linda havia escapado e o atacado, e ele estava a caminho do hospital. Parecia tão fora do lugar para mim. Eu ouvi a conversa, mas não parecia verdade. Veja! Não faz sentido. Tá tudo *errado*. Quer dizer, o Dr. Patron disse que contou a ela o que estava acontecendo. Que ele teve que faltar à consulta na semana seguinte porque estava ajudando você, mas como ela sabia o que Lucy sabia? Como ela me conhece? Como ela sabia sobre ...? - Eu congelei, sentindo meus olhos quase saltarem das órbitas. Minha mão voou para o meu estômago, me puxando para a toca do coelho do inferno. Levando-me de volta às garras de N*inguém*. O medo me fazia tentar proteger um bebê que não estava mais lá, mas eu não era eu, era a vítima, assim como Lucy havia sido.

—O *quê*? O que ela sabia, Anna? O *que ela disse?*

Minha boca se abriu, mas eu não conseguia falar. Eu não conseguia falar, porque de repente eu sabia. Pude ver claramente pela primeira vez. Pense com clareza ao relembrar os eventos em voz alta. As palavras da mulher destruiriam Boston. Mas e se o que eu de repente suspeitei fosse verdade? E se eu estivesse certo?

—Anna, fale! - No meu salto, suas mãos voaram. —Eu sinto muito. Eu não queria gritar. Por favor. Eu tenho que saber seja o que for, você tem que me dizer.

—Ela...

—Continue.

—Ela sabia.

—Sabia o quê?

Lágrimas escorreram de minhas bochechas enquanto eu agarrava meu telefone com todas as minhas forças.

—Ela estava com medo que eu ligasse para você. Com medo de ver você. Ela sabia que você matou a mãe e o irmão dela. Ela disse que o Dr. Patron havia contado a ela. Ela disse que confiava nele porque ele era um amigo.

—Oo quê?

—Ela estava com medo de você. Com medo de tudo - *de mim*. Ela sabia que eu também era uma assassina. Ele disse isso a ela.

—Com medo ... de mim? Assustada? Porque...

Nosso contato visual se quebrou quando seu olhar caiu em seu estado de escurecimento.

—Boston, é possível que ele tenha contado informações pessoais sobre você a essa paciente, Linda? Coisas *secretas* tão explosivas como essas? Pode ser Linda, mas apenas se ele quebrar o acordo de confidencialidade. Ele faria isso?

Os olhos de Boston cortaram, mudando ... ficando assassinos. —*Nunca.*

Capítulo 37

M

Para ter sucesso em qualquer objetivo, havia um certo ponto de falha que era preciso atingir. Foi onde as lições foram aprendidas. Onde o conhecimento foi adquirido. Eu havia chegado ao fundo do poço várias vezes em minha juventude para entender que esse era um passo vital no ciclo vicioso da vida. Mas onde a maioria aceita os estágios de sucesso, aprendi a manipulá-los. Projeção de perda foi a chave. Se você inventou os obstáculos, pode controlar o resultado.

Eu sabia que Boston iria correr para Anna. Eu sabia de uma forma ou de outra, eles começariam a colocar tudo junto. Não era que eu os quisesse também, mas fazia parte do processo, e eu havia aprendido a aceitar os altos e baixos há muito tempo. Não foi grande coisa. Eles podiam suspeitar de tudo que quisessem, mas não podiam provar nada, e era aí que eu venceria.

A vida tinha uma maneira de permitir espaço para o perdão. Boston poderia saber sem sombra de dúvida que eu matei Lucy, mas sem ver o ato se desenrolar, seu cérebro deixaria espaço para clemência. Misericórdia. Vergonha. Até mesmo compaixão, por mais louco que parecesse. Eu continuaria desempenhando o papel de um médico atencioso que o amava e, eventualmente, seguiríamos em frente. Mas hoje não era sobre Boston. Hoje, meu foco estava em Anna. Ela e eu tínhamos um longo caminho a percorrer. Havia apenas uma coisa no meu caminho para ter o que eu queria, e eu não podia permitir isso.

—Eu gostaria de denunciar um crime.

O detetive Casey ergueu os olhos da papelada em que estava concentrado. Ele piscou duas vezes antes de seus olhos se estreitarem. Ele não tinha certeza se eu estava falando sério ou não. E é exatamente assim que eu queria que ele reagisse. Ele não gostava de mim até certo ponto, e isso também estava bom.

—Outro crime?

—Bem, talvez. Eu teria lhe contado pelo telefone, só que você não está atendendo minhas ligações.

—Estou muito ocupado, se você não pode ver. Sente-se, doutor. - Ele se recostou na cadeira, clicando com a caneta enquanto seus olhos observavam cada pequena coisa sobre mim. Eu obedeci, mantendo meu corpo relaxado. Os sinais mistos que eu estava jogando estavam claramente funcionando enquanto ele examinava a bandagem na minha bochecha e voltou ao meu olhar. —Qual é o crime que você quer denunciar?

—Receio que este não seja o lugar para realmente falar sobre isso.

—Estamos em uma delegacia. Que lugar melhor?

Examinando a sala, inclinei-me para frente, mantendo minha voz baixa.

—É sobre Anna.

Toda a apreensão foi drenada de sua expressão enquanto ele repetia minha ação anterior e se aproximava de mim.

—E quanto a Anna?

—Como eu disse, este não é o lugar para se falar. Não quero ter que denunciá-la, detetive, mas, como médico, não posso manter isso na minha consciência. Se eu te contar, cumpri minhas obrigações. O que você fizer sobre a situação dependerá de você.

Braden flexionou a mandíbula, pegando as chaves da mesa. Quando ele se levantou e começou a andar pela estação em passos rápidos, eu o segui. O ar frio soprou com força enquanto saíamos e passávamos pelo estacionamento. Quando ele chegou ao outro lado ao lado de sua viatura, ele se inclinou contra ela, cruzando as mãos sobre o peito.

—Agora, e quanto a Anna?

—Receio que ela tenha feito algo. Algo horrível.

Medo. Proteção. Meu coração disparou quando seu queixo se inclinou em defesa. Ele conhecia a verdadeira dela, e ele estava disposto a ir tão longe quanto fosse necessário para mantê-la segura. Isso ficou claro quando ele me encarou. Era exatamente o que eu queria.

—Continue.

Peguei meu telefone, puxando as mensagens. Enquanto eu estava lá, examinei os que ela havia me enviado esta manhã. Eles trouxeram de volta a raiva e no momento em que soube que estávamos no estágio de fracasso.

—Aqui. - Virei o celular, dando a ele visão da tela.

Anna: Você foi longe demais na noite passada. Você achou que Boston não me contaria?

Eu: Não sei o que você quer dizer. Tivemos uma sessão. Nada mais.

Anna: Mentiras. Eu confiei em você quando contei sobre Davis Knight.

Eu: E você fez a coisa certa. Matá-lo só fará com que você seja pega. Estou aqui para te ajudar.

Anna: Não quero sua ajuda! Fique longe de nós.

A cor sumiu do rosto do detetive, apenas para retornar em tons de raiva profundamente vermelha.

—Davis Knight? Por que Davis Knight e por que ela está te contando isso?

—Você está chateado, isso é compreensivo-

—Claro que estou chateado! Por que Anna iria querer Davis Knight morto?

—Quer dizer que você não sabe?

A cabeça de Braden balançou um pouco enquanto seus olhos se estreitaram. Ele estava pensando em algo. Lembrando de algo que ele pode ter esquecido.

—Anna já disse o nome dele antes. Há muito tempo ... durante seu colapso quando ela matou ...

—Está certo. Ele e Rodney Turner, *Ninguém*, eram quase irmãos. Seus pais teriam se casado se Anna não tivesse matado a mãe de Davis. Certamente, você já sabia disso.

—Espera...

—Ohhh. Ele não era Davis Knight naquela época, era? Ele tinha um sobrenome diferente. Está certo. De qualquer forma, o querido Davis sabia que Rodney a tinha. Ele jogou dos dois lados, ajudando você, ajudando um homem que ele considerava um irmão. Anna quer vingança.

O detetive puxou a gravata quando o suor começou a brotar em seu rosto. Eu estudei cada movimento seu, deslizando o telefone de volta no meu bolso.

—Você ainda pode conseguir chegar a tempo.

—Do que você está falando?

—Eu tenho Boston cuidando dela. Eu sei onde eles estão. Ela *tem* Davis Knight.

—Merda!

Braden se atrapalhou com seu celular enquanto corria ao redor da viatura.

—O telefone dela está desligado, detetive. E ela não está em casa.

Ele parou na porta, o pânico envolvendo cada centímetro de seu ser. O que esqueci de dizer foi que o motivo do telefone dela estar desligado foi porque Boston o desligou. *Assim como eu pedi a ele.* Afinal, garanti que ele soubesse que não estava chateado com ele por confessar a Anna. Mas provavelmente era do interesse dela, com seu status recém-formado como um casal, que eu não pudesse entrar em contato com ela. Eu estava me apaixonando por uma mulher para quem não tinha direitos, e se soubesse que o telefone dela estava desligado, estaria menos inclinado a tentar. Ele parecia muito ansioso para me manter longe dela. Assim como eu sabia que ele seria.

—Onde ela está?

—Fora da cidade, cerca de meia hora de distância. Eu mostraria a você, mas temo que moralmente seria melhor eu não ir. Eu me importo com Anna. Não quero ser usado nos tribunais como testemunha contra ela. Eu tenho o endereço, se você quiser.

—*Sim.*

Aproximando-me do meu carro, fingi tentar lembrar a informação.

—É uma casa de fazenda azul perto de Gibson e Clairmont. Cerca de meia milha para baixo. Está rodeado por árvores. Você não pode perder. - Braden se lançou para a porta, parando quando comecei novamente.

—*Detetive*, eu sei que você quer chegar lá com pressa, e não quero dizer o óbvio, mas com o que você está prestes a descobrir, eu sugiro não levar o carro com os dispositivos de rastreamento ou câmeras. Você só vai piorar o caso contra ela se chegar a esse ponto.

Ele não respondeu enquanto entrava. Mas eu sabia que ele não era estúpido. Ele pegaria seu veículo pessoal, e isso me deu tempo para chegar antes do local. Isso se Anna e Boston já não estivessem lá. Eu acho que não. Estava escuro e eu fiz questão de pegar o caminho mais longo, costurando por estradas inúteis para tirar Boston, mas Anna poderia resolver isso. Eu esperava que não chegasse a esse ponto. Afinal, pelo que ela sabia, Linda morava lá. Não faria sentido que Davis Knight também estivesse lá. Seria, é claro, assim que eu contasse a ela minhas mentiras sobre eles irem de férias por causa de Linda.

Pneus guincharam, e assim como eu esperava, Braden virou à direita em vez de à esquerda. Eu me inclinei contra meu carro, dando alguns segundos enquanto eu olhava meu telefone. A polícia iria querer saber do que estávamos falando. O que faria o pobre detetive ficar tão perturbado e ir embora? Bem ... as notícias minhas e de Anna, é claro. Eles não teriam ideia sobre o que eu estava fazendo com que ele entrasse. Eu tinha interesse na mulher que ele amava e cruzei a linha. Estávamos enviando mensagens de texto sobre um encontro e ela me recusou. Como um homem íntegro, tive que confessar e mostrar a ele.

Passos me fizeram erguer os olhos. Eu sorri, acenando para o parceiro de Braden, que parecia confuso. Os eventos já estavam começando a acontecer mais cedo do que eu esperava, mas isso era uma coisa boa.

—Para onde diabos ele foi?

—Acho que ele voltou para casa para falar com Anna. Ele estava um pouco chateado.

—Oh? Ela está bem?

Pausando, forcei um sorriso excessivamente falso. —Ela está bem. Tenho certeza que eles vão resolver isso. Apenas um mal-entendido.

—Entendo. OK. Acho que vou apenas esperar ele voltar.

Eu balancei a cabeça, levantando e abrindo minha porta. Quando entrei, demorei-me, calçando as luvas antes de sair. A cidade desapareceu atrás de mim. Como sempre, meus pensamentos me consumiram. Detalhes vieram. As expressões de pessoas próximas a mim foram filtradas. Pesei e analisei cada um, deixando a calma que a ação causou assumir. Rodovia transformada em estradas secundárias. Folhas verdes transformaram-se em campos vazios. Quando

finalmente parei na garagem de terra e depois na garagem anexa, não fiquei surpreso ao ver que não havia ninguém aqui. Bem ... ninguém importante. Eu saí, passando pela porta da cozinha. Os gritos pararam desde a última vez que estive aqui. Isso também não me surpreendeu.

—Davis? Você está vivo aí?

Eu empurrei a porta do porão, deixando-a entreaberta enquanto descia as escadas de madeira frágeis. O mofo encheu meus pulmões e estava tão escuro que eu mal conseguia ver. Desde que deixei Boston, eu tive bastante tempo trabalhando em Davis. Minha própria arte foi aperfeiçoada há muito tempo. Foi uma obra-prima. Linda até. Anna não ia ficar feliz, mas ela superaria isso. Não foi como se eu o tivesse matado. Ela ainda poderia fazer isso se quisesse. Bem ... ela teria que fazer agora, graças a mim. Eu não estava deixando uma escolha para ela. Eu a assistiria matar se fosse a última coisa que eu fizesse.

—Mmmph! *Mmmmmm* !

Gritos abafados se transformaram em soluços enquanto Davis tentava se livrar das amarras de couro que prendiam seus braços e pernas à cadeira de metal aparafusada. Uma pequena lâmpada estava ao lado dele, iluminando-o como se fosse meu santuário pessoal.

—Você está com saudades de mim? Decidi pedir a um visitante que passasse por aqui. Acho que você vai gostar da companhia dele, por mais breve que seja. Você vai ser um bom menino para o detetive Casey, certo?

Com sua pausa, estendi a mão para o cortador de ossos que descansava não muito longe. Para serras cirúrgicas, a que eu tinha era a melhor.

—Eu não ouvi você. Eu preciso acender as luzes e remover o outro lado do seu crânio? Talvez você queira que eu vasculhe seu cérebro um pouco mais.

As lágrimas escorreram pelo rosto de Davis enquanto ele chorava mais.

—Pare. Não foi tão ruim assim. Eu mediquei você e tudo mais. Você deveria estar feliz por eu precisar de você vivo e coerente. Se você não fosse o presente de Anna, eu teria deixado você sofrer. Como isso não depende de mim. Se ela quer que você pague pelo que fez, ela infligirá seu próprio método de tortura. - Inclinei-me, baixando minha voz. —Agora, isso vai doer. Mal posso esperar para assistir.

—Mmm-mmm.

—Uh huh. Sim. Não hl. Está vindo, Davis. Agora, ela está tentando descobrir onde você está. É apenas uma questão de tempo antes que ela junte tudo. Vamos torcer para que seja mais tarde, e não mais cedo, porque tenho planos.

Eu me endireitei, observando o lado direito de sua cabeça. O couro cabeludo estava faltando, assim como seu crânio. Mas não por completo. Como escadas, eu havia revelado cada camada de osso, até o fluido cérebro-espinhal

que amortecia o cérebro. Onde geralmente era claro, havia um tom rosa de construção nas fendas. Minha sobrancelha franziu quando eu abaixei, molhando meu dedo enluvado enquanto corria ao longo das linhas de seu lobo temporal. Davis começou a gritar e enlouquecer. Eu ignorei enquanto cutucava o músculo esponjoso com mais força do que o necessário.

—Poeira. Não podemos ter isso, podemos? A última coisa que preciso fazer é pegar meningite. Afinal, Anna pode querer você por alguns dias. Então, novamente, isso é apenas minha fantasia. Sua morte pode realmente ser rápida. É difícil dizer com ela. Ela é imprevisível às vezes. Acho que esse é o apelo. Eu não consigo entendê-la.

Escovando o cabelo para trás em sua parte, tracei ao longo da incisão enquanto testava a espessura.

—Inchado. Isso é esperado. Tenho medo que a dor aumente com o passar do tempo. Você provavelmente está sentindo uma dor de cabeça terrível neste momento. Você também pode estar sentindo sensibilidade à luz da lâmpada. Talvez surja algum vômito à medida que o efeito da mediação passa ainda mais. Não é nada para se preocupar e completamente normal.

Eu abaixei, ajustando a mordaça. Seus olhos encontraram os meus e eu segurei seu olhar aterrorizado.

—Eu não consegui tirar os olhos de Lucy. Se Anna sair daqui sem te matar, acredito que vou levar o seu. Já faz um tempo e quero ver quanto tempo posso mantê-lo vivo depois de removê-los. Você não será capaz de ver o que estou fazendo, mas garanto que sua mente não terá problemas para pintar um quadro vívido. Você ficaria surpreso com o que ele é capaz. O cérebro é uma coisa incrível.

Olhos fechados, quebrando nossa conexão. De qualquer forma, não importou, pois um estrondo soou lá em cima. *Braden*. Ele chegou aqui mais rápido do que eu pensei que faria.

—Anna?

Meu dedo foi para minha boca, avisando Davis. Silenciosamente, estendi a mão e peguei uma faca da bandeja de ferramentas colocada ao lado dele. Passos soaram escada acima, mas vinham direto para nós. Eu diminuí os degraus, desaparecendo na escuridão. Sujeira me cobriu, o pó caindo quando Braden pisou na entrada acima.

—Anna?

Primeiro passo.

Segundo passo.

Terceiro passo.

Ele fez uma pausa, inalando de forma irregular.

—Jesus, - ele conseguiu dizer. —Anna?

—Mmmm! Mmmmphmmm!

Davis tentou se debater, mas o dispositivo que segurava sua cabeça no lugar, os parafusos em sua testa e na parte de trás do crânio, não o deixaram.

—Anna? Você não precisa ter medo. Eu não sou louco. Por favor. Você tem que sair para que possamos conversar sobre isso. Ninguém está comigo. Eu vim em meu próprio carro. Você sabe ... o SUV que compramos? Juntos, baby. Saia, por favor. Eu te amo.

Quarta etapa.

Quinto.

O detetive Casey fez uma pausa e eu me inclinei. Não conseguia ver o que ele estava fazendo ou para onde estava olhando, mas a silhueta de seu pé estava quase no nível dos olhos. Facilitando a faca para cima, eu agarrei, agarrando a parte de trás de sua calça enquanto cortava o que supus ser seu tendão de Aquiles. Um grito soou, e agarrei o material com mais força enquanto ele girava, perdendo o equilíbrio. Batendo forte escada abaixo, e o impacto no chão de cimento foi alto quando um estalo soou e uma respiração jorrou por todo o espaço. Em dois passos, estendi a mão, acendendo a luz do teto. Foi brilhante. Tão brilhante, eu apertei os olhos enquanto me dirigia em sua direção.

Braden gemeu, grunhindo mais alto quando sua mão se contraiu. Aproximei-me, removendo a arma de seu coldre lateral e a que estava em seu tornozelo. Ao rolar de sua cabeça, sangue manchado. Não havia sentido em me explicar ou em minhas ações. Ele não era ninguém para mim. Indigno de minha confissão ou motivo.

As pálpebras de Braden tremeram, fechando novamente enquanto sua mão levantava para a parte de trás de sua cabeça. O carmesim formou uma poça sob seu pé e pisei em seu tornozelo, esfregando o salto do meu sapato. Um grito profundo berrou. Seus olhos se abriram e sua respiração pesada o deixou quando ele olhou para cima. Houve uma ligeira confusão enquanto ele tentava piscar através de sua inconsciência lutando. Mas foi o suficiente. Ele me viu e me alimentei de seu medo enquanto seus olhos se arregalaram.

A mão de Braden espalmou-se no chão. Ele tentou se sentar, mas não lhe dei tempo para ficar mais forte. A metade superior do meu corpo desceu, e eu facilmente rebati o bloqueio de Braden enquanto apunhalava a lâmina grossa em seu peito. Com meus dedos apertados, eu o arranquei, apenas para mergulhar mais fundo. O choque enviou sua boca aberta e seu corpo curvando-se pela dor. Os olhos verdes nublaram-se de medo e sua inspiração foi profunda e ofegante. A sobrevivência fez com que seu corpo coletasse cada grama de oxigênio que pudesse, mas de nada adiantaria.

—N-Não. - Engolir profundamente. —Não. A-nna. Anna!

Ele tentou rolar, mas não teve forças. Por mais que quisesse vê-lo sangrar e sofrer, coloquei de lado a faca e o arrastei para o outro lado da sala. Teias de aranha cobriram os degraus e envolveram minha mão enquanto eu empurrava a porta externa. O sol apareceu e me virei para olhar para Braden. O sangue jorrou de sua boca enquanto ele tossia através da substância espessa. Havia um milhão de perguntas em seus olhos cheios de terror, e eu não lhe daria a resposta para nenhuma. Olhei para a garagem degradada no fundo, correndo para levantar a porta azul suja. Braden estava com tanta pressa que deixou seu SUV ligado na frente. Não poderia ser mais conveniente enquanto eu dirigia até a entrada do porão. Quando comecei a olhar para a abertura, os olhos de Braden estavam ligeiramente rachados - vazios - e ele não estava lutando para respirar. O sangue salpicou seu queixo e bochechas, e um fluxo fluiu dos cantos de sua boca. Ele congelou no tempo. Em um tempo eu tinha perdido. Não que isso importasse. Ele se foi, *morto*, e nada mais ficou no meu caminho.

Capítulo 38

Anna

—Você claramente não se lembra do caminho. Já estamos nessas estradas secundárias há quase duas horas. Uma casinha cercada de campos não está ajudando. Isso é quase todas as casas. Achei que você disse que poderia me levar até ele. Revise o que você consegue lembrar.

Boston deixou escapar um som agravado. —Era uma casa, Anna. Uma pequena casa. Havia campos por toda parte. Campos como estes, - ele disse, acenando com a mão nas fileiras vazias de terra. —Eu tinha tanta certeza de que poderia voltar. Estava escuro, porém, e a viagem parecia durar para sempre. E Dr. Patron, ele não se calou. Foi uma distração.

—Você não pensou em pelo menos conseguir o nome de uma rua?

—Estava distraído, Anna. Exatamente como agora. - Sua cabeça se virou e ele ergueu a mão, apontando. —Pode ser isso. Pegue essa estrada.

—Aquela?

Eu mal conseguia falar. Embora eu não tivesse entrado dessa forma quando estava procurando por Lucy, de repente percebi onde tínhamos ido parar. O fato de termos vindo do lado leste não fez diferença.

—Gibson e Clairmont. Gibson e Clairmont!

—O que?

Virando para a estrada, eu pisei no acelerador. As mãos de Boston dispararam para o console e porta enquanto ele tentava se equilibrar.

—Ei, ei. O que você está fazendo? Desacelere!

—É a mesma casa. Aquele com Linda ou Lucy!

—Você tem certeza?"

—Positivo. Você disse que esta era a casa de um cliente?

—Sim. Dr. Patron disse que eles estavam fora da cidade.

—Clientes, então?

—Já sabíamos que Linda era uma cliente.

—Mas você também. Daniel também. Presumimos, porque ela era esquizofrênica, que era tudo o que ela era. E se eles forem mais do que isso? E se...?

Nossos olhares se encontraram por um breve momento. As árvores começaram a forrar a estrada e, entre as duas, uma estrada de terra se abriu. Eu entrei, empurrando minha porta aberta enquanto puxava minha arma de debaixo do meu cardigã.

—Você estava com isso o tempo todo?

—Eu sempre tenho isso comigo em algum lugar.

—Algum lugar?

—Boston, foco. Ficamos quietos e nos movemos rápido.

—O que exatamente estamos fazendo? Ninguém está aqui.

—Não sabemos disso.

—Anna, ninguém é mais desconfiado do que eu, mas guarde essa coisa. Se alguém está aqui, a última coisa que queremos fazer é disparar armas. Se eles são clientes, e Davis ainda está lá, não vejo por que não nos deixaram entrar. Eles não suspeitam que sabemos de alguma coisa. E não é como se fôssemos policiais. Podemos questioná-los. Talvez alguém cometa um deslize. Se o fizerem, então fazemos algo melhor do que atirar neles.

Eu balancei a cabeça, guardando minha arma quando o encontrei na frente do carro. Os nervos me fizeram olhar em todas as direções, e eu não era a única. Mesmo que Boston tentasse jogar o racional, eu poderia ver sua necessidade de chegar ao fundo disso. Havia uma estranha eletricidade no ar. Isso deixou minha pele formigando e meus nervos à flor da pele.

—Deixe-me falar. - Boston bateu, esperando alguns segundos antes de bater na porta novamente. —Eu acho que está vazio.

Ele agarrou sua camisa, usando-a para girar a maçaneta. O olhar que trocamos foi um entendimento mútuo - um cuidado para o desconhecido - uma promessa silenciosa de que cuidaríamos uns dos outros.

Um rangido soou quando ele abriu a porta de madeira. Embora houvesse silêncio, nós dois estávamos com os pés leves. A mesma mobília de aparência antiga encheu a área de estar, e eu me afastei de Boston, colocando minha cabeça para trás no quarto que segurava a mesa quebrada e a lâmpada. Ela se foi agora. Um novo edredom forrava a cama e não havia sinal de nada fora do lugar.

—Onde você vai? O porão fica lá embaixo.

Eu olhei para o sussurro de Boston. —Porão?

—Sim ... há uma porta da cozinha.

A doença rodou e, como toda vez que o medo me atingiu, minha mão pressionou meu estômago.

—Eu não verifiquei isso. Eu não sabia.

—Vamos lá. Estamos perdendo tempo.

Voltando-me para o quarto, não pude evitar de querer entrar. Algo estava me chamando. Era um sentimento que eu não entendia.

—Anna? O que você está fazendo?

—Eu não sei.

Rastreando o estribo, lampejos de ser amarrado à cama de *Ninguém* inundaram minha mente. Eu contornei o outro lado. Os passos de

Boston se aproximaram, mas ele ficou quieto quando me aproximei do topo da cama. Empurrando os travesseiros para fora do caminho, examinei a cabeceira da cama, me abaixando para sentir atrás do colchão. Metal roçou meus dedos e eu agarrei, puxando as algemas à vista. Uma respiração trêmula atravessou a sala atrás de mim, mas eu não me virei. Eu os deixei cair, usando minha raiva e força para empurrar o colchão fora do lugar. Alças grossas com punhos presos estavam enroladas na parte superior da caixa de molas, escondidas da vista. Por que não fiz isso na noite em que vasculhei o quarto? Eu estava tão focado em encontrar uma pessoa real que deixei de procurar as pequenas coisas que poderiam restringi-la.

—Ele tinha que tê-la tido. Tinha que ser ele.

Lágrimas nublaram os olhos de Boston. Seu rosto estava tenso de emoção enquanto ele andava e flexionava os punhos.

—Você acha que esses clientes estão dando cobertura para ele?

—*Não é?*

Levei um momento, embora meu instinto me dissesse que eu estava certa. —Possivelmente.

—Possivelmente?

—Não podemos esquecer as outras garotas. Braden disse que os ferimentos de Lucy eram consistentes com os deles. Dr. Patron sabia que Daniel era um paciente, mas ele estava no hospital quando o corpo dela era provavelmente ... descartado. Acho que os clientes poderiam ter feito isso por ele. Eles definitivamente não estavam aqui quando aconteceu. Simplesmente não sabemos nada com certeza.

Um rugido passou pela sala, e o vidro se estilhaçou com o soco de Boston no espelho da cômoda. Sua mão varreu as bugigangas de cima, e ele enlouqueceu. Gritos de coração partido aumentaram quando ele puxou as gavetas, jogando-as do outro lado da sala. Não foi o suficiente para a dor que ele estava sentindo. Um minuto, ele estava alcançando, e no próximo, ele agarrou atrás, empurrando a cômoda. Sua perna recuou, mas eu já não percebi mais nada acontecendo com ele. Tudo o que pude ver foram as rachaduras escuras no chão.

—Ajude-me. - Eu deslizei de joelhos, travando na pequena maçaneta da escotilha secreta que estava escondida. O peso era maior do que eu esperava, mas Boston estava logo atrás, abrindo-o facilmente. A escuridão apareceu abaixo. Minhas mãos tremiam tanto que eu mal conseguia segurar a barra de sua calça jeans para estabilidade.

—Anna ... isso não está certo. Deus, este lugar ... Eu não aguento. O que você acha que está lá embaixo?

—Merda. Eu não tenho meu telefone comigo. Você tem o seu?

—Sim.

Boston o tirou do bolso, entregando-o. Liguei a lanterna da câmera, vendo que o espaço diminuía apenas alguns metros. Minha respiração ficou presa na toalha ensanguentada no fundo.

—É aquele-?

—Pegue minha mão.

Eu não o deixei continuar. Nossas palmas se encaixaram uma na outra e eu segurei seu pulso enquanto me virava, deslizando para baixo na escuridão. Quando meus pés tocaram o chão, a parte superior do corpo de Boston estava dentro da abertura. Ele me soltou e eu movi a luz ao redor da pequena sala vazia antes de virar para a toalha manchada. Com as pontas dos meus dedos, eu levantei. Manchas escuras foram espalhadas por toda parte, e o brilho flutuou para fora do material. Eu apertei os olhos, agachando-me enquanto estendia a mão para a sujeira, levantando fios de cabelo loiro. A bile queimou minha garganta enquanto eu estava de pé.

—Levante-me.

—Você viu alguma coisa?

Frio. Entorpecimento. Eles gelaram meu sangue quando apaguei a luz e coloquei seu telefone no meu bolso. Quando peguei a mão de Boston e voltei para a sala, suas palavras mal foram registradas. Eu mantive os fios presos na palma da minha mão, andando por toda a sala enquanto gritos masculinos profundos vinham de algum lugar à distância. Eu os ouvi, mas eles não quebraram.

—Anna. Ouviste-me? Nós realmente precisamos cuidar de Davis. Não há como dizer se os clientes vão voltar.

—Deixemos-vos, - eu murmurei.

—Mas ele está ficando mais alto. E se alguém vier inesperadamente? Precisamos calá-lo.

Entrando no banheiro, examinei o espaço. Além de um frasco de xampu e sabonete, nada de uso pessoal foi encontrado. Parei na banheira, abaixando-me imediatamente para colocar meu dedo no ralo. Loiras. Mais loira.

—Anna, por favor. Estou pronto para acabar com isso. Estou pronto para encontrar o Dr. Patron. E falar com ele. Eu tenho que *saber*.

—E você acha que ele vai te dizer a verdade?

—Provavelmente não, mas eu tenho maneiras de fazê-lo.

Eu me virei, tirando o cabelo da minha mão para colocá-lo na bancada perto da pia. Boston saiu da soleira, pegando os fios que não estavam conectados à teia emaranhada que recebi do chuveiro.

—Lucy. - O nome era apenas um sussurro torturado.

—Eu encontrei o que você está segurando na toalha naquele quarto escondido. Isso, no ralo, - eu disse, apontando. —A menos que Linda também tenha cabelo loiro ... - Eu me permiti parar. —Posso pedir a Braden que analise o DNA, mas temo que seja inútil com a forma como o obtivemos.

—Deixe-o. Se isso pertencer a Lucy, não quero o Dr. Patron na prisão. *Eu quero que ele sofra.*

—E isso será óbvio dadas as circunstâncias. Vai ser muito arriscado. Temos que fazer com que ele admita ou comete um deslize. É a única maneira de acabar com isso.

—E se eu estiver bem em não precisar de uma confissão?

Meus olhos se estreitaram enquanto ele enfiava todo o cabelo em seu bolso.

—Você quer dizer matá-lo de qualquer maneira?

—Ele não é uma boa pessoa. Ele protegeu Daniel. Talvez ele até o tenha protegido aqui. Aí você traz esses outros clientes? Não. Eu quero todos eles mortos. Não há como dizer o que diabos está realmente acontecendo, mas algo está. Veja o que ele faz. Dr. Patron desperta em culpa. Essa é uma razão boa o suficiente para mim.

—Boston, ele protege *você*.

—Eu não mato inocentes. Eu mato aqueles que merecem.

—A mãe de Lucy mereceu?

Os olhos castanhos piscaram rapidamente quando ele recuou. —Aquilo foi diferente. Ela queria tirar Lucy de mim. Ela estava alimentando suas ideias de uma vida que não me envolvia.

—Ela era a mãe dela. Ela só queria o melhor.

—*Eu fui o melhor*. Deus, eu fodidamente fiz tudo que pude por Lucy. Eu a amava e mostrava a ela cada segundo de cada dia. Não é a mesma coisa, Anna. Dr. Patron, homens como Daniel não merecem viver.

—Então, você vai matá-lo? Você vai matar o Dr. Patron?

—Você tem um bom motivo pelo qual eu não deveria?

Muitas coisas atrapalharam meu julgamento. Meu próprio assassino estava com Boston, mas a mulher que tinha ouvido os gritos dessas meninas não podia deixar isso passar.

—Na verdade eu faço. Morto, ele não significa nada. Você não tem justiça para Lucy. Você *nunca* saberá a verdade sobre quem a matou. Vivo, ainda há uma chance. Esperar. Vamos fazer isso direito. Se o Dr. Patron estiver de alguma forma envolvido, vamos desvendar o assunto. Se descobrir que ele é culpado, você tem um parceiro para fazê-lo pagar.

Capítulo 39

M

Os passos eram firmes. Sem pausa. Sem hesitação como a do detetive Casey. Boston liderou o caminho para baixo com Anna seguindo logo atrás. Quando eles chegaram ao meio das escadas, Boston parou, olhando fixamente enquanto dava cada passo seguinte com mais propósito. Mas não durou. O menor movimento de seus olhos os fez pousar em Davis. A surpresa no rosto dele e de Anna foi o suficiente para enviar satisfação subindo em minhas veias.

—Vocês dois levaram tempo suficientes. Desculpe pelo pobre Davis, - eu disse, beliscando sua bochecha enquanto me levantava, —mas eu acho que fiquei um pouco entediado esperando. A tentação era demais.

—Você fez isso?

—Claro.

Anna deu a volta em Boston, aproximando-se ao ver o crânio que faltava no homem e o vislumbre provocador de seu cérebro exposto. Os olhos de Davis continuaram rolando, mas eu sabia que ele ficaria consciente com o que eu tinha dado a ele.

—Eu garanto a você que não vai prejudicar o que você planeja fazer. Ele não morrerá até que você esteja pronta para ele.

Tudo o que ela fez foi trazer seu olhar chocado para mim. Ela não falou. Não discutiu nem comentou meu trabalho. Boston era outra história.

—Você esteve aqui o tempo todo?

—Eu fui para a cidade por uma hora ou mais, mas sim. Por quê?

Nada. Tudo o que ele fez foi continuar a projetar seu ódio repentino. Isso consumiu meu amor, enviando-me para espelhar seu olhar desconfiado. Quando o movimento foi registrado em meu periférico, Boston e eu nos viramos para olhar. Anna estava tirando a mordaça, sibilando enquanto o sangue escorria dos lábios de Davis.

—Me desculpe por isso.

Joguei mais uma olhada em Boston antes de me aproximar de Anna.

—Eu gosto de silêncio. Eu disse isso a ele, mas ele não pareceu se importar. Eu dei uma chance a ele. Quando ele não ouviu, eu simplesmente fui em frente e cortei sua língua. Novamente, isso não vai interferir no seu retorno.

—Retorno? Você chama essa situação de vingança? O *que você fez*...

Como uma mudança rápida, eu vi a transição em Anna. A parte superior de seu corpo se inclinou para mim, seu olhar encontrando o meu com um desafio que seu assassino orou para enfrentar.

—O que fiz foi o melhor. Eu sou o médico. Você não estava pronta.

—Eu não sou sua paciente! Você não sabe nada sobre mim ou quem eu sou. Ele era meu. Davis era meu, e se eu estraguei tudo, isso cai sobre mim. Eu não quero isso.

—Errado. Você faz.

—*Eu não.* Acabou. Você começou isso. Agora termine. Termine de vez, porque assim que eu sair desta sala, é melhor nunca mais ver você de novo.

—Você só está chateada. E nem acabou o que fiz. Acho que a culpa está afetando você. Acho que você está preocupada com o que acontecerá se você matar esse homem. Seu precioso detetive notará uma diferença em seu comportamento? Ele vai pensar mal de você se descobrir? - Estendi a mão, entregando a Anna a mesma faca que usei em Braden. Quando ela finalmente o pegou, mergulhei meu dedo no sangue de Davis, espalhando o vermelho sobre seus lábios. Ela se afastou, mas eu podia ver a loucura mexendo com cada respiração que ela tirava. —Quando eu disse que você não estava pronta, *eu quis dizer isso.* Nenhum verdadeiro assassino, especialmente uma mãe, deixaria de se vingar da pessoa que ajudou a matar seu filho. Você acabou de fazer. O que isso diz sobre você ... mamãe? Você ama seu filho ou não? Mostre a ele, *mostre a todos nós.*

Um grito rasgou o porão quando a lâmina cortou em minha direção, mas eu pulei para trás, não tendo razão para continuar em autodefesa. Anna enfiou a lâmina no centro do estômago nu de Davis, empurrando para cima. O sangue jorrou enquanto ele se contorcia e gargarejava através do que parecia ser algum tipo de grito. Mas era difícil ouvir através de Anna enquanto seu braço cortava o músculo e a pele. Ela cortou até atingir seu esterno, ignorando o trato intestinal que começou a escorregar e ficar pendurado a seus pés. Quando ela atingiu o osso, ela retirou a lâmina e a enfiou no peito dele. Meu pau implorou para que eu a derrubasse. Para foder ela ali mesmo sobre Davis enquanto ela tentava virar sua agressividade contra mim.

—Anna ... pare de gritar. Anna! Deus, não chore. Você tem que parar.

As mãos de Boston bateram no meu ombro, me tirando o equilíbrio. Antes que eu pudesse me segurar, o peso bateu com força na minha lateral. Eu bati no concreto como se tivesse sido derrubado por um trem de carga.

—É isto o que você queria! *Para machucá-la*? Para me machucar? Lucy!

A dor explodiu na lateral do meu rosto. O impacto jogou meu rosto para o lado a tempo de ver Anna rasgando o peito de Davis com as duas mãos. O sangue

cobriu seus pulsos e ela estava cavando, agarrando-se a ele como se estivesse tentando desenterrar algum tipo de verdade. Verdade da vida. Verdade pela dor.

Outro golpe acertou, mas eu não consegui me afastar da cena terrivelmente bela. Nem mesmo para pensar muito no nome de Lucy. Cabelo loiro balançou com sua selvageria, e o tempo desacelerou enquanto suas mãos desapareciam atrás de um pedaço de pele esvoaçante. Minha mente estava sobrecarregada, mentalmente capturando cada movimento de seus ombros ... cada expressão sedenta de sangue, de seu nariz enrugado aos dentes cerrados expostos. Com um puxão, ela puxou seu coração e caiu de joelhos. Sons mais animalescos. Mais raiva enquanto ela apertava e rasgava o músculo.

A pressão apertou contra meu pescoço, me segurando no lugar enquanto Boston continuava gritando. O que quer que ele tenha dito, Anna congelou. Seu rosto se ergueu e ela jogou o cabelo para trás, manchando o rosto com sangue. Ela estava olhando para algo. Alguma coisa...

A audição voltou em túnel. Ecoando enquanto Boston gritava comigo.

—Eu sabia disso. Onde você conseguiu isso? Me responda!

Uma explosão de dor percorreu minha boca e mandíbula. Ele se intensificou com os múltiplos acertos, deixando a escuridão entrando e saindo. O sangue lavou minha língua, liberando meu monstro - alimentando-o enquanto meu cérebro tentava recuperar o controle. Ao ver o colar de Lucy, eu ri. E sorri. Por algum motivo, não consegui parar. Eu ... cometi um erro? Esqueci que o colocaria no bolso no dia em que a levei.

—Foi você. - Sua voz falhou e as luzes me cegaram quando seu golpe atingiu meu olho. —Diz! Você a matou, não foi?

—Você está ... confuso.

—Não! Você fez isso. Eu sei que você fez.

Ainda assim, eu ri e de repente percebi que não tinha nada a ver com a minha merda. Talvez fosse minha falta de remorso ou a emoção de toda a situação. Talvez fosse uma mistura de ambos combinados com o fato de que eu sabia que eles não podiam provar isso. Mesmo encontrando o colar, foi fácil de explicar. Eu tinha uma resposta para tudo. *Eu fui brilhante.* Fodidamente imparável. Ninguém mais tinha chegado perto de matar ou mandar matar mais pessoas do que eu. Eu não era apenas um messias para assassinos, era o cérebro por trás de todos eles.

Anna se ajoelhou ao meu lado, em pose de estátua. Ela olhou para mim, mas não estava vendo com clareza. Ela estava tão longe, em tal estado de felicidade, ela era tudo que eu queria me concentrar. Lambi meus lábios ensanguentados, me forçando a me dirigir a Boston.

—Achei no meu carro ontem à noite. Por que você acha que eu estava comigo? Eu ia devolver para você. Você conseguiu. *Eu não.*

Uma pausa. —Isso é uma mentira.

—É isso? Talvez tenha caído do seu bolso quando você trocou o terno. *Pense*, Boston. Você nunca pensa. Você sabe que teve isso em algum momento. Tente se lembrar da última vez que o viu.

Confusão.

Momentos se passaram e eu tirei seu braço de cima de mim. Antes que eu pudesse levantar meus ombros do chão, fui virado de bruços. Uma agonia excruciante esmagou minha espinha, fazendo meus membros se esticarem por reflexo. O oxigênio saiu em um grande jorro, desaparecendo com a rachadura na minha espinha. Minha boca se abriu, mas nada saiu.

—Você a levou. Seu filho da puta.

Stomp!

—Ela usava no dia em que desapareceu. Eu vi. Eu toquei!

Stomp! Stomp! Stomp!

Um gemido profundo veio com o novo chute, e o ar apertou em meus pulmões enquanto eu tentava rolar para o lado. Nada estava funcionando direito. Eu não conseguia mover minhas pernas como queria. Eu não conseguia recuperar o fôlego. Dor. Muita dor.

—Anna, me consiga aquela faca. *Anna.*

Quando ela não se moveu, ele me chutou com tanta força que me fez girar de costas. O esmagamento não parava enquanto ele continuava a atacar minhas costelas com suas botas. A tosse sacudiu meu corpo, mas o oxigênio era quase inexistente.

—O que você fez com ela? Olha para ela!

Eu não tive que virar. Eu já estava de frente para Anna, vendo como seus olhos vazios mal piscavam. Eufórico. Sim. Ela estava em um nível que muitos raramente alcançavam. Um nível que eu só rezava para me dominar depois de minhas próprias mortes.

—Pare, - eu consegui dizer. —Você está errado. Lucy—

—*Está morta.* Você a matou. E agora, vou matar você.

—N-Não. Não! - Minha cabeça balançou enquanto minha mente ficava confusa com descrença. Ele não poderia me matar ... não é? Tentar puxar minhas pernas para cima era impossível. Doeu para se mover. Respirar. Usei meus braços, empurrando minhas palmas no chão para que eu pudesse tentar sentar. A agonia excruciante só se somou a um medo estranho e vibrante. —Boston ... você é como um ... filho para mim. Por que eu machucaria Lucy? Não ... você não pode

acreditar nisso ... Eu nunca faria nada para machucar você. Eu te amo. *Eu ajudei a criar você.*

Olhos enfurecidos espiaram por cima do ombro. A luz refletida da faca que Anna usou quando ele se virou e apontou para mim. —Sim, você fez. Você me ensinou tudo que eu sei. Incluindo a eliminação de ameaças. Você é uma ameaça.

—Mas eu não ... *fiz nada.*

—Mentiroso! - Ele se lançou em minha direção, agarrando minha mão. Antes que eu pudesse puxar meus dedos, a lâmina deslizou pelos últimos três. Minha boca se abriu e os pensamentos desapareceram completamente.

—Já que você não vai me dizer a verdade, vou presumir que é a mão com que você bateu nela. *Bata nela.* Você a odiava tanto!

Eu engasguei, perdendo ar tão rápido quanto ele cortou meu dedo indicador e polegar. Eu empurrei contra o peso que se moveu do meu pulso para o meu antebraço, mas não importou. Ele era muito forte sem usar minhas pernas.

—Boston! Eu não fiz! EU-

—Você é um mentiroso. Admite! Você matou Lucy!

Whack!

Um grito rasgou seu caminho livre quando a faca cortou os ossos do meu pulso. A lâmina cravou profundamente, apenas fazendo com que ele a puxasse para fora e cortasse minha carne novamente. Antes que eu pudesse negar suas afirmações, o toque ecoou pela sala. O toque não era normal, mas uma coleção de tons mais agudos. A cabeça de Anna estalou sobre a menor quantidade, e ela lutou para ficar de pé. Sua boca estava entreaberta e seus olhos piscaram lentamente.

—Anna. - O pânico me fez lutar para fazer meu corpo funcionar. Para lutar contra Boston antes que ele pudesse fazer mais danos. Eu raspei contra o chão com minha mão livre, gritando quando a dor tornou impossível me mover.

—O que é isso? - Boston perguntou humildemente.

—Braden? - Seus olhos percorreram a sala. —Braden?

—*Não*, - eu murmurei. —N-*Não.*

Ela correu para as escadas, apenas para voltar e girar em um círculo enquanto continuava a tocar. Minha pulsação bateu forte em meu peito, e eu sabia que não sairia daqui viva. Não se eles descobrissem o detetive.

—Braden? Braden!

Anna abaixou-se por baixo das escadas, abaixando-se para engatinhar. Quando ela apareceu com um telefone celular, tive certeza de que desmaiaria. Como eu não vi isso? Eu procurei em seus bolsos antes de despejar seu corpo no SUV, mas tudo o que ele tinha com ele era sua carteira. Uma coisa após a outra. Meus erros estavam se somando e estavam me matando.

—Anna. - Boston correu, ajudando-a a se levantar enquanto ela rastejava de volta para fora. Olhos loucos atravessaram a sala, perdidos, mas me encontrando, quando pararam em mim.

—Onde está Braden? Braden! Braden! - Ela estava girando novamente. Começando a raspar seu rosto enquanto ela tremia com a sobrecarga de adrenalina.

Minha boca se abriu enquanto eu procurava por uma mentira ... uma desculpa. Nada viria com o brilho de Boston. Sua mão alcançou o braço dela, e se passaram segundos antes que ele se afastasse de mim para olhar para ela. Ela estava lutando contra seu aperto, mas ele não se mexeu.

—Olhe para mim, Anna. Shhh. Olhe para mim. Suba as escadas e procure na área. Lá fora, em todos os lugares que você possa pensar em olhar. Eu vou cuidar disso, ok? Vou tornar tudo melhor agora.

—Boston?

—Não, - ele continuou suavemente. —Vá encontrar seu detetive. Vá encontrar Braden.

Os dedos empurraram para trás o cabelo grudado no sangue em seu rosto. Agitada, ela assentiu, girando de seus braços enquanto lutava para subir as escadas. Mesmo agora, tão longe de sua morte, a nebulosidade estava se transformando em choque. Quando ela desapareceu pela porta, Boston largou a faca e estendeu a mão, pegando uma machadinha.

—Você o matou também?

—Você não ... entende. Ele veio aqui. Ele estava descobrindo ... nós. Anna, ela não o amava de qualquer maneira. Ela está confusa. Ela é melhor assim ... assim.

—Você o matou, porra. Deus. *Anna.*

—Boston. - Um grito me deixou enquanto os tremores tomavam conta do meu corpo. Tentei levantar o braço, mas isso só me deu a visão da mão pendurada no meu antebraço. A sala girou enquanto eu tentava me segurar. —Por favor. Tudo o que fiz ... fiz por você. Para ambos. Você e Anna. Lucy ... você está melhor agora. Você vai ver. Você é melhor.

A repulsa apareceu em suas feições enquanto as lágrimas corriam por seu rosto.

—Errado. Tudo o que você fez, você fez por si mesmo. Agora, onde ele está?

Nada viria. Boston recuou e eu gritei quando um fogo penetrante se acendeu em meu outro pulso. Meu braço encostou no meu peito por segurança em reflexo, mas a visão da minha outra mão faltando não ofereceu nenhum conforto. O calor escoou livre, ensopando minha camisa enquanto eu olhava para cima, perdido. Eu estava preso. Incapaz de escapar. O fim estava se aproximando

de mim e, pela primeira vez, não consegui pensar em nada para dizer para consertar isso. O homem a quem me dediquei estava se voltando contra mim. O assassino que eu havia preparado desde a juventude estava prestes a *me* matar.

—Onde. ELE. Está. Eu gostaria de chegar lá antes dela. O próximo golpe vai para o seu pescoço. Eu acredito que Anna mencionou algo sobre querer sua cabeça. Pela dor que você causou a ela, vou dar a ela.

—Por favor. Eu te amo. Eu posso ... consertar isso. Eu juro.

—Ela está lá fora sofrendo agora. Ela precisa de mim. Última chance. E você sabe que eu quero dizer isso.

A machadinha levantou e o ar parou. A sala girou, sentindo-me deslocado enquanto o observava se concentrar em minha garganta. Eu sabia que ele manteria sua palavra, e havia uma finalidade enquanto eu olhava para os olhos castanhos frios. Veio com um medo fugaz, uma pontinha de decepção e, apesar disso, aceitação. Talvez eu tivesse feito um trabalho melhor em ensiná-lo do que imaginava. Talvez ... eu não tivesse falhado em minha missão. O monstro que espreitava em seu brilho estava presente mais do que nunca. E se alguma coisa, conhecer Anna foi uma bênção disfarçada. Eu não tinha apenas criado um assassino implacável ... *Eu havia criado dois*.

—Garagem. Nos fundos.

"WHACK!"

Epílogo

Boston

3 meses depois...

Eles disseram que o amor era a raiz de toda felicidade. Esse amor pode curar as feridas mais difíceis. Eles disseram que o amor pode expulsar o ódio.

O que aconteceu quando o amor foi a causa de tais feridas? Ou quando o amor criou o ódio? O que uma pessoa fez quando não conseguiu mais distinguir entre os dois?

A brisa quente do verão encheu o ar com o perfume das flores. Eu andei devagar, deixando minhas memórias de Lucy passarem pela minha cabeça. Ela estava cercada por diferentes tipos. Ela apontou e acenou com a cabeça, reconhecendo seu gosto de cada um. O longo vestido azul que ela usava balançava a cada passo. Estávamos de volta aos jardins. De volta a sorrir e rir um com o

outro, em um tempo que quase não parecia real. Mas eu não estava realmente refazendo nossos passos naquele dia fatídico. Eu estava saindo de seu túmulo, passando por mais quatro antes de parar ao lado de Anna. Suas lágrimas já haviam sumido. Secou, assim como nossos corações. Às vezes, conseguíamos dar uma risada falsa. Às vezes, apenas olhamos fixamente para a nossa comida durante outro jantar tranquilo. Éramos inseparáveis em nosso silêncio. O par perfeito em uma amizade nada ortodoxa. Não importa. Sem um ao outro, não tínhamos nada. Juntos ... ainda, talvez nada.

Minha mão agarrou seu ombro. Roboticamente, ela se levantou, beijando seu dedo e tocando o topo da lápide de Braden, apenas para se mover e colocar o beijo em Roman. Era sempre a mesma coisa. A mesma rotina. Os mesmos vestidos pretos. O mesmo ... *silêncio*.

Chilrear soou ao longe enquanto caminhávamos de volta para o meu carro, e o cheiro de flores ficou mais forte. Eu os inalei, sabendo de alguma forma, que tinha que fazer algo para mudar as coisas. Talvez não para mim, mas para Anna. Ela precisava de mim, e minha obsessão em torno dela cresceu a partir desse conhecimento. Ela era a única coisa que me impedia de engolir uma bala. Talvez, minha necessidade dela a mantivesse viva também.

—Quer se trocar e sair para correr?

Olhos castanhos olharam por cima. Em vez de responder, ela balançou a cabeça.

—Você quer comprar comida chinesa no caminho para casa?

Mais uma vez, um não silencioso.

—Sorvete?

Sua resposta demorou, mas ela balançou a cabeça.

Eu fiz uma careta, abrindo sua porta enquanto ela entrava. Quando eu entrei e comecei a sair do cemitério, estávamos mais uma vez cavalgando na solidão. Estava começando ficar louco. Ligando o rádio, deixei tocar uma música desconhecida. Anna olhou para frente, um zumbi de luto. Tentei pensar em algo para falar, mas nada me veio à mente, exceto o dia que mudou sua vida para sempre. Era como se nós dois estivéssemos presos na névoa daquele pesadelo. Eu ainda podia senti-la enlouquecer em meus braços quando abri a porta da garagem para revelar o SUV de Braden. Eu ainda podia senti-la soluçando contra mim quando descobrimos seu cadáver relaxado no banco do passageiro.

Mesmo quando eu a limpei e a polícia apareceu, Anna não pôde ser controlada. Diego, o parceiro de Braden, não conseguia nem superar sua dor. Eu a segurei por horas - dias - semanas. Todas as noites, eu ainda a segurava. E todas as noites, ela gritava com os novos pesadelos. Não ajudou que o cachorro a que ela tentou se agarrar a tratasse como uma perigosa estranha. Talvez ele pudesse

de alguma forma sentir que o dono que ele mal conhecia não estava mais lá. Ela se aproximava e ele rosnava. Quando ele mordeu a mão dela, quase o matei. Em vez disso, deixei-o na casa de um vizinho que cuidava dele.

—Que tal pizza? Posso ligar. Podemos pegar no caminho.

—Comemos pizza ontem à noite.

—Nós fizemos.

A música terminou e eu me virei para a luz, olhando enquanto ela olhava pela janela.

—Falou com o seu chefe? Você mencionou voltar em breve.

Outra sacudida.

—Você não tem que trabalhar. Sério, você pode ficar em casa comigo. Estou bem com isso.

Lábios carnudos franzidos, e ela olhou para cima, levantando uma das sobrancelhas. A menor mudança em sua personalidade me fez sorrir. Mesmo sabendo que aquele olhar não era um bom sinal, trouxe uma felicidade que eu não sentia há meses.

—Realmente. Estou falando sério. Não trabalhe. Eu tenho dinheiro. Vamos ficar em casa o dia todo, comer muitos doces e passar o resto de nossas vidas assistindo filmes de terror. Vai ser ótimo. O *melhor*. Você sabe, eu gosto deste plano. Podemos fazer isso acontecer.

—Eu tenho que trabalhar, Boston. Só não tenho certeza se quero voltar a trabalhar na delegacia. Eu não posso mais fazer isso.

—Então o que você quer fazer?

—O que você quer fazer? Você também tem que trabalhar.

Silêncio. Desta vez, em meu nome. Os comerciais terminaram e, quando as notícias começaram, eu mal ouvia. O que eu faria da minha vida agora que estava aqui em Rockford? O que eu poderia fazer para me manter perto de Anna? Eu tinha que cuidar dela e me certificar de que ela estava bem. Mas ... meus olhos foram para o livro preto em meu console.

Aqui é Kerry no WZMD Hot 95.9's News ao meio-dia. Para quem está fora de casa, espere atrasos na East Riverside Boulevard devido a um acidente de carro na saída doze. Para aqueles de vocês que estão de passagem, a I-39 está livre. Uma vigília de oração será realizada amanhã às sete para os dois veteranos da Rockford High que desapareceram há nove dias.

Anna voou para frente, aumentando o volume do rádio.

O Departamento de Polícia de Rockford e o FBI querem lembrar ao público que tome precauções enquanto você estiver fora. O toque de recolher à meia-noite ainda está em vigor até novo aviso. Fique seguro, Rockford.

A mão de Anna estava tremendo quando ela a puxou de volta para o colo. Olhos arregalados me espiaram, mas não de medo. Ela tinha a mesma aparência de quando matou Davis. Continha loucura. Raiva.

—*Daniel.* Tem que ser ele. A idade das meninas se encaixa no perfil. Presumi que ele saiu da cidade, mas e se ele ficasse?

Névoa. *Sim.* Anna parecia estar piscando de volta também. As emoções começaram a se registrar e aumentar a cada segundo. "Daniel ... Bill ... Linda. - Ela se virou mais na minha direção. —Boston ... me pergunte de novo o que eu quero.

Vida. Ela tinha vida novamente, e era tudo para tentar salvar outros. Ou talvez fosse porque ela queria acabar com os nomes que ela mencionou. Eu não tinha certeza, mas com certeza queria descobrir. Novamente, olhei para o livro preto que tirei do bolso interno do Dr. Patron.

—O que você quer, Anna?"

Lágrimas escorreram pela raiva começando a escurecer seu rosto.

—*Vingança. Meu parceiro.*

Sobre o autor

Em breve!